

MARIA CRISTINA CAMINHA BEZERRA

BRITÂNICOS E ALEMÃES EM NITERÓI: UM ESTUDO DE IMIGRAÇÃO URBANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração História Cultural.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> ISMÊNIA DE LIMA MARTINS

Niterói  
2015

B574 Bezerra, Maria Cristina Caminha.

Britânicos e alemães em Niterói: um estudo de imigração urbana /  
Maria Cristina Caminha Bezerra. – 2015.

350 f. ; il.

Orientadora: Ismênia de Lima Martins.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de  
Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2015.

Bibliografia: f. 339-350.

1. Imigração alemã. 2. Imigração inglesa. 3. Niterói, RJ. I. Martins,  
Ismênia de Lima. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 325.1098153

MARIA CRISTINA CAMINHA BEZERRA

BRITÂNICOS E ALEMÃES EM NITERÓI: UM ESTUDO DE IMIGRAÇÃO URBANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração História Cultural.

Aprovada em agosto de 2015

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra<sup>a</sup>. ISMÊNIA DE LIMA MARTINS  
UFF

---

Prof. Dr. PAULO KNAUSS DE MENDONÇA  
UFF

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra<sup>a</sup>. ANDRÉA TELO DA CÔRTE  
MUSEU DO INGÁ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra<sup>a</sup>. MÔNICA MARIA GUIMARÃES SAVEDRA  
UFF

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra<sup>a</sup>. ÉRICA SARMIENTO  
UERJ

---

Niterói  
2015

Para Carol, com amor e esperança.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os depoentes que interromperam por algum tempo os seus afazeres para partilhar conosco as suas memórias. Não poderia deixar de mencionar os nomes de Meridan Wehrs Towersey, Ruth Hoppe, Rose-Marie Esche, Sheila Causer e Alastair Leslie que demonstraram grande disponibilidade na tarefa de recuperar o tempo passado.

Um agradecimento especial a Marcelo Fellows, estudioso da presença inglesa em Niterói e incentivador deste trabalho, que abriu não somente os arquivos do Rio Cricket, como, igualmente, a sua casa, convidando seus familiares para dividir conosco lembranças, fotografias e um saboroso lanche.

De igual forma, agradeço ao Sr. Ronald Hudson que, embora não se sentindo à vontade para gravar uma entrevista, manteve conosco algumas conversas informais, além de colocar à nossa disposição um rico acervo de fotografias, pertencente à sua família.

Ao Memorialista Carlos Wehrs, o meu especial reconhecimento pela entrevista fornecida nas dependências do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e pela generosidade em disponibilizar um documento valioso para o nosso trabalho.

Agradeço, igualmente, ao Senhor Frederic Robert Towersey por nos ter ofertado um escrito de sua autoria sobre os britânicos de Niterói.

Não poderia deixar de expressar o meu sincero agradecimento à Professora Mariland Accurso da Motta que, às vésperas da entrega desta tese, se dispôs a realizar um trabalho de revisão de texto.

À Professora Andréa Telo da Côrte, meu reconhecimento por sua disponibilidade e generosidade intelectual.

À Professora Rachel Soihet, minha gratidão e carinho por ter me estimulado a tratar de um tema tão difícil como o nazismo.

Finalmente, agradeço de todo o coração à estimada mestra, Professora Ismênia de Lima Martins, pela orientação valiosa a esse trabalho, pelas contribuições sempre pertinentes e enriquecedoras, pelo estímulo constante que me permitiu superar inseguranças e obstáculos e pela imensa generosidade expressa em pequenos e grandes gestos.

## Resumo

Utilizando fontes oficiais e privadas, documentação escrita, entrevistas orais e extensa pesquisa em jornais e revistas de época, este estudo trata, comparativamente, da imigração de britânicos e alemães em Niterói, entre 1900 e 1950. Pretende analisar os processos socioculturais, econômicos e políticos envolvidos na formação e transformação das duas colônias, no contexto das mudanças urbano-industriais por que passou a cidade, tendo em conta sua proximidade com o Rio de Janeiro, capital da República e centro irradiador das grandes transformações vividas pelo País à época. Procura desvendar a inserção de seus empreendimentos na economia local, bem como a visibilidade que gozaram junto às elites niteroienses e a capacidade que tiveram de influenciar os hábitos culturais locais. Avalia, ainda, em que medida, britânicos e alemães mantiveram vínculos entre si e com suas raízes europeias, e, em que proporção, perpetuaram as fronteiras socioculturais, educativas e religiosas de seus grupos étnicos, distinguindo-se da sociedade receptora. Investiga, finalmente, até que ponto as duas guerras mundiais repercutiram na relação dos dois grupos e de que forma a difusão da ideologia nazista chegou a alcançar alemães residentes em Niterói.

## Abstract

Using official and private sources, written documentation, oral interviews and a vast extensive research in journals and magazines of the period, this study compares the immigration of British and Germans in Niteroi between 1900 and 1950. The aim is to analyse the sociocultural, economic and political process involved in the formation and transformation of the two colonies, in the context of the urban and industrial changes the city has gone through, taking into account its proximity with Rio de Janeiro, capital of the Republic and center of the great changes occurring in the country then. It tries to unveil the insertion of their businesses in the local economy, the visibility they had at the elite group from Niteroi and their ability to influence the local cultural habits. It analyses how British and Germans established ties among themselves and with their European roots, and how the sociocultural, educative and religious frontiers of its ethnic groups was established, distinctively from the recipient society. It finally analyses how the two world wars reflected on the relation of the two groups and how the nazist ideology reached the Germans in Niteroi.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, p. 10

CAPÍTULO 1. OS PRIMEIROS BRITÂNICOS E ALEMÃES EM NITERÓI, SÉC. XIX, p.18

- 1.1. Britânicos e alemães na cidade do Rio de Janeiro, p. 18
- 1.2. Visitantes estrangeiros e imigrantes alemães de passagem por Niterói, p. 29
- 1.3. Niterói como opção residencial para os imigrantes: 2ª metade do século XIX, p. 38
- 1.4. Os pioneiros de que se têm notícias, p. 45
  - 1.4.1. Um pequeno colégio britânico na Praia Grande (1850), p. 45
  - 1.4.2. Oscar Canstatt visita seus compatriotas alemães (1868), p. 47
- 1.5. Ampliando o foco: onde se localizavam as duas comunidades de imigrantes, p. 52
  - 1.5.1. A escolha de São Domingos e adjacências como locais de moradia, p. 54
- 1.6. As profissões dos britânicos e alemães, p. 62
  - 1.6.1. Campos de atuação, tipos de atividades e endereços profissionais, p. 65
- 1.7. A religião protestante e os britânicos e alemães da Capital da Província, p. 90

CAPÍTULO 2. CAPITAL E TRABALHO NO RIO DE JANEIRO E EM NITERÓI: A PARTICIPAÇÃO DE BRITÂNICOS E ALEMÃES, p. 100

- 2.1. A capital do antigo Estado do Rio e a chegada de novos imigrantes, p. 100
- 2.2. Niterói nas primeiras décadas do século XX: algumas medidas de impacto urbanizador, p. 106
- 2.3. A participação de Companhias e Bancos britânicos na formação da comunidade local, p. 114
- 2.4. Niterói proletária: a industrialização do Barreto e empreendimentos nas Ilhas da Guanabara, p. 121
  - 2.4.1. Fábricas de capital britânico no Barreto, p. 124
  - 2.4.2. The Leopoldina Railway e a dinamização do Pólo Fabril, p. 130
  - 2.4.3. As ilhas da Guanabara e outros empreendimentos britânicos, p. 134
- 2.5. Alemães e alemães em Niterói: capitalistas, operários, desempregados, p. 142
  - 2.5.1. Os alemães da zona sul, p. 148
  - 2.5.2. Os alemães da zona norte, p. 150
  - 2.5.3. O grupo dos marítimos desembarcados, p. 157
  - 2.5.4. As mulheres alemãs e o trabalho, p. 160

CAPÍTULO 3: O BALNEÁRIO ICARAHY PELO OLHAR DE BRITÂNICOS E ALEMÃES E DA MÍDIA DA ÉPOCA, p. 166

- 3.1. O povoamento no início do Século XX: Icaraí, Fróes e Saco de São Francisco, p. 166
- 3.2. A conquista da praia pelos niteroienses e a participação de britânicos e alemães neste processo, p. 174
- 3.3. Jornal “Beira-Mar”: das praias dos “cilenses” às areias de Icaraí (um registro da forte presença dos estrangeiros), p. 180
- 3.4. O Balneário Icarahy: centro de moradia, lazer e turismo das colônias estrangeiras, p. 197
- 3.5. Recuperando a história das duas comunidades: a vida por dentro das instituições, p. 217
  - 3.5.1. Os clubes britânicos e alemães em Niterói: convivências e rupturas, p. 221
  - 3.5.2. Outras instituições criadas pelos britânicos e alemães, p. 237

CAPÍTULO 4: IDEOLOGIAS POLÍTICAS NOS ANOS 30 E 40, p. 252

- 4.1. Britânicos, alemães e norte-americanos: a disputa pelo mercado brasileiro, p. 252
- 4.2. O período pós-Revolução de 30 e a liberdade de atuação do Partido Nazista no Brasil, p. 259
- 4.3. As atividades do NSDAP em Niterói, p. 265
- 4.4. O revés sofrido pelo Partido Nazista: acontecimentos no Rio de Janeiro e Niterói, p. 280

CAPÍTULO 5: HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS, p. 303

- 5.1. Família Causer, p. 304
- 5.2. Família Wehrs, p. 309
- 5.3. Família Fellows, p. 315
- 5.4. Família Hoppe, p. 321
- 5.5. Família Hudson, p. 328

CONSIDERAÇÕES FINAIS, p. 334

BIBLIOGRAFIA, p. 339

## I. INTRODUÇÃO

O primeiro contato que tive com os dois grupos de imigrantes, aqui estudados, remonta ao tempo de infância, na década de 60, quando fui morar em uma das cinco alamedas, pertencentes ao Morro de Santa Teresa, situado no bairro de Icaraí, em Niterói. Esse Morro, na época conhecido como “Morro Inglês”, abrigava, desde o início dos anos 30, várias famílias alemãs e britânicas. Inclusive, no mesmo edifício em que eu residia, moravam duas ou três famílias alemãs.

Mais tarde, não pude deixar de observar, de igual modo, algumas construções tipicamente inglesas, como o Clube Rio Cricket e a Igreja Anglicana (All Saints Church), inseridos na paisagem urbana de Niterói, a ensejar indagações sobre a colônia britânica que aqui existiu na primeira metade do século XX.

Anos depois, já atuando como professora e apaixonada pela cidade de Niterói, li alguns trabalhos de docentes e de alunas pertencentes ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF), na área de Imigração para Niterói, que destacavam a presença de grupos como os portugueses, italianos, espanhóis, sírio-libaneses e judeus. Esses estudos, quando olhados em seu conjunto, apontavam para uma origem multiétnica da população niteroiense.

Tendo em vista o panorama da historiografia local existente, acreditei que havia uma lacuna a ser preenchida com relação ao tema da imigração de britânicos e alemães para Niterói no século XX. Decidi, então, elaborar um projeto de doutorado sobre esta temática e me candidatei ao concurso de doutorado em História da Universidade Federal Fluminense, sendo aprovada.

Uma vez iniciado o doutorado, fui encaminhada pela Coordenação do PPGH à Professora Ismênia de Lima Martins com a proposta de que esta orientasse o

meu trabalho. A referida Professora me acolheu com entusiasmo e generosidade, incluindo-me em seu grupo de trabalho, responsável por desenvolver um Programa no campo da História Regional e Local, bem como na área de Imigração.

\*\*\*

Embora a vinda dos britânicos e alemães para Niterói tenha se iniciado no século XIX, demarcamos o cerne desse estudo para o período compreendido entre 1900 e 1950. Todavia, não deixamos de contemplar o período concernente à segunda metade do século XIX que aparece de forma introdutória nesse trabalho, lançando luz sobre a vinda dos primeiros representantes dos dois grupos étnicos pesquisados.

Durante a primeira metade do século XX, intensificou-se a vinda de britânicos e de alemães para a capital do antigo Estado do Rio de Janeiro, sendo interessante caracterizar melhor esses dois grupos de imigrantes em termos de seus locais de origem.

No que diz respeito aos “britânicos”, identificamos uma maioria expressiva de ingleses em relação a um número menor de irlandeses e de escoceses. A força dos empreendimentos ingleses na Cidade, aliada ao número majoritário de imigrantes provenientes da Inglaterra, forjou a identidade do grupo como um todo no contexto da cidade de Niterói. Inclusive na própria paisagem da Cidade, encontramos, no decorrer do período estudado, constantes referências ao grupo maior que aparece dando nome ao “Morro Inglês” (o já citado Morro de Santa Teresa), ao clube dos ingleses (Rio Cricket), bem como às “Chácaras dos Ingleses”, residências coletivas destinadas a abrigar os empregados da “Leopoldina Railway Company Limited” e da “The Western and Telegraph Company Limited”.

Quanto aos “alemães” estudados, a pesquisa revelou um número significativo de representantes das mais diversas regiões e localidades que compunham o mapa da Alemanha da primeira metade do século XX.

Ao buscarmos analisar a trajetória desses dois grupos étnicos, julgamos fundamental investigá-la na relação com a Cidade que os acolheu, cenário de mudanças ambientais, socioculturais, econômicas e políticas, em que britânicos e alemães deixaram marcas de sua ocupação econômica como, igualmente, de sua atuação sociocultural e política.

Nesse sentido, tornou-se importante recuperar o processo de urbanização de alguns bairros litorâneos, com destaque para o bairro de Icaraí, identificado como centro de turismo das colônias estrangeiras à época e local privilegiado de moradia dos dois grupos étnicos estudados.

De igual forma, procuramos desvendar o outro lado da Cidade, relacionado aos empreendimentos econômicos e ao trabalho dos britânicos e alemães em Niterói. Ao tratarmos desse tema, chamamos a atenção para a “Niterói Proletária”, em que foi possível identificar o surgimento dos primeiros bairros fabris; a relevância econômica da ferrovia, um dos grandes empreendimentos de capital inglês; as difíceis condições de moradia do operariado da época que abarcava, inclusive, imigrantes de nacionalidade alemã e, por fim, a exploração do trabalho imigrante na ilha da Conceição.

\*\*\*

A pesquisa revelou a grande lacuna historiográfica existente sobre o tema da imigração urbana de alemães e ingleses no Brasil e, particularmente, no Rio de Janeiro e em Niterói no período estudado. Dentre os escassos estudos encontrados, é

possível citar a pesquisa de Sylvia Lenz sobre os alemães na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX (Sylvia Ewel Lenz, 2008).

Ressaltam-se ainda uns poucos trabalhos mais gerais, de caráter ensaístico ou memorialístico, com os quais, inclusive, nos esforçamos em dialogar. Nesse âmbito distinguimos dois estudos de Gilberto Freyre, ambos focados nos século XIX, sendo o mais conhecido sobre a imigração inglesa (Gilberto Freyre, 1977) e o menos divulgado sobre a imigração alemã (Gilberto Freyre, 1971). Finalmente, assinalamos algumas obras do memorialista Carlos Werhs que fazem referência aos dois grupos de estrangeiros presentes na capital do antigo Estado Rio de Janeiro, com destaque para aquela que trata dos alemães residentes em Niterói na segunda metade do século XIX e início do século XX (Carlos Wehrs, 2010).

Para recompor aspectos da vida dos primeiros britânicos e alemães a virem para Niterói, utilizamos fontes de época. Dentre estas, destacamos os escritos de viajantes alemães que estiveram em Niterói (Ernst Ebel, 1972; Oscar Canstatt, 2002), bem como dois livros de pastores que fazem menção a esta Cidade (Daniel P. Kidder, 2001; Fletcher e Kidder 1941).

O trabalho de investigação ganhou grande impulso com a pesquisa documental que privilegiou uma diversidade de fontes, a começar pela grande imprensa da época que nos ofertou um manancial de notícias e de informações voltadas para assuntos diversos de natureza cultural, econômica, religiosa e política.

Nesse sentido recorreremos a periódicos como O Fluminense, Jornal do Brasil, Gazeta de Notícias, A Noite, Diário da Noite, Diário de Notícias, O Imparcial, Correio da Manhã, O Globo, A Capital, A Nação, A Crítica, A Batalha, A Manhã, Correio Paulistano, O Paiz, O Jornal, Diário Carioca e a Revista da Semana.

Dentre a gama de jornais pesquisados, chamamos particularmente a atenção para o periódico “Beira-Mar”, voltado, inicialmente, para atender aos bairros nascentes de Copacabana, Ipanema e Leme, mas que, a partir de 1929, criou uma sucursal em Icaraí, território igualmente marcado pela distinção social e pela forte presença de estrangeiros. Através das notícias divulgadas por esse jornal, foi possível ter acesso à vida social desenvolvida no bairro de Icaraí e adjacências, descortinando perspectivas da vida cultural e esportiva de britânicos e alemães que ali viveram.

Por último, é importante mencionar dois periódicos de língua inglesa. O primeiro, intitulado “The Rio News” (1879-1901), pertenceu ao norte-americano A. J. Lamoureux que a partir de 1882 tornou-se o único proprietário e editor do jornal. No Brasil, os leitores do The Rio News eram majoritariamente britânicos e, em razão disso, o jornal veiculava notícias relacionadas à colônia inglesa do Rio de Janeiro e de Niterói.

O segundo, um periódico econômico semanal, foi fundado pelo inglês Joseph Phillip Wileman e publicado quase que ininterruptamente entre 1898 e 1940 sob vários títulos. No período de 1898 a 1910 foi chamado “The Brazilian Review. A Weekly Record of Trade and Finance”. A partir de maio de 1915, a publicação ganhou o nome “Wileman’s Brazilian Review. A Journal of Trade and Finance” que teve sua circulação interrompida durante a Segunda Guerra Mundial.

No intuito de penetrar o universo das realizações econômicas dos dois grupos de imigrantes, utilizamos, de forma ampla, o Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, referente aos dois períodos de tempo existente: (1844 a 1885) e (1891 a 1940). Com esse mesmo objetivo, fizemos uso também de leis, projetos e relatórios governamentais. Por último, citamos, como importante fonte de pesquisa, uma obra intitulada “Impressões do Brasil no Século XX”, editada e impressa,

em 1913, na Inglaterra, por Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd., sendo, posteriormente, traduzida no Brasil.

No que se refere particularmente aos alemães, duas fontes oficiais, relacionadas às duas grande guerras, foram preciosas, não só por desvendarem temas políticos, como, igualmente, por fornecerem informações de cunho pessoal e profissional sobre esses imigrantes. A primeira delas, a “Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917”, colhida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ, contém dados elucidativos sobre a vida profissional e pessoal de 76 alemães moradores na capital do estado. A segunda diz respeito a uma vasta documentação, produzida pela Polícia Política do Distrito Federal, nos anos de 1930 e 1940, em formato de dossiês, sobre os alemães, moradores da Capital da República e de Niterói, no período político compreendido como a Era Vargas. Este material se encontra disponibilizado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).

Por fim, o trabalho de pesquisa documental foi amplamente enriquecido com um trabalho de História Oral realizado, ao longo de três anos e meio, junto a descendentes de alemães e de britânicos que viveram quando crianças e jovens em Niterói, na primeira metade do século XX. Através dos ricos depoimentos e acervos fotográficos ofertados por nossos entrevistados pudemos acrescentar um novo significado ao tema e ao período estudado.

\*\*\*

A presente tese está organizada em cinco capítulos. O primeiro deles procura delinear aspectos mais gerais da vinda de britânicos e alemães para o Brasil, no século XIX, recuperando, nessa investigação, dados sobre a imigração dos dois grupos étnicos para a Cidade e a Província do Rio de Janeiro. Na busca de delimitar o foco

desse estudo, após identificar uma série de transformações vividas pela cidade de Niterói à época, buscou-se sistematizar um conjunto de informações sobre os primeiros britânicos e alemães que ali viveram no final do império e início da república.

O capítulo II, por sua vez, acabou por se configurar como um escrito mais voltado para as questões econômicas, relacionadas aos empreendimentos e ao trabalho dos anglo-saxões em Niterói, com realce para as duas primeiras décadas do século XX. Para tal, procurou-se apresentar um panorama da evolução político-administrativa e econômica da capital Fluminense, no período de 1900 a 1930, demonstrando que, embora inexistisse uma política de incentivo à industrialização, por parte dos governos fluminenses, Niterói alçou um processo de desenvolvimento fabril que resultou, inclusive, na formação de bairros operários. Nesse contexto, foi possível destacar, de um lado, a força de alguns grandes empreendimentos britânicos para a Economia local e, de outro, o aspecto de heterogeneidade do grupo alemão que se apresentava subdividido em categorias, como capitalista, operário e desempregado.

No capítulo III, a ênfase recaiu sobre as questões culturais e institucionais relacionadas à vida dos anglo-saxões e dos bairros litorâneos onde viveram, nas décadas de 30 e 40. Nesse capítulo, inicialmente, abordamos o povoamento do bairro de Icaraí e adjacências, por britânicos e alemães, focando as mudanças trazidas pelo processo de urbanização que, paulatinamente, tomou conta da região litorânea de Niterói. Ao longo desse estudo, descortinamos as atividades socioculturais dos dois grupos de estrangeiros, destacando aspectos de sua interação com a Cidade e com a elite niteroiense, ressaltando, de igual forma, a capacidade que esses imigrantes tiveram de influenciar os moradores locais na aquisição de alguns hábitos culturais. Por fim, buscou-se avaliar em que medida as duas colônias estrangeiras mantiveram vínculos entre si e com suas raízes européias e em que

proporção perpetuaram as fronteiras socioculturais, educativas e religiosas de seus grupos étnicos, distinguindo-se da sociedade que os acolheu.

O quarto capítulo, por sua vez, destaca com cores mais vivas uma perspectiva econômica e política desenvolvida no contexto da Era Vargas. Logo de início, investigamos como se desenvolveu a disputa entre britânicos, alemães e norte-americanos pelo mercado brasileiro, na primeira metade do século XX. E, na sequência desse processo, de que maneira a Alemanha conseguiu alcançar uma relação econômica privilegiada com o Brasil, principalmente, depois de 1933, com a subida de Hitler ao poder. De igual modo, buscamos compreender, com base na política contraditória do Governo Vargas, como se deu, em um primeiro momento, a expansão da ideologia nazista no Brasil e, posteriormente, como foram criados fortes mecanismos de repressão a essa mesma crença política e ideológica. Finalmente, foi possível levantar alguns indícios de como o nazismo alcançou e fez adeptos entre os alemães moradores da cidade de Niterói, conseguindo, inclusive, penetrar em algumas de suas instituições.

O quinto capítulo inclui algumas histórias de famílias de imigrantes que viveram e ainda vivem na cidade de Niterói. Para traçar essas biografias familiares, privilegiamos o uso de fontes orais que, em alguns casos, foram acrescidas de pesquisa de material iconográfico e bibliográfico. Este pequeno estudo que revela de forma fragmentada a trajetória de vida de cinco famílias pertencentes às antigas colônias de britânicos e alemães de Niterói é uma singela homenagem que prestamos aos nossos depoentes.

# **1. OS PRIMEIROS BRITÂNICOS E ALEMÃES EM NITERÓI, SÉC. XIX**

## **1.1. Britânicos e alemães na cidade do Rio de Janeiro**

A emigração de britânicos e alemães para o Brasil, no século XIX, ocorreu por motivos distintos. Com o fim das guerras napoleônicas, em 1815, a Grã Bretanha teve um século de domínio quase incontestável, ampliando seu poderio econômico em grande parte do globo. No caso do Brasil, em especial, o poderio inglês ganhou contornos particulares. Desde o início do século XVIII, a assinatura do Tratado de Methuen consolidara uma supremacia econômica da Inglaterra sobre Portugal. De acordo com o referido tratado, firmado entre os dois países, em 27 de dezembro de 1703, Portugal ficara obrigado a abrir seu mercado à importação de lã inglesa, enquanto a Inglaterra se comprometera a admitir os vinhos de Portugal na Grã-Bretanha. Com o avanço das tropas napoleônicas sobre a Europa, em 1807, a transferência da Corte portuguesa para o Brasil foi efetuada com ajuda de escolta britânica, determinando, a partir daí, uma ingerência da Grã-Bretanha nos negócios do Brasil, aprofundando ainda mais a dominação já existente da Inglaterra para com Portugal. A assinatura do Tratado de Comércio e Navegação de 1810 favoreceu sobremaneira a Inglaterra, permitindo que este reino eliminasse a concorrência de outros países e dominasse em grande medida o comércio brasileiro.

De acordo com Gilberto Freyre, nos primeiros decênios do século dezanove, grande parte dos artigos importados da Grã-Bretanha já era consumida no Rio, na Bahia e em Pernambuco.<sup>1</sup> No ano de 1821, o Brasil importava mais artigos britânicos do que todo o continente asiático e absorvia 4/5 dos produtos ingleses vendidos na América Latina<sup>2</sup>.

Freyre ainda observa, de acordo com Mathison, que “mais de trinta casas de negócios ingleses”, quase todas de “artigos de sólida manufatura”, haviam se estabelecido, através de suas filiais, na cidade do Rio de Janeiro, até o ano de 1821.<sup>3</sup> As principais ruas comerciais, incluindo a Direita e a Alfândega, possuíam armazéns e muitas lojas em que “as mercadorias eram na sua quase totalidade inglesas.”<sup>4</sup>

Não é de surpreender, portanto, que um negociante do Rio de Janeiro tenha chegado a “dizer aos ingleses que o Brasil, como as demais colônias prósperas de Portugal e o próprio Portugal, florescia quase inteiramente em proveito da Inglaterra (...).”<sup>5</sup>

Enquanto a Inglaterra se consolidava como a grande potência do século XIX, a Alemanha ainda não havia alcançado converter-se em uma Unidade Nacional, mantendo-se como uma federação de Estados independentes. De igual modo, enquanto os Estados atlânticos, incluindo Portugal e Grã-Bretanha, haviam realizado conquistas além-mar, “o Sacro Império Romano Germânico se mantivera isolado, fragmentado, ausente do processo de expansão marítima.”<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup>FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p 47.

<sup>2</sup> MARTINS, Ana Luíza. *Aspectos econômicos da presença britânica no Brasil*. In: *Os Britânicos no Brasil*. São Paulo: Cultura Inglesa, 2001. p. 10.

<sup>3</sup>FREYRE, op. cit., p. 126.

<sup>4</sup>Ibid, p. 118.

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*, op. cit., p. 118.

<sup>6</sup> LENZ, Sylvia Ewel. *Alemães no Rio de Janeiro: diplomacia e negócios, profissões e ócios (1815-1866)*. Bauru, SP: EDUSC, 2008. p 42.

Acrescente-se a esta falta de unidade, uma situação econômica extremamente difícil decorrente do fim das guerras napoleônicas. A atividade comercial, neste período, restringia-se às poucas cidades hanseáticas que haviam sobrevivido ao longo conflito de vinte anos de guerras ininterruptas.<sup>7</sup>

Bremen e Hamburgo, portos situados em rios que desembocam no Mar do Norte, tornaram-se as principais cidades mantenedoras do comércio com a costa européia, enquanto Lübeck, no Mar Báltico, cobria o mercado escandinavo e russo. (...) Os demais países alemães, economicamente enfraquecidos após o período das guerras napoleônicas, sofriram sérias transformações diante da nova organização social e política. Isso por não terem passado por um processo gradual de adequação e consolidação como Estado soberano. A economia, de tradição feudal e agrária, deveria adaptar-se da mercantil para o capitalismo industrial. (...) Essas mudanças sociais levaram a movimentos populacionais, de migrações internas, do campo para a cidade, ou para além-mar, com a abertura das fronteiras e algumas campanhas em prol da emigração.<sup>8</sup>

Após a criação da Liga Alemã<sup>9</sup> (1815-1866) e tendo em vista o estado de extrema pobreza reinante em certas regiões da Europa, a emigração passou a ser estimulada por autoridades da Alemanha e da Suíça, no afã de diminuir as responsabilidades de suas administrações municipais, bem como de evitar distúrbios sociais.<sup>10</sup> Alguns governos que integravam a Liga buscaram se inserir nos mercados americanos, utilizando-se de duas medidas:

A primeira fomentando a emigração de camponeses desapropriados, de artífices desempregados, até mesmo de criminosos e da ralé desocupada; a segunda, mediante o estabelecimento de casas comerciais nos principais portos da América Latina e do Caribe, de modo a suprir seus países de alimentos e matérias-primas, assim como de atender à demanda de produtos alemães pelos emigrantes no estrangeiro. O Brasil não fugiu a essa regra, pois logo vieram, após naturalistas austríacos, os negociantes a estabelecerem suas casas comerciais, os mercenários a serviço do Imperador, além de colonos para povoar as terras do sul.<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> ibid., p. 36 e 42.

<sup>8</sup> ibid., p. 42.

<sup>9</sup> A Liga ou Confederação Alemã, pode ser entendida como uma associação econômica, no sentido de fomentar o comércio, composta por mais de trinta Estados soberanos, inclusive as quatro cidades-Estado de Hamburgo, Bremen, Lübeck e Frankfurt. ibid., p. 37, 38, 39.

<sup>10</sup> ibid., p. 49.

<sup>11</sup> ibid., p. 39.

Embora os motivos econômicos fossem decisivos para a saída de milhares de “alemães” da Europa, houve razões de ordem política que não podem deixar de ser consideradas. É o caso da revolução de 1848 que fracassou ao tentar fazer a unificação da Alemanha e que acabou por levar muitos revolucionários desiludidos a abandonarem seus Estados de origem e a emigrarem para o continente americano.<sup>12</sup>

Desde o início do século XIX, o governo português planejou a vinda de colonos alemães para o Brasil. “Do medo das revoltas escravas, da exigência externa pelo fim da escravidão e da necessidade de criação do minifúndio e da produção artesanal surgiu a política de imigração e colonização com alemães.”<sup>13</sup>

Os primeiros colonos chegados à Província do Rio de Janeiro, todavia, foram os suíços. Eles vieram entre 1819 e 1820 com destino à região serrana de Nova Friburgo, a partir de decreto assinado por D. João VI, em 1818.<sup>14</sup> No início do Império, as ações relacionadas à colonização passariam às mãos de José Bonifácio de Andrade e Silva, que esteve à frente do Ministério do Reino e dos Negócios Estrangeiros. De posse dessa pasta, o ministro articulou várias medidas, visando à colonização, dentre elas a vinda de alemães para a já citada região de Nova Friburgo, em 1824, contando, para esse fim, com a ajuda de Georg Anton Von Schaeffer que fora nomeado agente brasileiro na Alemanha.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> SCHULZE, Frederik. A procura de um fantasma. In Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 9/ N<sup>o</sup> 102 /Março 2014, p. 22. SCHULZE é professor da WESTFÄLISCHE WILHELMS-UNIVERSITÄT MÜNSTER e autor da Tese “Emigração e Discursos Coloniais Fracassados: a ‘Germanidade’ no sul do Brasil. (FREIE UNIVERSITÄT BERLIM, 2014). De acordo com o mesmo Autor, vale a pena assinalar que a Europa foi um continente aberto a emigração no século XIX. Os alemães representaram uma parcela importante deste fluxo emigratório, embora não pudessem ser identificados como um único povo. Estes imigrantes vinham de distintas regiões da Europa central e eram cidadãos de Estados como Prússia e Baviera. Os diferentes grupos só vieram a alcançar a cidadania a partir de 1871, com a fundação do Império Alemão, ibdi., p. 20.

<sup>13</sup> TRESPACH, Rodrigo. Alemães para toda obra, In Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 9/ N<sup>o</sup> 102/ Março 2014, p. 16. O referido autor é colaborador do Instituto de História Regional da JOHANNES GUTENBERG – UNIVERSIDADE DE MAINZ (ALEMANHA).

<sup>14</sup> ibid., p. 16.

<sup>15</sup> ibid., p. 17.

A partir de 1834, uma alteração na Constituição tirou das mãos do governo imperial a política de criação de colônias que passou a ser gerida pelos governos provinciais. Dentre os mais significativos projetos deste período está o da vinda de novos grupos de imigrantes alemães para Petrópolis, a partir de 1845.<sup>16</sup>

Vale a pena esclarecer, todavia, que os primeiros imigrantes alemães a chegarem ao Brasil não foram colonos, mas indivíduos que se instalaram na cidade do Rio de Janeiro como comerciantes e artífices, atraídos pelas perspectivas econômicas advindas da abertura dos portos, em 1808.<sup>17</sup> Assim, desde o início do século XIX, já era possível encontrar mais de vinte empresas alemãs na cidade do Rio de Janeiro.<sup>18</sup> E, embora estes imigrantes não fossem expressivos em termos numéricos, fundaram, em 1821, a primeira associação germânica do país: a Gesellschaft Germania.<sup>19</sup>

O alemão Ernst Ebel, nascido em 1794, na capital da Letônia, região que se encontrava no século XIX sob influência alemã, movido por uma curiosidade e espírito de aventura, visitou o Brasil, em 1824. Em livro publicado<sup>20</sup> posteriormente fez um breve registro sobre sua visita àquela entidade três anos após a sua fundação:

A 30 de março, inaugurou-se a nova sede da Germania assim se chama a Sociedade que os alemães fundaram. É a única do gênero no Rio, tanto mais necessária quanto é grande a carência de círculos sociais condignos. O local consiste numa sala de bilhar e noutras de jogos, jantar e leitura. Fica à rua Direita, por um lado fazendo frente ao mar, de modo que será possível conservá-las frescas. Cinqüenta é o número de sócios, novos podendo ser admitidos mediante balotagem, assim como estrangeiros. Geralmente as reuniões são à noite, para jogar cartas ou matar o tempo em tórno da bilhar. Como leitura, só se conta com os jornais brasileiros e uns quantos livros alemães antiquados; (...)<sup>21</sup>

<sup>16</sup> *ibid.*, p. 18.

<sup>17</sup> SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro, in GOMES, Angela de Castro. História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 12.

<sup>18</sup> TRESPACH, Rodrigo. *op. cit.*, p. 15

<sup>19</sup> SEYFERTH, Giralda. *op. cit.*, p. 12.

<sup>20</sup> EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824. Comp. Editora Nacional, 1972, 199 p. (Coleção Brasileira, Vol. 351).

<sup>21</sup> *ibid.*, p. 119. De acordo com Ebel, “Outra utilíssima instituição é a Sala de Leitura Birnic, à rua Direita, cujos assinantes são na maioria ingleses. Aí se encontram quase todos os diários ingleses, um par de franceses, o Correspondent de Hamburgo, jornais estes que os paquetes ingleses trazem com certa regularidade, mensalmente, da Europa; assim ficamos a par de tudo o que se passa no mundo.”, *ibid.*, p. 119.

De acordo com Lenz, a Germania funcionou ao mesmo tempo como local de negócios e como sociedade recreativa. Neste espaço, os associados, vistos como homens cultos e austeros, estabeleciam contato com seus pares com quem discutiam sobre negócios e política, além de se manterem bem informados sobre a cotação do café e do açúcar. Nos momentos de descanso e ócio, era possível partilhar uma sala de jogos com baralho de cartas e mesas de bilhar, ao mesmo tempo em que se apreciava uma bebida e um bom charuto.<sup>22</sup>

A comunidade alemã, associada à Germânia, era composta, principalmente, de negociantes ligados ao ramo da importação e exportação.<sup>23</sup> E, por décadas, esta associação funcionou como uma entidade aberta à participação de outros estrangeiros, inclusive de britânicos. No ano de 1824, dentre os não-alemães pertencentes a esta entidade foi possível encontrar uma maioria de ingleses.<sup>24</sup> Outro dado a ser destacado é o da existência de firmas comerciais híbridas representadas, ao mesmo tempo, por sócios ingleses e alemães neste mesmo ano de 1824.<sup>25</sup>

Ebel deixou, ainda, algumas informações sobre o comportamento social e profissional dos seus compatriotas residentes na Capital do Império:

Os alemães parecem mesclar-se mais com a gente da terra. Alguns já casaram com portuguesas; poucos, porém, construíram casa própria. Comercialmente vêm ganhando terreno cada ano, contando-se entre eles alguns já sólidamente estabelecidos e influentes.<sup>26</sup>

---

<sup>22</sup> LENZ, Sylvia Ewel. Alemães no Rio de Janeiro: diplomacia e negócios, profissões e ócios (1815-1866). op. cit., p. 162, 163, 168.

<sup>23</sup> SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro, op cit., p. 15.

<sup>24</sup> LENZ, Sylvia Ewel. op. cit., p. 166.

<sup>25</sup> *ibid.*, 139.

<sup>26</sup> EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824, op cit., p. 192.

Lenz observa que existem poucos registros sobre casamentos e famílias alemães na capital do Império. Igualmente, esta autora sinaliza para a escassez de mulheres alemães vivendo na Corte.<sup>27</sup> De acordo com J. Wehrs, no período de 1850 a 1870, entre as poucas mulheres chegadas da Alemanha, havia “apenas de quando em vez uma governanta ou empregada doméstica”. Em razão disto, “os jovens comerciantes acharam por bem dar preferência às mulatas e... às mundanas de origem alemã.”<sup>28</sup>

Ainda com respeito aos alemães, Lenz esclarece que ocorreram “alguns poucos casamentos de negociantes alemães com parte da elite local.”<sup>29</sup> J. Wehrs complementa estes dados informando, por sua vez, que houve também alemães que oficializaram suas uniões consensuais com mulatas, casando-se com elas.<sup>30</sup>

Quanto aos britânicos, Ebel deixou registradas algumas observações que, apesar de escassas, ajudam a iluminar o comportamento destes estrangeiros em seus primeiros tempos na capital do Império:

Os ingleses compõem, sem discussão, a classe mais respeitada pela sua afluência, seus privilégios e mais longa permanência, razão pela qual a todo forasteiro bem vestido chamam aqui de ‘Senhor inglês’. Estritamente inglês é seu modo de vida: as mulheres só se dão com suas compatriotas. A maioria mora em chácaras pelos arrabaldes, onde os maridos passam as noites assim como os feriados.<sup>31</sup>

As chácaras dos ingleses no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX, localizavam-se em arrabaldes, ou subúrbios, como o Catete, Vale das Laranjeiras, Glória, Cosme Velho, conhecido, na época, como Morro Inglês e, sobretudo, na enseada de Botafogo.<sup>32</sup>

---

<sup>27</sup> LENZ, Sylvia Ewel. op. cit., p. 193.

<sup>28</sup> WEHRS, C. Carlos J. O Rio Antigo – Pitoresco & Musical: Memórias e Diário. Rio de Janeiro, 1980, p. 20.

<sup>29</sup> LENZ, Sylvia Ewel. Alemães no Rio de Janeiro: diplomacia e negócios, profissões e ócios (1815-1866), p. 166.

<sup>30</sup> *ibid.*, p. 139.

<sup>31</sup> EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824, op. cit., p. 192.

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Carolina Bartolotti. A presença do gosto inglês nos subúrbios do Rio de Janeiro no século XIX. ANPUH- XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – LONDRINA, 2005, P. 1.

A respeito dos privilégios dos britânicos, é importante mencionar que estes não foram apenas de cunho econômico. As negociações em torno dos tratados de 1810 levaram Sua Majestade Britânica a reivindicar, com sucesso, junto ao Príncipe Regente, liberdade de culto, um cemitério para o enterramento de seus mortos e uma jurisdição própria para decidir acerca de possíveis conflitos envolvendo seus súditos.<sup>33</sup>

Em relação à questão religiosa, os britânicos adquiriram o direito de celebrar seus cultos sem serem molestados, podendo edificar suas capelas ou igrejas, contanto que externamente tais construções se assemelhassem a uma casa de habitação ao invés de um templo. Em suma, o tratado era condescendente quanto à prática religiosa anglicana, contanto que esta ocorresse de forma reservada, na interioridade de seus templos, sem almejar ganhar adeptos entre os brasileiros e, muito menos, ofender a religião oficial.<sup>34</sup>

Em 1824, Ebel conheceu a capela dos ingleses, a qual, segundo este viajante, era um “edifício simples mas cuidado, por dentro como por fora, e não distante do Passeio Público.”<sup>35</sup> A Christ Church, inaugurada em 1819, seria a primeira capela não-católica do Brasil, estando localizada no atual bairro de Botafogo.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> Tratado de 1810, art. XII.

<sup>34</sup> *ibid.*

<sup>35</sup> EBEL, *op. cit.*, p. 126.

<sup>36</sup> A esse respeito ver CALVANI, Carlos Eduardo B. Anglicanismo no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 36-47, setembro/novembro 2005. p. 40. Ver também MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

Alguns protestantes de língua alemã e francesa também se reuniram com o objetivo de fundar, em 1827, a Comunidade Protestante do Rio de Janeiro, por iniciativa do cônsul da Prússia, Wilhelm von Thiermin, e de alguns dos negociantes mais prósperos da Cidade. Esta congregação se caracterizou, em seu início, portanto, por ser biconfessional, assumindo a um só tempo as duas orientações: luterana e calvinista.<sup>37</sup>

Em que pese à exceção obtida pelos ingleses, a Comunidade Evangélica Alemã encontrou muitos obstáculos em seu desenvolvimento, principalmente devido às limitações impostas pelo texto constitucional de 1824<sup>38</sup> que em seu artigo 5<sup>o</sup> afirmava: “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo”<sup>39</sup>

Mesmo que se enfatize a dominação econômica da Inglaterra sobre o Brasil, no século XIX, não se pode deixar de considerar outro aspecto importante que marcou a relação entre estes dois países. De acordo com Guimarães, a historiografia brasileira ressaltou amplamente a participação inglesa na modernização do País, realçando a relação existente entre um capitalismo moderno “e o controle do comércio exportador e importador brasileiro pelos ingleses em detrimento da forma arcaica dos negociantes portugueses e da sociedade escravista brasileira.”<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> LENZ, op. cit., p. 169, 172.

<sup>38</sup> SEYFERTH, op cit, p 16 e 17

<sup>39</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm).

<sup>40</sup> GUIMARÃES, Carlos Gabriel. A presença Inglesa nas finanças e no comércio no Brasil imperial. Os casos da sociedade bancária Mauá, MacGregor & Cia. (1854-1866) e da firma inglesa Samuel Phillips & Cia (1808-1840), Rio de Janeiro: FAPERJ. 2012. p. 229.

A obra de Gilberto Freyre, por sua vez, enfatiza, e de forma eloquente, o pioneirismo da Inglaterra na Revolução Industrial que trouxe ao século XIX inúmeras contribuições técnicas e econômicas das quais o Brasil foi um grande beneficiário.<sup>41</sup>

No decorrer do século XIX, os britânicos foram pioneiros na implantação de várias iniciativas importantes no Brasil, incluindo a instalação de cabos submarinos, de estradas de ferro, de telégrafos, de bondes elétricos, de iluminação a gás, de barcos a vapor e de redes de esgoto.<sup>42</sup> De acordo com Freyre, esses inúmeros empreendimentos, “quase tudo técnica ou iniciativa britânica,” propiciariam a implantação de uma infraestrutura urbana, contribuindo para que algumas regiões do país chegassem à modernidade.<sup>43</sup>

Um aspecto fundamental deste pioneirismo pode ser exemplificado pelas iniciativas no setor de serviços e transportes, com destaque para a criação de ferrovias.<sup>44</sup> Na segunda metade do século XIX, as estradas de ferro foram abertas em regiões cada vez mais longínquas da costa, no sentido de buscar encurtar as distâncias entre as áreas produtoras e os portos brasileiros.

Desde o início de operação da primeira linha em 1854 os britânicos estiveram envolvidos no setor, financiando e fornecendo tecnologia e também incorporando empresas especialmente quando o transporte da zona produtora até o porto exportador se mostrava lucrativo. Assim, podem-se encontrar suas principais companhias ferroviárias junto às regiões cafeeiras, açucareiras, metalúrgicas e carboníferas.<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> FREYRE, op. cit., passim.

<sup>42</sup> *ibid.*

<sup>43</sup> *ibid.*, p. 26-27 e 59.

<sup>44</sup> SOUKEF, Antonio. Ferrovias Britânicas no Brasil. In Revista: Os Britânicos no Brasil, São Paulo: Cultura Inglesa, 2001. p. 21. No que tange à modernização do Brasil, principalmente após 1850, Guimarães destaca, a partir de Richard Graham, “à participação inglesa em setores como ferrovias e bancos.” A esse respeito ver GUIMARÃES, op. cit., p. 230.

<sup>45</sup> SOUKEF, op. cit., p 21.

É possível dizer que ao final do século XIX, o mercado brasileiro se expandira, em grande parte, devido ao desenvolvimento ferroviário. Este favoreceu particularmente a exportação de produtos brasileiros para a Europa: ouro, diamantes, pedras preciosas, açúcar, algodão, peles, fumo, aguardente, pau Brasil. Algum tempo depois seria acentuada a importância do café e da borracha. Em pouco tempo, o comércio britânico conquistaria quase todo o mercado.<sup>46</sup>

É importante considerar que esta quase hegemonia britânica encontrou competidores entre os alemães. Embora nos primeiros decênios do século XIX o comércio teuto-brasileiro permanecesse à sombra do inglês, a partir de 1850 os alemães conquistaram uma maior entrada no mercado brasileiro, oferecendo de forma competitiva seus bens industrializados e superando em alguns ramos a concorrência britânica.<sup>47</sup> A esse respeito, Freyre menciona que os alemães conseguiram, no decorrer do século XIX, vantagens em vários setores comerciais em relação aos britânicos e franceses. Tal foi o caso do comércio de instrumentos musicais (pianos, acordeões), móveis domésticos, drogas farmacêuticas, produtos químicos, motores de força, cofres, máquinas, porcelanas, tintas, ferro, cerveja, dentre outros produtos.<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> FREYRE, Gilberto. *Inglês no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*, op. cit., p. 47, 48.

<sup>47</sup> FREYRE, Gilberto. *Nós e a Europa Germânica: Em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX*. (Coleção Johann Becker), Grifo Edições, Rio de Janeiro, 1971, p. 9-43.

<sup>48</sup> *ibid.*, p. 9-43.

## 1.2. Visitantes estrangeiros e imigrantes alemães de passagem por Niterói

Muitos viajantes estrangeiros estiveram na cidade do Rio de Janeiro, durante o século XIX, e vários atravessaram a baía para conhecer Niterói. Dentre estes últimos, alguns registraram sua visita, legando uma memória daquele período. Um dos primeiros a visitar a antiga região de Niterói foi o comerciante inglês John Luccock<sup>49</sup> que permaneceu cerca de 10 anos no Brasil, no período de 1808 a 1818. Quando este estrangeiro aqui esteve, Niterói era composta por quatro freguesias agrárias: São João de Carahy, São Sebastião de Itaipu, São Lourenço dos Índios e São Gonçalo, além de duas povoações contíguas denominadas Praia Grande e São Domingos.

Ao registrar suas impressões sobre a Praia Grande, Luccock deixou um breve, porém entusiasmado relato sobre as transformações por que passara esta região, no curto espaço de tempo após a chegada da Corte, em 1808:

A enseada da Praia-Grande é um dos recessos menos profundos com que por ali se topa; mas nem por isso, o menos belo. A praia é larga e orlada de pequeninas casas; o interior rico, embora arenoso; a região populosa; e, talvez, nenhum dos pontos vizinhos da capital passou por tão vantajosas transformações. O porto alí afundado comunica com todas as partes orientais da Província, bem como com as estradas que vão ter ao Espírito-Santo e Pôrto-Seguro. É ali que se embarcam todos os vários gêneros que a região produz em abundância; motivo pelo qual se vêem barcas que de contínuo singram rumo à cidade. A distância é de cêrca de três milhas e durante a travessia goza-se em toda a sua plenitude da brisa do mar.<sup>50</sup>

Confirmando as palavras do comerciante inglês, outro depoimento feito em 1817, por um cronista local, o padre Luís Gonçalves dos Santos, também conhecido como padre Perereca, relata as mudanças ocorridas naquela região:

---

<sup>49</sup> John Luccock chegou ao Rio de Janeiro poucos meses depois da abertura dos portos brasileiros ao comércio estrangeiro (28/01/1808). Após permanecer por uma década no Brasil, escreveu o livro “Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil”.

<sup>50</sup> LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Livraria Itatiaia, Ed. Ltda, 1975. p. 174.

Quem diria que em poucos anos, depois da vinda d'El-Rei Nosso Senhor, surgiria na Praia Grande de São Domingos uma tão bela povoação. Quem diria que naquelas praias, onde apenas havia algumas miseráveis casas, e armazéns, cujas paredes eram quase todas de barro, se veriam hoje tantas, e tão boas casarias, que, vistas da cidade, apresentam o prospecto de uma grande vila?<sup>51</sup>

Em maio de 1816, D. João VI se instalou na localidade de São Domingos, para se recuperar da morte de sua mãe, a Rainha Maria I. Após a estada da família real naquela região, por cerca de um mês, Niterói, que já vinha passando por mudanças socioeconômicas expressivas, nos últimos anos, haveria também de conhecer importantes transformações político-administrativas, as quais iriam se efetuar em curto espaço de tempo.

A primeira mudança ocorreu em maio de 1819, em resposta a uma solicitação da própria comunidade local. Nesta data, o monarca D. João VI, através de assinatura de Alvará Régio, reuniu as quatro freguesias e as duas povoações da antiga região de Niterói em uma mesma jurisdição e a elevou a categoria de Vila Real da Praia Grande. Em agosto deste mesmo ano, José Clemente Pereira tomou posse do cargo de juiz de fora da recém-criada Vila.

Desde a posse, até 1821, quando deixou o cargo, José Clemente, com o bom senso e a experiência de homem público, delineou os fundamentos da Vila (...). O lugar de juiz de fora fazia-o, também, presidente nato da Câmara. E, como tal, pôs logo mãos à obra. Inicialmente mandou executar um mapa da Vila, com seus caminhos ainda tortuosos, praias e mangues que a delimitavam, e prédios mais notáveis; acrescentou-se logo, também, o novo plano, com o traçado regular de ruas a se cruzarem em ângulo reto e criando praças e largos na parte central do povoado da Praia Grande. O mapa e o plano, este de autoria de Arnaud Pallière (...) foram, em 1820, submetidos à apreciação real. (De acordo com o Plano, previa-se) a abertura de cinco ruas paralelas à Praia Grande e oito transversais a estas, numeradas, e, de quatro largos ou praças.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> CAMPOS, Maristela Chicharo de. O Governo da Cidade: elites locais e urbanização em Niterói (1835-1890). (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004, p. 79.

<sup>52</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. A História de um Lugar. Rio de Janeiro, 1984. p. 61, 62.

Em 1824, o alemão Ernst Ebel também visitou a Vila Real da Praia Grande. Diversamente de Luccock, Ebel não demonstrou entusiasmo com os progressos alcançados pela Vila em seus primórdios. De acordo com as suas impressões: “a Praia Grande não passa de um vilarejo de casas térreas e modestos quintais. Tem sua Praça do Comércio, onde está o chamado palácio do governo. Tal como (São) Domingos que a continua, ficam à beira-mar, com montanhas em torno.”<sup>53</sup>

Algum tempo depois, Ebel retornaria à Vila, para visitar cerca de 500 alemães, passageiros de dois navios que haviam aportado à margem direita da baía, na Praia Grande.<sup>54</sup> Na verdade, estes imigrantes estavam acomodados em armazéns, na região da Armação, depósitos estes que outrora haviam servido aos antigos negócios da pesca da baleia. De acordo com relato de Ebel:

Espaçosos balcões, ventilados e saudavelmente situados, foram postos à disposição dessa gente pelo governo, que vinha suprindo-a, desde a chegada, de carne, pão, legumes, café, açúcar, em suma de tudo, e fartamente.<sup>55</sup>

Esclarecia ainda Ebel que esses estrangeiros, “na maioria, jovens imprudentes engajados para o serviço militar”, haviam sido contratados pelo Conselheiro Schaeffer (Major G. A. Schäffer) por ordem do Imperador. Criticava ainda uma experiência anteriormente realizada, com outro grupo de imigrados, os quais tinham padecido “devido à ação vergonhosa e egoísta do funcionário responsável”, que “a despeito de haver no Brasil tanta terra fértil e devoluta”, preferiu escolher para eles “as (terras) inferiores de um amigo”. Em virtude disso, “em menos de um ano dispersava-se a colônia na sua quase totalidade, sucumbindo muitos de miséria.”<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> EBEL, op. cit., p. 88.

<sup>54</sup> *ibid.*, p. 139.

<sup>55</sup> EBEL, op. cit., p. 139.

<sup>56</sup> *ibid.*

Daí, os chegados agora (há quatro meses) e que iam ser novamente encaminhados para o mesmo lugar, recusaram-se terminantemente, apelando com insistência junto à própria Imperatriz, que, por sinal, os atendeu mas ainda aguardavam novo destino no Armazém.<sup>57</sup>

Os colonos participantes de uma experiência anterior à que Ebel se refere eram 1682 Suíços católicos, chegados entre fins de 1819 e princípios de 1820, para fundar uma colônia na atual região de Nova Friburgo. Muitos destes imigrantes morreram durante a vinda para o Brasil e outros 123 no período de fixação da colônia, entre novembro de 1819 e março de 1821, em virtude de uma série de problemas que tiveram que enfrentar. Dentre estes problemas, destacam-se o difícil acesso à região serrana, que se fazia, naquele período, através de pântanos (região de Macacu) e de péssimas estradas, as más condições habitacionais e o “gérmen das febres” contraído a bordo do navio. Completando este quadro, a má qualidade das terras para plantio e a retirada do subsídio do governo, mantido nos dois primeiros anos, resultaram em abandono da colônia por parte de grande número de imigrantes.<sup>58</sup>

“D’ahi resultou a deserção de muitos colonos, parte dos quaes foi estabelecer-se em Cantagallo, e outros possuindo conhecimentos fabris, procurarão empregar-se em seus officios na corte, Campos, Nictheroy, e outros pontos.”<sup>59</sup>

Tendo em vista o destino dos primeiros colonos de Nova Friburgo, é possível compreender melhor a situação em que se encontravam os alemães aportados na Praia Grande, em 1824. Sabendo das dificuldades enfrentadas anos antes pelos suíços, os alemães visitados por Ebel se negavam a ter o mesmo destino. Todavia, existia uma pressão por parte do governo imperial para que eles também fossem encaminhados àquela região.

---

<sup>57</sup> *ibid.*, p. 140.

<sup>58</sup> Relatório apresentado pelo Presidente da Província Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1851. p. 35. [Brasil.crl.edu/bsd/u824/](http://Brasil.crl.edu/bsd/u824/)

<sup>59</sup> *ibid.*

De acordo com outras fontes, no ano de 1824, um grupo de imigrantes alemães, contratado por Georg Anton Schäffer, foi encaminhado à Nova Friburgo. A respeito deste grupo, não sabemos precisar se era o mesmo que ficara aportado na região da Armação em Niterói, ou se era outro grupo de estrangeiros. O que está registrado é que eram em número de 342, sendo que 195 do sexo masculino e 147 do sexo feminino.<sup>60</sup> De acordo com Seyferth, este grupo deveria receber terras em Leopoldina e Frankental, mas, ao invés disso, teria sido conduzido às terras abandonadas pelos suíços.<sup>61</sup> Todavia, uma vez mais, as dificuldades de assentamento na região de Friburgo foram grandes, favorecendo a que uma parcela dos novos imigrantes desistisse de colonizar aquela região um tempo depois. Calcula-se que, de início, cerca da metade tenha partido e, posteriormente, muitos outros também se evadiram, indo buscar uma nova sorte em Cantagalo.<sup>62</sup>

Seyferth esclarece ainda que uma parcela dos suíços e alemães de Nova Friburgo retornou à Europa, enquanto outro quantitativo se estabeleceu em Cantagalo, onde obteve êxito como plantador de café.<sup>63</sup>

Apesar do alto número de evadidos, um grupo de imigrantes permaneceu em Nova Friburgo, dando origem a uma comunidade. Em meados do século XIX, esta comunidade já somava o número de 1496 indivíduos, sendo 857 suíços e 639 alemães, incluindo os respectivos descendentes.<sup>64</sup> De acordo o Relatório do Presidente da Província de 1851, “estes colonos são em geral amigos do trabalho, muito moralizados e pacíficos: vivem na melhor harmonia com os nacionaes, sendo mui frequentes os casamentos de Brasileiros com meninas de origem colonial e vice-versa”<sup>65</sup>

<sup>60</sup> Relatório apresentado pelo Presidente da Província Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, op. cit., p. 35.

<sup>61</sup> SEYFERTH, op. cit., p.20.

<sup>62</sup> Relatório apresentado pelo Presidente da Província Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, p. 36.

<sup>63</sup> SEYFERTH, op. cit., p. 19, 20, 21.

<sup>64</sup> Relatório apresentado pelo Presidente da Província Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, op. cit., p. 36.

<sup>65</sup> *ibid.*, p. 37.

Em 1830, ter-se-ia encerrado a primeira fase da colonização alemã no Brasil, visto que a oposição parlamentar aprovou uma lei que impedia gastos com a imigração.<sup>66</sup>

Em março de 1835, acontecimentos de cunho mais abrangente definiram novos rumos para a recém-criada vila em termos políticos e administrativos. Tendo em vista a promulgação do Ato Adicional de 12 de agosto de 1834, a cidade do Rio de Janeiro se tornou município neutro da Corte e capital do País, fazendo-se necessário encontrar uma nova capital para a Província do Rio de Janeiro. Decidiu-se, então, com base na Lei nº 2 de 26 de março de 1835, que a Vila Real da Praia Grande seria a escolhida para assumir tal posto. Antes, todavia, ela precisava ser elevada à condição de cidade. Tal acontecimento se deu dois dias depois com a criação da cidade de Nictheroy pela Lei Provincial nº 6 de 28 de março de 1835.

Em 1845, foi reiniciado o processo de imigração alemã para o Brasil.<sup>67</sup> Para a região onde fica hoje o município de Petrópolis, na Província do Rio de Janeiro, eram esperados 600 imigrantes alemães, porém ali chegaram cerca de 2000. Esta discrepância numérica pode ser explicada em razão do sistema de imigração subsidiada que permitia ao agenciador auferir bons lucros pela entrada de cada imigrante.<sup>68</sup>

Documentos encontrados pela historiadora Thalita de Oliveira Casadei, na Sala Matoso Maia da Biblioteca de Niterói, em 1965, revelam alguns aspectos relevantes da chegada destes alemães que foram desembarcados no porto do Rio de Janeiro e recolhidos à cidade de Niterói nos diversos meses de 1845.<sup>69</sup>

<sup>66</sup> SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. Revista USP, São Paulo, n. 53, março/maio 2002, p. 119.

<sup>67</sup> *ibid.*, p. 119, 120.

<sup>68</sup> SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro. *op cit.*, p 23.

<sup>69</sup> CASADEI, Thalita de Oliveira. A Imperial Cidade de Nictheroy. Niterói: Serviços Gráf. Impar, 1988.

Os imigrantes de 1845, diferentemente daqueles visitados por Ebel, não ficaram aportados na Ponta da Armação. Na realidade, eles foram recolhidos a uma Casa na rua da Glória, atual Fróis da Cruz, que funcionara anteriormente como uma escola de primeiras letras e que, posteriormente, fora organizada especialmente para servir de “hospedagem temporária” a esses estrangeiros <sup>70</sup> até que pudessem seguir viagem rumo ao seu destino: a Colônia da Serra da Estrela. <sup>71</sup>

Outro documento do Arquivo de Niterói, encontrado pela mesma pesquisadora, esclarece as modificações sofridas pelo prédio da escola no sentido de melhor adaptá-lo para receber os imigrantes. Como parte das melhorias, este documento destaca “um grande salão com janelas que olham para o Saco de São Lourenço”, um barracão para os colonos, com uma cozinha, um poço guarnecido de cantaria com sua competente bomba de cobre, além do aumento dos muros e de um portão que fazia frente para a rua do Príncipe, atual rua Barão de Amazonas. <sup>72</sup>

Esta mesma casa na rua da Glória iria, posteriormente, abrigar outros colonos alemães que chegariam alguns anos depois, em 1854. <sup>73</sup>

De acordo com o Relatório do Presidente da Província, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, apresentado à Assembléia em 1846, sobre o grupo de 1845, 10 alemães morreram assim que chegaram à Niterói e tiveram seus caixões confeccionados na própria Casa da rua da Glória, onde foram abrigados. Além destes, outros 13 também vieram a falecer no Porto da Estrela, a caminho da Colônia do mesmo nome. <sup>74</sup>

---

<sup>70</sup> *ibid.*, p. 96. De acordo com Casadei, além da rua da Glória, outras famílias seriam abrigadas no Corpo Policial, ou melhor em seu quartele. *ibid.*, p. 96.

<sup>71</sup> Quanto à Colônia da Serra da Estrela esta ficava no atual município de Petrópolis. *ibid.*

<sup>72</sup> CASADEI, *op cit.*, p. 96.

<sup>73</sup> *ibid.*

<sup>74</sup> *ibid.*

Uma vez aqui instalados, os colonos foram interrogados pelas autoridades locais, em razão das queixas por eles mesmos apresentadas contra a casa Delrue e Companhia de Dunkerke. De acordo com os alemães, a referida casa, ao invés de lhes fornecer o transporte de Ostende para Dunkerke e “dar-lhes gratuitamente os arranjos para viagem”, exigiu “80 francos por cada pessoa e depois de menos, como luvas ou como dinheiro para despesa e arranjos da viagem para comendorias.”<sup>75</sup>

Finalmente, Casadei cita ainda a fala de um dos Burgomestres da colônia de Petrópolis, Maximiano José Gudhus, extensiva aos seus colegas, e dirigida aos Presidente e Vice Presidente da Província do Estado do Rio de Janeiro, no sentido de comentar o tratamento que os imigrantes haviam recebido em Niterói:

(...) pobres e abandonados aportamos ao Brasil sem pátria pois que nossa terra natal nos tinha expelido do seu seio negando-nos os meios de uma medíocre subsistência, pois que nosso governo nos tinha nos obrigado a emigrar: a mais nobre hospitalidade, a mais pura Filantropia nos acolheram generosos nas praias de Niterói.<sup>76</sup>

A fixação dos alemães em Petrópolis passou por uma série de dificuldades, dentre as quais é possível citar a forma de recrutamento dos colonos, as condições adversas de localização dos assentamentos, a situação interétnica, entre outras.<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup> *ibid.*, p. 97.

<sup>76</sup> *ibid.*, p. 97.

<sup>77</sup> SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro. *op cit.*, p 22, 23, 24.

É importante esclarecer, a partir do Relatório do Presidente da Província de 1851, que, a par de todas as vicissitudes, formou-se também em Petrópolis uma colônia. Esta comunidade, em meados do século, já contava com 2565 colonos teuto-brasileiros, em que estavam incluídos 381 nascidos no Brasil. Com relação à religião destes imigrantes, 1280 eram católicos, enquanto 985 eram protestantes. Acrescente-se ainda que, no ano de 1850, funcionavam escolas coloniais mantidas pelo governo, sendo duas católicas e duas protestantes, nas quais tinham assento 367 alunos filhos dos imigrantes alemães.<sup>78</sup>

Com base nas informações acima, poder-se-ia dizer, como primeira conclusão, que durante a primeira metade do século XIX, Niterói funcionou apenas como local de passagem para grupos de imigrantes alemães direcionados às colônias de Nova Friburgo e Petrópolis. Todavia, vale a pena considerar que, se alguns suíços com “conhecimentos fabris” saídos de Nova Friburgo procuraram Niterói em busca de ocupação, é possível que alguns alemães também para cá tenham se direcionado, no decorrer das primeiras décadas do século XIX. Na falta de dados esclarecedores sobre esta questão, limitamo-nos a afirmar que os anglo-saxões provavelmente chegaram a Niterói na segunda metade do século XIX.

---

<sup>78</sup> Relatório apresentado pelo Presidente da Província Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, op. cit., p. 32.

### **1.3. Niterói como opção residencial para os imigrantes: 2ª metade do século XIX**

Gilberto Freyre, em seu livro sobre os ingleses no Brasil, realizou um estudo que pode ser considerado ao mesmo tempo histórico e antropológico. Com base nesta reconhecida obra, oferece algumas explicações sobre os hábitos culturais destes estrangeiros que ajudam a esclarecer a escolha dos britânicos por Niterói, na segunda metade do século XIX. De acordo com este Autor, “sob a influência dos hábitos britânicos de conforto e de higiene doméstica” e de um sentido ecológico que relacionava o bem viver à proximidade da natureza, os ingleses chegados ao Rio de Janeiro no século XIX foram “descobridores dos melhores e mais saudáveis recantos de residência.”<sup>79</sup>

Ainda que os grandes burgueses brasileiros já cultivassem o hábito de comemorar suas festividades em chácaras nos arredores da cidade, seriam os britânicos os primeiros a buscar esses arrabaldes para fixar suas residências. Ao invés de preferir morar na cidade, em sobrados ligados uns aos outros sem árvores e sem janelas de vidro, esses imigrantes optaram por viver no Rio de Janeiro, como em outros locais do Brasil, em residências isoladas no alto dos morros, à beira-mar, ou próximas aos rios, rodeados por paisagens muitas vezes exuberantes.<sup>80</sup>

(...) A concentração de famílias de alta renda nos subúrbios do Rio de Janeiro se formou principalmente na direção de São Cristóvão, ao longo de Mata-Cavalos e Mata-Porcos, onde moravam especialmente ingleses e portugueses ligados ao paço; na praia da Glória até Botafogo, local onde os ingleses também mantinham suas residências; e na Tijuca, ocupada, sobretudo, pelos franceses.<sup>81</sup>

<sup>79</sup> FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. op.cit., p. 136.

<sup>80</sup> *ibid.*

<sup>81</sup> OLIVEIRA, Carolina Bartolotti. *Op. cit.*, p. 3. De acordo com Oliveira, com o crescimento da Capital do Império e o desenvolvimento de meios de transportes, os britânicos se fizeram acompanhar nesta sua preferência pelas famílias brasileiras pertencentes à elite.

Em se tratando da capital do Império, de acordo com João Wehrs, os alemães, da mesma forma que os britânicos, também demonstraram forte inclinação pelos bairros rodeados por ricas paisagens naturais. Tal hábito, todavia, nem sempre trouxe consequências felizes para esses imigrantes. Isto porque as grandes epidemias de febre amarela, que viriam a ocorrer na cidade do Rio, principalmente nos períodos de dezembro a abril, escolheriam suas vítimas quase sempre entre os estrangeiros, chegando a fazer um grande número de vítimas entre os alemães: <sup>82</sup>

“ Era natural que fossem mais atingidos os moradores em casas situadas entre grande grupos de árvores, onde o mosquito encontravam ambiente propício à proliferação, após às chuvas (...). Os focos principais situavam-se nos bairros com vegetação abundante, como Santa Teresa, Tijuca, Fábrica, Cosme Velho, Botafogo, Jardim Botânico, Lagoa e nas abas dos morros de Copacabana, preferidos pelos estrangeiros.” <sup>83</sup>

O Rio de Janeiro, na condição de Corte e de Distrito Federal, recebeu milhares de imigrantes no final do Império e início da República. O imenso contingente de estrangeiros, somado ao grande número de ex-escravos, buscava por oportunidades de trabalho que ali se apresentavam. O crescimento rápido da população, concentrada principalmente no centro da cidade, gerou inúmeros problemas sociais, aumento do custo de vida e crise habitacional, além de novos ciclos epidêmicos. <sup>84</sup>

---

<sup>82</sup>WEHRS, C. Carlos J. O Rio Antigo – Pitoresco & Musical: Memórias e Diário. Op. cit., p. 80, 81.

<sup>83</sup>Ibid.

<sup>84</sup>CARVALHO, Lia de Aquino. “Habitações Populares” e ROCHA, Oswaldo Porto “A Eradasdemolições”.[HTTP://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/biblioteca\\_carioca\\_pdf/era\\_demolições\\_hab\\_po\\_p.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/biblioteca_carioca_pdf/era_demolições_hab_po_p.pdf). Acessado em julho de 2012.

Do lado oposto da baía, a capital da Província foi igualmente atingida por epidemias ao longo do século XIX. Todavia, estas ocorrências se davam em proporção bem menor do que na cidade do Rio de Janeiro. Contando ainda com uma população reduzida e possuindo extensos espaços a serem povoados, Niterói poderia ser considerado como um local mais arejado para se viver. A seu favor tinha ainda um custo de vida mais acessível e a aquisição de um transporte a vapor que fazia a ligação entre a capital da Província e a Corte de forma rápida e segura.

Nas primeiras décadas do século XIX, o movimento através da baía de Guanabara ainda era feito por faluas, barças e saveiros, sem qualquer segurança para os passageiros. Em consequência disto, a comunicação e o transporte de um lado a outro da baía requeriam inovações. Quando os imigrantes britânicos e alemães começaram a se fixar na capital da Província, em meados do século, o transporte que fazia a ligação entre as duas capitais já havia alcançado certo avanço. É interessante observar que as principais companhias envolvidas neste setor atuavam com embarcações de fabricação estrangeira.

Implantado, inicialmente, pela Sociedade Navegação de Nictheroy, em outubro de 1835, o serviço de barcas a vapor começou a funcionar com duas barcas de construção inglesas, que faziam o percurso entre o Rio de Janeiro e Nictheroy de hora em hora. Inclusive, estas barcas já atracavam em São Domingos no ano de 1836. Em 1858, a Companhia de Barcas Ferry, fazendo uso de barcas construídas com material norte-americano, implantou seus serviços, levando poucos anos depois suas concorrentes à falência, em 1865. Com uma proposta mais empreendedora para a época, a Cia Ferry logo construiu pontes flutuantes e muralhas em Niterói e no Rio de Janeiro.<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op. cit., p. 233.

Em 1870, a cidade havia crescido e o fluxo de passageiros aumentara. Tentando aderir ao ramo de transportes marítimos, o teuto-brasileiro Carlos Fleiuss fundou a Companhia Barcas Fluminenses, para realizar o trajeto entre Rio e Niterói. Esta empresa, todavia, não conseguiu competir com a Companhia Ferry e acabou sendo absorvida por ela em 1878.<sup>86</sup>

No campo dos serviços urbanos, há que se considerar, além do transporte marítimo, a existência de outros serviços prestados à população, como o transporte terrestre, os serviços educacionais, a iluminação pública e o abastecimento de água.

Em 1864, a empresa Villa Real & Cia introduziu um serviço de diligências que fazia dois trajetos: Praia Grande-Icaraí e Praia Grande-Barreto. Poucos anos depois, em 1871, foram implantadas as primeiras linhas de carris, pela Companhia de Ferro Carril Nictheroiense. Destas linhas, duas ligavam São Domingos ao Morro do Cavalão e ao centro de Niterói, enquanto uma terceira ia do Centro ao Barreto.<sup>87</sup> Na década de 1880, o transporte de pessoas era realizado ainda por animais de montaria ou por veículos de tração animal, fossem particulares ou públicos. Os públicos eram da empresa denominada Trilhos Urbanos de Nictheroy, pertencentes ao Comendador Domingos Moitinho.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op. cit., p. 187, 188.

<sup>87</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit, p. 242, 243.

<sup>88</sup> *ibid.*, p. 242, 243.

De acordo com o memorialista Vivaldo Coaracy, estes veículos nada mais eram que carrinhos minúsculos, puxados por uma parilha de burros. Algumas linhas estabeleciam ligação com a zona sul, percorrendo os bairros de Icaraí e Santa Rosa em um trajeto circular. Outras faziam a comunicação entre zona sul e zona norte, conectando o centro da cidade com os bairros de Fonseca, Barreto, Sant'Ana, Ponta da Areia, etc.<sup>89</sup> Estas três últimas localidades, em processo de crescimento econômico, a partir da década de 1880, viriam a requerer uma atenção cada vez maior do empresariado da época.

No início da década de 80, Niterói abrigava uma população livre de cerca de 40.000 pessoas e uma população escrava de 8000 a 9000 pessoas. Para atender a instrução primária da população não escrava, havia 65 escolas, além de colégios particulares, uma Escola Normal, uma aula pública de Inglês, uma escola noturna para adultos e um Liceu. Além disso, existia uma sociedade literária, o Congresso Guaray e quatro bibliotecas, pertencentes à Câmara Municipal, à Assembléia Provincial, à Escola Normal e ao Congresso Guarany.<sup>90</sup>

Enquanto várias cidades do mundo já possuíam iluminação a gás, as Capitais do Império e da Província do Rio de Janeiro ainda permaneciam com a iluminação a óleo de baleia.<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> COARACY, Vivaldo. Todos contam sua vida: memórias de infância e adolescência. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959, p 40, 41.

<sup>90</sup> Anais da Biblioteca Nacional: 1876 a 2009 / Edição 00110, 30/05/1881, p. 110-113. Relatório da Província do Rio de Janeiro, Comarca de Nictheroy. Descrição do Município de Nictheroy, Dados fornecidos pelo "Engenheiro da Câmara, Dyonyzio da Costa e Silva", (Paço da Câmara Municipal da Imperial Cidade de Nictheroy).

<sup>91</sup> Apenas em 1854, o Rio de Janeiro foi beneficiado com gás público, por iniciativa de Irineu Evangelista Sousa, que levou a iluminação a áreas como o centro do Rio e a chamada zona sul da época, utilizando-se de tecnologia inglesa. A esse respeito ver WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit., p. 147.

Em Niterói, esta iluminação teve início em 1837 e contemplou apenas a Praia Grande. Dois anos mais tarde, foi estendida igualmente a algumas ruas de São Domingos: à rua Nova e a rua Fresca. A Ponta D'Areia, região norte da cidade, só receberia os primeiros postes em 1858. Todavia, este tipo de iluminação além de produzir mau cheiro, também gerava uma luminosidade insignificante, quanto mais que os postes eram fixados a uma grande distância uns dos outros, produzindo um efeito final pouco eficiente.<sup>92</sup>

A capital da Província demorou ainda alguns anos para entrar na modernidade. Apenas em 1867 foi celebrado o primeiro contrato de 20 anos com o capitão Engenheiro Sebastião Braga, que requisitou os serviços da firma inglesa The Nitheroy (Brazil) Gas company Limited, com escritório central em Londres, sendo representado no Rio por John Moore & Cia, com sede na Rua da Candelária, nº 8. Em Niterói, esta firma se localizou no nº 1 da rua São Lourenço, tendo como gerente George Martin e como engenheiro Arthur Evans Trewby.<sup>93</sup> O combustível fornecido por essa empresa era o “gás de cozinha” produzido a partir da destilação de carvão de pedra.<sup>94</sup>

A questão do abastecimento de água, por sua vez, foi um dos principais problemas da Capital da Província. Tentando amenizar esta situação, várias medidas foram tomadas pelos governos provinciais, ao longo do século XIX, sem, todavia, alcançar um resultado eficaz. “No início da década de 1880 (...) o abastecimento doméstico ainda era feito de forma precária utilizando-se as bicas e chafarizes mais próximos das residências.”<sup>95</sup>

<sup>92</sup> *ibid.*, p. 147.

<sup>93</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. *Op cit.*, p. 146, 148.

<sup>94</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 171 (447): 169-227, abr./jun; 2010, p. 187.

<sup>95</sup> CAMPOS, *op cit.*, p. 149, 150.

Em 1889, ano da Proclamação da República, foram fundidas a Companhia de Barcas Ferry e a Empresa de Obras Públicas do Brazil, responsável pelo abastecimento de água e pelos serviços de carris em Niterói. Desta junção, surgiu a Companhia Cantareira e Viação Fluminense.<sup>96</sup> A Cia Cantareira, por sua vez, solucionou com certo sucesso o problema de abastecimento na cidade, utilizando-se do recurso da “canalização de água da serra de Nova Friburgo”<sup>97</sup>

Um trecho do artigo publicado pelo jornal “The Rio News”, em 19 de julho de 1892, dá uma idéia sobre as perspectivas que Niterói oferecia aos estrangeiros como opção de moradia, na primeira década da República, especialmente após haver solucionado a questão do abastecimento de água nesta capital:

A recente aquisição de um bom fornecimento de água deixou Niterói em uma desejável posição como local de residência, já que possui inúmeros lugares de praias ao longo da baía que são imbatíveis em termos de oferecer boas condições de saúde e belas paisagens. É do interesse da municipalidade e dos proprietários da cidade atrair o máximo possível de pessoas do Rio pertencentes ao ramo de negócios.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit, p. 235.

<sup>97</sup> CAMPOS, op. cit., p. 150.

<sup>98</sup>The Rio News – 1879 a 1901 - Edição 00029, 19 de julho de 1892, página 3. (Site: [memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx](http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx)) O texto no original é: “The recent acquisition of a good water supply has rendered Nictheroy a desirable place of residence, for there are innumerable places along or near the shore of the bay which are unsurpassed for healthfulness and picturesqueness. It is for the interests of the municipality and property-owners of that city to attract as many of the business people of Rio as possible.”

## 1.4. Os pioneiros de que se tem notícia

Não foi possível estabelecer ao certo quais foram os primeiros britânicos e alemães que chegaram a Niterói. A informação mais remota sobre a presença de britânicos nesta região está relacionada a um anúncio do Laemmert, datado de 1850, que trata de um Colégio de instrução elementar regido por uma família britânica. Quanto aos alemães, o registro mais antigo foi feito por Oscar Canstatt, alemão natural da Baviera, que, durante sua estada na Cidade do Rio de Janeiro, em 1868, aproveitou para visitar alguns de seus compatriotas residentes em São Domingos.

### 1.4.1. Um pequeno colégio britânico na Praia Grande (1850)

Segundo Gilberto Freyre, durante o período colonial perdurou uma visão, talvez influenciada pela pedagogia dos jesuítas, que restringia o ensino brasileiro de línguas ao Latim e ao Português. Com a vinda da família real para o Brasil e a consequente abertura dos portos, que atraiu muitos estrangeiros para o País, os jornais da época logo se encheram de anúncios de professores de inglês e francês exibindo seus serviços. Em 08 de fevereiro de 1809, a Gazeta do Rio de Janeiro já colocava um anúncio de “Professora inglesa” oferecendo seus préstimos como educadora: *“Na Rua dos Ourives nº 27 mora huma Ingleza com casa de educação para meninas que queirão aprender a ler, escrever, contar e falar Inglez e Portuguez, cozer e bordar, etc.”*<sup>99</sup> Também em 1813, D. Catarina Jacob anunciava ao público a oferta de um Colégio Inglês em detalhada matéria. De acordo com Freyre, “era a disciplina inglesa a penetrar nas casas da burguesia ou da aristocracia brasileira para dar um feitiço novo à educação das meninas.”<sup>100</sup>

<sup>99</sup> FREYRE, Gilberto. *Inglezes no Brasil*, Op cit, p. 201.

<sup>100</sup> *ibid.*, p. 202.

Na Capital da Província, no século XIX, a educação elementar encontrava-se dividida nas modalidades de ensino público e ensino privado. A oferta da primeira modalidade se fazia através de Professora Pública de Instrução Elementar, D. Rosa Senhorinha de Souza Leitão, que ministrava aulas na rua d' El-Rei, nº 47. Além disso, havia um Collegio Publico dirigido por D. Maria Escolastica Pimentel do Couto situado na rua de Cima, nº 2, em São Domingos.<sup>101</sup>

Ao lado das duas precursoras da instrução pública, havia alguns representantes da esfera privada. No ano de 1850, o Almanak anunciava sete “Collegios Particulares”, dos quais seis funcionavam na Praia Grande e um em São Domingos. Dentre aqueles localizados na Praia Grande, um pertencia ao Padre Francisco Manoel de Almeida Guimarães, outro a um francês (ou descendente) de nome Luiz Raoux e, finalmente, um terceiro a uma família de origem britânica.<sup>102</sup>

*Collegios Particulares*

*“D. Elizabeth C. Payler & Irmãs, R. da Rainha, 2”*

*“D. Margarida C. Payler e suas filhas, R. da Rainha, 2”*

O anúncio do colégio pertencente à família britânica, com endereço na Rua da Rainha, nº 2, na Praia Grande, aparecia curiosamente duplicado: na linha de cima havia a menção às irmãs Payler e na de baixo uma nova referência à mesma família, composta da senhora Margarida C. Payler e suas filhas.<sup>103</sup>

---

<sup>101</sup> Almanak Administrativo, mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1844 a 1889 – Edição 00007, Ano 1850, página 597.

<sup>102</sup> Ibidem, p. 597.

<sup>103</sup> Ibidem, 597.

#### 1.4.2. Oscar Canstatt visita seus compatriotas alemães em São Domingos (1868)

Oscar Canstatt, natural de Ansbach na Baviera (Alemanha), chegou ao Brasil, em 1868, como técnico no campo da agronomia, servindo na Comissão Imperial de Agrimensura. Uma vez instalado na capital do Império, visitou a localidade de “São Domingos, esse eldorado situado do outro lado da baía, defronte do Rio, (que) está coberto de alegres vilas, sem por isso perder o caráter campestre.”<sup>104</sup> Durante sua estada no lugar, este viajante fez algumas observações preciosas sobre o dia a dia de seus conterrâneos naquela região. Em seu breve registro, conta que “o melhor ponto, no vale, é a Praia Fresca, que os nossos compatriotas escolheram (para morar) fiéis ao seu gosto por paisagens encantadoras.”<sup>105</sup>

O livro dos pastores Kidder e Fletcher fez referência às lindas “vilas” suburbanas, existentes naquele período, descrevendo-as da seguinte forma:

(são) cercadas por jardins, cobertos de folhagens, muitas flores e frutos pendentes. Alguns trechos de Santa Tereza, Laranjeiras, Botafogo, Catumbi, Engenho Velho, **Praia Grande e São Domingos**, não podem ser ultrapassados na beleza e pitoresco de suas casas.<sup>106</sup> (O grifo é nosso)

Nestas habitações elegantes, uma das famílias, a quem Canstatt procurou, mantinha vários quartos de hóspedes preparados para receber os que chegavam, visto que segundo este visitante, “nenhum povo aprecia mais que o alemão a conversa entre amigos”.<sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> CANSTATT, Oscar. Brasil: Terra e Gente, In Coleção o Brasil visto por estrangeiros – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002, p. 310.

<sup>105</sup> *ibid.*

<sup>106</sup> FLETCHER, James Cooley e KIDDER, Daniel Parish. O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo. V. 1, São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1941, (2 vol.) (Serie 5ª, Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 205- A).

<sup>107</sup> CANSTATT, op. cit., p. 310, 311.

Canstatt deve ter estado em São Domingos durante o verão, já que presenciou a dificuldade com que os germânicos lidavam com o calor característico das regiões tropicais. Durante sua permanência, pode observar que, nos meses dessa estação, por volta das cinco horas da manhã, “toda a família, pequenos e grandes, (corriam) para o mar, para pelo menos se desferrar um pouco, com um banho, do calor depauperante da estação quente do ano.” E completa a observação sobre esse momento de lazer, aos seus olhos, inusitado e pitoresco, informando que “aos que habitam longe do mar, principalmente, parece muito original ver toda a família numa fila (...), com o pai no meio, se aprestar para a luta com as ondas, na praia.” Este visitante alemão também forneceu pista sobre o fato de seus compatriotas manterem escravos em suas residências. A esse respeito, deixou registrado que, durante o horário do banho de mar, “um negro ou uma negra leva para a praia uma tenda de lona, dentro da qual as damas se despem e de onde saem com seus pitorescos trajés de banho.”<sup>108</sup>

Em seus escritos, os pastores Kidder e Fletcher confirmaram a prática da escravidão por parte de estrangeiros durante o Império. Sobre essa questão, eles informaram que tanto os alemães como os franceses compravam escravos e, ainda, que “há muitos ingleses que possuem escravos cativos há muito tempo.” No caso dos ingleses, em 1865 seu governo colocou fim a essa situação. Já os franceses e alemães, mesmo sem a permissão de seus governantes, deram continuidade a essa prática por um período mais prolongado.<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup>CANSTATT, op. cit., p. 311.

<sup>109</sup>FLETCHER, James Cooley e KIDDER, Daniel Parish, op cit., p. 152.

Não se sabe ao certo quantas famílias Canstatt visitou e tampouco quais eram seus dados básicos de identidade. Dentre os moradores visitados em São Domingos, um único foi identificado parcialmente por Canstatt. Trata-se de certo Oficial Herr, antigo conhecido de Dresden, que ainda na Alemanha fora “oficial a serviço de Saxe” e que se casara com a filha de um brasileiro que vivera por um tempo na Alemanha. Após a morte do pai, a esposa pediu ao Oficial que deixasse o serviço militar a fim de se mudarem para o Brasil. O rapaz aquiesceu, visto que escutara da família da esposa que no Brasil era fácil fazer fortuna. Quando Canstatt visitou esta família, ela vivia como as demais em São Domingos. A seguir, o visitante faz alguns esclarecimentos sobre o referido oficial e sua adaptação ao Brasil: <sup>110</sup>

[...] como não tivesse fortuna, procurou ganhar a vida lecionando. Seu lar estava organizado mais a modo brasileiro do que alemão, e consumia por isso grandes somas. Seu maior desejo, ganhar bastante dinheiro para voltar para a Europa, não se tinha realizado até então, e o homem, antes tão alegre, encarava desanimado o futuro. As brilhantes descrições, que Herr X ouvira em outros tempos dos parentes da mulher, em particular sobre a facilidade de se fazer fortuna no Brasil, tinham-se revelado, quando não mentirosas, pelo menos muito exageradas. É verdade que as lições de música e de língua eram bem pagas, mas em relação às despesas a renda assim obtida era insignificante [...]” <sup>111</sup>

Por fim, Canstatt esclareceu que “a família a que fiz minha primeira visita morava, como tantas outras, na encantadora ilha de São Domingos, e o dono da casa só vinha à cidade por algumas horas diariamente, para despachar seus negócios.”<sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> CANSTATT, op. cit., p. 311.

<sup>111</sup> *ibid.*

<sup>112</sup> CANSTATT, op. cit., p. 310.

A ligação do Rio com São Domingos era feita por meio de vaporzinhos que realizavam o percurso entre as duas cidades de meia em meia hora.<sup>113</sup>

Segundo depoimento deixado por Kidder e Fletcher, essas “barcas-férreas, semelhantes às dos Estados Unidos, atravessam de meia em meia hora, a baía, entre a Corte e a Praia Grande, tocando na pequena povoação de São Domingos.”<sup>114</sup>

Canstatt não fez maiores esclarecimentos sobre as profissões que seus compatriotas residentes em Niterói desempenhavam. Todavia, deixou-nos uma pista bastante esclarecedora sobre essa questão. Disse ele que os alemães, bem como os ingleses, moradores no Rio de Janeiro, “raramente têm outra profissão que não a de comerciantes.”<sup>115</sup>

“De fato, grande parte dos imigrantes alemães residentes na cidade estava ligada a atividades comerciais – importando objetos manufaturados da Europa e exportando café (principalmente mas não exclusivamente) para países alemães, e para o leste europeu.”<sup>116</sup>

Seyferth relata uma série de exemplos de ricos negociantes alemães fixados na cidade do Rio de Janeiro que mantinham firmas responsáveis pela exportação de café para o exterior, interligando a prática dessa atividade à presença da associação por eles criada: a Gesellschaft Germania.<sup>117</sup>

---

<sup>113</sup> *ibid.*, p. 311.

<sup>114</sup> FLETCHER, James Cooley e KIDDER, Daniel Parish. *op cit.*, p. 210.

<sup>115</sup> CANSTATT, *op. cit.*, p. 313.

<sup>116</sup> SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro. *Op cit.*, p. 14.

<sup>117</sup> *ibid.*, p. 14 e 15.

Sylvia Lenz esclarece que o acesso à Germania se restringia a negociantes ricos e bem sucedidos devido aos altos valores cobrados por esta entidade.<sup>118</sup> Finalmente, Seyferth faz alusão ao local de moradia destes ricos negociantes, sócios da Germania, que se encontravam instalados em vilas ou palacetes de bairros como a Glória, Santa Teresa, São Cristóvão e São Domingos (este último, identificado pela autora como ilha de São Domingos).<sup>119</sup>

---

<sup>118</sup> LENZ, op cit., p. 162, 163.

<sup>119</sup> SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro. Op cit., p. 16.

## 1.5. Ampliando o foco: onde se localizavam as duas comunidades de imigrantes

Ao buscar levantar os dados de moradia dos britânicos e alemães residentes em Niterói, na segunda metade do século XIX, conseguimos levantar, através de uma pesquisa documental, um percentual significativo de endereços e bairros onde se localizavam estes estrangeiros. A seguir, apresentamos estes quadros, discriminando inclusive as fontes utilizadas.

### Alemães (e descendentes) moradores de Niterói

NOME	BAIRRO	ENDEREÇO	FONTES
Roberto Avé-Lallemant	São Domingos	Rua Presidente Domiciano, 1	Wehrs, C. 125 anos, p. 190, 191
Friedrich Rehwoldt	São Domingos	Rua Presidente Domiciano, 11	Wehrs, C. 125 anos, p. 191
Luis Schreiner	São Domingos	Rua Presidente Domiciano, 21	Wehrs, C. 125 anos, p. 194
Karl Schuback	São Domingos	R. Passo da Pátria, 15	Almanak, Ed. A00061, 1900, p. 630.
Oficial Herrn	São Domingos	R. Passo da Pátria (antiga Rua Fresca)	Canstatt, 311
Bernhardt Wiegandt	São Domingos	R. Passo da Pátria, 17	Wehrs, C., Niterói Cidade Sorriso, p. 272
Hermann Eckmann	São Domingos	Rua Andrade Neves, 91	Almanak, Ed. A00054, 1897, p. 1150. Ed. A00055, 1898, p. 1190.
Mme Maria Magdalena Hess	São Domingos	Rua Andrade Neves, 61	O Globo, Ed.00040, 13/09/1874, p. 4 / Wehrs, N. C. S., p. 268.
August Müller	São Domingos	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 185
Karl Ernest Papf (1833 -1910)	São Domingos	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 186
Wilhelm Lübbers	São Domingos	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 185
Ernest Doerzapff	São Domingos	?	The Rio News, May 17 th, 1892, Ed. 00020, P. 5/8.
Johann Georg Grimm (1846-1887)	São Domingos	Rua da Boa Viagem	Parreiras, A. p. 22. / Wehrs, 125 a, p. 185, 186
Thomas Georg Driendl (1849-1916)	São Domingos	Rua da Boa Viagem	Parreiras, A. / Wehrs, 125 anos, p. 186
Antônio Avé-Lallemant	Ingá	Rua Presidente Pedreira, 8	Wehrs, C. 125 anos, p. 190, 191
Paul Faulhaber (Dresden)	Ingá	Rua Presidente Pedreira, 12	Wehrs, 125 anos, p. 187 / N. C. S, p. 275
Arno Gauland	Ingá	Rua Presidente Pedreira, 24	Wehrs, C. 125 anos, p. 190
Johannes Joachim Christian Voight	Ingá	Rua Paulo Alves, 10	Wehrs, C. 125 anos, p. 191
Olympio Giffenig Von Niemeyer	Icaraí	Rua Presidente Backer, 5	Wehrs, C. 125 anos, p. 191/ N. C. S. p. 276)
Hermínia Ihermer	Icaraí	Rua 5 de Julho	Backheuser, Everardo Adolpho, Minha terra..., p. 222-224
Wilhelm Ludwig Precht	Santa Rosa	R. Corrêa, atual João Pessoa, n. 2	Wehrs, C. 125 anos, p. 191
Guilherme Luís Precht	Santa Rosa	Grande propriedade tomando vasto quarteirão entre Geraldo Martins e Paulo César.	Almanak, Ed. A00055, 1898, p. 1183, / BACKHEUSER, p. 218 / Wehrs, N. C. Sorriso, p. 267
Gustav Backheuser	Santa Rosa	Chácara dos Backheuser,	Wehrs, C. 125 anos, p. 189, 190
Jacob Miller (alemão)	Barreto/Maruí	Rua Maruí	Casadei, p. 84
Theodor John	?	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 189
Eugênia Boning	?	?	Backheuser, p. 222 -224
Gustav Helmold	?	?	Casadei, P. 267-270 / Wehrs, 125 anos, p. 186, 187

Friedrich Kunke	?	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 191
L. R. Elbert	?	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 190
João Meyer	?	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 193
Georg Grüner	?	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 189
Otto Emil Müller	?	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 189
Carlos Alberto Graeff	?	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 191
João Filipe Ihmer	?	?	Wehrs, C. 125 anos, p. 189

### Britânicos (e descendentes) moradores de Niterói

NOME	BAIRRO	ENDEREÇO	FONTE
G. W. Dalley	São Domingos	Rua General Andrade Neves	The Rio News, Ed. 00018-00019, 7/05/ 1901
William Ramsdale Bardsley	São Domingos	Rua José Bonifácio	The Rio News, January, 9 th, 1900, p. 7
C. H. Illott	São Domingos	Rua José Bonifácio	O Fluminense, 1/08, 15/08 e 22/08 de 1897
William G. White	São Domingos	Rua Boa Viagem, 37	Almanak, Ed. 00001, 1878, p. 195, / A00056, 1899, p. 1361
William Finnie Kemp	São Domingos	Rua Boa Viagem, Teleph 3	Almanak, C00049, 1892, p. 378, / B00048, 1891, p. 412
Senhora inglesa	São Domingos	Rua Guarany, 15, Praia do Gragoatá	O Fluminense, 05/01/1900
Carlos João Kunhardt	São Domingos	Rua Fresca, 4 (1863) e Rua Presidente Domiciano, 30 (1891)	Almanak, Ed. 00020, 1863, p533 / Ed. C00048, Ano 1891, p. 760
William Grímsditch	São Domingos	Rua General Osório, 2	The Rio News, Ed. 00024, 14/junho, 1898, p. 5, / Almanak, 1899, A00056, 1899, p. 1361
John Knight	São Domingos	Rua José Bonifácio, 27	Almanak, Ed. A00048, 1891, p. 808.
Phoebe Knight	Ingá	Grande Chácara na Rua Tiradentes com Visconde de Morais	E. Backheuser, p. 214
Guilherme Morrissy	Ingá	Rua de São Luiz, 6 (atual Visc. de Morais)	Almanak, Ed. A00055, 1898, P. 1183 / Ed. A00048, 1891, P. 808
Guilherme Nicoll	Ingá	Rua de São Luiz,3, atual Visc. de Morais	Almanak, Ed. A00055, 1898, P. 1183
Elizabeth C. Payler	Praia Grande	Rua da Rainha, 2	Almanak, 00007, 1850, p. 597
Margarida C. Payler	Praia Grande	Rua da Rainha, 2	Almanak, 00007, 1850, p. 597
Jonh Rowlands	Icaraí	Rua Gavião Peixoto, n. 70, Icarahy	The Rio News, Ed. 00052, 28/12/1897, p. 6/10
Alfredo March Ewbank	Icaraí	Rua do Pau Ferro, trecho final da R. Regeneração	E. Backheuser, p. 23
Dr. Guilherme Taylor March	São Lourenço	Rua Sant'Anna, 42	Almanak, Ed. A00057, 1900, p. 1224 / Casadei, p. 82-86
Daniel Causer (Inglês)	Jurujuba	?	Entrevistas com Sheila Causer e Alastair Leslie
William Henry Cunditt	?	?	E. Backheuser, p. 273
John A. Finlay	?	?	The Rio News, 14/junho, 1898, p. 5, Ed. 00024 / Jornal O Fluminense, 1904
A. M. Hadden	?	?	The Rio News, 18/06/1901, p2 (Ed 00025) Lista do Clube Internacional (14/05/1899) (C. Wehrs, N. O. e A, p. 81)
Peter C. Morrissy	?	?	The Rio News, 14/junho, 1898, p. 6, Ed. 00024 / Lista do Clube Internacional (14/05/1899) / (C. Wehrs, N. O. e A, p. 81)
R. Brooking	?	?	The Rio News, 14/junho, 1898, p. 6, Ed. 00024 / Jornal O Fluminense, 1904
H. W. Garner	?	?	The Rio News, 18/06/1901, p2 (Ed 00025) / Jornal O Fluminense, 1904
Alexandre Blake	?	?	The Rio News, 18/06/1901, p2 (Ed 00025) / Clube Internacional, 14/05/1899, C. Wehrs, , p. 81.
E. Roberts	?	?	The Rio News, 14/junho, 1898, p. 6, Ed. 00024 / Lista do Clube Internacional, 14/05/1899, C. Wehrs, N. O. e A, p. 81.
Henry Kingston	?	?	Almanak, A00053, p. 1072, 1896 / Almanak, A00055, p. 1189, 1898 / A00048, p. 258, 1900.

### 1.5.1. A escolha de São Domingos e adjacências como locais de moradia

Após analisar as informações obtidas nos quadros anteriores, concluímos que, a exemplo dos conterrâneos de Canstatt, uma grande maioria dos alemães, bem como dos britânicos, estavam fixados em São Domingos e localidades adjacentes como Ingá e Boa Viagem. Inclusive, de acordo com o Almanak Laemmert, as localidades de Ingá e Boa Viagem apareciam fazendo parte de São Domingos. Em termos estatísticos, a escolha residencial por São Domingos e adjacências perfazia mais de 70 por cento da totalidade destes estrangeiros. Em contrapartida, identificou-se uma pequena minoria dos dois grupos étnicos vivendo em localidades como Santa Rosa, Praia Grande, Icaraí, Jurujuba, Barreto e São Lourenço.

A seguir, procuraremos identificar o que fazia de São Domingos um local tão procurado por estes dois grupos de imigrantes.

No período colonial, São Domingos abrigou um canavial, um engenho e uma capela, que pertenceu a Domingos Araújo e sua esposa D. Violante Soares.<sup>120</sup> A capela de São Domingos de Gusmão teria sido construída em 1652 e se tornou o núcleo original do povoado. Até a primeira década do século XIX, de acordo com Luccock, São Domingos não passava de uma pequenina aldeia. Independente deste fato, em 1816, D. João VI determinou, através de Alvará Régio, que a pequena localidade fosse escolhida para sede da Vila. Todavia, a falta de espaço em seu acanhado Largo propiciou a mudança de planos e a escolha da sede recaiu sobre a Praia Grande. Embora não tenha chegado a receber tal honraria, a povoação de São Domingos permaneceu como um local bastante significativo para a comunidade local, principalmente pelo fato de sua história continuar ligada à passagem da família real pela região.

---

<sup>120</sup> WEHRS, Carlos. *Niterói cidade sorriso*. Op cit, p. 170.

Após o Plano de Edificação da Praia Grande, houve uma preocupação com o embelezamento de São Domingos. O “largo do Palacete”, assim conhecido por abrigar o palacete de D. João, passou por várias modificações. “(De início) era mais estreito, sendo (posteriormente) demolidas as casas mais próximas do lado da capela bem como as que impediam a comunicação do largo com a praia, a qual se fazia por um beco.”<sup>121</sup>

Muito diverso era o aspecto de São Domingos, naquelas primeiras décadas do século XIX, “quando ainda permanecia quase que limitado ao litoral, fechado pelos morros e sem vias fáceis de comunicação com o interior.” Naquela época, as comunicações com o interior de Niterói se faziam através de “picadas pelas quebradas dos morros.”<sup>122</sup>

Pouco a pouco, os caminhos de difícil acesso a outras regiões, inclusive através dos morros, foram sendo abertos,<sup>123</sup> arruados e pavimentados, favorecendo a expansão geográfica de São Domingos em direção ao atual bairro do Ingá. No Almanak Laemmert de 1854, já aparecem várias ruas relacionadas à localidade de São Domingos: Rua de Baixo; Rua da Boa-Viagem; Rua do Cabaceiro; Rua do Caruatá; Rua de Cima; Rua da Praia de São Domingos; Rua Fresca (atual Passo da Pátria); Rua do Ingá (atual José Bonifácio) e Rua Nova de São Domingos (atual Andrade Neves). A Rua dos Banhos (atual Presidente Domiciano), de acordo com o mesmo Almanak, estava por ser aberta.<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup> FORTE, José Mattoso Maia. O Município de Niterói: corografia, história e estatística. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1941. p. 98.

<sup>122</sup> *ibid.*, p. 97.

<sup>123</sup> *ibid.*

<sup>124</sup> Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940 – Edição 0001, Ano: 1854, p. 995 a 999.

No que diz respeito ao litoral, inicialmente São Domingos não tinha comunicação com a rua da Praia, atual Rua Visconde do Rio Branco, que findava no Morro do Brum. Posteriormente, esta rua passaria por modificações e, após o alargamento do caminho que contornava o referido morro, viria a se comunicar com São Domingos.<sup>125</sup>

Orientando-se pelo litoral, em sentido oposto à Praia Grande, é possível ver, de acordo com a “Planta Topográfica da Província do Rio de Janeiro, realizada por uma comissão de oficiais engenheiros, datada de 1833”, que a urbanização que se processava em São Domingos iria se expandir em direção às “antigas ocupações de ruas e caminhos que levavam ao desbravamento das Praias Vermelha, da Boa Viagem e Flexas, dentre outras.”<sup>126</sup>

Desde o início do século XIX, a localização privilegiada de São Domingos, de frente para o Rio de Janeiro, somada às suas belezas naturais, incluindo uma mistura de praia e montanhas, atraíram moradores para o lugar. O próprio Canstatt que visitou esta localidade em 1868 ficou visivelmente impressionado com as belezas naturais do lugar e definiu São Domingos como sendo um “eldorado situado do outro lado da baía (...).”<sup>127</sup>

---

<sup>125</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit., p. 261.

Vale a pena considerar que no passado, os limites entre São Domingos e Praia Grande parecem ter sido imprecisos. No Alvará de criação da Vila, por exemplo, aparecia em seu termo inicial, a expressão “o sítio e Povoação de São Domingos da Praia Grande”. *ibid.*, p. 57. Além disso, documentos antigos chamavam de Enseada de São Domingos, Praia Grande de São Domingos ou simplesmente Enseada de Domingos Araújo à atual Rua Visconde do Rio Branco, antiga Rua da Praia. A esse respeito ver FAC fatos e notícias, Ano II – N<sup>o</sup> 20, Niterói – RJ. Agosto de 1986, p. 1.

<sup>126</sup> AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de. Niterói urbano: a construção do espaço da cidade. In: MARTINS, Ismênia de Lima e KNAUSS, Paulo (Org.) Cidade Múltipla: temas da cidade de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 1997. p. 33, 34.

<sup>127</sup> CANSTATT, op. cit., p. 310.

Já na época de D. João VI, na área “fronteira ao litoral e limitada pelos morros”, havia “algumas boas casas residenciais e chácaras de propriedade de pessoas abastadas da Praia Grande e do Rio de Janeiro (...)”.<sup>128</sup> Nas décadas posteriores, muitos outros moradores, incluindo alguns ilustres, como José Bonifácio, ali viriam a se instalar.<sup>129</sup> Na segunda metade do século XIX, dentre as várias opções existentes, São Domingos certamente era a mais procurada como moradia pelos representantes da elite local.

São Domingos foi povoado inicialmente por brasileiros. Todavia, no decorrer da segunda metade do século XIX esta região também abrigou uma pequena população de estrangeiros, dentre os quais os britânicos e alemães.

Possuindo em sua maior parte uma população bem dotada economicamente, esta localidade foi capaz de chamar para si estabelecimentos comerciais <sup>130</sup>, principalmente na rua Nova e no Largo de São Domingos, que passaram a suprir as necessidades fundamentais de sua clientela, sem abandonar sua característica estritamente residencial.

Com o tempo, os moradores puderam usufruir de bens e serviços mais diversificados, dentre os quais vários armazéns de secos e molhados, padarias, confeitarias, açougue, tabacaria, barbearia, lojas de calçados, botequim com jogo de bilhar, oficina de marceneiro e carpinteiro a vapor, além de um estabelecimento mais eclético que oferecia aos moradores: fazendas, miudezas de armarinho, ferragens e tintas e, finalmente, louças e vidros.<sup>131</sup>

---

<sup>128</sup> FORTE, op cit., p. 97, 98.

<sup>129</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit., p. 263.

<sup>130</sup> *ibid.*, p. 267, 268, 277.

<sup>131</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit, p. 267, 268, 277.

No ramo da saúde, São Domingos possuía a Casa de Saúde de São Sebastião, próxima à estação das barcas, desde 1859.<sup>132</sup> Além disso, abrigava profissionais da área da saúde, alguns inclusive de origem alemã, como um médico, um dentista e uma parteira, como veremos a seguir. Na área educacional, possuía estabelecimentos educacionais, um dos quais, dirigido por um britânico, morador da região.

Complementando esse quadro, havia ainda os moradores estrangeiros que davam um toque artístico-cultural à região, em especial os alemães, na figura de seus pintores, músicos e fotógrafos. Além de atuarem em espaços compatíveis com a sua arte e/ou ofício, em alguns casos ainda ministravam aulas particulares de música, canto, piano, harmônio, entre outros, para a população local.

De igual modo, a campanha abolicionista desenvolvida em Niterói se fez presente em São Domingos, através de um de seus expoentes maiores de nome João Fernandes Clapp. João Clapp, além de morador de São Domingos, foi fundador de uma escola situada na rua Guarani, 11, neste mesmo bairro. Esta escola, inaugurada em 1888, fazia parte dos trabalhos conduzidos pelo Clube dos Libertos (março de 1881), sob o lema “Liberdade e Instrução”, cuja finalidade era “libertar o maior número possível de escravos”. Dentre os matriculados constavam 30 escravos e 63 pessoas livres.<sup>133</sup>

---

<sup>132</sup> *ibid.*, p. 220.

<sup>133</sup> CASADEI, Thalita de Oliveira. *A Imperial Cidade de Nictheroy*, Op cit, p. 227-231.

Outro morador importante de Niterói, igualmente ligado à campanha abolicionista na capital do Império, foi o norte-americano A. J. Lamoureux, o qual morava com a família na Rua Passo da Pátria, em São Domingos.<sup>134</sup> Nascido em 1850 em Michigan, nos Estados Unidos, e chegado ao Rio de Janeiro em 1877, veio a tornar-se, a partir de 1882, o único proprietário e editor do jornal *The Rio News*, que circulava na capital do Império desde 1874.<sup>135</sup>

Sua oposição à escravidão foi assumida com todas as letras a partir de 1879, e, daí em diante, o periódico publicou regularmente, ou comentou nos editoriais, fatos relativos aos debates parlamentares sobre escravidão, imigração e sobre o andamento do movimento abolicionista. Usualmente reproduzia e examinava notícias extraídas de outros jornais sobre sevícias brutais praticadas contra escravos e reações de escravos à violência – revoltas localizadas, ou assassinatos de senhores e de feitores.<sup>136</sup>

No Brasil, “os seus leitores eram majoritariamente britânicos”<sup>137</sup> e, em virtude disso, o jornal veiculava notícias relacionadas à colônia inglesa do Rio de Janeiro e de Niterói, incluindo as de cunho social, como, por exemplo, os eventos e as partidas ocorridas no Rio Cricket and Athletic Association, clube britânico fundado, em 1897, em Icaraí. Dentre as várias matérias sobre o Rio Cricket and Athletic Association, vale a pena mencionar uma intitulada “The opening of the New Cricket grounds” que tratava da inauguração do referido clube “in the presence of a thoroughly representative and typical Anglo-Saxon gathering”.<sup>138</sup>

---

<sup>134</sup> *The Rio News*, Edição 00018-00019, May 7<sup>th</sup>, 1901, p. 5.

<sup>135</sup> ROCHA, Antonio Penalves. *The Rio News de A. J. Lamoureux: um jornal abolicionista carioca de um norte-americano*. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 141-159, dez. 2007., p. 144.

<sup>136</sup> *ibid.*, p. 145. Ainda de acordo com este autor, este periódico demonstrou envolvimento com as questões nacionais brasileiras, destacando a questão da abolição, com “posições marcadamente consistentes”. Por ser escrito em inglês, também serviu de ponte de ligação entre abolicionistas brasileiros, como Joaquim Nabuco, e a mais conhecida sociedade antiescravista da segunda metade do século XIX, a British and Foreign Anti-Slavery Society. Inclusive, esta sociedade usou o *The Rio News* como fonte de informações constantes sobre o curso da abolição brasileira. p. 144.

<sup>137</sup> *ibid.*, p. 145.

<sup>138</sup> *The Rio News*, Edição 00024, June 14<sup>th</sup>, 1898, p. 5

Além de se dirigir aos anglo-saxões que aqui residiam, o periódico se destinava principalmente à orientação de negociantes estrangeiros no Brasil e na região platina. Esse caráter mercantil do periódico era admitido literalmente pelo editor, que o retratava como ‘um jornal comercial, cujos interesses são idênticos aos da classe que representamos’.<sup>139</sup>

A vida associativa floresceu em São Domingos, ao longo do século XIX, com a abertura de alguns clubes e sociedades de cunho recreativo, musical e esportivo, como os citados a seguir: o clube Caverna da Pampulha, a Sociedade Musical Aurora de São Domingos, o Clube Cassino de São Domingos e, em 1863, a Sociedade Musical Recreio de São Domingos (depois transformada no Recreio São Domingos Clube). Em 1895, foi fundado, no bairro, o Grupo de Regatas Gragoatá e logo depois o Audax Clube.<sup>140</sup>

Em 6 de fevereiro de 1900, um artigo do Jornal O Fluminense noticiava um grande baile o qual fora realizado no clube Internacional. De acordo com a matéria, “esta novel e florescente associação” proporcionou aos seus associados um divertimento ainda pouco introduzido nos nossos hábitos: “o smoking concert”.<sup>141</sup> Informava, ainda, que às 21 horas os salões brilhantemente iluminados estavam repletos de sócios, os quais haviam entoado, em coro, os hinos do Brasil e da Inglaterra. Uma pequena nota emitida, em 1904, esclarecia que o clube internacional ficava situado em São Domingos.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> ROCHA, op cit., p. 145. Enquanto jornal comercial, “listava a chegada e partida de navios estrangeiros, fretes e carregamentos, preços e cotações oficiais, reproduzia os registros diários da Associação Comercial sobre café e fornecia outras “informações necessárias para a correta avaliação do comércio brasileiro.” ibid., p. 144 e 145.

<sup>140</sup> SÃO DOMINGOS. FAC: fundação atividades culturais de Niterói, fatos & notícias, ano II – n. 20, Niterói, RJ. Agosto 1986, p. 2, 3.

<sup>141</sup> Jornal O Fluminense, 6/02/1900.

<sup>142</sup> Jornal O Fluminense, 3/01/1904.

O Clube Internacional fundado em 14 de maio de 1899, ainda no século XIX, no ano de 1903 passou a ter como sede as instalações do rico palacete dos Bartholdy, à rua Presidente Domiciano em São Domingos.<sup>143</sup> Este palacete foi construído em 1872 por Bento Joaquim Alves Pereira, um rico comerciante português. Em 1892, a propriedade foi vendida ao diplomata dinamarquês Georg Christian Bartholdy.<sup>144</sup> Nos vastos salões do palacete, preservado e tombado até os dias atuais com o nome de Solar dos Jambeiros, reunia-se uma sociedade bem posicionada economicamente, a qual podia ser definida como multiétnica. Dentre os sócios e diretores desta associação, encontravam-se vários integrantes das comunidades britânica e alemã.<sup>145</sup>

---

<sup>143</sup> WEHRS, Carlos. Niterói, ontem e anteontem, Edição Ampliada, Rio de Janeiro, 2012, P. 80-85.

<sup>144</sup> *ibid.*

<sup>145</sup> *ibid.*

## 1.6. As profissões dos britânicos e alemães

Ao falar da presença inglesa no Brasil, Freyre enumera uma gama de atividades profissionais desempenhadas por representantes, alguns ilustres, outros desconhecidos, do Império Britânico em nosso País.<sup>146</sup> Em meio a um universo diversificado, o Autor assinala múltiplas atuações, inclusive as dos comerciantes, engenheiros, técnicos, aventureiros, missionários, médicos, tradutores, cônsules, artistas de teatro, mágicos, leiloeiros, mecânicos, dentistas, marinheiros, gerentes de bancos, de empresas de gás e de açúcar, superintendentes de companhias de telégrafo e de estradas de ferro, maquinistas, foguistas, professores, industriais e operários.<sup>147</sup>

Este mesmo autor, em um estudo posterior sobre os alemães no Brasil, também assinala a atuação dos germânicos em terras brasileiras, os quais se destacaram em vários setores de atividades, incluindo o comercial, industrial, bancário, transporte marítimo, técnico, operário, artístico, literário, cultural, científico, religioso, educativo.<sup>148</sup> Ressalta, ainda, entre esses imigrantes, a atuação dos músicos, artistas, compositores, filósofos ("Escola de Recife"), artesãos, artífices, retratistas, fotógrafos, médicos, colonos, agricultores, lavradores, carvoeiros, eruditos, entre outros.<sup>149</sup>

No que se refere particularmente a Niterói, embora não tenhamos tido acesso a todos os britânicos e alemães que aqui residiram, encontramos, todavia, um leque bastante representativo do universo profissional destes estrangeiros no que diz respeito ao século XIX.

---

<sup>146</sup> FREYRE, Gilberto. *Inglêses no Brasil*. Op. cit., passim.

<sup>147</sup> *ibid.*

<sup>148</sup> FREYRE, Gilberto. *Nós e a Europa Germânica: Em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX*. Op. cit. passim.

<sup>149</sup> *ibid.*

A seguir, apresentamos dois quadros demonstrativos das atividades desempenhadas por britânicos e alemães em Niterói na segunda metade do século XIX.

#### Profissão dos Britânicos (e descendentes) moradores em Niterói (1850 -1900)

Nome	Origem	Profissão	Fontes
Elizabeth C. Payler	?	Proprietária de colégio e Professora	Almanak, Ed. 00007, 1850, p. 597
Margarida C. Payler	?	Proprietária de colégio e Professora	Almanak, Ed. 00007, 1850, p. 597
G. W. Dalley	?	?	The Rio News, Ed. Ed. 00018-00019, 7/05/ 1901
William Ramsdale Bardsley	Inglês	Representante de firma de Importação	J. do Brasil-1900 a 1909/Ed: 00224 , p. 2/4; 12/08/1903, quarta-feira
C. H. Illott	Inglês	Diretor de Colégio	Jornal O Fluminense, 1/08, 15/08 e 22/08 de 1897 / (The Rio News, september 21 st, 1897, Ed 00038 / p. 4/10)
William G. White	?	?	Almanak, Ed. A00056, p. 1361, Ano 1899
William Finnie Kemp	?	Capitalista e Proprietário	Almanak, C00048, 1891, p. 412
Senhora inglesa	Inglesa	Professora	Jornal O Fluminense, 05/01/1900
Carlos João Kunhardt	?	Guarda-Livros	Almanak, Ed. 00020, 1863, p. 533 / Almanak, Ed. C00048,1891, p. 760
William Grímsditch	?		The Rio News, 14/junho, 1898, p. 5, Ed. 00024 / Almanak, A00056, 1899, p. 1361
John Knight	?	Sócio de Firma de Importação e Exportação	Almanak, Ed A00057, 1900, p. 484/ Ed A00060,1903, p. 462
Phoebe Knight	?	?	Backheuser, 1994, p. 214
Guilherme Morrissy	?	Sócio de Firma de Importação e Exportação	Almanak, Ed. A00048, 1891, p. 808 / C. Wehrs, 1984, 279
Guilherme Nicoll	?	Funcionário Público	Almanak, Ed. A00055, 1898, p. 1183
Jonh Rowlands	?	?	The Rio News, Ed. 00052, 28/12/1897, p 6
Alfredo March Ewbank	?	Comerciante	Almanak, Ed. A00068 (3), Ano 1911, p. 889 / Backheuser , 1994, p. 223
Dr. Guilherme Taylor March	Inglês	Medico homeopata	Almanak, A00057, 1900, p. 1224
Daniel Causer	Inglês	Representante de Firma de Importação	Alastair Leslie e Sheila Causer
William Henry Cunditt ( anos 70)	Escocês	Fundador de Colégio	Backheuser,1994, p. 273
John A. Finlay	Inglês	Representante de Firma de Importação	Ed. A00054, 1897, p. 1189 / Ed. A00055, 1898, P. 1235 / O Fluminense, 1904?)
A. M. Hadden	?	Cont. do London & Brazilian Bank Ltd.	Almanak, A00069, 1913, p. 1796, C. Wehrs, 2012, p. 80; Fixture Card, 1918
Peter C. Morrissy	?	Corretor de mercadorias	Almanak, A00053, 1896, p.2395
Henry Kingston	?	Comerciante e logista	Almanak, A00053, 1896, p. 1072
William T. Ginns	?	Negociante	Almanak, A00074, 1900, p. 1113 / C. Wehrs, 2012, p. 83
Guilherme Briggs	?	Diretor de Colégio	C. Wehrs, 2010, p. 195
George Martin	?	Gerente de Companhia de Gás	C. Wehrs, 2012, p. 83
Arthur Evans Trewby	?	Engenheiro de Companhia de Gás	C. Wehrs, 2012, p. 83
R. Brooking	?	?	The Rio News, 14/junho, 1898, p. 6, Ed. 00024 / Jornal O Fluminense, 1904
H. W. Garner	?	?	The Rio News, 18/06/1901, p2 (Ed 00025) / Jornal O Fluminense, 1904
Alexandre Blake	?	?	The Rio News, 18/06/1901, p2 (Ed 00025) / Clube Internacional, 14/05/1899, C. Wehrs, 2012, p. 81.
F. Roberts	?	?	The Rio News, 14/junho, 1898, p. 6, Ed. 00024 / Lista do Clube Internacional, 14/05/1899, C. Wehrs, 2012, p. 81.

### Profissão dos Alemães (e descendentes) moradores em Niterói (1860-1900)

Nome	Origem	Profissão	Fontes
Roberto Avé-Lallemant	?	Sócio de Companhia de Importação e Exportação	C. Wehrs, 2010, p. 191
Friedrich Rehwoldt	Lübeck	Representante de Firma de Importação e Exportação	C. Wehrs, 2010, p. 191
Luis Schreiner	Dresden	Médico	C. Wehrs, 2010, p. 194.
Karl Schuback	Hamburgo	Diretor de Indústria	Almanak, A00057, 1900, p. 690, / Ed. A00061, 1904, p. 630
Oficial Herrn	Dresden	Professor	Canstatt, p. 311
Bernhardt Wiegandt	Colônia	Pintor	Levy, Carlos Roberto Maciel (Crítico e Historiador de arte)
Hermann Eckmann	?	Guarda-livros	Almanak, Ed. A00054, 1897, p. 1150 / Almanak, A00055, 1898, p. 1190
Mme Maria Magdalena Hess	?	Parteira	O Globo, Rio de Janeiro, Domingo, 13 de setembro de 1874/ Ed. 00040, p. 4.
August Müller	?	Paisagista	C. Wehrs, 2010, p. 185
Karl Ernest Papf (1878-1880)	Dresden	Pintor e fotógrafo	C. Wehrs, 2010, p. 186
Wilhelm Lübbers	Hamburgo	Sócio de Firma de Exportação	Almanak A00061, 1904, p. 687, / C. Wehrs, 2010, p. 185. / C. Wehrs, 1984, p. 135
Ernest Doerzapff	?	?	The Rio News, 17/05/1892, Ed. 00020, p. 5
Johann Georg Grimm	?	Paisagista e professor	Parreiras, 1999 / C. Wehrs, 2010, p. 185
Thomas Georg Driendl	Munique	Arquiteto e pintor	Parreiras, 1999 / C. Wehrs, 2010, p. 186
Antônio Avé-Lallemant	?	Desenhista-técnico	C. Wehrs, 1984, p. 274 / C. Wehrs, 2010, p. 190, 191
Paul Faulhaber	Dresden	Pianista, violinista e compositor	Clube Beethoven, Aphud: Carlos Eduardo de Azevedo e Souza.
Arno Gauland	?	Professor	C. Wehrs, 2010, p. 190
Johannes Joachim Christian Voight (Lübeck)	Lübeck	Tradutor e intérprete	Almanak, Ed. 00001, 1878, p. 195, / C. Wehrs, 2010, p. 191
Olympio Giffenig Von Niemeyer	?	Advogado	C. Wehrs, 2010, p. 192 / C. Wehrs, 1984, p. 274
Hermínia Ihmer	?	Professor	Backheuser, p. 222, C. Wehrs, 2010, p. 189
Wilhelm Ludwig Precht	Bremen	Corretor de mercadorias/Comissário de café	C. Wehrs, 2010, p. 191
Guilherme Luís Precht	Bremen	Comissário de café/Corretor de mercadorias	Almanak, Ed. A00057, 1900, p. 1224, / Backheuser, 1994, p. 218
Gustav Backheuser	?	Comerciante	Backheuser, 1994, 222
João Carlos Backheuser	?	Explorava Empresa de bondes	Backheuser, 1994, 222
Jacob Miller	?	?	Casadei, 1988, p. 84
Theodor John e Mme. E. M. Saucken-John	Leipzig	Ourives, Relojoeiro e Comerciante	C. Wehrs, 2010, p. 188,189 / C. Wehrs, 1984, p. 281
Eugênia Boning	?	Professor	C. Wehrs, 2010, p. 189
Gustav Helmold	Chemnitz	Compositor, Pianista e Afinador de pianos	Casadei, 1988, p. 267 / C. Wehrs, 2010, p. 186, 187 / C. Wehrs, 1984, p. 279
Sr. Müller	?	Afinador de pianos	C. Wehrs, 2010, p. 189
Evelina Amalia Backheuser	?	Diretor de Colégio	Backheuser, 1994, p. 222
Friedrich Kunke	?	Afinador de piano e harmônios	C. Wehrs, 2010, p. 191
L. R. Elbert	?	Dentista	C. Wehrs, 2010, p. 190
João Meyer	?	Proprietário de Hotel	C. Wehrs, 2010, p. 189
Georg Grüner	?	Proprietário de fábrica de cerveja	C. Wehrs, 1994, p. 273
Otto Emil Müller	?	Proprietário de fábrica de cerveja	C. Wehrs, 1994, p. 273
Tenente da Guarda Nacional Carlos Alberto Graeff	?	Produtor de fotografias	C. Wehrs, 2010, p 191, 192
João Filipe Ihmer	?	Ourives e Relojoeiro	C. Wehrs, 2010, p. 189

Uma apreciação sobre o quadro dos ingleses moradores de Niterói revela que se tratavam principalmente de negociantes, capitalistas e comerciantes, além de profissionais especializados pertencentes ao ramo fabril, bancário e do setor público. Por fim, encontramos também alguns destes estrangeiros atuando como profissionais nas áreas da saúde e educação.

Em contrapartida, os alemães de Niterói formavam um grupo mais heterogêneo e eclético, desenvolvendo atividades bem mais diversificadas do que os britânicos. Dentre os mais bem situados, encontravam-se os ricos comerciantes do ramo de importação e exportação, com suas firmas e grandes armazéns, os capitalistas e/ou proprietários e, por fim, alguns poucos comerciantes varejistas. Além destes, alguns ainda atuavam em atividade técnico-científica e administrativa, enquanto outros eram profissionais liberais da área de saúde e de educação. Por fim, havia o grupo dos artistas, divididos em pintores, músicos e compositores, além de alguns profissionais artífices.

#### 1.6.1. Campos de atuação, tipos de atividades e endereços profissionais

No decorrer da investigação, constatou-se que os britânicos e alemães desenvolviam suas atividades profissionais em contextos mais amplos do que se poderia supor inicialmente. É bem verdade que um percentual significativo desses profissionais mantinha seu campo de atuação no centro do Rio, local tradicionalmente destinado aos grandes negócios no século XIX.

De acordo com Gilberto Freyre, “a rua Direita (Primeiro de Março) do Rio conservou-se (...) durante meio século, o centro do domínio imperial dos anglosaxões no Brasil, tendo ali, na Rua da Alfândega e na dos Pescadores (atual Visconde de Inhaúma), na do Rosário, na de Quitanda e na da Viola (atual Teófilo Otoni), seus armazéns ou casas de negócios mais importantes (...)”<sup>150</sup>

- Atividade comercial: o predomínio do comércio atacadista e as firmas de importação e exportação

Ao proceder ao levantamento das atividades comerciais dos britânicos e alemães de Niterói, identificamos entre estas o predomínio do comércio atacadista, embora uma minoria também estivesse relacionada ao comércio varejista. Buscando diferenciar estas duas modalidades de comércio, no século XIX, constatou-se que mais do que negociar produtos em grandes quantidades, o comerciante atacadista realizava o papel de intermediação entre as escalas espaciais de produção e de consumo.<sup>151</sup>

Isso significa que sua estrutura interna de organização é muito mais ampla e complexa do que normalmente se supõe; este tipo de comerciante articula uma série de serviços ligados ao transporte de mercadorias, ao armazenamento e beneficiamento (em caso de produtos agrícolas) e mesmo às negociações comerciais, em diversos casos através de consignatários, corretores e firmas de exportação e importação. É através deles que a cidade do Rio de Janeiro se conecta à região cafeeira fluminense, escoando pelo porto a produção cafeeira que vai em direção aos mercados estrangeiros; do mesmo modo, com outro exemplo, é a partir deles que máquinas têxteis produzidas no exterior chegam aos consumidores finais na capital federal.<sup>152</sup>

No que diz respeito aos comerciantes por nós estudados, as transações se faziam, principalmente, através de corretores, bem como de sócios ou representantes de firmas de exportação e importação.

---

<sup>150</sup>FREYRE, Gilberto. *Inglês no Brasil*. Op. cit., p. 51.

<sup>151</sup>ALVES, Vítor de Araujo. *A geografia do comércio atacadista na cidade do Rio de Janeiro (1850-1915)*. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaço de Diálogos e Práticas. Porto Alegre, 25 a 31 de julho de 2010, p. 2.

<sup>152</sup> *ibid*, p. 2.

Dentre os representantes deste microuniverso, uma firma inglesa tinha como particularidade a presença de laços familiares entre seus membros. De acordo com Guimarães, a necessidade de manter laços familiares de confiança dentro de uma sociedade comercial era importante para fazer face “às incertezas e riscos de mercado.”<sup>153</sup> A referida firma, em funcionamento desde a década de 90, era denominada “Morrissy Brothers, importação e exportação” e pertencia aos irmãos Guilherme Morrissy (Cavaleiro da Ordem de Santo Sepulcro) e Robert Morrissy. Guilherme, morador de Niterói, era o representante da firma no Brasil, enquanto Robert cuidava dos negócios da empresa na Europa. Havia ainda um terceiro membro, também morador da Capital da Província, o inglês John Knight que, juntamente com os dois irmãos, atuava na referida firma situada à rua Primeiro de Março, 64, no Rio de Janeiro<sup>154</sup>

Guilherme Morrissy possuía ainda o importante cargo de Diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), onde representava os interesses da indústria e comércio ingleses.<sup>155</sup> A esse respeito, é importante elucidar que a ACRJ foi fundada em 1867 sob os pilares de antiga associação, a Sociedade dos Assinantes da Praça, datada de 1834. Uma das regras firmada pela primeira associação e que foi adotada por longo tempo pela segunda refere-se à composição de sua diretoria. Esta deveria ser formada por dois brasileiros, dois ingleses, dois portugueses, um francês, um norte-americano, um espanhol e um alemão. Finalmente, dentre os membros da ACRJ se incluíam as classes de “comerciantes, banqueiros, industriais, proprietários, capitalistas; agricultores e armadores, além de agentes auxiliares do comércio.”<sup>156</sup>

---

<sup>153</sup>GUIMARÃES, Carlos Gabriel. A presença Inglesa nas finanças e no comércio no Brasil imperial. Op. cit., p. 229.

<sup>154</sup> Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940 – Edição B00048, Ano 1891, p. 808.

<sup>155</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit., p. 279.

<sup>156</sup> VIEIRA, Nívea Silva. A ACRJ, o Porto e o Estado Imperial brasileiro. IPEA 47 anos. CODE 2011. Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos, p. 6. (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História – UFF)

Relacionamos outros quatro comerciantes, três alemães e um britânico, cujos ramos de comércio, infelizmente, não conseguimos identificar. Destes, citamos primeiramente Gustav Backheuser, um dos mais antigos moradores de Santa Rosa e avô do memorialista Everardo Backheuser que aparece como comerciante associado a certo Sr. Meyer, na cidade do Rio de Janeiro.<sup>157</sup>

Além de Gustav Backheuser, dois outros alemães aparecem vinculados a firmas de exportação-importação: um deles era Roberto Avé-Lallemant, que atuava provavelmente desde a década de 1880, como sócio da Harold E. Hime na firma Lallemant & Cia, de Importação e Exportação, na cidade do Rio de Janeiro.<sup>158</sup> O outro era Friedrich Rehwoldt que podia ser visto na última década do referido século, como representante da Rabone Irmãos & Cia de Importação e Exportação, no Rio de Janeiro.<sup>159</sup> Finalmente, o britânico William T. Ginns era negociante na Rua da Saude, 29 e 31, Praça Mauá, RJ.<sup>160</sup>

Quanto à firma inglesa Hoppins Causer & Hoppins, identificamos dois de seus representantes, embora em períodos distintos. O primeiro era Daniel Causer que, de acordo com Sheila Priscilla Causer Ferreira, sua neta, chegou ao Brasil nas últimas décadas do século XIX, em data não definida. Como profissional da área de engenharia, veio para “construir o Mercado Municipal do Rio de Janeiro”, na Praça XV.<sup>161</sup>

---

<sup>157</sup> BACKHEUSER, Everardo Adolpho. *Minha Terra e Minha Vida ( Niterói há um século)*, 2. Ed. – Niterói, RJ: Niterói Livros, 1994, p. 222.

<sup>158</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. *Op cit*, p. 190, 191.

<sup>159</sup> *ibid.*, p 191.

<sup>160</sup> Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940 – Edição A00074, Ano 1900, p. 1113.

<sup>161</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 31/05/2012, à autora.

As primeiras estruturas edificadas como mercados, no centro do Rio de Janeiro, a exemplo do Mercado da Candelária, em 1841, vieram para substituir “a estrutura material da cidade escravista colonial [...] transfigurada pela nova trama de relações sociais que ia se construindo no espaço urbano.”<sup>162</sup> Neste contexto em transformação, era necessário modernizar o modelo de abastecimento dos gêneros alimentícios na Corte, proibindo a circulação de ambulantes, assim como a formação de pequenos estabelecimentos comerciais.<sup>163</sup>

O Mercado Municipal da Praça XV foi idealizado na última década do século XIX, em 1891, contudo foi apenas durante a administração de Pereira Passos que teve suas obras iniciadas, em 1903.<sup>164</sup> “Era uma construção predominantemente de ferro, e (...) foi o grande exemplar do tipo e o maior dos edifícios metálicos de origem européia construído no Brasil. (...) O ferro utilizado na construção do mercado foi fornecido pela Hoppins Causer & Hoppins, de Birmingham e o Atelier Willebrock de Bruxelas (...)”<sup>165</sup>

Não se sabe exatamente qual foi a participação de Daniel Causer neste grande empreendimento. Todavia, é interessante registrar que, enquanto esteve no Rio de Janeiro, por um período de três a quatro anos, ele escolheu morar em Jurujuba.<sup>166</sup>

---

<sup>162</sup> A esse respeito ver Benchimol, J. Larry. Pereira Passos, um Hausmann Tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. RJ: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992, p. 44, Apud, “O desaparecimento do Mercado Municipal da Praça XV, fator na formação do espaço público da Cidade do Rio de Janeiro.”, ANPARQ, I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 29/11/2010, p. 12.

<sup>163</sup> *ibid.*, p. 13.

<sup>164</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>165</sup> MENDONÇA, J. G. e RIBEIRO, R. T. M. Programa de Pós-graduação em Arquitetura. Fac. de Arquitetura e Urbanismo. UFRJ, Rio de Janeiro. XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE REHABILITACIÓN DEL PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO Y EDIFICACIÓN. CASCAIS. P. 243, 244.

<sup>166</sup> Entrevistas de Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17/05/2012, e de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 31/05/2012, à autora.

É interessante elucidar que, alguns anos após o retorno de Daniel Causer à Europa, seu filho, Charles Causer, veio para o Brasil, fixando-se igualmente em Niterói, onde chegou a constituir família. Alguns de seus descendentes foram por nós entrevistados e, através de seus ricos depoimentos, tornou-se possível recuperar um pouco mais da história da família Causer nas primeiras décadas do século XX.<sup>167</sup>

O segundo representante da Hoppins Causer & Hoppins a morar em Niterói foi John A. Finlay que, segundo o Almanak Laemmert, era representante desta mesma firma no Brasil, em 1897. O endereço da Hoppins Causer & Hoppins na Inglaterra era 48 St. Pauls Square, Birmingham e o da sua representação no Brasil, rua Theophilo Ottoni, 21, sobrado, RJ. A referida firma, de acordo com a mesma fonte, negociava “machinas, metaes, ferragens, estivas (...) e encarregava-se de fornecimentos de tubos e mais pertenças para água e esgotos.”<sup>168</sup>

Outro comerciante britânico identificado se chamava William Ramsdale Bardsley que, no Brasil, era representante da firma inglesa “The Brazilian Coal Company Limited”. De acordo com artigo do Jornal do Brasil de 1903, foi o próprio Bardsley quem representou a referida firma, através de instrumento de procuração, quando da celebração de contrato junto ao Sr. Gabriel Ozorio de Almeida, Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, para fornecimento de 70.000 toneladas inglesas de carvão de pedra durante o segundo semestre de 1903.<sup>169</sup>

---

<sup>167</sup> *ibid.*

<sup>168</sup> Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940 – Edição A00054, Ano 1897, p. 1189.

<sup>169</sup> Jornal do Brasil, 1900 a 1909. Edição 00224. p. 2.

No Almanak Laemmert de 1898, a The Brazilian Coal Company Limited aparece como representante, no Brasil, de outra firma inglesa, a “Cory Brothers & C. Ld., de Cardiff e Londres, proprietários de minas de carvão de pedra”. No Rio de Janeiro seu endereço ficava na rua General Camara 1, salas 26, 27.<sup>170</sup>

Também o britânico Alfredo March Ewbank aparecia em 1898 como negociante de fazendas por atacado, situado na rua Primeiro de Março, 38.<sup>171</sup>

Foi, todavia, entre os alemães de Niterói que encontramos alguns representantes do ramo de exportação de café. Inicialmente, citamos Wilhelm Ludwig Precht que, provavelmente nas últimas décadas do século XIX, era corretor de mercadorias e comissário de café no Rio Janeiro.<sup>172</sup> Além deste, havia Guilherme Luiz Precht, o qual enriqueceu como comissário de café na cidade do Rio de Janeiro e vivia em uma vasta propriedade que tomava um quarteirão entre as ruas Geraldo Martins e Paulo César.<sup>173</sup> De acordo com o Almanak, os negócios de Guilherme Luiz Precht, em 1900, estavam localizados na Rua São Pedro, n. 1, no Rio de Janeiro.<sup>174</sup>

---

<sup>170</sup> Almanak, Edição A00055, Ano 1898, p. 815.

<sup>171</sup> Almanak, Edição A00055 (1), Ano 1898, p. 1028.

<sup>172</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 191.

<sup>173</sup> BACKHEUSER, Everardo Adolpho. Minha Terra e Minha Vida ( Niterói há um século), 2<sup>a</sup> . Ed. – Niterói, RJ: Niterói Livros, 1994, p. 218.

<sup>174</sup> Almanak, Edição A00057, Ano 1900, p. 1224.

Por fim, havia ainda um alemão, morador de São Domingos nos idos da década de 70, chamado Wilhelm Lübbers. Este hamburguês “foi durante alguns anos, até sua morte, sócio do alemão Theodor Wille, no Rio de Janeiro.”<sup>175</sup> Este último, por sua vez, possuía um armazém de café da firma “Theodor Wille & Cia” na região da Enseada de São Lourenço, provavelmente na década de 1880.<sup>176</sup>

Para melhor localizar este armazém, vale esclarecer que a enseada ou Saco de São Lourenço, antes de ser aterrada, era um local que favorecia a navegação de canoas, faluas e saveiros, quando as marés estavam cheias. Por esta característica particular, abrigava “portos” por onde se fazia o escoamento da produção das fazendas e fazendolas, ainda existentes em toda aquela região nas últimas décadas do Império. Além disso, já havia a ferrovia que trazia a matéria prima das fazendas mais distantes. Neste contexto, desenvolveu-se naquelas imediações um comércio com a presença de depósitos e trapiches na sua rua principal, antiga São Lourenço e atual 1<sup>o</sup> de Março.<sup>177</sup>

Nesta mesma região de São Lourenço, no início da década de 90, identificamos outro empreendimento, do ramo de “exportação de café e mais gêneros do país”. Eram os armazéns da firma britânica “Hard, Rand & C importação e exportação” de café.<sup>178</sup> Esta firma tinha seu escritório na rua Visconde de Inhauma, 20, R.J.<sup>179</sup>

---

<sup>175</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 185.

<sup>176</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit, p. 135.

Theodor Wille nascido em Kiel chegou ao Brasil em 1838 com apenas 20 anos de idade. Como exportador de café, trabalhou em várias empresas, e foi também representante alemão na Junta Comercial nos anos de 1840. Em Santos fundou a firma Theodor Wille & Cia. A esse respeito ver LENZ, Sylvia Ewel. Alemães no Rio de Janeiro: diplomacia e negócios, profissões e ócios (1815-1866). Op cit, p. 142. Esta foi reconhecidamente uma grande firma exportadora de café, com filiais em São Paulo e no Rio de Janeiro. Theodor Wille foi também proprietário de 8 fazendas de café. Faleceu em Hamburgo em 1892. No Almanak de 1901, conquanto já tivesse falecido, seu nome ainda aparece como fazendeiro. Ver Almanak A00058, Ano 1901, p. 1305. Finalmente, entre vários outros empreendimentos, a Theodor Wille & Cia. foi representante de empresas de navegação. Seu endereço comercial era rua General Camara, 41 e 43. Ver Almanak 00058, Ano 1901, p. 686.

<sup>177</sup>FORTE, op cit., p. 112, 113. Ver também: Backheuser, op. cit., p. 151.

<sup>178</sup>Almanak, Edição 00048, Ano 1891, p.794. Ver também: WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit, p. 135.

<sup>179</sup> Almanak, Edição A00048, Ano 1891, p. 760.

A presença de britânicos na região de São Lourenço foi igualmente mencionada pela depoente Sheila Causer, cuja avó e mãe, esta última ainda uma menina com cerca de 10 anos de idade, vinham de São Cristóvão, em um barco à vela, no final do século XIX, para visitar algumas casas de ingleses existentes na rua São Lourenço. Infelizmente, não foi possível esclarecer se as mencionadas casas de britânicos eram residenciais ou comerciais.<sup>180</sup>

A atividade comercial realizada pelos britânicos e alemães em Niterói nas últimas décadas do dezenove era irrisória. Talvez isso se explique pelo fato destes imigrantes estarem em sua grande maioria envolvidos com o comércio atacadista, ramo comercial intrinsicamente ligado à Capital do Império. Esta visão é confirmada pelo relatório do engenheiro Dionysio da Costa e Silva que, ao fazer uma apreciação das atividades comerciais desenvolvidas no Município de Niterói, em maio de 1881, observa que: o “commercio é regular, mas na importação bem como na exportação está na dependência da Côte”<sup>181</sup>

No que diz respeito ao ramo varejista, em expansão na Capital da Província, este permanecia concentrado na região da Praia Grande, na década de 1880. A exceção a isto era um pequeno comércio existente em São Domingos e na rua São Lourenço.<sup>182</sup>

---

<sup>180</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira em 06/06/2012, concedida à autora.

<sup>181</sup> Anais da Biblioteca Nacional: 1876 a 2009 / Edição 00110, 30/05/1881, p. 110-113 Descrição da Província do Rio de Janeiro – Comarca de Nictheroy – Descrição do Município de Nictheroy: Dados fornecidos pelo “Engenheiro da Camara, Dyonyisio da Costa e Silva”, (Paço da Camara Municipal da Imperial Cidade de Nictheroy), p. 112.

<sup>182</sup> *ibid.*, p. 111.

Outras localidades como Icaraí, Santa Rosa e Barreto quase não tinham estabelecimentos comerciais, a não ser pelos muitos armazéns de secos e molhados, existentes no período.<sup>183</sup> Em razão disso, os moradores destes lugares tinham que ir à Praia Grande ou, alternativamente, suprir algumas de suas necessidades, recorrendo aos ambulantes que eram inúmeros naquela época.<sup>184</sup>

Vale a pena esclarecer, ainda, de acordo com Carlos Wehrs, que o comércio em Niterói, na segunda metade do século XIX, encontrava-se quase todo nas mãos de portugueses e brasileiros, exceto pela presença de uns poucos estrangeiros de nacionalidade francesa, síria, libanesa, chinesa e israelita.<sup>185</sup>

No restrito grupo dos estrangeiros, conseguimos identificar dois comerciantes: um de nacionalidade britânica e o outro de nacionalidade alemã. O alemão, Theodor John, já na década de 1880, era proprietário da Relojoaria Alemã, juntamente com Mme. E. M. Saucken-Jonh. Seu negócio estava situado na rua Visconde do Uruguay, n. 138.<sup>186</sup> Já o britânico Henry Kingston era comerciante e lojista do ramo de móveis e atuava, concomitantemente, nas duas cidades, na última década do século dezenove. No Rio de Janeiro, seu endereço era Rua Ourives, n. 8, e, em Niterói, na Rua Barão de Amazonas, n. 157.<sup>187</sup>

---

<sup>183</sup> COARACY, Vivaldo. Todos contam sua vida: memórias de infância e adolescência. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959, p. 225.

<sup>184</sup> *ibid.*, p. 33, 34.

<sup>185</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit, p. 225.

<sup>186</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit, p. 281. e WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 188, 189.

<sup>187</sup> Almanak, Edição A00053, Ano 1896, p. 1072.

- Capitalistas, proprietários e alguns poucos empreendimentos fabris

No ramo dos proprietários, uma das firmas mais antigas de que se tem notícia é a britânica Nictheroy Gas Company Ltd, situada na rua de São Lourenço, nº1. Esta firma que possuía escritório central em Londres, foi responsável, como já foi dito, por instalar a iluminação a Gás em Niterói, a partir de 1867, tendo à frente dois ingleses, o gerente George Martin e o engenheiro, Arthur Evans Trewby.<sup>188</sup>

Outro proprietário antigo na cidade era o alemão João Meyer que, na década de 70, era dono do Hotel Ferry, na rua da Praia, atual Visconde do Rio Branco, próximo à antiga estação das barcas, em Niterói.<sup>189</sup>

Na categoria dos capitalistas, encontramos o alemão João Carlos Backheuser, pai do memorialista Everardo Backheuser, que explorava uma Empresa de bondes, pela firma Backheuser and Mayer, no Rio, e que faleceu, prematuramente, em 1880 com 42 anos.<sup>190</sup>

Dentre os britânicos arrolados como proprietários e capitalistas, William Finnie Kemp aparece, em 1893, com endereço na Rua da Quitanda, 42 sobreloja, RJ.<sup>191</sup>

---

<sup>188</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit, p. 278.

<sup>189</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 189.

<sup>190</sup> BACKHEUSER, op. cit., p 222.

<sup>191</sup> Almanak, Edição B00050, Ano 1893, p. 378.

Na categoria dos capitalistas, relacionados a empreendimentos fabris, localizamos o alemão Karl Schuback que, em 1900, aparecia como diretor da Companhia de Fiação e Tecidos S. Pedro de Alcântara, localizada em Petrópolis e com escritório na Rua da Candelária, n. 37, no Rio de Janeiro.<sup>192</sup> Este diretor de fábrica, todavia, alguns anos antes, em 1893, era sócio e gerente da firma Hasenclever & C., situada na rua General Câmara, 52 e 56. Esta firma, por sua vez, atuava no ramo de importação de fazendas e ferragens “das melhores fabricas” e representava a fábrica alemã de Arthur Koppel de Berlim.<sup>193</sup>

Outro empreendimento fabril, de um ramo bastante comum entre os alemães do século XIX, foi aberto no final do século XIX, em Niterói. Tratava-se de uma fábrica de cerveja de propriedade de Georg Grüner e Otto Emil Müller. Esta fábrica se localizava na rua da Praia n. 103, em frente ao mar.<sup>194</sup>

Vale a pena esclarecer que, até o início da década de 1880, os estabelecimentos fabris existentes em Niterói se desenvolveram quase todos articulados à economia agroexportadora.<sup>195</sup> No ano de 1881, Niterói contava com os seguintes ramos de produção: açúcar, aguardente, farinha de mandioca, obras de olaria, como seião, telhas e tijolos, além de fábricas de sabão, velas, cerveja, cigarros, licores, charutos, dentre outros.<sup>196</sup>

---

<sup>192</sup> Almanak, Edição A00057, Ano 1900, p. 690.

<sup>193</sup> Almanak, Edição A00050, Ano 1893, P. 751.

<sup>194</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. Op cit., p. 273.

<sup>195</sup> BRANDÃO, André A. P., Executivo Estadual e Políticas Públicas no Antigo Estado do Rio de Janeiro (1950-1954): um Estudo do Segundo Governo Amaral Peixoto. Rio de Janeiro, 1992. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992, p. 46, 47.

<sup>196</sup> Anais da Biblioteca Nacional: 1876 a 2009 / Edição 00110, 30/05/1881, p. 110-113 Descrição da Província do Rio de Janeiro – Comarca de Nictheroy – Descrição do Município de Nictheroy: Dados fornecidos pelo “Engenheiro da Camara, Dyonysio da Costa e Silva”, p. 110.

A partir de meados do século XIX, todavia, já ocorrera certo crescimento industrial no Brasil, tendo a região do Rio de Janeiro despontado neste processo. De início, houve a transformação de áreas em torno da baía de Guanabara, onde foram desaparecendo os antigos canaviais para dar lugar a novos empreendimentos. Posteriormente, a indústria chegou à banda oriental da baía, particularmente nas regiões de Niterói e São Gonçalo, “onde muitas fazendas se tornaram improdutivas e se sucediam os parcelamentos.”<sup>197</sup>

“Pontilhado de grandes chácaras, a disponibilidade de espaços e a proximidade do mar vocacionaram o Barreto para se transformar (...) em bairro industrial. As primeiras fábricas ali se instalaram em 1890, infladas pela política do Encilhamento. Algumas submergem ao fracasso dessa euforia especulativa, mas uma (sobreviveu).”<sup>198</sup>

A sobrevivente acima mencionada era a Companhia Manufactora Fluminense instalada nos terrenos de uma grande fazenda no ano de 1893.<sup>199</sup> Esta fábrica fora fundada por um grupo de industriais ingleses e brasileiros, dentre eles o Comendador J. J. Rodrigues Guimarães Jr e Frederico L. Youle. No ano de 1896, já aparecia o nome da Cia Manufactora Fluminense no Almanak Laemmert.<sup>200</sup>

No capítulo dois veremos alguns aspectos da industrialização ocorrida na região norte de Niterói, particularmente da região do Barreto, e o tipo de participação que os britânicos e alemães tiveram neste processo, durante as primeiras décadas do século XX.

---

<sup>197</sup> GEIGER, Pedro Pinchas. Urbanização e Industrialização na Orla Oriental da Baía de Guanabara. (P. 495-522) In Revista Brasileira de Geografia. Ano XVIII, Out.-Dez. de 1956. N<sup>o</sup> 4, p. 496.

<sup>198</sup> BACKHEUSER, op cit, p 313.

<sup>199</sup> GEIGER, op cit, p. 496.

<sup>200</sup> Almanak, Edição A00053, Ano 1896, p. 1167.

- Outros profissionais britânicos e alemães

Inicialmente, identificamos um britânico e um alemão desempenhando a mesma função técnica. O primeiro deles era Carlos João Kunhardt, provavelmente um dos moradores britânicos (ou descendente) mais antigos de Niterói, visto que em 1863 já residia na rua Fresca, atual Passo da Pátria, em São Domingos.<sup>201</sup> Neste mesmo ano, Kunhardt atuava como Guarda-Livros e Tradutor na Cidade do Rio de Janeiro.<sup>202</sup> Quinze anos depois, em 1878, ele apareceria na lista dos “Tradutores e Interpretes Juramentados do Commercio” da Praça do Rio de Janeiro, juntamente com o alemão Johannes J. Christian Voight, outro morador de Niterói.<sup>203</sup> Sobre Johannes J. Christian Voight se sabe ainda, de acordo com Carlos Wehrs, que dominava diferentes idiomas, como alemão, francês, holandês, sueco, inglês, espanhol e dinamarquês, além de ser Corretor de navios.<sup>204</sup>

Outro profissional teuto-brasileiro era Antônio Avé-Lallemant, Cartógrafo e Desenhista, que atuou como desenhista técnico da seção de numismática, arqueologia e etnografia do Museu Nacional em década não precisada.<sup>205</sup> De acordo com o Almanak Laemmert, o Museu Nacional era um Órgão dependente do Ministério da Instrução Pública, situado na Praça da Aclamação, esquina da rua da Constituição.<sup>206</sup>

De igual modo, o britânico Guilherme Nicoll atuava como funcionário público provavelmente na cidade do Rio de Janeiro.<sup>207</sup>

---

<sup>201</sup> Almanak, Edição. 00020 (2), Ano de 1863, p. 533.

<sup>202</sup> *ibid.*

<sup>203</sup> Almanak, Edição 00001, Ano 1878, p. 195.

<sup>204</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 191.

<sup>205</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p 191.

<sup>206</sup> Almanak, Ed C00048 (5), Ano 1891, p. 521.

<sup>207</sup> Almanak, Ed. A00055, Ano 1898, p. 1183.

Finalmente, na última década do século dezenove, encontramos mais alguns profissionais de origem britânica e alemã exercendo diferenciadas atividades no Rio de Janeiro. O alemão Hermann Eckmann, em 1897, tinha a função de Guarda-Livros na Rua da Alfândega, 60, R J.<sup>208</sup> O alemão Olympio Giffenig Von Niemeyer era Advogado na Cidade do Rio de Janeiro.<sup>209</sup> Peter C. Morrissey atuava como Adjunto de Corretor e, posteriormente, como Corretor, na rua da Alfândega, 17.<sup>210</sup> E, por último, o britânico A. M. Hadden, morador de Niterói, nos anos 90, trabalhava como Contador do London & Brazilian Bank Ltd. na Rua da Alfândega, 10, RJ.<sup>211</sup>

---

<sup>208</sup> Almanak, Ed. 00054, Ano 1897, p. 1150.

<sup>209</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 192.

<sup>210</sup> Almanak, Edição A00053, Ano 1896, p. 2395.

<sup>211</sup> Almanak, Edição A00069, Ano 1913, p. 1796.

- Os Artífices Alemães

Em Niterói foi possível localizar ainda alguns imigrantes alemães dedicados ao ofício de artífice e desenvolvendo seu trabalho com maestria. Dentre estes, havia os que atuavam em mais de uma frente de trabalho, coisa que, segundo Lenz, era comum entre os alemães e, principalmente, entre os artífices.<sup>212</sup>

Ainda de acordo com Lenz, a categoria dos artífices no século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, incluía uma gama de profissionais bastante diferenciados (os joalheiros, ourives, relojoeiros, construtores de pianos, marceneiros, pedreiros, ferreiros, carpinteiros, dentre outros) que, entretanto, assemelhavam-se muito em função, por um aspecto comum da natureza de seu trabalho, qual seja, o de produzirem com as próprias mãos, utilizando-se da força do seu trabalho.<sup>213</sup>

Observa, ainda, essa autora, que entre aqueles pertencentes aos ramos mais nobres deste ofício, como os artesãos, joalheiros, ourives e relojoeiros, era possível, por meio de trabalho árduo e contínuo, vir a se estabelecer com certo conforto no Brasil.<sup>214</sup> Assim, na medida em que os artífices dispunham de um pequeno capital, bem como de meios próprios de produção, passaram a representar, juntamente com os comerciantes do varejo e os merceeiros, o que se poderia chamar de uma pequena burguesia alemã.<sup>215</sup> Quanto aos ramos menos especializados dos artífices, tinham eles que concorrer com o trabalho não remunerado do cativo, ou mesmo com o trabalho pouco valorizado do liberto.<sup>216</sup>

<sup>212</sup> LENZ, op cit, p. 120.

<sup>213</sup> *ibid.*, p. 120 e 125.

<sup>214</sup> *ibid.*, p. 125.

<sup>215</sup> *ibid.*, p 149.

<sup>216</sup> *ibid.*, p. 113.

Em Niterói, estiveram sediados alguns artífices, representantes de seus ramos mais nobres: relojoaria e ourivesaria. Já na década de 1860, o alemão João Filipe Ihmer possuía uma oficina de ourives e relojoeiro, na Rua São João, nº 20.<sup>217</sup> Cerca de 20 anos depois, na década de 1880, outro alemão, Theodor John, de Leipzig, já citado anteriormente, igualmente se dedicava a este mesmo ramo de ofício.<sup>218</sup>

Dentre os artífices, havia ainda aqueles dedicados a afinar pianos, ramo bastante relacionado aos imigrantes alemães. No que diz respeito à exportação deste instrumento para o Brasil, até a década de 1840, esta foi de domínio inglês. A partir de meados do século XIX, todavia, a fabricação alemã ganhou maior prestígio no Brasil. De acordo com Freyre, o interesse por este instrumento esteve ligado, no século XIX, à própria divulgação da música alemã em alguns pontos do território brasileiro.<sup>219</sup> Em Niterói, embora não existisse qualquer comércio de venda de pianos, era comum encontrá-los na sala das famílias mais abastadas.<sup>220</sup>

Para conservar bem afinados os pianos desta fina clientela, a capital da Província contava com três profissionais de procedência germânica: O Sr. Müller que desempenhava este ofício na Rua Visconde Uruguay, n. 48, nos anos de 1870.<sup>221</sup> O Sr. Friedrich Kunke que, além de pianos, afinava harmônios, nos anos 80 e 90, na rua do Teatro, atual Quinze de Novembro, nº 16, junto ao Largo da Memória.<sup>222</sup> E, por último, o conhecido compositor e pianista Gustavo Helmold que, nas horas de folga, também ganhava a vida desenvolvendo essa atividade profissional.<sup>223</sup>

---

<sup>217</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 189.

<sup>218</sup> *ibid.*, p. 188 e 189. Ver também WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso, op cit, p. 281.

<sup>219</sup> FREYRE, Gilberto. Nós e a Europa Germânica: Em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX. Op cit, p. 11, 18.

<sup>220</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939, Op cit, p. 191

<sup>221</sup> *ibid.*, p. 189.

<sup>222</sup> *ibid.*, p. 191.

<sup>223</sup> CASADEI, op cit, p. 267.

- Alguns educadores britânicos e alemães:

Na segunda metade do século XIX, dentre os dois grupos étnicos aqui estudados, constavam alguns educadores. No que se refere aos britânicos, estes apareceram como representantes do ensino particular nesta capital, campo onde atuavam professores de ambos os sexos. As precursoras deste ofício pertenciam a um mesmo grupo familiar composto da mãe, Margarida C. Payler, e das filhas, dentre as quais só se conhece o nome de Elizabeth C. Payler. Esta família inglesa, que já foi apresentada anteriormente, atuava, em 1850, na Praia Grande, na rua da Rainha, n. 2.<sup>224</sup>

Outra referência feminina relacionada ao ensino de inglês colocaria o seu anúncio, 40 anos depois, no jornal O Fluminense de 05 de janeiro de 1900. De acordo com este periódico, “uma senhora inglesa tendo algumas horas disponíveis deseja achar algumas discípulas” (...) Seu endereço era rua Guarany, nº 15, na praia de Gragoatá, em São Domingos.<sup>225</sup>

Em relação aos educadores, identificou-se, primeiramente, William Henry Cunditt, vindo da Escócia em 1860, e radicado em Niterói na década seguinte. Mr. Cunditt viria a fundar o Liceu Cunditt, também conhecido como Liceu Popular Niteroiense. Enquanto funcionou, entre 1880 e 1893, na Praça do Rink, esta instituição recebeu vários estudantes, inclusive alguns que mais tarde se tornariam famosos, como o escritor Lima Barreto, o jornalista Irineu Marinho, o Prefeito Otávio Carneiro e o pintor Antonio Parreiras, dentre outros. Além de sua atuação no Liceu Popular, que fechou em decorrência da Revolta da Armada, William Cunditt foi ainda examinador do Liceu de Campos e catedrático de inglês do Liceu de Humanidades de Niterói.<sup>226</sup>

---

<sup>224</sup> Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1844 a 1885 – Edição 00007, Ano 1850, Página 597.

<sup>225</sup> O Fluminense, 05/01/1900.

<sup>226</sup> BACKHEUSER, op. cit., p 27.

Também um representante dos ingleses abriria uma instituição educativa em Niterói. De acordo com o jornal O Fluminense de 1897, o “Collegio Anglo-Brasileiro” dirigido pelo inglês C. H. Illott, formado pela Universidade de Cambridge, funcionava na rua José Bonifácio, nº 58, em São Domingos. Este estabelecimento, com grande chácara para recreio, recebia alunos externos e ministrava uma boa educação geral para as profissões ou o commercio, incluindo, entre suas matérias curriculares, o “portuguez, arithmetica, francez, inglez, mathematica, sciências”, dentre outras, além de oferecer especial atenção para educação moral e physica.<sup>227</sup>

No que diz respeito aos alemães, foram encontrados alguns representantes no campo educacional de ambos os sexos. Dentre as mulheres, Evelina Amália Backheuser, irmã de Everardo Backheuser, foi fundadora de escola, além de atuar como diretora e professora. Após a morte de seu pai, João Carlos Backheuser, em 1880, abriu o Externato Particular, ou Colégio Backheuser, em nível primário, para meninas, além de oferecer aulas complementares de francês, inglês, alemão, piano e trabalhos de agulha.<sup>228</sup> Inicialmente criado em Santa Rosa, o Colégio Backheuser posteriormente funcionou no centro da cidade, na Rua Visconde do Rio Branco, 133, retornando, por fim, ao seu primeiro endereço, na Chácara de Santa Rosa, onde Evelina morava. Durante o período em que funcionou, provavelmente até 1889, contou com o trabalho de duas outras professoras, ambas de origem germânica, denominadas Hermínia Ilmere e Eugênia Boning que atuavam no ensino do alemão.<sup>229</sup> Por último, o alemão Arno Gauland lecionava alemão, ginástica e esgrima, por volta de 1888, no Colégio Felisberto de Carvalho na Rua Presidente Pedreira, n. 24.<sup>230</sup>

---

<sup>227</sup> The Rio News, september. 21st, 1897, Ed 00038, p. 4/10. Ver também: O Fluminense, 01/08/1897, 15/08/1897, 22/08/1897.

<sup>228</sup> BACKHEUSER, op. cit., p. 222.

<sup>229</sup> *Ibdi.*

<sup>230</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p.190.

- Os representantes da área da Saúde:

O único representante inglês encontrado na área da saúde foi o Dr. Guilherme Taylor March, que nasceu em Teresópolis, em 1838, filho do inglês George March. Dr. March estudou medicina na Faculdade do Rio de Janeiro e se formou em 1859 como médico homeopata. Exerceu sua profissão por muitos anos em Niterói e se dedicou a tratar principalmente de moradores da região do Barreto, Baldeador, bem como de outros bairros e localidades de Niterói. De acordo com Casadei, sua casa era o seu verdadeiro consultório e ali acorriam os doentes de todas as condições sociais, principalmente os mais carentes. Como resultado de sua obra recebeu o apelido de “Pai dos pobres”.<sup>231</sup>

No que diz respeito aos alemães, com atuação nesta área, foram identificados uma parteira, um dentista e um médico.

A parteira exercia a sua profissão em Niterói desde os idos de 1870.<sup>232</sup> Sobre o desempenho desta nobre função, J. Wehrs observa “que os partos de então eram feitos nas residências das famílias por ‘curiosas’ ou por parteiras.” Esclarece ainda este Autor que, na capital do Império, havia muitas parteiras, “quase todas de sobrenome estrangeiro e eram tratadas por madame.”<sup>233</sup>

Em anúncio do Jornal “O Globo” de 13 de setembro de 1874, Maria Magdalena Hess, residente em São Domingos, Niterói, anunciava os seus serviços de parteira formada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, ao identificar-se, fazia, ao mesmo tempo, como madame e como viúva:<sup>234</sup>

---

<sup>231</sup> CASADEI, op. cit., p. 82-86.

<sup>232</sup> O Globo, Rio de Janeiro, Domingo. 13 de setembro de 1874. Edição 00040, p. 4.

<sup>233</sup> WEHRS, C. Carlos J. O Rio Antigo – Pitoresco & Musical: Memórias e Diário. Op. cit., p. 24, 25.

<sup>234</sup> O Globo, Rio de Janeiro, Domingo, 13 de setembro de 1874. Ed. 00040, p. 4

*“M<sup>me</sup> Viuva Maria Magdalena Hess*

*Parteira*

*Formada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Continua a residir à Rua General Andrade Neves, n. 61, em Nictheroy, (antiga morada de M<sup>me</sup> Thomaz) e a prestar-se com toda prontidão a todos os chamados que lhe forem dirigidos a qualquer hora do dia ou da noite.*

*Consultas das 10 horas ao meio-dia.”*

Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, Domingo, 13 de setembro de 1874, p.4

Sobre o dentista e o médico as informações encontradas são escassas.

O dentista L. R. Elbert clinicava na Cidade, no final da década de 1880, e era tesoureiro do “Cassino Fluminense”, localizado em frente à ponte das barcas.<sup>235</sup> Já o médico Luis Schreiner, era proveniente de Dresden e atuava, na década de 90, como ginecologista e obstetra em Niterói.<sup>236</sup>

- Os Artistas Alemães: fotógrafos, pintores, músicos, compositores e maestros

Pelo que foi possível levantar, sete foi o número de artistas que viveram em Niterói. Dois deles aqui estiveram por poucos anos: Karl Ernest Papf e J. Georg Grimm. Os demais escolheram Niterói e aqui se estabeleceram por longo tempo, ou mesmo em termos definitivos. Estes imigrantes alemães eram representantes de diferentes formas de expressão artística, incluindo a produção fotográfica, o paisagismo, a pintura histórica, a composição musical, a direção e regência artística, o concerto de piano e de outros instrumentos de cordas, dentre outras modalidades.

---

<sup>235</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p.190.

<sup>236</sup> *ibid.*, p. 194.

O Tenente da Guarda Nacional Carlos Alberto Graeff foi representante do ramo da produção fotográfica<sup>237</sup>, profissão esta que, segundo Gilberto Freyre, foi muito abraçada pelos alemães no século XIX.<sup>238</sup> Em 1892, “prometia retratos em todos os sistemas e tamanhos em photographia, platinotypia, aquarela, crayon, etc.” Seus trabalhos, “que até hoje circulam entre os colecionadores de antiguidades, valendo bom preço”, devem ter sido bem apreciados naquela época, visto que Graeff, além de seu atelier em Niterói, possuía também um estúdio na cidade do Rio de Janeiro. Em Niterói, seu atelier teve três endereços distintos: na Rua da Conceição, 87, Rua Visconde de Itaboraá, 141 e Rua Marechal Deodoro, 33-C.<sup>239</sup>

Karl Ernest Papf nasceu em Dresden (1833-1910), onde muito novo estudou pintura. Em 1867, já casado, veio para o Brasil e, durante esta travessia, conheceu o fotógrafo alemão Albert Henschel, com quem Papf iniciou um trabalho na área de fotografia. Após permanecer 10 anos no nordeste, chegou ao Rio em 1877. Na Corte, pintou inúmeros retratos, inclusive o da família real. Em 1878, fixou residência em São Domingos, onde pintou sua paisagem mais importante, a *Praia do Cavalão*, pintura esta que retrata um trecho da atual Estrada Fróes. Além deste trabalho, pintou muitas outras paisagens da Cidade. Ainda residente em Niterói, ficou viúvo e se casou pela segunda vez, com sua sobrinha, Helena Schaedlich. No ano de 1880, mudou-se para Petrópolis e, em 1899, para São Paulo. Além de pintor se dedicou ao trabalho de fotógrafo.<sup>240</sup>

<sup>237</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 191.

<sup>238</sup> FREYRE, Gilberto. Nós e a Europa Germânica: Em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX. Op cit, p. 27, 28.

<sup>239</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 191, 192.

<sup>240</sup> PEIXOTO, Maria Elizabete Santos. Pintores alemães no Brasil durante o século XIX, Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1989, p. 141-154.

August Müller (1815-1883) chegou ao Brasil em 1820, com apenas 5 anos, e entrou para a Academia Imperial de Belas Artes em 1829, onde foi aluno de J. B. Debret.<sup>241</sup> Ainda muito jovem, aos 20 anos, foi substituto da cadeira de paisagem da Academia Imperial das Belas Artes (AIBA), por concurso, e assumiu sua cátedra em 1851.<sup>242</sup> Foi um notável pintor de retratos e de história, tendo, em função disto, recebido medalhas e alcançado notoriedade na Corte.<sup>243</sup> Em 1859, foi jubilado em virtude de doença. Fixou residência em São Domingos, não se sabe quando, e ali viveu durante longos anos.<sup>244</sup>

Johann Georg Grimm (1846-1887) chegou ao Brasil em 1864. Conheceu um relativo sucesso no meio artístico carioca, após exposição de quadros de sua autoria e foi convidado a ocupar uma cadeira de pintura na Academia Imperial das Belas Artes (AIBA), em 1884. Após terminar “Grimm o contrato de professor de Academia começa a vida errante de paisagista”.<sup>245</sup> Abandonando a Academia, o pintor alemão veio morar em São Domingos, ainda em 1884, onde se instalou em uma casa no alto de uma encosta na Rua Boa Viagem. Neste período, foi acompanhado de perto por um grupo de alunos da AIBA, inclusive por Antônio Parreiras. Completava este grupo outro pintor alemão, Thomas Georg Driendl, que era muito amigo de Grimm. Durante o tempo em que viveu em Niterói, Grimm era constantemente visitado por seus discípulos que procuravam encontrar no mestre o seu aperfeiçoamento. Em 1887, retornou à Europa, já doente de tuberculose, vindo a falecer em Palermo, neste mesmo ano.<sup>246</sup>

---

<sup>241</sup> [brasilarteseniciclopedias.com.br/nacional/Muller\\_august.htm](http://brasilarteseniciclopedias.com.br/nacional/Muller_august.htm).

<sup>242</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 185.

<sup>243</sup> [brasilarteseniciclopedias.com.br/nacional/Muller\\_august.htm](http://brasilarteseniciclopedias.com.br/nacional/Muller_august.htm).

<sup>244</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 185.

<sup>245</sup> PARREIRAS, Antônio. História de um Pintor contada por ele mesmo: Brasil – França, 1981 – 1936, 3. Ed. Niterói, RJ: Niterói Livros, 1999. p. 22.

<sup>246</sup> PARREIRAS, op. cit., passim.

Thomas Georg Driendl, natural de Munique (1849-1916), era não apenas pintor, como também arquiteto, decorador e restaurador.<sup>247</sup> Chegou ao Brasil, em 1881, e mais tarde veio a naturalizar-se brasileiro. No Rio de Janeiro, participou de exposições e executou vitrais para igreja. Juntamente com Grimm, veio morar na R. Boa Viagem, em 1884, passando a ser, igualmente, um dos integrantes do conhecido Grupo Grimm. De acordo com Parreiras, Driendl era “o amigo inseparável” de Grimm e “quem o substituía (inclusive nas aulas) quando havia algum impedimento”<sup>248</sup> Foi pintor de paisagens, mas também de retratos e de cenas religiosas. Mesmo após a morte de Grimm, permaneceu em Niterói, onde, segundo Wehrs, deixou descendência.<sup>249</sup> Como arquiteto, Tomas Georg Drindl projetou, entre 1903 e 1908, a construção da Ponte Central das Barcas e Bondes empreendida pela Companhia Cantareira.<sup>250</sup>

Paul Faulhaber nascido em Dresden, em 1836, era um artista multifacetado, visto que, além de pianista era violinista e compositor. Veio para o Brasil, em 1866, já casado com uma brasileira que conhecera em Dresden, onde o pai, Manuel de Araújo Porto-Alegre, trabalhara como Cônsul geral do Brasil. No Rio de Janeiro, dirigiu a orquestra do Club Mozart, em 1877, e foi Membro Honorário do Conservatório de Música, no Rio de Janeiro. Além disso, atuou no Club Beethoven nos anos de 1882 e 1883, junto aos melhores profissionais do Rio de Janeiro. Residiu em Niterói, até sua morte, em 1896, onde também se dedicou ao ofício de professor de música, de canto e de piano.<sup>251</sup>

<sup>247</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 186.

<sup>248</sup> PARREIRAS, op cit, p. 51.

<sup>249</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 186.

<sup>250</sup> Esta ponte, inaugurada em 1908, foi construída no lugar onde anteriormente existira o Mercado da Cidade, vasto edifício de dois pavimentos, que imprimira certa importância à praça Martim Afonso. A construção desse Mercado foi prevista no Plano de Arruamento da Vila Real da Praia Grande em 1820, mas só ocorreu de fato em 1854. A esse respeito ver: BACKHEUSER, op cit, p. 148, 306, 307.

<sup>251</sup> SOUZA, Carlos Eduardo de Azevedo. “Dimensões da vida musical no Rio de Janeiro: de José Maurício a Gottschalk e além, 1808-1889”, Niterói, 2003. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. (Clube Beethoven” - Primeiro relatório para o ano social de 1882-1883).

Gustav Helmholtz (Chemnitz, 1834 – Niterói, 1888) cursou o conservatório de Leipzig, onde fez curso de teoria musical, composição e piano, vindo a ser discípulo de Franz Listz. Após realizar concertos em vários países da Europa, veio para o Brasil em 1866. Antes de se fixar no Rio de Janeiro, percorreu várias províncias brasileiras apresentando o seu trabalho. Uma vez na Capital do Império, foi bastante atuante. Foi professor de canto coral dos antigos clubes Mozart e Beethoven, além de membro da Sociedade Frohsin. Era também compositor e editou numerosas composições para piano e instrumento de corda. Por fim, teve sua obra editada pela casa Preamble. Em 1874, transferiu-se para Niterói. Mesmo tendo alcançado certo reconhecimento como compositor e pianista, Helmholtz tinha uma família extensa (esposa e oito filhos) para cuidar. Para garantir o sustento da prole, este músico dedicava-se a outras atividades profissionais como afinador de pianos e professor de piano e harmônio na Rua Visconde de Itaboraí, 45. Viveu até a sua morte em Niterói e, aqui, também pertenceu a diferentes clubes recreativos, onde realizou vários concertos musicais.<sup>252</sup>

---

<sup>252</sup> CASADEI, op cit, p. 267. WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. Op cit, p. 186, 187. E também WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso, Op cit, p. 279.

## 1.7. A religião protestante e os britânicos e alemães da capital da Província

- O “protestantismo de missão ou conversão”<sup>253</sup> em Niterói

Uma pequena menção à prática religiosa dos imigrantes sediados na capital da Província foi encontrada no livro “O Brasil e os brasileiros” dos pastores norte-americanos Kidder e Fletcher.<sup>254</sup> Ao referir-se à Praia Grande e São Domingos, em seu escrito, o pastor presbiteriano, James Cooley Fletcher, menciona, quase que de passagem, a seguinte memória: “Tive aí, frequentemente, serviços religiosos e o sábado parece mais um dia de repouso do que no Rio (...)”<sup>255</sup>

Com base nessa pequena informação, indagamo-nos sobre a natureza dos serviços religiosos mencionados por Fletcher e a que tipo de comunidade eles se destinavam. A partir de uma primeira investigação, descobrimos que Fletcher, após chegar ao Brasil em 1851, com o objetivo de promover a divulgação de impressos protestantes, solicitara à American Bible Society, em Nova York, no ano de 1853, que para cá enviasse alguns madeirenses, para auxiliarem no trabalho de propaganda evangélica no País.<sup>256</sup>

<sup>253</sup> De acordo com Mendonça, o protestantismo é um dos três principais ramos do cristianismo. Os outros dois são representados pelo catolicismo romano e pelas igrejas orientais ou ortodoxas. Como o surgimento do protestantismo está ligado à Reforma Religiosa, a princípio se definem, como protestantes, as igrejas que resultaram deste movimento. Logo, é com base na Reforma que se delineiam os três ramos do protestantismo: anglicano, luterano e calvinista. Todavia, há que se considerar uma ressalva. Embora a Igreja da Inglaterra também tenha saído da Reforma, costuma-se dizer que ela “ficou a meio caminho entre Roma e as igrejas protestantes, tanto luteranas como calvinistas.” Inclusive, existe uma ala da igreja anglicana que recusa o título de protestante. A esse respeito ver: MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. Revista USP, São Paulo. n. 67, p. 48-67, setembro/novembro 2005, p. 50.)

<sup>254</sup> O livro “O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo”, escrito por James Cooley Fletcher, é uma ampliação da obra original de Daniel P. Kidder, intitulada “Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil” escrita em 1845. Em virtude disso, o livro “O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo” passou a ter dupla autoria, sendo atribuído aos dois autores Kidder e Fletcher.

<sup>255</sup> FLETCHER, James Cooley e KIDDER, Daniel Parish. O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo, op. cit., p.210.

<sup>256</sup> ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo de. O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876). Aracaju, 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Tiradentes, Aracaju, SE, 2012, p. 45.

Vale a pena esclarecer que, antes de Fletcher aqui chegar, o missionário metodista Daniel Parish Kidder (1815-1891) aqui esteve, entre 1837 e 1840, representando a American Bible Society. Em sua atuação no Brasil, Kidder desenvolveu um trabalho de propaganda evangélica, voltado principalmente à distribuição de bíblias em algumas regiões do País. Todavia, esta atividade foi precocemente interrompida, em razão da morte de sua esposa, Cynthia H. Hussel, vítima de uma epidemia. As memórias de sua viagem ao Brasil foram registradas, quando de seu retorno à Filadélfia, no ano de 1845, em um livro intitulado “Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil”. Como parte deste livro, Kidder reproduziu várias cartas de educadores brasileiros, a ele endereçadas, quando ainda se encontrava na cidade do Rio de Janeiro, solicitando bíblias para suas escolas e alunos. Uma dessas cartas, inclusive, foi escrita por um educador da Província do Rio de Janeiro e contém a seguinte mensagem:<sup>257</sup>

*Reverendo Senhor,*

*Tendo sabido que V. R. está distribuindo o Novo Testamento, venho pedir-lhe que me envie, pelo portador do presente, vinte exemplares para uso dos alunos da Escola Normal da província do Rio de Janeiro e cinqüenta para a Escola de Niterói.*

*J. C. A.*

Quando Fletcher aqui chegou, 11 anos após a partida de Kidder, sentiu a necessidade de buscar auxiliares, para dar continuidade à propaganda protestante em terras brasileiras. O convite feito por ele à American Bible Society acabou chegando a Robert Reid Kalley, um médico escocês e ministro do Evangelho, que já havia participado de uma experiência missionária na Ilha da Madeira, de onde saíra fugido, após sofrer forte perseguição de representantes do clero português naquela região.<sup>258</sup>

<sup>257</sup> KIDDER, Daniel Parish. Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001, 316 p. – (Coleção o Brasil visto por estrangeiros), p. 283.

<sup>258</sup> ALCÂNTARA, op. cit., p 45.

Após concordar em vir para o Brasil, o missionário Robert Reid Kalley (1825-1907) chegou à Capital do Império, em 1855, acompanhado por sua esposa, a evangelista Sara Poulton Kalley, com o propósito de difundir a sua religião na Corte e em seus arredores.<sup>259</sup>

Durante os anos em que viveu no Brasil, de 1855 a 1876, Robert Reid Kalley se instalou, primeiramente, em Petrópolis e, posteriormente, na cidade do Rio de Janeiro. Seu trabalho, ao longo dos 12 anos em terras brasileiras, iria suplantiar em muito a atividade de distribuição de bíblias, realizada pelos seus antecessores, dentre eles Daniel Parish Kidder.

Atuando ao mesmo tempo como pastor, médico e educador, fez uso da imprensa carioca, mas principalmente do Jornal do Commercio. Através deste periódico, divulgou artigos, não apenas de propaganda protestante, como igualmente nas áreas médica e educacional. Vários de seus artigos eram destinados a educar a população carioca no que se refere à questão de prevenção de doenças e epidemias. Além disso, realizou um trabalho missionário, dirigindo reuniões em cultos domésticos e em Casas de Orações.<sup>260</sup>

(As) Casas de Orações aconteciam em estabelecimentos maiores e alugados, cuja a finalidade era a de alcançar um maior número de participantes. Essas reuniões ocorreram nas seguintes regiões: na cidade do Rio de Janeiro, **em Niterói**, Teresópolis, Cascadura, na cidade de São Paulo e Campinas, Brotas, Bahia e Pernambuco.<sup>261</sup> (O grifo é nosso)

---

<sup>259</sup> ALCÂNTARA, op. cit., p 45

<sup>260</sup> *ibid.*, p 47.

<sup>261</sup> *ibid.*, p. 49.

No ano de 1858, o pastor Kalley fundou a Igreja Evangélica Fluminense (IEF) na capital do Império. Esta seria a primeira Igreja Protestante a desenvolver suas atividades em língua portuguesa.<sup>262</sup> A partir de 1862, o trabalho de evangelização seria estendido a Niterói, tendo em vista que ali viviam parentes de protestantes residentes na Corte. O casal Kalley visitava Niterói com regularidade, dando prosseguimento às suas atividades pastorais.<sup>263</sup> Provavelmente, eram esses os serviços religiosos na capital da Província, mencionados por Fletcher em seu livro.

(...) Já em agosto de 1859, o holandês João Mackeestrom aderira à Igreja Evangélica Fluminense, e Isabel Tans fora recebida no ano seguinte, e depois, houve vários batismos de adultos, todos de Niterói. Havia também um francês, André Cayret, casado com a brasileira D. Rita da Gama, proprietários de uma casa de negócios em Niterói. Aproximando-se da Igreja, Cayret não somente concordou em guardar os domingos, não mais abrindo sua loja nesses dias, como, também, ofereceu sua residência, na rua da Conceição, n. 93, para nela receber os crentes, até que se conseguisse local mais apropriado.<sup>264</sup>

Em termos históricos, o surgimento do protestantismo no Brasil pode ser dividido em dois momentos distintos. O primeiro, que é definido como “protestantismo de imigração”, está ligado à vinda dos imigrantes europeus, a partir de 1810, os quais trouxeram em sua bagagem o culto à religião protestante. Nesta fase, o desempenho do protestantismo se encontrava restrito às comunidades fechadas de imigrantes, as quais não manifestavam a menor pretensão de ganhar adeptos entre os brasileiros. O segundo momento, conhecido como “protestantismo de missão ou conversão”, está relacionado às missões europeias e norte-americanas que para cá vieram com o intuito de converter os brasileiros à religião protestante a partir da segunda metade do século XIX.<sup>265</sup>

---

<sup>262</sup> *ibid.*

<sup>263</sup> WEHRS, Carlos. Capítulos da memória niteroiense. 2. Ed. Niterói: Fundação de Arte de Niterói, 2002. p. 102- 112.

<sup>264</sup> *ibid.* p. 107.

<sup>265</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa Mendonça. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. Revista USP, São Paulo, n.67, p.48-67, setembro/novembro 2005, p. 52.

Sobre estes missionários, Gilberto Freyre observa que:

(se) a princípio foram vaiados como “bodes” e recebidos a pedradas pela gente mais ignorante das cidades e do interior (...) acabaram organizando seitas, espalhando bíblias, fundando colégios, convertendo católicos-romanos ao evangelismo com sermões pronunciados num português pitorescamente errado.<sup>266</sup>

Carlos Wehrs faz uma rápida menção a certos fatos ocorridos ao longo do ministério do Reverendo Kalley e sua esposa, “no Rio de Janeiro, em Niterói e em Petrópolis” (...) esclarecendo “que nessa mesma época eles foram perseguidos e agredidos fisicamente.”<sup>267</sup>

Na capital da Província, embora ganhassem vários adeptos, atraíram várias manifestações violentas e contrárias de membros da sociedade local. Em um desses episódios, em que ocorrera uma desordem em um culto realizado em Niterói, o próprio pastor Kalley chegou a enviar uma carta ao governador da Província do Rio de Janeiro, em novembro de 1864, procurando esclarecer alguns fatos:<sup>268</sup>

Julgo ser o meu dever informá-lo de que, em vista da declaração de Vossa Excelência feita na noite passada, de que os ‘magistrados policiais’ de Niterói negam a ocorrência de qualquer desordem na noite do dia 10 do corrente mês, vejo-me obrigado a requerer perante as autoridades competentes, os depoimentos dos membros da Igreja Evangélica Fluminense, os quais ali estiveram presentes, e da qual sou pastor reconhecido pelo Governo do Brasil. **Entre os que freqüentam regularmente os cultos, há franceses, suíços, holandeses, alemães, belgas, americanos, ingleses, portugueses e brasileiros**, e houve pessoas de quase todas estas nacionalidades que foram testemunhas dos fatos e sofreram insultos.<sup>269</sup> (O grifo é nosso)

---

<sup>266</sup> FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*: p. 48. Ver também WEHRS, C. Carlos J. *O Rio Antigo – Pitoresco & Musical: Memórias e Diário*, p. 78.

<sup>267</sup> WEHRS, Carlos. *125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939*. Op cit, p. 178, 179.

<sup>268</sup> Apud, ROCHA, João Gomes, 1941, p. 331, in ALCÂNTARA, op. cit., p 58.

<sup>269</sup> Apud, ROCHA, João Gomes, 1941, p. 331, in ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo de. *O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876)*, Op cit, p 58.

Por essa missiva do pastor Kalley é possível ter uma ideia, não só das dificuldades enfrentadas pelo protestantismo, em sua fase inicial de “missão ou conversão”, como do tipo de público que frequentava a Igreja Evangélica Fluminense em seus primórdios, incluindo a seção niteroiense que funcionou, por bastante tempo, na casa do francês André Cayret. Tratava-se de uma comunidade multiétnica, na qual se encontravam presentes, tanto britânicos e alemães, como membros oriundos de outros países europeus, inclusive portugueses, além de norte-americanos, e, finalmente, os primeiros brasileiros convertidos à religião protestante.

O pastor Kalley, que foi considerado o precursor do “protestantismo de missão ou conversão” no Brasil, ainda permaneceu à frente da IEF, por cerca de três anos, até que, em 1867, com a saúde bastante debilitada, retornou à Escócia, seu país de origem. Uma vez em sua terra natal, todavia, viveu ainda alguns anos, vindo a falecer apenas em 1888, aos 79 anos.<sup>270</sup>

Vale a pena considerar que as igrejas protestantes missionárias, todavia, não vieram para substituir as igrejas tradicionais. Estas últimas funcionariam no Brasil, ao longo do século dezanove e também no século XX. Moradores britânicos de São Domingos, por exemplo, acalentaram, provavelmente desde o século XIX, o sonho de criar sua própria igreja, com clientela britânica e serviços em inglês e chegaram a comprar um terreno para essa finalidade na rua Nova, atual Andrade Neves.<sup>271</sup>

---

<sup>270</sup> Apud, ROCHA, João Gomes, 1941, p. 331, in ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo de. O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876), Op cit, p. 58.

<sup>271</sup> Este desejo, todavia, só viria a se realizar alguns anos depois, após a Primeira Guerra Mundial, quando construíram a igreja anglicana (All Saints Church), na Rua Otávio Carneiro, em Icaraí.

- Os casamentos de mista-religião em Niterói

É importante considerar que as questões de liberdade de culto não foram as únicas enfrentadas pelos protestantes no Brasil. Houve ainda as dificuldades relacionadas aos direitos civis dos acatólicos, não previstos pela Constituição de 1824, favorecendo uma situação de marginalização dos estrangeiros residentes no Brasil, durante o Segundo Reinado.

De acordo com Lenz, “os protestantes logo se conscientizaram de que os casamentos acatólicos e mistos não tinham nenhuma validade legal perante o Direito Canônico; suas uniões eram meramente consensuais e os filhos, bastardos.”<sup>272</sup>

Ao focar o debate em torno dos direitos civis de estrangeiros residentes no Brasil, em meados do século XIX, Gizlene Neder observa que duas questões mobilizaram as representações diplomáticas estrangeiras junto ao governo imperial:

(...) a definição jurídica da nacionalidade de filhos de estrangeiros nascidos no Brasil (e suas implicações jurídicas relacionadas à herança e tutela, no caso de morte dos pais estrangeiros) e os casamentos mistos (...), que constituíam um constrangimento aos direitos de estrangeiros residentes no Brasil de religião não católica, uma vez que os registros civis (nascimento, casamento, morte, testamento) eram realizados pelo poder eclesiástico.<sup>273</sup>

---

<sup>272</sup> LENZ, op cit, p. 196.

<sup>273</sup> NEDER, Gizlene. “Idéias Jurídicas e Direitos Civis de Imigrantes no Segundo Reinado”. Associação Nacional de História – ANPUH, XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007.

No que diz respeito aos casamentos mistos, a Igreja Oficial fazia exigências no sentido de validá-los. Neste caso, o cônjuge protestante tinha de se comprometer, através de documento escrito, a educar os filhos segundo os dogmas católicos. Como resultado desta pressão, muitos protestantes foram sendo assimilados pelo catolicismo oficial.<sup>274</sup> Com relação aos britânicos, Gilberto Freyre observa que uma minoria acabou por abjurar da religião anglicana, tornando-se “solenemente católicos, apostólicos, romanos.”<sup>275</sup>

A partir da Lei 1.144 de 1861<sup>276</sup> e do Decreto 3.069 de 1863, que regulamentava a aplicação da referida Lei, tornaram-se legais os registros de casamentos não católicos, incluindo o registro de nascimentos e óbitos das pessoas que professavam religião diferente da Oficial. De acordo com a referida Lei, após celebração dos casamentos acatólicos, competia aos “*pastores, ou ministros das religiões diferentes da do Estado*” (Art. 36) proceder ao registro do casamento em Livro, “*o qual ficará a cargo do Secretario da Camara Municipal*” (Art. 19).<sup>277</sup>

Além disso, fazia-se necessário a “proclamação dos banhos”, procedimento através do qual os candidatos a nubentes tornavam pública a sua intenção de casar. O tornar público neste caso tinha o objetivo de detectar a existência de algum tipo de impedimento ao casamento pretendido.

---

<sup>274</sup> SOUZA, Rafael Pereira de. Usos do passado: Direitos Cíveis de Estrangeiros no Brasil do Segundo Reinado. XII Encontro Regional de História. Anpuh, Rio de Janeiro. (trabalho orientado pela Professora: Gizlene Neder), p. 3.

<sup>275</sup> FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil, p. 78.

<sup>276</sup> DECRETO N. 3069 – DE 17 DE ABRIL DE 1863. Regula o registro dos casamentos, nascimentos e óbitos das pessoas que professarem religião diferente da do Estado. Senado Federal.

<sup>277</sup> *ibid*

Os impedimentos podiam ser de diferentes naturezas: por consanguinidade de 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> graus, por afinidade (o noivo ser padrinho da noiva, ou viúvo de sua irmã, por exemplo), por religiões diferentes, dentre outros. De acordo ainda com o art. 17 da referida Lei, caberia aos Presidentes das Províncias dispensarem os impedimentos dos casamentos não católicos da mesma forma que os da religião Oficial.<sup>278</sup>

Em uma pesquisa feita nos acervos paroquiais do Arquivo da Cúria Metropolitana de Niterói, foram encontrados processos do tipo “oradores”, referentes a solicitações de liberação do impedimento de mista-religião, por parte de homens e mulheres que desejavam contrair matrimônio.<sup>279</sup>

Nas listagens pertencentes ao citado Arquivo, especialmente nas caixas 5 e 18, na parte referente aos “Processos Oradores”, encontramos os dados básicos de 6 casais, sendo sempre um católico e o outro protestante que solicitavam a quebra do impedimento de mista-religião para que pudessem realizar seus casamentos:<sup>280</sup>

#### Caixa 5

1881: Florentine Amália Schanborn (alemã) e Antônio Ave Lallemand (brasileiro).

➤ Impedimento por religião, ela é protestante, luterana, e ele católico.

1897: John Bichards Whyte (brasileiro) e Lúcia Palmer da Silva Araújo (brasileira).

➤ Impedimento por religião, ele é protestante.

1898: Adam White (escocês) e Emília Pereira Candoza (brasileira).

➤ Impedimento por religião, ele é protestante.

---

<sup>278</sup> *ibid*

<sup>279</sup> “Processos Oradores” presentes nos acervos paroquiais (caixas 5 e 18) do “Arquivo da Cúria Metropolitana de Niterói” (ACMN), Niterói, RJ.

<sup>280</sup> “Processos Oradores” presentes nos acervos paroquiais (caixas 5 e 18) do “Arquivo da Cúria Metropolitana de Niterói” (ACMN), Niterói, RJ.

### Caixa 18

1860: Manuel Ferreira Gurques (português) e Agnes Parher O' Connor (inglesa - Ilha da Santa Helena).

- Religião mista, ele católico e ela protestante anglicana.

1871: Frederico Luíz Sehuinar Júnior (inglês) e Matilde Carolina Sossetty (brasileira – Engenho Velho).

- Religião mista, ela católica e ele protestante.

1891: João Kastup (alemão) e Eugênia Olga Jenny Bakuesen (brasileira).

- Religião mista, ela católica e ele protestante, além de impedimento por afinidade, pois ela é irmã de sua falecida esposa

Dentre esta pequena amostra, identificamos Antônio Ave Lallemand, brasileiro e descendente de alemães, morador de São Domingos, no século XIX, como sendo a parte Católica do processo. Sua noiva, Florentine Amália Schanborn, de origem alemã, era o lado protestante.

## **2. CAPITAL E TRABALHO NO RIO DE JANEIRO E EM NITERÓI: A PARTICIPAÇÃO DE BRITÂNICOS E ALEMÃES**

### **2.1. A capital do antigo Estado do Rio e a chegada de novos imigrantes**

No final do século XIX, o Brasil passou por transformações importantes, as quais afetaram, em grande medida, a sociedade brasileira. Em pouco mais de 10 anos, após a abolição da escravatura e a proclamação da República, começou a se delinear um novo quadro social bastante diverso daquele existente no período imperial. No que diz respeito às várias cidades brasileiras, onde se inclui Niterói, esse novo quadro populacional também se constituiu de diversos grupos de estrangeiros que para cá emigraram. Esses europeus vieram atraídos pelas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais vividas pelo País desde o início da República. Mas, também, e, principalmente, devido à difícil conjuntura existente na Europa. No período que vai de 1877 a 1903, foi registrada a entrada de 1.927.992 estrangeiros. Entre 1907 e 1930, este contingente foi ainda maior, perfazendo o total de 2.142.117 novos imigrantes que chegaram a vários pontos do país.<sup>281</sup> O movimento imigratório dos britânicos e alemães para o Brasil, entre 1890 e 1924, encontra-se representado na tabela a seguir, em intervalos de 5 anos, revelando um quantitativo muito maior de alemães do que de britânicos:<sup>282</sup>

---

<sup>281</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Histórias de Família: entre a Itália e o Brasil. Depoimentos*. Niterói: Muiraquitã, 1999, p. 15, 16.

<sup>282</sup> CARVALHO, Bulhões de. *Um médico cuidando da estatística brasileira. Memória Institucional 11*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, Rio de Janeiro, 2007. p. 21.

Movimento Imigratorio no Brazil  
de 1890 a 1924

Período	Allemaes	Inglezes
1890 a 1894	13.055	2.410
1895 a 1899	4.029	401
1900 a 1904	2.676	695
1904 a 1909	11.172	2.202
1910 a 1914	24.701	4.608
1915 a 1920	1.201	1.236
1920 a 1924	47.495	2.803
Total	104.329	14.355

Fonte: CARVALHO, Bulhões de. “Um médico cuidando da estatística brasileira.” IBGE, RJ, 2007.

O Rio de Janeiro, como capital da República, recebeu igualmente um número expressivo de imigrantes. Na primeira década do século XX, de uma população que totalizava 811.443 indivíduos, 600.928 eram brasileiros e 210.515 estrangeiros.<sup>283</sup> A maioria destes imigrantes vinha de Portugal, Itália e Espanha.<sup>284</sup> Havia ainda os que chegaram em número bem menor, como os britânicos e os alemães. O quadro abaixo permite visualizar uma comparação numérica entre imigrantes portugueses, italianos, espanhóis, alemães e ingleses:<sup>285</sup>

Imigrantes chegados ao Rio de Janeiro – Primeira década do S. XX

NACIONALIDADES	TOTAL
Portugueses	133.393
Italianos	25.557
Espanhóis	20.699
Alemães	2.575
Inglezes	1.671

Fonte: “Impressões do Brazil no Seculo Vinte”. Editada em 1913. Impressa na Inglaterra por Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd. Arquivo Histórico de Cubatão/SP.

<sup>283</sup> Impressões do Brazil no Seculo Vinte, editada em 1913 e impressa na Inglaterra por Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd., com 1.080 páginas, mantida no Arquivo Histórico de Cubatão/SP, p. 501-507.

<sup>284</sup> MENEZES, Lená Medeiros. Bastidores: um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro. Acervo (Revista do Arquivo Nacional), Rio de Janeiro, v.10, n. 2, pp. 3-15, jul/dez 1997, p. 7, 8.

<sup>285</sup> Impressões do Brazil no Seculo Vinte, Op. cit, p 501-507.

Embora não fossem numericamente representativos, os britânicos contribuíram para a modernização de várias cidades do Brasil, inclusive as do Rio de Janeiro e Niterói. Foram eles que, desde a segunda metade do século XIX, estiveram à frente de vários empreendimentos importantes, relacionados à implantação de cabos submarinos, estradas de ferro, telégrafos, bondes, barcos a vapor, iluminação a gás e redes de esgoto, entre outras inovações que se possa destacar.<sup>286</sup> Além disso, durante o processo de implantação de uma indústria no País, o qual ganhou força no início do período republicano, os britânicos e alemães foram igualmente responsáveis por vários empreendimentos de peso, relacionados ao setor secundário da economia.

O aumento populacional ocorrido em Niterói, nas primeiras décadas do século XX, e que se refletiria em um processo gradativo de urbanização da cidade, seria também resultado da presença dos vários grupos de imigrantes que para cá vieram. Estes estrangeiros não chegaram de uma só vez, porém, paulatinamente.

Júlio Pompeu de Castro Albuquerque, em conhecida obra sobre Niterói, procurou levantar a população estrangeira fixada nesta Cidade na década de 20. Abaixo, apresentamos os grupos de europeus quantitativamente mais relevantes por ele citados:<sup>287</sup>

**População estrangeira de Niterói – década de 1920**

Portugueses	Espanhóis	Italianos	Ingleses	Alemães	Franceses	Austríacos	Belgas
9488	960	750	459	228	135	28	18

Fonte: A Capital Fluminense (Album de Nictheroy)  
ALBUQUERQUE, Julio Pompeu de Castro. 1925.

<sup>286</sup> FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil, op. cit., p. 26, 27 e 59.

<sup>287</sup> ALBUQUERQUE, Julio Pompeu de Castro. A Capital Fluminense (Album de Nictheroy) Obra publicada sob a imediata direção e exclusiva responsabilidade de Julio Pompeu de Castro Albuquerque, 1925.

Dentre os grupos mais expressivos é possível mencionar os portugueses, espanhóis e italianos. Os ingleses, localizados em quarto lugar, aparecem excepcionalmente tomando a dianteira dos alemães, o que é um indicativo da importância que seus empreendimentos tiveram na cidade de Niterói. Em menor proporção, viriam os franceses, austríacos e belgas, os quais, dentre outros, contribuíram para o povoamento da capital fluminense.

Em meio a um conjunto expressivo de diferenças, esse contingente diversificado de imigrantes disputou palmo a palmo um lugar no reduzido mercado de trabalho local, competindo, ainda, com brasileiros locais, muitos dos quais ex-escravos da região e egressos das decadentes fazendas de café do vale do Paraíba, então em crise econômica.<sup>288</sup>

Andrea Tello da Côrte esclarece que três grupos de imigrantes dominaram o comércio de Niterói, na primeira metade do século XX: os portugueses, os judeus e os libaneses. Os portugueses, presentes desde sempre na economia local, atuaram em atividades variadas, do comércio à indústria, representando diferentes setores da economia que englobavam a elite econômica (banqueiro, empresário), o comerciante médio (dono de armazéns, padarias) bem como o operário e o pescador. Os madeirenses, um grupo à parte entre os portugueses, dedicavam-se, nas décadas de 30 e 40, aos pequenos negócios como quitandeiro e leiteiro. Além disso, os homens destacavam-se no ofício de carroceiro e as mulheres na confecção de bordados.<sup>289</sup>

---

<sup>288</sup> CÔRTE, Andréa Telo da. Judeus, portugueses e libaneses em Niterói. Estratégias e modos de inserção social, In CÔRTE, Andréa Telo da (Org.) História Fluminense: novos estudos Niterói: FUNARJ / Imprensa Oficial, 2012, p. 231.

<sup>289</sup> *ibid*, p. 226-256.

Os judeus, entre 1910 e 1940, constituíram-se como comerciantes por excelência. Além de dominarem os ramos do mobiliário e de joalheria, competiram, igualmente, nos setores de alfaiataria e de confecção com os libaneses que imigraram para Niterói nas primeiras décadas do século XX. Os espanhóis chegados antes da segunda grande guerra marcaram sua presença como operários da indústria naval.<sup>290</sup> Finalmente, os italianos atuaram como engraxates e ambulantes, vendendo artigos diversos, incluindo frutas, livros usados, bilhetes de loteria. Além disso, dominaram o ramo de venda de jornais e de revistas em Niterói.<sup>291</sup>

No início do século XX, além da existência do setor terciário da economia, concentrado no centro da Cidade, antiga região de Praia Grande, expandiu-se em Niterói o ramo fabril. Na última década do século XIX e primeiras décadas do século XX, a capital do antigo Estado do Rio passou por um processo de industrialização, circunscrito à região norte da cidade, e, mais particularmente, ao bairro do Barreto.<sup>292</sup> Os novos estabelecimentos fabris geraram vários postos de trabalho na Cidade. Complementarmente, havia ainda os empreendimentos relacionados à indústria naval e aos depósitos de minérios instalados em algumas ilhas pertencentes à Niterói que ampliaram o leque de empregos na região tanto para os trabalhadores nacionais como para os estrangeiros.

Buscando situar os britânicos e alemães neste contexto, julgamos importante definir, de acordo com Geiger, como se configurava geograficamente a cidade de Niterói, em termos das novas regiões que vinham se desenvolvendo nas primeiras décadas do século XX.

---

<sup>290</sup> CÔRTE, Andréa Telo da. Judeus, portugueses e libaneses em Niterói. Estratégias e modos de inserção social, In CÔRTE, Andréa Telo da (Org.) História Fluminense: novos estudos Niterói: FUNARJ / Imprensa Oficial, 2012, p. 226-256.

<sup>291</sup> GOMES, Angela de Castro. A pequena Itália de Niterói: uma cidade, muitas famílias. XXIII Encontro Anual da ANPOCS. UFF – Cpdoc - FGV, Niterói, 1999.

<sup>292</sup> GEIGER, op. cit., p 47-70.

A partir da área onde se situa o atual centro comercial e administrativo, a cidade ao se desenvolver para o leste (...) ocupou enseadas de praia arenosas, que constituem os bairros aristocráticos de Icaraí e Saco de São Francisco. (...) para o interior da baía, na direção norte, com margens lodosas, sem as brisas refrescantes, localizam-se em terrenos baratos, por vêzes, sobre aterros, os bairros proletários bem como a zona industrial. Nesta área encontramos o bairro industrial de Barreto (...)<sup>293</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, britânicos e alemães expandiram-se em várias direções de Niterói, ocupando em termos residenciais a faixa litorânea que vai da Praia das Flechas ao Saco de São Francisco. Esses dois grupos étnicos trabalhavam, em sua maioria, na capital da República, cidade onde se localizavam numerosas firmas e bancos pertencentes aos seus países de origem.

No caso particular dos britânicos, duas de suas mais expressivas organizações, a Leopoldina Railway e a Western Telegraph, vieram a se instalar também em Niterói. Somadas a elas, outros empreendimentos ingleses fizeram-se presentes na Cidade. A esse respeito é possível citar a Companhia Cantareira e a Viação Fluminense localizada em São Domingos, algumas indústrias de tecido e de fósforos instaladas no Barreto e outros empreendimentos relacionados à comercialização de minérios situados em ilhas da baía de Guanabara. No que diz respeito aos alemães, a história é mais complexa. De fato, houve alguns poucos empreendimentos alemães de expressiva importância para a economia local, conforme veremos mais adiante. Todavia, a participação dos alemães na região norte de Niterói esteve também relacionada à presença de uma parcela menos escolarizada desses estrangeiros, os quais atuaram em postos de trabalho menos qualificados nesta região. Estes representantes do operariado alemão, pelo que podemos apreender, acabaram por se fixar, em termos residenciais, em bairros operários como o Barreto, Santana e Ponta D'Areia, mais próximos de seus locais de trabalho.

---

<sup>293</sup> *ibid*, p. 59.

## **2.2. Niterói nas primeiras décadas do século XX: algumas medidas de impacto urbanizador**

Na passagem do Império para a República, a capital do País enfrentaria sérios problemas de ordem social. Com o fim da escravidão, grande número de ex-escravos se instalaram na periferia, buscando alternativas de sobrevivência. A este grupo social iriam se somar muitas levas de imigrantes que aportavam no Rio de Janeiro na esperança de conseguir trabalho. Estes novos contingentes humanos provocariam um crescimento rápido e desordenado da população carioca, gerando graves problemas habitacionais em suas estreitas ruas, onde proliferavam os cortiços, além de precárias condições de higiene, várias epidemias, desemprego, dentre outros problemas urbano-sociais.<sup>294</sup> A necessidade de adequar a realidade material da cidade do Rio de Janeiro à sua condição de capital do País, considerando todos os problemas enfrentados, determinou um amplo plano de reforma o qual foi levado a cabo pelo Prefeito e Engenheiro Francisco Pereira Passos, sob o incentivo do Presidente Rodrigo Alves, no período compreendido entre 1902 e 1906.

Do outro lado da baía, a pacata capital do antigo Estado do Rio, além de possuir espaços a serem povoados, era reconhecida por suas belezas naturais. Figurando entre as cinco cidades fluminenses mais indicadas pelos Guias Turísticos da época, Niterói, seguida de perto por Petrópolis, era sem dúvida a mais cotada pelos visitantes estrangeiros e brasileiros. Era ela que encabeçava a lista das “estações de verão”, dos passeios mais concorridos, bem como do maior número de registros iconográficos presentes nas publicações turísticas de época.<sup>295</sup>

<sup>294</sup> CARVALHO, Lia de Aquino, op. cit.

<sup>295</sup> PERROTA, Isabella. *Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, março de 2011. Um estudo feito por Isabella Perrota, a partir de 15 Guias editados no Rio de Janeiro entre 1883 e 1931, buscou elucidar como se deu “o processo de construção da cidade do Rio de Janeiro enquanto um destino turístico.” Este trabalho revela também dados sobre outras cidades, próximas à capital da República, que apareciam como locais mais procurados de visitação. Essas cidades eram Niterói, Petrópolis, Teresópolis, Friburgo e Campos.

Na última década do século XIX, todavia, Niterói viveria momentos dramáticos. Em 1890, teria seu território consideravelmente diminuído com a perda de algumas freguesias, incluindo a próspera São Gonçalo. Entre setembro de 1893 e março de 1894, a cidade sofreria ainda grandes danos materiais e humanos decorrentes de inúmeros bombardeios provocados pela Revolta da Armada. Por último, em 1894, perderia a própria condição de capital do Estado para a cidade de Petrópolis.

Em junho de 1903, Niterói voltaria a ser capital do antigo Estado do Rio de Janeiro no governo de Nilo Peçanha. O novo Presidente encontrou o estado mergulhado em grave crise econômica, uma verdadeira “massa falida” e se impôs, desde o início de seu governo, a tarefa de recompor esta situação.<sup>296</sup>

A administração nilista seria marcada por um severo programa de saneamento das finanças públicas (...) e, ainda, pela implementação de um conjunto de medidas destinadas a incentivar a produção. Ainda que sem abandonar a cafeicultura e a lavoura açucareira, Nilo via na diversificação da agricultura a principal saída para a crise da economia fluminense (...) Com isso, foi também descartada qualquer intenção oficial de criar incentivos para atividades industriais.<sup>297</sup>

Em seu primeiro mandato, procurou brindar Niterói com uma reforma urbana nos moldes da realizada por Pereira Passos na capital da República. Esta reforma, todavia, não se completaria em sua gestão. Ao contrário, no que diz respeito aos problemas mais cruciais da cidade, seria preciso esperar mais de uma década para promover soluções consistentes. Em janeiro de 1904, foi criada a Prefeitura Municipal de Niterói e para o cargo de Prefeito foi convidado o Engenheiro Paulo Alves que ficou apenas alguns meses no poder. Certas propostas elencadas em seu plano de governo, todavia, seriam conduzidas, posteriormente, por alguns de seus sucessores.

---

<sup>296</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso, op. cit., p. 91, 92.

<sup>297</sup> FERREIRA, Marieta Moraes. A velha província fluminense: crises e alternativas. In Anais do Colóquio Nilo Peçanha e o Rio de Janeiro no cenário da Federação. Organização Andréa Telo da Corte, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura. Agosto de 2009. p. 26, 27.

Uma das medidas de maior impacto urbanizador do primeiro governo Nilo Peçanha se refere à modernização e ampliação do sistema de transporte urbano. Em 1905, o Presidente do Estado, em pessoa, pressionou a Cia Cantareira e Viação Fluminense a transformar seu sistema de tração animal em tração elétrica. Através do contrato de 17 de outubro de 1905, esta Companhia, então presidida pelo Visconde de Moraes (1903-1908), assumiu a eletrificação de todas as suas linhas de bondes e o prolongamento de algumas.<sup>298</sup> Além disso, neste governo se iniciou a substituição da iluminação pública a gás pela elétrica.

No dia 31 de outubro de 1906 ocorreu a inauguração do serviço de bondes elétricos das linhas Icaraí e Canto do Rio, primeiro trecho substituído pela Companhia Cantareira. Às 19 horas do mesmo dia, foi inaugurada a iluminação elétrica das praias das Flechas e Icaraí. De acordo com o jornal O Fluminense <sup>299</sup> “o ato será festejado com grande esplendor e terá a assistência dos senhores presidentes da República (Rodrigues Alves) e do Estado, ministros e outras autoridades civis e militares do Estado e da União”. Na recepção, participaram a Escola Normal, escolas públicas, colégios particulares, operários de diversas fábricas, representantes da imprensa e grande parte da sociedade local.

Em vasta matéria escrita no dia seguinte, o jornal esclarecia que os carros eram confortáveis, tendo sido montados pelas oficinas da Cia Cantareira. A lotação comportava 40 passageiros para cada carro, e todos os bondes seriam dotados de aparelhos para iluminação interna e externa. O bairro de Icaraí foi contemplado com seis bondes da Linha Icaraí e com quatro da Linha Canto do Rio.<sup>300</sup>

---

<sup>298</sup> ALBUQUERQUE, op. cit.

<sup>299</sup> O Fluminense, 31/10/1906.

<sup>300</sup> O Fluminense, 01/11/1906.

A partir de 1908, a Cia Cantareira e Viação Fluminense passou a ser financiada por capitais ingleses, da The Leopoldina Railway Company Limited, grande empreendimento britânico presente em Niterói há cerca de dez anos.<sup>301</sup> Para adquirir a quase totalidade das ações da Cia Cantareira, 45.000 de um total de 50.000, a Leopoldina Railway criou a The Leopoldina Terminal Company ligada à Casa Winchester de Londres.<sup>302</sup>

Com escritório na Rua Visconde do Rio Branco, 107, a Cia Cantareira, além de ter o monopólio do principal meio de locomoção terrestre existente em Niterói, naquele período, controlava o setor de barcas a vapor, na baía de Guanabara, e, ainda, era responsável pela distribuição da água na capital do estado. Em anúncio do Almanak de 1909, ela se anunciava como uma companhia que fornecia os serviços de “Barcas, Bonds e Secção de Águas”.<sup>303</sup>

Em seu Estaleiro e Oficina, dotados dos mais modernos aparelhos e localizados em São Domingos, a Cia. Cantareira executava todas e quaisquer obras de reparação e aperfeiçoamento, reconstruindo e construindo seu material de navegação, dentre eles as barcas Icarahy e Nictheroy.<sup>304</sup>

Mr Kenox Little, administrador da Leopoldina Railway Company Limited, em artigo publicado em 1911, pelo The Brazilian Review, fazia algumas observações pertinentes para a época, destacando, entre seus argumentos, que a Capital da República atravessava um período de crescimento populacional contínuo e de alto custo de vida.<sup>305</sup>

---

<sup>301</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso, op. cit., p. 237.

<sup>302</sup> The Brazilian Review – 1889 a 1913 – PR\_SPR\_02584\_161993, Edição 00046 (1) November 14 th, 1911, p. 16. / The Brazilian Review, Edição 00006 (1), January 6<sup>th</sup>, 1912, p. 20.

<sup>303</sup> Almanak, Edição B00066 (1), 1909, p. 922.

<sup>304</sup> ALBUQUERQUE, op. cit.

<sup>305</sup> The Brazilian Review – 1889 a 1913 – PR\_SPR\_02584\_161993, Edição 00046 (1) November 14 th, 1911, p. 16.

Em troca, esse britânico fazia previsões sobre as possibilidades de crescimento populacional da capital do Estado do Rio, não só por sua proximidade física com a capital federal, mas, de igual modo, em consequência da recente modernização e ampliação de seus meios de transportes terrestres e marítimos. Ao concluir seu pensamento, Mr Kenox Little esclarecia que:

“Nichteroy tem grandes possibilidades de expansão, pois tanto sua parte mais urbanizada como seus terrenos mais distantes da baía são planos e portanto muito adequados à construção. O grande crescimento dos subúrbios do Rio de Janeiro, após o desenvolvimento do sistema ferroviário na Capital, tem demonstrado que as pessoas não se importam em morar mais distante se o transporte público é eficaz. Tendo em vista que os subúrbios cariocas estão ficando populosos, tudo leva a crer que haverá um rápido crescimento da população do outro lado da baía de Guanabara, já que Nictheroy agora possui um eficiente sistema de bondes elétricos e de barcas.”<sup>306</sup>

Além da modernização do sistema de bondes, da ampliação do sistema de barcas e da implantação do sistema elétrico de iluminação, o movimento de urbanização da Cidade foi beneficiado pela restauração do sistema de telefonia (1909), destruído durante a Revolta da Armada, e pelo aprimoramento dos serviços prestados pelo Corpo de Bombeiros. (1913 e 1926).<sup>307</sup>

---

<sup>306</sup> *ibid.* A seguir transpomos o texto original em inglês: “Nichteroy presents great possibilities for expansion, as both in town and for considerable distances back from the Bay the ground is flat and very suitable for building. The great development of the suburbs of Rio de Janeiro on the Central Railway and on the Northorn line of the Leopoldina Railway shows that people are satisfied to live up to distances of 20 miles from the capital, as long as the transport service be satisfactory. As the Central Railway suburbs are full to overflowing there is every indication that there will be a rapid growth in the population on the Nictheroy side of the Bay now that a good tram and ferry service is in existence. A steady increase in passenger movement during the latter years has accompanied the improvements that have been effected by the Brazilian Company, and there is no doubt that for many years to come this increase must continue, so that calculation based upon the present position of Company can be taken with the greatest safety.”

<sup>307</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso, op cit, p. 95-97.

Além disso, em diferentes mandatos, foi realizada a abertura, alargamento e calçamento de várias ruas da zona sul, bem como da zona norte da Cidade. Em 1909, inclusive, procedeu-se à abertura da Alameda São Boaventura, no Fonseca, e ao alargamento da Estrada Leopoldo Fróes, que fazia a ligação de Icaraí com o Saco de São Francisco.<sup>308</sup> Niterói se beneficiou, ainda, de inúmeras reformas de embelezamento de seus largos e praças, nos mais diferentes pontos da cidade, sendo que, em 1910, foi realizada a urbanização do Campo de São de Bento.<sup>309</sup>

Ao longo de duas décadas, Nilo Peçanha dominou o cenário político fluminense, sendo inclusive Presidente do Estado do Rio por dois mandatos: 1903-1906 e 1914-1917. A partir de 1923, todavia, perderia o controle político do Estado do Rio ao ser derrotado na sucessão presidencial de 1922 à qual concorrera como candidato. Após esta data, a liderança do antigo Estado do Rio de Janeiro passaria às mãos de seu opositor, Feliciano Sodré.<sup>310</sup> Este político, por sua vez, já tivera oportunidade de demonstrar competência administrativa, quando fora prefeito de Niterói entre 1910 e 1914.

Enquanto Prefeito, o Engenheiro Feliciano Sodré realizou obras de peso objetivando o saneamento e a urbanização da Cidade, sem deixar de procurar, igualmente, melhorar o sistema de água existente.<sup>311</sup> Entre seus feitos mais importantes, procedeu ao aterramento do antigo Campo Sujo, local, onde, posteriormente, em 1927, pôde abrir um novo arruamento e construir a Praça da República. Além disso, realizou o saneamento da enseada de São Lourenço, tendo em vista a construção de um extenso cais, para servir de porto à Cidade e ao Estado.<sup>312</sup>

<sup>308</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso, op. cit., p. 95, 98, 100.

<sup>309</sup> *ibid.*, p. 101, 188.

<sup>310</sup> FERREIRA, op. cit., p. 22-37.

<sup>311</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso, op. cit., p. 98-100.

<sup>312</sup> *ibid.*, p. 98-100.

Algumas obras iniciadas por este político, entre 1910 e 1914, todavia, só seriam concluídas, quando ele se tornasse Presidente do Estado, no período de 1923 a 1927. Dentre os feitos realizados neste último mandato, destaca-se a realização do tão acalentado sonho de dotar Niterói de um porto, capaz de lhe conceder autonomia e benefícios financeiros.

Um capítulo à parte foi a construção da rede de esgoto de Niterói que atravessou várias gestões, só sendo concluída em 1920. Niterói, em 1900, somava uma população de 53.433. Em 1920, esta população já alcançara o número de 86.238 habitantes.<sup>313</sup> O processo de urbanização somado ao aumento populacional demandava providências urgentes nesta área. O jornal O Fluminense de 1920, ao fazer uma retrospectiva desta questão, em ampla matéria, assinalava que o serviço de esgotos se constituía para Nictheroy, sua máxima preocupação. De acordo com este periódico, a primeira tentativa fracassada de dotar a cidade desse tipo de serviço remontava ao governo de Francisco Portella (1891). No governo de Nilo Peçanha, em 1904, o então prefeito Paulo Alves contratou o Engenheiro Dr. Jorge Lossio para realizar o levantamento da planta da Cidade e o projeto de uma rede de esgotos. Terminados os trabalhos em 1905, o Prefeito Pereira Nunes abriu uma concorrência para construção e exploração da rede projetada, concorrência esta que foi encerrada sem resultado favorável. Com Feliciano Sodré assumindo a Prefeitura, foi feita uma revisão no projeto do Dr. Lossio e iniciado o serviço de construção da rede sanitária, trabalho este que foi incrementado ao longo de todo o seu mandato.<sup>314</sup>

---

<sup>313</sup> Niterói- Rio de Janeiro, Fundação IBGE, Instituto Brasileiro de Estatística. Coleção de Monografias – N<sup>o</sup> 441, 30/06/1969.

<sup>314</sup> O Fluminense, 02/07/1920.

Em 1915, no segundo governo de Nilo Peçanha, sob a prefeitura de Otávio Carneiro, foram concluídas outras etapas do trabalho. Todavia, apenas em 1920 entrou em funcionamento todo o sistema da rede pública de esgotos de Niterói. Ainda de acordo com o mesmo artigo de O Fluminense, após a inauguração desta rede, “*os inimigos da nossa invicta cidade não poderão dizer com ironia contumaz que a Praia Grande é ainda a terra dos barris*”.<sup>315</sup>

E, por último, esclarecia que, na aprazível e pitoresca praia de Icaraí, fronteira à rua do Fundador, atual Lopes Trovão, desde às 7 horas da manhã, notava-se grande número de pessoas que procuravam examinar a estação elevatória ali instalada e onde deveria ter início a solenidade. Muitas famílias procuravam logo cedo se localizar para assistir à cerimônia.<sup>316</sup>

*“Dentre ellas notava-se mesmo **muitos estrangeiros residentes nas proximidades e os quais antes de se dirigirem para os seus afazeres, na Capital Federal, também prestaram o concurso das suas presenças (...)**”(o grifo é nosso)*<sup>317</sup>

A partir do exposto até aqui, é possível concluir que a implantação de vários serviços e melhorias urbanas trouxe conforto e modernidade à população niteroiense, nas primeiras décadas do século XX. Tal progresso, todavia, não destruiu de pronto certas características ambientais da Cidade, permitindo que aspectos de sua paisagem natural, como o litoral e as montanhas, fossem preservados ainda por algumas décadas. Esta combinação de modernização da cidade com preservação da paisagem ambiental, aliada a um estilo de vida mais pacato e conjugado à proximidade da Capital do País, provavelmente atraiu muitos britânicos e alemães que aqui fixariam residência.

---

<sup>315</sup> O Fluminense, 02/07/1920.

<sup>316</sup> *ibid.*

<sup>317</sup> *ibid.*

### **2.3. A participação de Companhias e Bancos britânicos na formação da comunidade Local**

Nos primeiros anos do século XX, o povoamento dos britânicos em Niterói esteve fortemente associado à presença de grandes empreendimentos ingleses fixados nas capitais da República e do Estado. Dentre estes negócios, dois merecem particular destaque: a Leopoldina Railway Company Limited e a The Western and Telegraph Company Limited. A Leopoldina Railway foi constituída em 6 de dezembro de 1897, quando empresários britânicos encamparam e unificaram os serviços de ferrovias menores pertencentes ao governo brasileiro. A partir daí, a Leopoldina iria tornar-se o maior empreendimento ferroviário do Brasil, com mais de três mil quilômetros de trilhos espalhados nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.<sup>318</sup> Em Niterói, esta Companhia, além de encampar a Companhia Cantareira e Viação Fluminense, como já foi visto, operou sua Estação ferroviária e Oficinas localizadas em Sant'Anna do Maruí, fixando-se igualmente na Ilha da Conceição.<sup>319</sup> Esta empresa possuía um vasto quadro de funcionários de nacionalidade tanto britânica quanto brasileira, composto de engenheiros e técnicos, que atuavam em várias frentes de trabalho, na cidade do Rio de Janeiro e em Niterói.<sup>320</sup>

Logo na primeira década do século XX, a Leopoldina Railway se preocupou em destinar uma residência para acomodar seus funcionários em Niterói. Estes rapazes, recém-chegados da Europa, passaram a residir na antiga “Chácara dos Ingleses”, na Estrada Fróes, nº 47, com entrada também para o número 271.

---

<sup>318</sup> SOUKEF, op. cit., p. 21, 22.

<sup>319</sup> O Fluminense, 11/01/1904.

<sup>320</sup> Almanak Laemmert, Edição A00066 (1), 1909, p 1685-1911.

Esta chácara que ocupava uma área de cinco mil metros quadrados possuía, dentre outras construções, dois casarões pintados de branco, com janelas e cercas na cor azul claro, além de amplos varandões. É interessante observar que do alto desta propriedade era possível descortinar duas paisagens distintas: de um lado, a Praia de Icaraí e, do outro, toda a enseada de Jurujuba. Talvez a ampla vista que se descortinava para a enseada de Jurujuba possa explicar o apelido dado à residência dos rapazes da Leopoldina que foi batizada com o nome de “Chácara de Jurujuba”, de acordo com o Almanak Laemmert de 1909.<sup>321</sup>

Abaixo, apresentamos um quadro demonstrativo de funcionários, provavelmente solteiros, dessa ferrovia que moravam na Chácara da Leopoldina, ou “Chácara de Jurujuba”, em 1909. Este quadro mostra que conviviam nessa residência coletiva tanto funcionários mais categorizados, do tipo engenheiros e contadores, como, igualmente, funcionários menos especializados.

-Funcionários da Leopoldina Railway-  
Moradores da “Chácara de Jurujuba” (1909)

NOME	CARGO
H. J. Hands	Contador geral da The Leopoldina Railway
H. E. Gwyther	Engenheiro chefe das linhas e construções da The Leopoldina Railway
H. R. Lathan	Empregado da The Leopoldina Railway
J. J. Watson	Empregado da The Leopoldina Railway
J. P. Allen	Empregado da thesouraria da The Leopoldina Railway
W. E. Aimers	Empregado da The Leopoldina Railway
W. J. Renfree	Empregado da The Leopoldina Railway
W. L. W. Knox Little	Empregado da The Leopoldina Railway
Fonte: Almanak, Ed. A00066 (1), 1909, ps. 1685-1911	

<sup>321</sup> Ao longo de várias páginas do Laemmert de 1909, encontramos referência a vários empregados da Leopoldina que moravam na “Chácara de Jurujuba” pertencente a esta organização. A esse respeito ver: Almanak Laemmert, Edição A00066 (1), 1909, p 1685-1911.

Da mesma forma que a Leopoldina, a Western Telegraph também trouxe seu pessoal para viver em Niterói. Sobre esta organização, é importante elucidar que, a partir de meados do século XIX, a Grã-Bretanha assumiu o controle da comunicação internacional utilizando-se da tecnologia de instalação de cabos submarinos de longa distância e à grande profundidade. Em 1873, o Brasil entrava na era das comunicações submarinas com o cabo de telégrafo da costa, estabelecendo extenso sistema que serviu ao País até meados do século XX.<sup>322</sup> A Western Telegraph foi uma das empresas britânicas a cumprir essa função na área de comunicação, operando cabos submarinos que conectavam o Brasil com o mundo.

Esta empresa surgiu no dia 1<sup>o</sup> de fevereiro de 1900, em virtude do decreto n. 3.307, de 6 de junho de 1899, que oportunizou a junção de duas outras companhias que já operavam no Brasil desde o século XIX: a Brazilian Submarine Telegraph Company Limited e a The Western and Telegraph Company Limited.<sup>323</sup>

O aterramento dos cabos da Western Telegraph inicialmente situava-se na praia de Copacabana. Posteriormente, em 1890, esta organização obteve permissão do Ministério da Instrução Pública, Correios e Telegraphos para trazê-los até o interior da baía. Alguns anos depois, em 1902, conseguiu autorização do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas *“para transferir de Copacabana para Nictheroy a residência do seu pessoal e para liga-la por meio de um cabo à sua estação no Rio de Janeiro, com proibição de receber ou entregar serviço em Nictheroy.”*<sup>324</sup>

---

<sup>322</sup>MARTINS, Ana Luíza. Aspectos econômicos da presença britânica no Brasil. In Revista: Os Britânicos no Brasil, São Paulo: Cultura Inglesa, 2001. p. 15, 16.

<sup>323</sup> Almanak, Ed. A000 65 (2), Ano 1908, p. 2320.

<sup>324</sup> Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas – 1910 a 1927 – PR\_SPR\_00441\_459194. Edição 00001, Ano 1910, p. 388.

A vinda desta Organização para Niterói foi confirmada através de nossa pesquisa. Já em 1907, encontramos uma nota do Jornal “The Brazilian Review”, em que é mencionada a existência de uma primeira Chácara da Western Telegraph em São Domingos, para servir de moradia ao seu pessoal.<sup>325</sup> Além disso, o próprio Superintendente da Western Telegraph, Arnold Foy, instalou-se na rua Passo da Pátria, nº 32, em São Domingos, provavelmente para ficar mais perto das atividades da companhia e de seu pessoal.<sup>326</sup> Mais tarde, esta companhia comprou uma chácara, em extenso terreno localizado na rua Passo da Pátria, nº 156. Esta propriedade, pertencente ao português Francisco Manuel da Silva Rocha, desde 1888, já era possuidora de uma residência, conhecida como Chalet. Após adquiri-la de seu antigo dono, em 1920, a Western Telegraph construiu um casarão para instalar seus funcionários e laboratórios. Esta propriedade, que serviu de alojamento aos britânicos até o ano de 1943, pertence hoje à Universidade Federal Fluminense.<sup>327</sup>

Posteriormente, através do Decreto nº 12.920 de 13 de março de 1918, o Governo Federal concedeu a Nelson O’Shaughnessy, representante da The Western Telegraph no Brasil, autorização, ainda que sem monopólio ou privilégio de espécie alguma, para “lançar e explorar dous cabos submarinos, partindo da cidade de Nictheroy (...)” sendo um com destino a algumas cidades do nordeste e outro direcionado à República do Uruguay com possível prolongamento para a Argentina.<sup>328</sup>

---

<sup>325</sup> The Brazilian Review – 1889 a 1913 – PR\_SPR\_02584\_161993, Edição 00039 (1) Setember 24 th, 1907, p. 18.)

<sup>326</sup> Almanak Laemmert, Ed. A00067, 1910, p. 930.

<sup>327</sup> Niterói: Patrimônio Cultural. Departamento da Memória Cultural. Niterói: Niterói Livros, 2000. p. 48.

<sup>328</sup> Decreto n. 12.920 de 13 de março de 1918.

Finalmente, de acordo com Towersey, a *Western Telegraph* manteve por longos anos seu empreendimento em São Domingos. Inclusive, segundo informa este britânico, o cabo utilizado para realizar reparos no equipamento da empresa era armazenado em três grandes tanques circulares localizados neste mesmo bairro.<sup>329</sup>

Além destas duas companhias, vários outros empreendimentos britânicos, localizados na cidade do Rio de Janeiro, buscaram Niterói para acomodar seus funcionários solteiros. Já em 1900, os funcionários do *The London and Brazilian Bank* residiam em uma Chácara situada na Praia das Flexas.<sup>330</sup> O *Bank of London & South American* reservou, de igual modo, uma casa para solteiros na praia de Icaraí, no final do Canto do Rio. Houve ainda uma residência na rua Sete de Setembro, de propriedade do *Moinho Inglês*, destinada a abrigar os funcionários.<sup>331</sup> Destacamos, igualmente, uma iniciativa da *City Improvements* (Companhia de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro) que instalou seus funcionários na Boa Viagem.<sup>332</sup> Por fim, é possível citar ainda o banco *London & River Plate Bank* e a *Firma Flour Mills & Granaries Co.*, os quais também criaram chácaras em Niterói, sem que, todavia, saibamos em que endereços.<sup>333</sup>

Os bancos e firmas acima citados tiveram um papel preponderante na vida profissional, econômica e sociocultural de seus empregados. Além de ofertar emprego e moradia aos funcionários, estas organizações participaram ativamente da criação de instituições sociais, educativas e religiosas que deram respaldo à vida da comunidade britânica de Niterói, como veremos no capítulo 3.

<sup>329</sup>TOWERSEY, Frederic Robert. Palestra intitulada “The British in Niterói”, ministrada em abril de 1994 para alunos da Cultura Inglesa de Niterói.

<sup>330</sup> *The Rio News*, march 27 th, 1900, Ed. 00013 (2), p. 7.

<sup>331</sup> Entrevistas de Alastair Robert Grant Stewart Leslie e Sheila Priscilla Causer Ferreira, Op. cit. Ver também TOWERSEY, Frederic Robert. Palestra intitulada “The British in Niterói”, Op. cit.

<sup>332</sup> DANIEL, Denis Allan. *SURVIVING MY FATHER (A Memoir)* – Published in Brazil: 2013. Alex Forman, Personal Historian ISBN: 978-85-916190-0-9, p. 69.

<sup>333</sup> *Jornal do Brasil* – 1970 a 1979 – PRC\_SPR\_00009\_030015. Ed. 00313 (1), p. 58, Rio de Janeiro, Domingo, 17 de fevereiro de 1974. Caderno RJ.

Nem todos os britânicos moradores de Niterói habitavam em chácaras das Companhias, havendo, por conseguinte, muitos outros que se instalaram em residências particulares. A seguir, apresentamos um quadro, correlacionando nome, endereço, bairro e profissão de alguns destes imigrantes que residiram na Cidade.

Quadro relativo aos britânicos residentes em Niterói na primeira metade do século XX

NOME	ENDEREÇO	BAIRRO	FIRMA - LOCAL	FONTE
Arthur Franklin	Rua do Souza, n. 15	IcaraHy	Guarda-Livros, Niterói	Ed. A00058 (67), 1901, p. 421
Richard A. Riechers	Praia de IcaraHy, 23 / Rua Visconde de Moraes, 61	IcaraHy	Engenheiro e Diretor Gerente da Fábrica de Fósforos Brazil - Niterói	Edição A00060 (1), 1903, p. 507 Ed.B00066 (1), 1909, p.922
Edwin Montagne Wilkes	Rua Miguel de Frias, 28	IcaraHy	Médico - Niterói	Ed. A00063 (2), 1906, p. 2027
C. L. Coxwell	Praia do Canto do Rio, 29 C	IcaraHy	Superintendente Marítimo do Rio de Janeiro Lig Htrage Company, Ltd - RJ	Ed. A00066 (14), 1909, p. 936 "Rio Cricket and Athletic Association / Fixture Card", 1918"
R. Torthesen	Rua Álvares de Azevedo, n. 86	IcaraHy	Empregado da The Leopoldina Railway-RJ	Ed. A00066 (1), 1909, p. 1895
Charles Causer	R. Oswaldo Cruz, (1910) / Estrada da Fróes , a partir de 1914.	IcaraHy / E. da Fróes	Importador e comerciante, Firma Hopkins, Causer & Hopkins- RJ	Alastair Robert Grant Stewart Leslie
Henrique J. Morrissy	Praia de IcaraHy, 37-B	IcaraHy	Guarda-livros - RJ	Ed. A00067 (2), 1910, p. 1674.Ed. A00068 (1), 1911, p. 930.
Walter H. Whichelo	Rua Gavião Pixoto, 284	IcaraHy	Engenheiro Mecânico e Negociante, Tesoureiro do Strangers Hospital - RJ	Edição A00068 (5), 1911, p. 1282. Ed. A00074 (12), 1918, p. 1337.
Jonh A. Finlay	Praia de IcaraHy, 33-B	IcaraHy	Comerciante da Firma Hopknis, Causer & Hopkins- RJ	Al. A00068, 1912, p. 1595.
Thomas Willis	Praia de IcaraHy, 336.	IcaraHy	Industrial, sócio da Firma Brobery & C <sup>a</sup> - RJ	Ed. A00068 (5), 1912, p. 1835.
Ernest Pritchard	Praia de IcaraHy, 33	IcaraHy	Sócio da Firma Mappin & Webb - RJ	Ed. A00069 (57), 1913, p. 1957.
Harry E. Hagem	Rua Otávio Carneiro, 34	IcaraHy	Sócio da Firma José Ritter & C <sup>a</sup> - RJ	Ed. A00069, Ano 1913, p. 1796.
Carl Ruprecht Fisher	Rua Vera Cruz, 30	IcaraHy	Sócio da Firma Fisher & C <sup>o</sup> - RJ	Ed. A00070 (67) 1914, p. 1816
A. Norris	Praia de IcaraHy, 39 AA	IcaraHy	Sócio da Firma Percy Grant & Co. - RJ	Ed. A000 70 (67) 1914 P. 1978
J. Frank Houston	Praia de IcaraHy, 31, Tel. 907	IcaraHy	Cirurgião-Dentista - RJ	Ed. A00070 (1), 1914, p. 1865
Egerton Danford Truman	Rua Otavio Carneiro, 86, IcaraHy	IcaraHy	R. da Quitanda, 149, RJ	Wileman's Review, 1915 -1940-PR_SPR_02584. Ed. 00013 (1) April 1st, 1925, p. 423. / Ed. 00031 (1), August 1st, 1923, p. 1003.
William T. Ginns	Praia de IcaraHy, 69	IcaraHy	Negociante - RJ	C. Wehrs, 1984, p. 195, 196 / "Rio Cricket and Athletic Association / Fixture Card", 1918"
F. W. P. Dennis	Rua Otávio Carneiro, 30	IcaraHy	Sócio da Firma Falk & Dennis Corretores - RJ	Ed. A00069, 1913, p. 1718 Ed. A00069, 1913, p. 1738
George Lester Finlay	Praia de IcaraHy, 287	IcaraHy		C. Wehrs, 1984, p. 195, 196 / Rio Cricket and Athletic – Fixture Card – Season, 1927.
Eduardo Haynes	Praia de IcaraHy, 161	IcaraHy		C. Wehrs, 1984, p. 195, 196 (Ano de 1925) / Rio Cricket and Athletic – Fixture Card – Season, 1918.

Arthur Abbott	Praia de Icarahy, 515	Icarahy		Wileman's Review, 1915 -1940-PR_SPR_02584. Ed. 00017 (1) April 25th, 1923, p. 525.
Frederick Thomas Abbott	Praia de Icarahy	Icarahy	Sócio da Firma Messrs. S. McLauchlan & Co., RJ.	Wileman's Review, 1915 -1940-PR_SPR_02584. Ed. 00024 (1) 17th June, 1926, p. 9.
Apply Tyler	R. Belisário Augusto, 31	Icarahy		Wileman's Review, 1915 -1940-PR_SPR_02584. Ed. 00003 (1) January 20, 1927, p. 77.
Albert G. Ryder e Ethel Rowland (Pais de Phyllis Belcher)	Rua Oswaldo Cruz.	Icaraí		IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. Rio Cricket e Associação Atlética: mais de um século de paixão pelo esporte, Op cit, p. 157.
Harry F. Hagen	Rua Mariz e Barros, 43	Icarahy	Negociante à Rua Buenos Aires, 122, RJ, Tel. 580	Ed. A00083, Ano 1928, p990.
David Garrett	Praia de Icarahy	Icarahy	Alto funcionário da Cia Cantareira, em Niterói	Diario da Noite, Ed. 03768 (2), !0.05.1943, p. 1, 2.
Percy Daniel	Lopes Trovão, 81.	Icarahy	Western Telegraph Company (até 1928), Depois, na City Improvements.	SURVIVING MY FATHER (A Memoir) – Denis Allan Daniel - Published in Brazil: 2013.
Percy Fellows	Rua Tavares de Macedo	Icaraí	Comércio de Equipamentos para fábricas de fiação e Tecelagem, RJ.	Entrevista com Família Fellows
Leslie Loreth Coxwell (1986-1978) Inglaterra	Rua Nilo Peçanha, 1, Ap. 1104	Praia das Flechas	Av. Rio Branco, n. 9, 3º andar, RJ.	Ficha de Sócio do Arquivo de sócios do Rio Cricket
Frederic Robert Towersey		São Francisco		Frederic Robert Towersey
H. L. Wheathey	Praia do Gragoata, 55	São Domingos	Mestre de Obras - RJ	Ed. A00064 (3), 1907, p. 1012
Fortescue Whitte	Rua Boa Viagem, 151	Boa Viagem	Contador do London & River Plate Bank, RJ.	Ed. A00080 (8), 1924, p. 1300
Guilherme Morrissy	Rua Visconde de Moraes, nº 6	Ingá	Firma Morrissy Brothers, Imp. e Exp.- RJ	Ed. A00058 (6), 1901, p. 1485.
Guilherme Nicoll	Rua Visconde de Moraes n. 3.	Ingá	Funcionário Público - RJ	Ed. A00058 (6), 1901, p. 1485.
Cyril Lindow Higgin (1908- )	Rua Fagundes Varela, 561,	Ingá	Diretor-Tesoureiro da Companhia de Navegação Shell-Mex do Brasil, RJ.	Ficha de Sócio do Arquivo de sócios do Rio Cricket
Arnold Foy	Rua Passo da Pátria, 32	Ingá	Engenheiro, Superintendente da The Western Telegraph Company, Limited - RJ	Ed. A00067, 1910, p. 930
Jayme Schofield	Rua da Engenhoca, 38	Engenhoca	Diretor-Gerente da Fábrica de tecidos Santo Aleixo - RJ	Ed. A00066(1), 1909, p. 938.

Com base nas informações acima, podemos inferir que, diversamente do século XIX, a grande maioria dos britânicos residia em Icaraí, embora um percentual pequeno se localizasse em bairros como o Ingá, São Domingos, Boa Viagem, São Francisco e Engenhoca. Além disso, é possível afirmar que a quase totalidade destes imigrantes desempenhava as suas funções em firmas ou instituições de origem britânica, localizadas na cidade do Rio de Janeiro, em contraste com um menor número que atuava em Niterói.

## 2.4. Niterói proletária: a industrialização do Barreto e empreendimentos nas Ilhas da Guanabara

De acordo com Honorato, na primeira metade do século XIX, existiu em Niterói uma indústria antes do processo de industrialização.<sup>334</sup> Conforme observa Brandão, os estabelecimentos fabris existentes em Niterói, neste período, desenvolveram-se principalmente articulados à economia agroexportadora.<sup>335</sup> Honorato esclarece, todavia, que esta atividade não se restringia a uma indústria agrícola, tão somente, porém se destacava como “atividades de transformação antes de uma industrialização”.<sup>336</sup>

A construção naval como atividade marcante destacou-se justamente em Niterói, com a organização da Ponta D'Areia. A fundição e construção naval associadas, constituídas como o setor mais dinâmico do período, foi também observada em Niterói: as fundições eram também dirigidas para a construção e reparos de engenho e mais tarde, a obras de infra-estrutura. (...) Os organizadores da produção artesanal, manufatureira e fabril eram, em Niterói e no Brasil, identificados como brasileiros ou estrangeiros residentes (...).<sup>337</sup>

A partir de meados do século XIX, tem início um esforço industrializante no Brasil aliado à expansão do setor ferroviário.<sup>338</sup> A cidade do Rio de Janeiro, principal zona de comércio do País, funcionou como centro impulsionador deste processo típico de substituição de importação. Todavia, foi apenas a partir de 1890 que, de fato, esta cidade conheceu um grande incremento industrial. De acordo com o Censo industrial de 1907, cerca da metade das empresas existentes até aquele ano haviam sido implantadas entre 1889 e 1907.<sup>339</sup>

<sup>334</sup> HONORATO, Cesar e BEAUCLAIR, Geraldo de. Niterói Industrial: ramos da pré-indústria (1834-1860), in: MARTINS, Ismênia de Lima e KNAUSS, Paulo (Org.) Cidade Múltipla: temas da cidade de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 1997. p. 102-104.

<sup>335</sup> BRANDÃO, op. cit., p. 46, 47.

<sup>336</sup> HONORATO e BEAUCLAIR. op. cit.

<sup>337</sup> *ibid.*, p. 128.

<sup>338</sup> GEIGER, op. cit., p. 48.

<sup>339</sup> MENDONÇA, Adalton da Motta. Transformações sócio-econômicas no Eixo Niterói-Manilha em São Gonçalo/RJ. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 19.

No que diz respeito à orla oriental da baía de Guanabara, a decadência das fazendas de café e de cana-de-açúcar favoreceu a transformação do eixo Niterói-São Gonçalo. Após o parcelamento das fazendas, originaram-se em determinados pontos sítios produtores de frutas e verduras.<sup>340</sup> Na verdade, os primeiros governos do Estado do Rio de Janeiro, em que se inclui Nilo Peçanha, mantiveram em território fluminense um projeto econômico predominantemente agrário.<sup>341</sup> Todavia, apesar da ausência de estímulo à industrialização, várias fábricas conseguiram se implantar na região.<sup>342</sup> A proximidade de Niterói da capital da República certamente influenciou este processo.<sup>343</sup>

Na antiga zona rural de Niterói e São Gonçalo, as indústrias que surgiram atraíram muitos trabalhadores, vindos de pequenas propriedades e de sítios de frutas e verduras existentes em torno de Niterói e São Gonçalo. Esta mão-de-obra saída do campo era mais barata e menos exigente que o proletário já organizado do Rio de Janeiro.<sup>344</sup> Além disso, a chegada de grande número de imigrantes portugueses, espanhóis, alemães, dentre outros, à capital da República, iria contribuir para o processo de urbanização da orla oriental da baía de Guanabara, ampliando a oferta de mão de obra operária em Niterói. Na região norte desta Cidade, os estabelecimentos fabris surgiram, principalmente, no atual bairro do Barreto, beneficiando-se da presença do litoral e da ferrovia. A área do Barreto, antes ocupada por uma grande fazenda pertencente ao Frei José Barreto, tinha em seu litoral pequenos portos de embarque e embarcadouros particulares, por onde se escoava a produção vinda dos sítios e fazendolas mais próximas.<sup>345</sup> Completando esse quadro, a ferrovia que partia de Sant' Anna, desde a década de 1880, fazia a comunicação com o interior do Estado.

<sup>340</sup> GEIGER, op. cit., p 48.

<sup>341</sup> FERREIRA, op. cit., p. 22-37.

<sup>342</sup> GEIGER, op. cit., p 48.

<sup>343</sup> *ibid.*, p. 70. Ver também MENDONÇA, op. cit., p. 23.

<sup>344</sup> *ibid.*, p. 58.

<sup>345</sup> BACKHEUSER, op. cit., 309. Também ver FORTE, op. cit., p. 114.

Em 1904, uma matéria do Jornal O Fluminense revelava um quadro bem completo dos empreendimentos fabris e não fabris existentes em Niterói, bem como da “população operária fixada nas fábricas e oficinas”, segundo informações colhidas nos próprios estabelecimentos da época.<sup>346</sup>

Fábricas e Oficinas e população operária em Niterói, em 1904

<b>Estabelecimentos</b>	<b>Nº de operários</b>
<b>Companhia Manufatora Fluminense</b>	<b>1000</b>
<b>Cia Cantareira e Viação Fluminense</b>	<b>900</b>
Lage & Irmãos (Ilha Vianna)	900
<b>Fabrica de Phosphoros de Vitorio Migliora</b>	<b>460</b>
Fabrica São Joaquim (tecidos)	434
<b>Fabrica de Phosphoros Brasil</b>	<b>425</b>
Laboratório da Marinha	400
<b>C. H. Walker &amp; C. Ltd (Ponta da Arêa)</b>	<b>400</b>
<b>Fábrica de Phosphoros de M. M. Ferreira</b>	<b>230</b>
Cia Novo Lloyd (Ilha de Mocanguê )	200
<b>Wilson, Sons &amp; C. (Ilha da Conceição)</b>	<b>200</b>
<b>Estrada de Ferro Leopoldina (estação e oficinas)</b>	<b>136</b>
Fábrica de Fumos de J F Corrêa & C. (marca Veado)	130
Cia Nacional Manufatora de Fumos (Fábrica Progresso)	85
<b>CarlosWigg (Mocanguê Grande)</b>	<b>50</b>
Fábrica de cigarro de Leite & Alves	45
Typografias (quatro)	40
-	-
Fonte: O Fluminense – 1900 a 1909, 2ª Feira, 28/03/1904, p. 1	

No contexto desses empreendimentos, os britânicos reuniram uma gama de importantes e diferenciados negócios, marcados em negrito, que empregavam cerca de 50% do operariado local. Dentre estas atividades econômicas, constava primeiramente o sistema de distribuição de água e o monopólio do sistema de transporte terrestre e aquático de Niterói, que incluía a linha férrea, os bondes elétricos e as barcas a vapor. Além disso, algumas fábricas de tecido e de fósforo. Por fim, acrescentem-se ainda alguns empreendimentos nas ilhas da Guanabara, relacionados ao comércio de minérios de carvão e manganês com a Europa.

<sup>346</sup> O Fluminense – 1900 a 1909 PR\_SPR\_00038. Data: Ed. 05506 (1), 2ª Feira, 28/03/1904, p. 1.

#### 2.4.1. Fábricas de Capital Britânico no Barreto

Em 1889, a Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB), mais conhecida como Fábrica Bangu, foi construída na cidade do Rio de Janeiro, pela firma inglesa Morgan Snell & Co, utilizando-se de técnica e maquinário inglês.<sup>347</sup> Em abril de 1891, um grupo de industriais brasileiros e ingleses, J. J. Rodrigues Guimarães Jr, Antonio Domingues Teixeira Valle e Frederico L. Youle, reuniram-se e organizaram um empreendimento têxtil em Niterói.<sup>348</sup> Este estabelecimento fabril aparece no Almanak Laemmert em 1896 com o nome de Companhia Manufatora Fluminense.<sup>349</sup>

De acordo com Mendonça, “A fábrica Bangu, da mesma forma que outras tecelagens, incluindo as de Niterói, importaram teares, maquinas de alvejar, tinturaria e estamparia da Inglaterra.”<sup>350</sup> No ano de 1898, a Manufatora Fluminense, provavelmente após importar novos maquinários, ampliou suas atividades e passou a anunciar-se como “Companhia Manufatora Fluminense Fiação e Tecelagem”.<sup>351</sup> Neste período, seu gerente era o britânico James Schofield.<sup>352</sup> No ano de 1904, uma nova diversificação de funções no interior da fábrica permitiu que ela se intitulasse como “Companhia Manufatora Fluminense, Fiação, Tecelagem, Tinturaria, Branqueamento e Estamparia”.<sup>353</sup> No ano de 1904 já era a empresa a possuir o maior número de empregados de Niterói, perfazendo o total de 1000 operários.<sup>354</sup>

<sup>347</sup> MENDONÇA, op. cit., p. 20.

<sup>348</sup> Impressões do Brazil no Seculo Vinte, op. cit., p. 386 e 410.

Na verdade, o ramo de tecidos já era tradicional no antigo Estado do Rio de Janeiro e surgira desde 1840. No período entre 1840 e 1893, este ramo totalizou o número de 15 indústrias. Além disso, chegou a apresentar certa importância em termos de produção e de número de operários, comparada as demais indústrias que surgiram articuladas à economia agro-exportadora. A esse respeito ver: BRANDÃO, André A. P. op. cit.

<sup>349</sup> Almanak Laemmert, Edição A00053, ano 1896, p.1167.

<sup>350</sup> MENDONÇA, op. cit., p. 20.

<sup>351</sup> Almanak Laemmert, Edição A00055, ano 1898, p. 1116.

<sup>352</sup> The Rio News, 28/dezembro/1897, Ed. 00052, p.6.

<sup>353</sup> Almanak Laemmert, edição A00061, ano 1904, p. 752.

<sup>354</sup> O Fluminense, Ed. 05506 (1), 28/03/1904, 2ª Feira, p. 1.

Seu endereço no Barreto era Rua Dr. March, nº 28. Além disso, tinha seu escritório na Avenida Central, nº 61, no Rio de Janeiro.<sup>355</sup> A partir de 1911, outros diretores aparecem relacionados à fábrica. São eles João de Deus Freitas, Carlos Julio Galliez e Alfredo March Ewbank.<sup>356</sup> Procurando um nexu entre Alfred Marck Ewbank e Frederick L. de Youle, o primeiro diretor britânico da fábrica, encontramos uma sociedade datada de 1897, em que constam os seguintes participantes: Frederick Louiz Youle, Alfred March Ewbank e Henry Jonh Morrissy.<sup>357</sup> Vale a pena recordar, de acordo com o capítulo um desta tese, que Alfredo March Ewbank já aparecia, em 1898, como negociante de fazendas por atacado, com endereço profissional na rua Primeiro de Março, nº 38.<sup>358</sup> Neste mesmo capítulo um, este britânico foi identificado como antigo morador de Niterói, residente na Rua Regeneração, atual Otávio Carneiro, no final do século XIX. No século XX, todavia, quando ele já era diretor da Companhia Manufactora Fluminense, não conseguimos confirmar se ainda residia em Niterói.

Por fim, as fábricas desta Companhia foram edificadas em dois edifícios situados em grande terreno próprio e empregava, ao final da primeira década, cerca de 1300 operários, sendo 600 homens, 300 mulheres, 400 crianças. Este empreendimento oferecia aos seus operários posto médico, farmácia e escola, além de casas para seus operários.<sup>359</sup>

Outro estabelecimento a contar com o capital britânico foi a fábrica de fósforos Fiat Lux. Recuperar informações sobre os primórdios deste empreendimento, todavia, tornou-se uma tarefa difícil, visto que, dependendo das fontes pesquisadas, os dados remetem a realidades aparentemente discordantes.

---

<sup>355</sup> Almanak, Edição B00067, Ano: 1910, p. 21.

<sup>356</sup> Almanak, Edição A00068, Ano 1911, p. 889.

<sup>357</sup> Almanak, Edição A00054, Ano 1897, p. 400.

<sup>358</sup> Almanak, Edição A00055 (1), Ano 1898, p. 1028.

<sup>359</sup> Impressões do Brasil no século Vinte, op. cit., p. 386-410.

Backheuser faz uma primeira menção à criação deste empreendimento quando diz que primeiro vieram para Niterói “as fábricas de fósforo, duas ou três, sorvidas adiante pela Fiat Lux (...).”<sup>360</sup> Boschilia, ao realizar um estudo sobre a Fiat Lux do Paraná, parece confirmar a versão de Backheuser, ao fornecer a seguinte explicação sobre a origem deste empreendimento fabril no Brasil: “Fundada em junho de 1904, a história da indústria Fiat Lux se confunde com a própria história dos fósforos no Brasil, uma vez que ela originou-se da junção das três primeiras fábricas existentes no país: a de Niterói, a de Ponta de Areia e a de Vesúvio, no Barreto. Estado do Rio.”<sup>361</sup>

Ao fazer menção posterior à Fiat Lux do Paraná, Boschilia esclarece que “em 1914, a Companhia Paranaense de Fósforos teria sido arrendada pela empresa Fiat Lux e, por esse motivo, passou a ser controlada pelo grupo inglês Bryant & May.”<sup>362</sup>

Wilson Suzigan & Tamás Szmrecsányi, que escreveram sobre os investimentos estrangeiros no início da industrialização no Brasil, observam que a fábrica de fósforos Fiat Lux, controlada pela empresa britânica Bryant & May, foi estabelecida em Niterói (RJ) no ano de 1894.<sup>363</sup>

---

<sup>360</sup> BACKHEUSER, op. cit., p. 313.

<sup>361</sup> BOSCHILIA, Roseli T. Condições de vida e trabalho: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). Curitiba, 1996. Dissertação (Mestrado em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes) - Universidade Federal do Paraná- UFPR., Curitiba, 1996. p. 62.

<sup>362</sup> ibid., p. 62.

<sup>363</sup> SUZIGAN, Wilson & SZMRECSÁNYI, Tamás Szmrecsányi. Institutos de Economia e de Geociências da UNICAMP. Os investimentos estrangeiros no início da industrialização no Brasil., In História Econômica da Primeira República, Sergio S. Silva e Tamás Szmrecsányi (organizadores), 2a Ed. revista – São Paulo: Hucitec/ Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica/ Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial, 2002., p. 266.

Segundo o memorialista Carlos Wehrs, a fabricação de fósforos em Niterói ocorreu durante a última década dos oitocentos, quando apareceram pelo menos três fábricas deste produto.<sup>364</sup> Todavia, ao falar especificamente da Fiat Lux, Carlos Wehrs apresenta novos dados que se contrapõem à versão sobre o grupo inglês Bryant & May defendida por Boschilia e por Wilson Suzigan e Tamás Szmrecsányi. De acordo com as informações de Wehrs, antes de ser chamada Fiat Lux, esta fábrica teve como primeiros fundadores Vittorio Migliora e José Scarsi.<sup>365</sup> A respeito dos primórdios desta fábrica, Wehrs nos traz algumas curiosidades:

O estabelecimento, movido a vapor, produzia fósforos de cera Marca Olho, caracterizada por um Olho da Sabedoria, contido em triângulo raiado, inspirados possivelmente em símbolos maçônicos, e trazia logo abaixo desta figura a inscrição Fiat Lux (...), e (...) palitos de madeira, ditos de segurança (...).<sup>366</sup>

Esclarece ainda Wehrs que poucos anos durou a sociedade dos dois italianos, visto que José Scarsi morreu e Migliora constituiu, em 1904, a Companhia Fiat Lux.<sup>367</sup> Ao mencionar a fundação da Fiat Lux, pelo italiano Vittorio Migliora, em 1904, Wehrs não faz, todavia, qualquer menção ao grupo inglês Bryant & May.

Tentando compreender melhor esta história, fomos buscar outras fontes. De acordo com o Almanak Laemmert, de 1904, “*os melhores phosphoros de Pau de Cêra são os da marca registrada Fiat Lux da Fábrica de Vittorio Migliora successor de José Scarsi & Compania.*” Diz ainda o Almanak que esta fábrica se situava na Travessa do Cunha, 8, em Nictheroy, com depósito na Rua da Assembléia, 34, RJ.<sup>368</sup>

---

<sup>364</sup> WEHRS, Carlos. Capítulos da Memória Niteroiense. Rio de Janeiro, 1989, p. 115.

<sup>365</sup> *ibid.*, p. 116.

<sup>366</sup> WEHRS, Carlos. Capítulos da Memória Niteroiense, *op. cit.*, p. 115.

<sup>367</sup> *ibid.*, p. 116.

<sup>368</sup> Almanak, Edição A00061 (4), 1904, p. 1105.

No ano de 1909, o Almanak faz menção às Fábricas da Companhia Fiat Lux, sendo que agora como “Successora de Vittorio Migliora” e informa dois endereços em Niterói: Travessa do Cunha, 8 e Rua Padre Marcellino, no Barreto e com escritório no Rio de Janeiro, na Rua dos Ourives, 127.<sup>369</sup>

Novas fontes, todavia, iriam nos trazer outras informações que ampliariam o entendimento sobre este assunto. Ao ter acesso à “Acta da 24<sup>a</sup> Assembléa Geral (Extraordinária) da Companhia Fiat Lux, realizada em 2 de setembro de 1918” e publicada na íntegra pelo jornal a “Epoca de 24 de setembro de 1918, terça-feira, na parte Resenha Comercial sob o título Companhia Fiat Lux”, pudemos dispor das seguintes informações:<sup>370</sup>

Entre 27-29 de dezembro de 1913 e 22 de janeiro de 1914, o finado Paulo Dale, que fora casado com a filha de Vittorio Migliora, Maria Victoria Migliora Dale, juntamente com os outros proprietários da Fiat Lux, transferiram “10.260 acções (...) cada uma, da Companhia Fiat Lux, que respectivamente lhe pertenciam (...)” para os Srs Davidson, Pullen & C. A quantia correspondente à venda das referidas acções foi paga “em 24 cheques visados sobre o London & River Plate Bank, Limited, desta praça.” Dentre os membros britânicos desta empreitada, o jornal cita H. Edgar Pullen, Jonh Arthur Cross (pelo London River Plate Bank), Hugh C. G. Pullen, H. J. Lynch e G. L. Chandler.<sup>371</sup>

---

<sup>369</sup> Almanak, Edição Aooo66(4), Ano de 1909, p. 784.

<sup>370</sup> A Epoca – 1912 a 1919 – PR\_SPR\_00145\_720100. A Epoca, Edição 02262, terça-feira, 24/09/1918, p.6.

<sup>371</sup> A Epoca – 1912 a 1919 – PR\_SPR\_00145\_720100. A Epoca, Edição 02262, terça-feira, 24/09/1918, p.6.

Ao procurar maiores dados sobre a firma “Davidson, Pullen & C.”, descobrimos tratar-se de uma firma muito forte e atuante em ramos distintos, tais como Importação e Exportação, Agências e Representações diversas.<sup>372</sup> Esta firma era, inclusive, ligada ao grupo britânico “Davidson, Unwin & Co”, em Londres. Além disso, estava no ramo da Construção Naval e aparece relacionada ao Lage Irmãos e ao Brazilian Coal Company Lda.<sup>373</sup>

Em 1904, existiam duas outras fábricas de fósforo em Niterói: a Fábrica de Phosphoros Brasil e a Fábrica de Phosphoros de M. M. Ferreira (Marca Brilhante).<sup>374</sup> Ambas se localizavam no Barreto.<sup>375</sup> Pelo que pudemos constatar, estes dois estabelecimentos tinham relação com os britânicos. De acordo com o Almanak Laemmert de 1907, a Fábrica Brilhante, localizada na Rua Galvão, nº 36, no Barreto, em Nictheroy, tinha como “únicos agentes Davidson, Pullen & C”<sup>376</sup> Outro anúncio do mesmo ano confirma o agenciamento da referida fábrica pelo Grupo Davidson, Pullen & C e menciona em que endereços ela se situava. Um dos endereços permanecia na Rua Galvão nº 36 e o outro era a “Succursal à Rua Sant’Anna, 151, Barreto, Nictherohy”.<sup>377</sup> Quanto à fábrica de Phosphoros Brasil, não conseguimos descobrir a procedência de seu capital. Todavia, constatamos que este empreendimento tinha como diretor gerente um engenheiro britânico chamado Richard A. Riechers, morador de Niterói<sup>378</sup>, que exercia, igualmente, o cargo de Vogal da Associação Commercial do Rio de Janeiro no ano de 1904.<sup>379</sup>

<sup>372</sup> Almanak, A00064 (10), 1907, p. 1081.

<sup>373</sup> Almanak, Ed. A00066 (12) Ano 1909, p. 2067.

<sup>374</sup> O Fluminense, Ed. 05506 (1), 28/03/1904, 2ª Feira, p. 1.

<sup>375</sup> Almanak, Ed. A00062, 1905, p 761.

<sup>376</sup> Almanak, Edição A00064 (10), 1907, p. 1081 .

<sup>377</sup> Almanak, Edição, A00064 (10) , 1907, p. 1774.

<sup>378</sup> Almanak, Ed. A00060 (1), 1903, p. 507.

<sup>379</sup> Almanak, Edição A00061 (1),1904, p. 792.

#### 2.4.2. The Leopoldina Railway e a dinamização do Pólo Fabril

Na segunda metade do século XIX, as estradas de ferro foram abertas em diferentes pontos do País, no sentido de diminuir as distâncias entre as áreas produtoras e os portos brasileiros. No período imperial, as ferrovias pertenciam a vários donos que, muitas vezes, eram fazendeiros interessados em fazer escoar a sua produção. Desde 1854, os britânicos estiveram bastante envolvidos nesta atividade, não só financiando as ferrovias, como fornecendo a tecnologia necessária para o seu funcionamento.<sup>380</sup> A Estrada de Ferro Leopoldina, de capital nacional, foi organizada na cidade de Leopoldina, em Minas Gerais, porém não ficou circunscrita àquela província:

“Em 1890 adquiriu várias outras linhas absorvendo praticamente todos os seus rivais. Assim, a Leopoldina foi se estendendo pelos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo (...) integrada por diferentes bitolas e com traçados tecnicamente precários.”<sup>381</sup>

Esta falta de normatização técnica, compreendida pela presença de vários sistemas operacionais distintos e incompatíveis entre si, provocou uma forte crise no setor ferroviário, acarretando, inclusive, a paralisação do tráfego de trens em certas regiões. Para solucionar este problema, o governo federal resolveu encampar diversas companhias, repassando-as, posteriormente, a grupos privados.<sup>382</sup>

Como desdobramento dos fatos acima narrados, em 06/12/1897 foi organizada em Londres a The Leopoldina Railway Company LTD, autorizada, no ano seguinte (Decreto n.2.797, de 14/01/1898), a funcionar no Brasil. Seus diretores eram Rob. H. Benson, F. H. Barrow, R. E. Bronger e J. H. Whickes (Wileman, 1909:794). Essa empresa, obrigada pelo contrato a cumprir os acordos realizados com as empresas incorporadas, assumiu todos os bens e empreendimentos da antiga Estrada Leopoldina. Com ajuda financeira do governo brasileiro e fazendo face ao passivo existente, reconstruiu linhas, reformou o material rodante e unificou a bitola, num total de gastos em torno de 4 milhões de libras esterlinas.<sup>383</sup>

<sup>380</sup> SOUKEF, op. cit., p. 21.

<sup>381</sup> PAULA, Dilma Andrade. Fim de Linha: a extinção de ramais da Estrada de Ferro Leopoldina, 1955-1974. Niterói, 2000. Tese (Doutorado em História) – Program de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2000. p. 91.

<sup>382</sup> SOUKEF, op. cit., p. 21.

<sup>383</sup> PAULA, op. cit., p. 95.

De acordo com Wehrs, a The Leopoldina Railway Company, Limited tornou-se uma das mais poderosas organizações de capital britânico no Brasil, vindo a desempenhar um dos grandes fatores de desenvolvimento das regiões onde esteve presente.<sup>384</sup> Em Niterói, a Leopoldina Railway teve presença marcante, operando por décadas o sistema ferroviário local. A Estação de Santana do Maruí, a qual funcionava como um pólo dinamizador da região, desde o século XIX, empregava, em 2004, 136 operários que se dividiam entre a Estação propriamente dita e suas “officinas localizadas em Sant’Anna”.<sup>385</sup> Dessa velha estação, por anos a fio, partiram os trens a caminho de várias regiões, retornando, posteriormente, trazendo todo tipo de mercadorias e cargas, inclusive o minério de manganês proveniente de Minas Gerais.

Em 28 de outubro de 1909, através do Decreto nº 7.631, assinado pelo então Presidente da República Nilo Peçanha, aprovam-se “as plantas e o orçamento (...) para a nova estação que a The Leopoldina Railway, Company, Limited, tem de construir em Nictheroy, com destino a serviço de passageiros, bagagens e encomendas (...)”<sup>386</sup> Esta nova estação, inaugurada em 26 de julho de 1913, foi instalada no Barreto, bairro que passava por inequívoco processo de expansão urbana e fabril. No início do século XX, a presença das fábricas no Barreto fazia circular na região centenas e até milhares de operários. De acordo com O Fluminense, já em 1904 eram cerca de 6376 operários provenientes tanto dos estabelecimentos fabris como de outros estabelecimentos fixados em ilhas da Guanabara.<sup>387</sup> Este movimento ainda era amplificado por um percentual de imigrantes, inclusive alemães, que chegava à Ilha das Flores e que acabava por se fixar em Niterói.

<sup>384</sup> WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso, op. cit., p. 134.

<sup>385</sup> O Fluminense, Ed. 05506 (1), 28/03/1904, 2ª Feira, p. 1.

<sup>386</sup> Decreto, nº 7.631 de 28 de outubro de 1909.

<sup>387</sup> O Fluminense, Ed. 05506 (1), 28/03/1904, 2ª Feira, p. 1.

A Estação ferroviária do Barreto, a partir de 1913, certamente foi um fator propulsor de desenvolvimento da região. Da mesma forma que favorecia a vinda de produtos agrícolas dos sítios existentes em torno de Niterói e São Gonçalo, para alimentar esta população, fazia o transporte dos operários moradores de regiões e municípios vizinhos. Com o tempo, o crescimento do comércio local, aliado à presença das fábricas e da ferrovia, atraiu para a região uma população operária desejava de morar mais perto de seu local de trabalho. Esta população veio a se fixar no Barreto que, nas décadas subsequentes, viria a se tornar um bairro operário por excelência.

De início, o operariado que crescia nas proximidades das fábricas carecia de toda a infraestrutura básica para se fixar na região. Logo após a criação da Prefeitura, na capital fluminense, em março de 1904, o prefeito recém-empossado, em reportagem ao Jornal O Fluminense, traçou um quadro bastante crítico do problema de habitação da classe trabalhadora em Niterói:

(...) as habitações collectivas da Ponta d'Arêa, grandes casarões divididos em pequenos compartimentos onde se accumulam os operários da localidade, e em grande parte, os das ilhas fronteiras; (...) as casas do Barreto, em ruínas como a celebre Borracha, circundadas dos despejos e deçritos da misérrima população que as enche, aguardando, na maioria, collocação nas fabricas; (...) os infectos cortiços e casas de commodos do centro da cidade (Monte d'Ouro, Casa do Diogo, e outros) (...) <sup>388</sup>

Concluindo a matéria, o prefeito se colocava disposto a buscar saídas para o problema, afirmando que procuraria, oportunamente, “os donos ou directores das fabricas”, para construir “villas operarias” e dar prosseguimento ao “movimento já iniciado pela Manufactora Fluminense”. <sup>389</sup>

---

<sup>388</sup> O Fluminense, Ed. 05506 (1), 28/03/1904, 2ª Feira, p. 1.

<sup>389</sup> *ibid.*

Por este artigo de O Fluminense, podemos presumir que a Manufatura já construía, ou iniciara a construção de uma Vila Operária, com aproximadamente 70 casas, no Barreto, no ano de 1904.<sup>390</sup> De igual forma, a Companhia Fiat Lux viria a levantar uma vila operária composta de três avenidas em um total de 72 casas, em estilo inglês, algum tempo depois.<sup>391</sup> Por fim, por iniciativa da Companhia Comércio e Navegação, efetuar-se-ia, em 1918, a construção da Vila Pereira Carneiro, como bairro autônomo, em estilo inglês.<sup>392</sup>

Em 30 de abril de 1927 foi celebrado um acordo entre o Governo do Estado e a Leopoldina Railway a partir do qual esta Companhia se obrigava a construir uma nova estação de passageiros em Niterói, bem como linhas de acesso até ela. Em 20 de setembro de 1930, foi inaugurada a última estação ferroviária, com frente para uma ampla avenida de terrenos conquistados ao mar. Esta estação fora edificada para substituir a antiga estação de Sant'Anna do Maruí, ainda em funcionamento até aquela data. O edifício da nova estação era uma sólida construção de três pavimentos, com ampla plataforma de embarque, provido de modernas instalações sanitárias, luz elétrica, bar-restaurante, agência e residência para os funcionários da estação.<sup>393</sup> A estação General Dutra procurava se beneficiar da proximidade do Porto recém-instalado em Niterói no Governo Feliciano Sodré. Como o novo Terminal Ferroviário de Niterói, localizado junto ao porto, a Leopoldina chegou a cogitar em construir uma linha férrea ligando os dois lados da ilha da Conceição, para o transporte de carvão, realizado, até aquela época por via marítima.<sup>394</sup>

<sup>390</sup> O Fluminense, Ed. 05506 (1), 28/03/1904, 2ª Feira, p. 1.

<sup>391</sup> Niterói Bairros. Prefeitura Municipal de Niterói. Consultoria Especial de Ciência e Tecnologia. Niterói, março de 1996. – Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia de Niterói – 1991. p. 219.

<sup>392</sup> AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de. “Niterói urbano: a construção do espaço da cidade”, in MARTINS e KNAUSS, Op. cit., p. 44.

<sup>393</sup> SIQUEIRA, Edmundo. Resumo Histórico de The Leopoldina Railway, Co. Ltd. Rio de Janeiro: Gráfica Editora. 1938. p. 179, 180.

<sup>394</sup> Niterói Bairros, op. cit., p. 209.

### 2.4.3. As ilhas da Guanabara e outros empreendimentos britânicos

É grande o número de ilhas localizadas na baía de Guanabara, parte das quais pertencentes ao Distrito Federal e outras ao Estado do Rio de Janeiro. Ao lado da presença de vários estaleiros pequenos na cidade do Rio de Janeiro e em Niterói, surgiram alguns de grande porte nestas ilhas. Dentre eles, o da Companhia Nacional de Navegação Costeira, fundado em 1895 pela Casa Lage & Irmãos, localizado na Ilha do Viana. Mais tarde, o Estaleiro Lage & Irmãos, especializado em construir e reparar embarcações, seria transformado em Organização Henrique Lage. Outro de grande importância foi o Estaleiro Mauá, fundado pela Companhia Comércio e Navegação, em 1905, na Ponta D'Areia, no local das antigas instalações do Barão de Mauá. Neste local, inclusive, foi construído, em 1911, o dique Lahmeyer, na época considerado o maior da América Latina.<sup>395</sup>

Figurando entre as ilhas pertencentes a Niterói, duas possuíam alguns empreendimentos britânicos no início do século XX: a Ilha da Conceição e a Ilha de Mocanguê Grande. Na ilha da Conceição, fixaram-se duas das mais importantes companhias inglesas, a The Leopoldina Railway Company Limited e a Wilson Sons & C. A The Leopoldina Railway Company, já bastante estudada neste capítulo, alcançou grandes privilégios no Brasil. Em Niterói, seus negócios se estenderam para além de suas estações e oficinas. Além de terem encampado a Cia Cantareira, instalaram-se na ilha da Conceição, onde adquiriram “terrenos de sua propriedade.”<sup>396</sup>

---

<sup>395</sup> FILHO, Alcides Goularti, História Econômica da Construção Naval no Brasil: Formação de Aglomerado e Performance Inovativa, In: Revista EconomiA, Brasília (DF), v. 12, n. 2, p. 309-336, maio/ago 2011. p. 326, 327.

<sup>396</sup> Decreto n. 7.479. De 29 de julho de 1909.

Destacamos que, através do Decreto nº 7.479, de 29 de julho de 1909, o Presidente Nilo Peçanha autorizou a realização de algumas melhorias na ilha da Conceição, como a construção de “pontes e armazéns” destinados ao “recebimento e depósito de mercadorias (...)”. (clausula VIII) <sup>397</sup> Um segundo decreto complementar, de nº 7.965, datado de 22 de abril de 1910, aprovava “projectos e documentos” apresentados pela Leopoldina, objetivando a construção de instalações e armazéns na referida ilha, além de uma ponte que deveria estabelecer a ligação da ilha com a linha férrea, localizada bem próxima no continente, na Estação de Sant’Anna de Maruhy.<sup>398</sup>

A Wilson Sons & C., por sua vez, foi fundada no século XIX, para atuar no comércio de carvão – principal matriz energética do Brasil naquele período. A empresa, todavia, logo percebeu o potencial do comércio internacional e passou a comercializar outras mercadorias. Em 1870, a Wilson Sons respondia sozinha por 30% do volume global das mercadorias que entravam na Bahia e por 40% do açúcar branco e mascavo que saíam do Brasil. Em 1873, promoveu uma diversificação dos seus negócios, atuando como agente de mercadorias, prestadora de serviços de navegação, estiva e rebocadores. Até as primeiras décadas do século XX, a Wilson Sons seria a maior trade company do País, com filiais espalhadas por todo o território brasileiro, assim como na América do Sul, com uma extensa lista de representações.<sup>399</sup>

---

<sup>397</sup> *ibid.*

<sup>398</sup> Decreto nº 7.965, datado de 22 de abril de 1910.

<sup>399</sup> NEWS 49\_2013, publicação do Grupo Wilson Sons, Abril de 2013/ Ano 9/ nº 49.

Na ilha da Conceição, a Wilson Sons desenvolveu diferentes atividades. Dentre estas, de acordo com o Almanak Laemmert, era fornecedora de lastros e paralelepípedos, possuindo também fundição e estaleiros.<sup>400</sup> No ramo de transporte marítimo, dispunha de uma flotilha de seis rebocadores, três dos quais muito poderosos, modernos e de alto mar, bem como cerca de 80 saveiros que carregavam mais de 8.000 toneladas de mercadoria. Quanto aos seus estaleiros e oficinas “excelentemente montadas”, serviam não só para a conservação da sua flotilha, como, igualmente, para consertos de embarcações em geral e para obras navais de qualquer ordem. Esse último departamento citado estava a cargo de competentes engenheiros maquinistas ingleses.<sup>401</sup> Para realizar seus vários empreendimentos, contava, ainda, de acordo com O Fluminense de 1904, com cerca de 200 operários.<sup>402</sup>

No que diz respeito ao comércio de minério, os proprietários da Wilson Sons & Cia, “figuravam entre os maiores importadores de carvão de todas as qualidades”, os quais serviam principalmente para suprimento de transatlânticos, tanto de empresas oficiais, como de empresas de navegação inglesas, além daquelas pertencentes a outros países. No Rio de Janeiro, este carvão era trazido por vapores para a Ilha da Conceição, onde ficava armazenado em depósitos com capacidade para 30.000 toneladas, dotados dos mais modernos maquinismos para um serviço cuidadoso e rápido de carga, descarga e empilhamento.<sup>403</sup>

---

<sup>400</sup> Almanak, Edição B00049, 1892, p. 356; Almanak, Edição C00048, 1891, p. 360; Almanak, Edição C00049, 1892, p. 378.

<sup>401</sup> “Impressões do Brasil no século Vinte”, op. cit., p. 284-286.

<sup>402</sup> O Fluminense, Ed. 05506 (1), 28/03/1904, 2ª Feira. p. 1.

<sup>403</sup> “Impressões do Brasil no século Vinte”, op. cit., p. 284-286.

João do Rio, repórter, escritor e cronista apaixonado pelo Rio de Janeiro visitou a ilha da Conceição, nos primeiros anos do século XX e, a partir de sua observação *in loco*, produziu uma crônica impressionante sobre o trabalho e os trabalhadores que povoavam a ilha, sendo estes últimos contratados pela Wilson Sons & C. Esta crônica, intitulada “A Fome Negra”, inicialmente foi publicada no Jornal A Gazeta de Notícias, em 1904. Posteriormente, em 1908, “A Fome Negra” integrou a coletânea de escritos do Autor sobre tipos e profissões cariocas intitulada “A Alma Encantadora das Ruas”.<sup>404</sup>

De acordo com a crônica de João do Rio, a ilha da Conceição, no início do século XX, não armazenava apenas carvão, mas, igualmente, manganês. Este minério, cada vez mais utilizado pela Inglaterra, vinha de Minas Gerais pela via férrea e, posteriormente, era conduzido em batelões (embarcação para transporte de carga) e saveiros até a ilha. No solo da ilha, “coberto de uma poeira negra com reflexos de bronze”, havia trilhos (rails) destinados a conduzir os ‘vagonetes’ cheios do minério até o lugar de descarga, onde ficava aguardando em depósitos. Quando chegava o transporte inglês (*steamer*), responsável por levar a carga especial para a Europa, novamente removiam os pedregulhos de manganês, “o mais pesado de todos os trabalhos”, para os saveiros, e, de lá, para o porão do navio.<sup>405</sup>

---

<sup>404</sup> RIO, João. “A Fome Negra”. In: Rio, João. A Alma Encantadora das Ruas. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro, 1908. p. 69-72.

<sup>405</sup> *ibid.*

Na verdade, a ilha possuía um grande depósito de manganês. Além deste, uma pedreira situada na parte norte da ilha. E, do outro lado da pedreira, um depósito de carvão. Defronte, a algumas braçadas de remo, ficava a Ponta da Areia com a Cantareira. “Para além, no mar tranqüilo, outras ilhas (...), onde o trabalho escorcha e esmaga centenas de homens.”<sup>406</sup>

Nos períodos em que não precisavam realizar o trabalho de estiva, quando os depósitos de carvão e de manganês estavam cheios, os trabalhadores se atiravam, então, à pedreira, ‘à rocha viva’.<sup>407</sup> O trabalho na pedreira, realizado com instrumentos de marreta e pá, ocorria porque a firma Wilson Sons atuava, de igual modo, como fornecedora de lastros e de paralelepípedos para navios.

Na ilha, segundo o repórter-cronista, encontravam-se imigrantes, em sua maioria portugueses, além de um número menor de espanhóis. Estes homens, embora possuidores da mesma origem européia que os britânicos, eram tratados como sendo imigrantes de uma categoria inferior. Anteriormente ligados à agricultura em seus países de origem, atuavam por cerca de dez horas diurnas no trabalho de estiva, movimentando dos barcos para os depósitos, as cargas de carvão e manganês e, nos intervalos, retirando matéria bruta da pedreira. Em um período pós-abolição, sem qualquer regulamentação do trabalho operário, realizavam também o trabalho noturno em turnos parcial ou integral, o que era feito em troca de uma remuneração extra irrisória.<sup>408</sup>

---

<sup>406</sup> RIO, João, op. cit., p. 69-72.

<sup>407</sup> *ibid.*

<sup>408</sup> *ibid.*

A sensibilidade demonstrada pelo cronista João do Rio, em 1904, diante da difícil situação vivida pelos trabalhadores das ilhas, antecipou-se a um movimento grevista levado a cabo dois anos depois. O referido movimento, ocorrido em 1906, foi registrado pelo Jornal Correio da Manhã com o título de “Os trabalhadores em carvão”. De acordo com o noticiado:

Continua a greve pacífica dos trabalhadores em carvão da firma Wilson, Sons & C., da Ilha da Conceição. Os conhecidos industriaes pretendem fazer hoje o pagamento aos grevistas, dispensando, em seguida, todos aquelles que não quizerem continuar a trabalhar. Os operários da ilha Vianna, da firma Lage Irmãos, que ante-hontem abandonaram o serviço, foram pagos hontem, tendo esses industriaes demittido aquelles que não se sujeitarm às condições impostas. Deverá seguir hoje para a ilha da Conceição uma força do Corpo Militar do Estado do Rio, a fim de evitar que, por occasião do pagamento aos operarios, seja alterada a ordem.<sup>409</sup>

Não muito distante da ilha da Conceição, em outra ilha da baía, conhecida como Mocanguê Grande, um anglo-brasileiro de nome Carlos Wigg realizava, de igual modo, negócios no ramo dos minérios. Carlos Wigg, nascido em 1855, no Rio Grande do Sul, era filho do inglês John Clayton Wigg, natural de Liverpool. Anos depois, em 1886, já em Minas Gerais, Carlos Wigg deu início a primeira usina de ferro no Brasil. Após dois anos de esforços, este empreendedor acabou por se convencer de que a indústria do ferro, em pequena escala, não era lucrativa. Em virtude disto, apagou seus fornos e passou a dedicar-se a outro ramo de minério. Ele foi praticamente o iniciador da indústria de manganês no Brasil que, posteriormente, iria se tornar de grande importância mundial. Em sua grande propriedade, conhecida como Usina Wigg, na linha-tronco para Belo Horizonte e perto da estação de Bournier, possuía trabalhando ao redor de 300 homens, os quais extraíam anualmente cerca de 50.000 toneladas de minério de manganês.<sup>410</sup>

---

<sup>409</sup> Correio da Manhã – 1901 a 1909 – PR\_SPR\_00130\_089842, Ed. 01811 (1), 27.06.1906, p. 2.

<sup>410</sup> “Impressões do Brasil no século Vinte”, op. cit., p. 321-331.

O Manganês chegado ao Rio de Janeiro por via férrea era enviado por meio de saveiros à Ilha de Mocanguê Grande, onde o Sr. Wigg possuía depósitos próprios, providos de guindastes e aparelhos automáticos para carga e descarga.<sup>411</sup> Após aguardar em depósitos, o produto final era exportado para países como a Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, onde o minério da propriedade do sr. Wigg obtinha o melhor preço para o manganês de origem brasileira.<sup>412</sup> Em 1904, de acordo com O Fluminense, já havia 50 operários trabalhando neste empreendimento em Mocanguê Grande.<sup>413</sup> Seu escritório, na rua General Câmara 70, 1<sup>o</sup> andar, era seu ponto de negócios e, através do Alamank Laemmert, o Sr Wigg se anunciava como “explorador e exportador de manganez”.<sup>414</sup> Tudo indica que o manganês que chegava à ilha da Conceição, para atender à firma Wilson Sons & C., tivesse igualmente origem na indústria de minério situada em Minas Gerais de propriedade do Sr. Carlos Wigg. Afinal, era este anglo-brasileiro o grande produtor e fornecedor de manganês no Brasil no início do século XX.

Completando o quadro dos grandes empreendimentos britânicos situados em Niterói, no início do século XX, não é demais falar de uma firma contratada pelo Governo Federal para coordenar e realizar as obras do porto do Rio de Janeiro. De acordo com S. Stein, citado a seguir por Benchimol, o contrato para a realização desta vultosa obra teria sido dado, sem concorrência pública, à firma britânica C. H. Walker & Cia:

---

<sup>411</sup> *ibid.*

<sup>412</sup> *ibid.*

<sup>413</sup> O Fluminense, Ed. 05506 (1), 28/03/1904, 2<sup>a</sup> Feira, p. 1.

<sup>414</sup> Almanak, Ed A00063, Ano 1906, p. 628.

(...) por causa, em grande parte, das amizades conseguidas pelo persistente Joseph R. Walker, um dos diretores. A firma criada em 1850 havia construído anteriormente as docas Swansea, o canal naval de Manchester e as docas de Buenos Aires. Os serviços no Rio de Janeiro de 1904 a 1911 representaram um contrato de 4.500.000 libras.<sup>415</sup>

***C. H. Walker & C., Rua Mauá, 2, Ponta D'Areia***

*Lage Irmãos, Ilha do Vianna*

*Cia Lloyd Brasileiro, Ilha do Mocanguê Pequeno*

*Wilson Sons & C., Limited, Ilha da Conceição.*

*Carlos Wigg, Ilha do Mocanguê Grande*

Fonte: Almanak de 1907, Ed A00064, p. 1692 (ogrifo é nosso)

No Almanak de 1907, a firma C. H. Walker & Cia aparece, conforme quadro acima, em uma relação de Diques e Oficinas ao lado de outras firmas de capital inglês e nacional.<sup>416</sup> O Fluminense de 1904 confirma o endereço da referida firma (Ponta da Areia) e acrescenta que no curso da obra a C. H. Walker utilizava um total de quatrocentos operários.<sup>417</sup>

---

<sup>415</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann Tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Coleção Biblioteca Carioca, ano 1992, p. 216/217.

<sup>416</sup> Almanak de 1907, Ed A00064, p. 1692.

<sup>417</sup> O Fluminense – 1900 a 1909 PR\_SPR\_00038. Data: Ed. 05506 (1), 2ª Feira, 28/03/1904, p. 1.

## 2.5. Alemães e alemães em Niterói: capitalistas, operários e desempregados

Para melhor compreender os caminhos da colonização “alemã” no Brasil, de acordo com Frederik Schulze, é fundamental reconhecer, no tocante a estes imigrantes, aspectos que, muitas vezes, falam mais sobre uma diversidade, do que, propriamente, sobre a existência de uma pretensa unidade.<sup>418</sup> Na maior parte do século XIX, os alemães, “(...) longe de comporem um mesmo povo (...) vinham das mais distintas regiões da Europa central (...). Em cada região viviam segundo uma cultura própria e falavam dialeto específico. Muitos não sabiam nem falar o alemão formal e não possuíam cidadania alemã – o que, aliás, só viria a existir em 1871, ano da fundação do Império Alemão.”<sup>419</sup> O mesmo Autor ainda esclarece que a maneira como estes imigrantes se fixaram no Brasil esteve muito ligada à sua região de destino.<sup>420</sup> No sul e em algumas regiões do sudeste a grande massa de emigrados era, em sua maioria, de agricultores e artesãos. Todavia, cidades grandes como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre atraíram, principalmente, uma elite urbana, composta de homens de negócios, comerciantes, diplomatas, artistas, professores, dentre outros.<sup>421</sup> No que diz respeito particularmente ao Rio de Janeiro, competindo com esta elite, havia ainda a categoria dos artífices que, nesta capital, (da mesma forma que na cidade de Niterói), exerceram diferentes especialidades.<sup>422</sup> Na década de 1920, por sua vez, é possível incluir, ainda, um novo grupo de alemães chegados ao Brasil, qual seja, o de obreiros ou operários.<sup>423</sup>

---

<sup>418</sup> SCHULZE, Frederik. À procura de um fantasma, op. cit., p. 20, 21.

<sup>419</sup> *ibid.*, p. 21.

<sup>420</sup> *ibid.*

<sup>421</sup> *ibid.*

<sup>422</sup> Inclusive, de acordo com o primeiro capítulo dessa tese, encontramos alguns artífices trabalhando e morando em Niterói. Também apontamos outros autores que trouxeram dados sobre essa categoria profissional: LENZ, op. cit.; SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro, op. cit.; FREYRE, Gilberto. Nós e a Europa Germânica, op. cit.

<sup>423</sup> SCHULZE, Frederik. À procura de um fantasma, op. cit., p. 21.

Neste capítulo, iremos trabalhar especificamente com os alemães moradores de Niterói no início do século XX. As informações referentes a estes estrangeiros foram retiradas de uma única fonte. Esta fonte foi construída com base em dados de uma antiga documentação da Delegacia de Polícia de Niterói, datados dos anos de 1917 e 1918.<sup>424</sup> Neste documento, consta uma parte introdutória, na qual é citado, primeiramente, o Decreto 3.361 de 26 de outubro de 1917, sancionado pelo Presidente da República, que “reconhece e proclama o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão contra o Brasil”, e sanciona a resolução decretada pelo Congresso Nacional, cujo art. único citaremos a seguir:

Fica conhecido e proclamado o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão contra o Brasil e autorizado o Presidente da República a adotar providências constantes da mensagem de 25 de outubro corrente e tomar todas as medidas de defesa nacional e segurança pública que julgar necessários (...)

Esta documentação informa, ainda, respaldada no referido Decreto, que, em Niterói, foram tomadas medidas “pela Delegacia de Polícia, pois em nosso Município e seus arredores viviam famílias alemãs.” Apresenta, igualmente, um termo de abertura da relação dos alemães de Niterói, o qual se encontra reproduzido abaixo:

*“Termo de Abertura*

*Este livro se destina ao registro dos súditos alemães de maior idade que viviam às expensas próprias e residentes no Município de Niterói, de acordo com as instruções publicadas no Diário Oficial do corrente ano.*

*Contém duzentas folhas por mim numeradas e rubricadas com rubrica “Coimbra” de meu uso e levará no fim o respectivo termo de encerramento.*

*2<sup>a</sup> Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917.*

*O 2<sup>o</sup> Delegado Auxiliar, em exercício  
R. de Alencar Coimbra”*

---

<sup>424</sup>Relação de alemães da 2<sup>a</sup> Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ. É importante esclarecer que a relação de imigrantes que compõe esse documento não representa a totalidade de alemães que viviam em Niterói na década de 1910.

Por fim, este documento apresenta dados sobre 103 alemães, discriminando os seguintes aspectos: nome do súdito alemão, filiação, idade, lugar de nascimento, data de nascimento, lugar do último domicílio, residência atual e local de trabalho.

Esta relação foi doada pela historiadora Thalita de Oliveira Casadei ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e chegou a nossas mãos através do memorialista Carlos Wehrs.

Ao analisarmos o referido documento, todavia, descobrimos que da listagem de 103 alemães, 26 não eram residentes em Niterói. Destes 26, a maior parte tinha migrado para outras localidades do Estado do Rio de Janeiro, como Distrito de Magé, Resende, Vila Santa Tereza, Santa Ana do Japuíba, Cachoeira de Macacu, onde se encontravam trabalhando em fazendas existentes nas referidas regiões. O restante, em número pequeno, estava fixado na região urbana das cidades do Rio de Janeiro e de São Gonçalo.

Descontando os 27 não moradores, os outros 76 estavam situados na capital do antigo Estado do Rio. As informações constantes da referida fonte deram ensejo a inúmeras investigações sobre estes alemães de Niterói. Um primeiro dado a ser analisado diz respeito ao local de origem de 74 desses estrangeiros, como pode ser visto no quadro que se segue.

### Origem dos alemães moradores em Niterói – 1917

ORIGEM	NUMERO	ORIGEM	NUMERO
Hamburgo	9	Dossenheim, em Heidelberg	1
Bremen	7	Oldenburg	1
Baviera (Bavária)	5	Hohenwestedt	1
Província de Hannover	3	Braunschweig	1
Dresden	2	Hiedsken	1
Osnabruck Prússia	2	Unterropingen	1
Berlim	2	Kulndorf	1
Brandenburg	2	Zohda, perto de Trebsen	1
Klobenz-Neuendorf	1	Kletyke, Província de Brandenburg	1
Taarstedt	1	Flensburg, Schlesur-Holstein	1
Hermisdorf	1	Aumund	1
Lauvan	1	Bochaum	1
Baden Baden	1	Solingin (Província Renana)	1
Stuttgart	1	Chemnitz	1
Bormberg	1	Hopfgarten	1
Herbertshausen (Bayeru)	1	Hohenleipish, na Prússia	1
Urterkochen	1	Falkenhain	1
Alt Schlawe	1	Eifa, em Oberhessem	1
Neussmen Rheinland	1	Braunschweig	1
Brahlstrf	1	Sarstett, Hannover	1
Leipzig	1	Breslau	1
Kaiserslautern	1	Ken (Prússia)	1
Frankfurt	1	Sangerhausen	1
Zerbst Anhalt	1	Arolsen	1
Wurttemberg	1	Unterropingen	1

Fonte: Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ.

De acordo com a classificação proposta no quadro, podemos concluir que este grupo procedia de regiões bem distintas da Alemanha. Alguns vinham de cidades maiores, como Hamburgo, Bremen, Dresden, Osnabruck, Berlim. Outros eram provenientes da antiga Província de Hannover ou dos atuais Estados da Bavária e de Brandenburg. Finalmente, muitos chegavam de localidades menores situadas em diferentes pontos do País.<sup>425</sup>

<sup>425</sup>Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ.

Aprofundando um pouco mais o estudo sobre estes estrangeiros, verificamos se tratar de uma comunidade bem diferenciada, composta de homens e mulheres. Dentre os representantes do universo masculino, a maior parte possuía residência fixa e emprego definido, ainda que formasse um grupo bastante heterogêneo. Este último aspecto propiciou a subdivisão do grupo economicamente ativo em dois subgrupos, utilizando-se como critério o local de moradia e a profissão desempenhada. O primeiro subgrupo, em sua maioria, habitante da zona sul, tinha uma profissão qualificada e atuava na Cidade do Rio de Janeiro. Comparativamente falando, inclusive, apresentava-se bastante próximo do grupo dos britânicos. O segundo grupo, por sua vez, era em grande número morador da zona norte, atuava em profissões pouco qualificadas e na própria cidade de Niterói.<sup>426</sup>

Havia ainda um terceiro grupo, composto igualmente por indivíduos do sexo masculino. Estes alemães, ainda que tivessem uma profissão definida, encontravam-se temporariamente desempregados e não possuíam moradia fixa. Na verdade, este grupo era formado, principalmente, por comandantes e engenheiros navais, pertencentes a navios alemães que, provavelmente em função da Guerra, haviam buscado se refugiar no Brasil.<sup>427</sup> Finalmente, o quarto grupo era composto de mulheres. As mulheres alemãs presentes na Lista de 1917 eram uma realidade à parte. Nesta listagem encontramos dois grupos diversos. O primeiro, formado de mulheres casadas, aparece apenas como referência aos dados biográficos do marido, sem expressar uma individualidade própria. O segundo grupo, em contrapartida, que é o que nos interessa particularmente, aparece individualizado no documento, sendo formado por mulheres trabalhadoras e solteiras, em sua grande maioria.<sup>428</sup>

---

<sup>426</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ.

<sup>427</sup> *ibid.*

<sup>428</sup> *ibid.*

Diversamente dos britânicos, os alemães chegados a Niterói não tinham respaldo de qualquer firma ou estabelecimento bancário de seu país de origem, para se fixarem em termos de moradia. Isto certamente não se constituiu em problema para aqueles que eram bem posicionados economicamente e que se encontravam trabalhando na Capital da República em grandes firmas de seu país de origem. O mesmo não se pode dizer dos outros alemães que chegavam com poucos recursos e que precisavam encontrar um trabalho em Niterói, ou adjacências, o que poderia não ser uma tarefa fácil.

Para aqueles que contavam com algum recurso financeiro, Niterói já possuía por aquela época alguns hotéis e pensões nacionais e estrangeiras, inclusive algumas de proprietários alemães, onde os imigrantes recém-chegados podiam vir a se instalar temporariamente.<sup>429</sup> Para os demais, com poucos recursos, especialmente os pertencentes à classe operária, a vida na capital do Estado do Rio podia vir a ser muito difícil, conforme relato anterior sobre trabalhadores no Barreto e na Ilha da Conceição.

---

<sup>429</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

## 2.5.1. Os alemães da Zona Sul

A seguir faremos a demonstração de um quadro composto de 27

alemães bem posicionados em termos econômicos e residentes em sua maioria na zona sul de Niterói:

Nome	E. civil	Idade	Residência	Profissão	End. comercial
Richard Bamberger	solteiro	27 a.	R. Visconde de Morais, 129, Centro	Banco Alemão Transatlântico	Rua da Afândega, 11
Walter Brugmann (n. 5)	Solteiro	25 a.	R. da Sagração, 65 (R. Pres. Backer), Icaraí	Negociante	R. São Pedro, 77, RJ (p. 38)
Eugen Georg Wohler (n.9)	Casado, vivendo com a esposa alemã Hana Wohler, 3 filhos nascidos em Niterói	35 a.	R. Álvares de Azevedo, 144, Icaraí	Bco Germânico	Rua Primeiro de Março, RJ. (p. 39)
Johannes Friedrich Bernard Leisse (n. 16)	Solteiro	38 a.	Rua da Sagração, 25 (R. Pres. Backer), Icaraí	Representante da Firma Julius Prietsch.	RJ. (p. 40)
Erick Muller (n. 32)	Solteiro	38 a.	R. Vera Cruz (Moreira César), Icaraí	Engenheiro	Rua Primeiro de Março, 97, RJ. (p. 43)
Max Willy Partzsch (n. 35)	Casado, vivendo com a esposa alemã, Ida Gramse, 36 anos.	32 a.	R. Boa Viagem, 177, Boa Viagem.	Fábrica de Fumo	R. Capitão Félix, 12, Benfica, RJ. (p. 44)
Hermann Gottlob Stroebel (n. 36)	Casado, vivendo com a esposa brasileira., Alzira Batista da Costa	31 a.	Rua da Sagração, 65 (R. Pres. Backer), Icaraí	(Firma) Bellingrodt e Meyer	R. São Pedro, 70, RJ (p. 44)
Herbert Ludewig (n. 38)	Solteiro	28 a.	Est. Fróes da Cruz, s/n, no morro, antes do rio Santo Antônio	Banco Alemão Transatlântico	Rua da Alfândega, 42, RJ. (p. 44)
Erich Rahm (n. 41)	Solteiro	28 a.	Praia de Icaraí, 325, Icaraí	Negociante comercial	Casa Arp e Comp., RJ (p. 45)
Richard Ernste (n. 43)	Casado, vivendo com a esposa alemã Anna Ernste, 40 anos, com um filho.	39 a.	R. Boa Viagem, 138, Boa Viagem	Alfaiate	R. Boa Viagem, 138, Boa Viagem (p. 45)
Robert Kohund (n. 49)	Solteiro	29 a.	R. Visconde de Morais, 129, Ingá	Banco Alemão Transatlântico	Rua da Alfândega, 42, RJ. (p. 46)
Wilhelm Schmitt (n. 50)	Solteiro	31 a.	R. Visconde de Morais, 129, Ingá	Banco Alemão Transatlântico	Rua da Alfândega, 42, RJ. (p. 46)
Ernst Wagner (n. 51)	Solteiro	33 a.	R. Visconde de Morais, 129, Ingá	Banco Alemão Transatlântico	Rua da Alfândega, 42, RJ. (p. 47)
Carlos Ranger (n. 53)	Casado, vivendo com a esposa brasileira Guilhermina Ranger, 32 anos e da filha.	33 a.	Saco de São Francisco, em estaleiro	Construção Naval	Estaleiro no Saco de São Francisco de Max Janke (p. 47)
Arthur Dietzold (n. 61)	Casado, vivendo com a esposa alemã Frida Bohme Dietzold, 24 e dois filhos cariocas	34 a.	Rua Miguel de Frias, 16, Icaraí	?	Rua Gal. Câmara, 69 e 73. (p. 48)
Wilhelm Hartmann (n. 63)	Casado, vivendo com a esposa Maria Hartmann e dos 3 Filhos nascido em Niterói: Maria (21), Wilhelm (19) e Carla (15)	47 a.	R. Álvares de Azevedo, 155, Icaraí	Atualmente desempregado (p. 49)	
Ernst Wilhelm Waldmuller (n. 75)	Solteiro????	29 a. 29 a.	R. Álvares de Azevedo, 155 (x), Icaraí	?	Rua Candelária, 36, RJ. (P. 51)
Frederico Ernesto Schneider (n. 81)	Solteiro	55 a.	Baldeador	Vive de Rendimentos ?	(P. 52)
Richard Reverdy (N. 88)	Solteiro	40 a.	Rua da Aclamação, 25, (Pereira da Silva) Icaraí.	Engenheiro civil	? (P. 53)
Franz Julius Wilberg (N. 89)	Casado, vivendo com a esposa brasileira Elvira Mutzenbecher, 41 anos, e os 3 filhos nascidos no Brasil.	45 a.	R. Presidente Pedreira, 189, Ingá.	Ex-negociante, Capitalista.	(P. 54)

Max Janke (n. 90)	Casado, vivendo com a esposa alemã Malvina Janke, alemã, 44 anos.	34 a.	Saco de São Francisco, 38.	Proprietário de Oficina de construção Naval	Estaleiro no Saco de São Francisco (p. 54)
Henrique Kronenberg (n. 91)	Casado, vivendo com a esposa alemã Berthe Kronenberg.	38 a.	R. Dr. Paulo Alves, 77, Ingá.	Diretor do Moinho Santa Cruz	Ponta D'Areia
Max Georg Hermann Nagel (n. 93)	Solteiro	26 a.	Trav. alameda, 8, Fonseca	Empregado no comércio	R. da Alfândega, 42 (p. 54)
Wilfried Lois Flack (n. 94)	Solteiro	28 anos	R. Nilo Peçanha, 1, Ingá	Empregado no Comércio	Av. Rio Branco, 11 (p. 54, 55)
Naumann Johannes Reinhold (n. 100)	Solteiro	29 a.	Praia de Icaraí, 325, Icaraí	Banco Alemão	R. da Quitanda, 131, RJ. (p. 56)
Kurt Gallenkamp (n. 101)	Solteiro	35 a.	R. Boa Viagem, 117, Boa Viagem	?	R. da Alfândega, 47, RJ (p. 56)
Wilhelm Engelhard (n. 102)		45 a.	R. da Sagração, 45, Icaraí	Banco Alemão Transatlântico	Rua da Alfândega, 11, RJ. (p. 56)

FONTE: Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ.

Os alemães relacionados no quadro acima habitavam predominantemente os bairros (ou regiões) de: Icaraí (11), Ingá (6), Boa Viagem (3), Saco (2), E. Fróes (1), Baldeador (1), Fonseca (1) e Centro (1). Pelo que podemos avaliar, em sua maior parte, eram solteiros, com idade variando entre vinte e dois e quarenta anos. Os casados também eram jovens, a maioria com menos de 40 anos, e viviam em companhia das esposas e dos filhos. Deste grupo, cerca de um 1/3 dos alemães era casado com mulheres brasileiras.<sup>430</sup>

---

<sup>430</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ.

## 2.5.2. Os alemães da Zona Norte

A seguir faremos a demonstração de outro quadro composto de 19

alemães residentes em sua maioria na zona norte de Niterói:

Nome	E. civil	Idade	Residência	Profissão	End. comercial
José Aldenhoff (n.6)	Solteiro	37 anos	Travessa Cipestre, 42 (Trav. Magnólia Brasil), Fonseca	Oficina Mecânica	Rua da Prainha, 11, RJ. (p. 38)
Fritz Woltersdorf (n.8)	Solteiro	65 anos	R. Dr Benjamin Constant, 572, Santana	Cortume	São Gonçalo (P. 39)
Otto Lock (n.11)	Solteiro	27 anos	Fábrica de Fósforos Fiat-Lux, Barreto	Fábrica de Fósforos Fiat-Lux,	Barreto (Era embarcaçõ) (P. 39, 40)
August Neufert (n.14)	Casado com Carolina Neufert e os 3 filhos que se encontram na Alemanha	43 anos	R. da Aclamação, 25 ((R. Pereira da Silva), Icaraí	Jardineiro	R. da Aclamação, 25 (p. 40)
Wilhelm Hartmann (n. 63)	Casado, vivendo com a esposa Maria Hartmann e dos 3 Filhos nascido em Niterói: Maria (21), Wilhelm (19) e Carla (15)	47 anos	R. Álvares de Azevedo, 155, Icaraí	Atualmente desempregado (p. 49)	
Theodor Hanzenb (n. 58)	Casado e a esposa encontra-se na Alemanha, com a Filha.	30 anos	Moinho Santa Cruz, Ponta D'Areia	Moinho Santa Cruz	Ponta D'Areia (p. 48)
Gustav Adolf Stahn (n. 59)	Solteiro	28 anos	R. Barão do Amazonas, 93, Centro	Oficina (do Moinho)Santa Cruz	Ponta da Areia (p. 48)
Hermann August Kupper (n. 60)	Casado, vivendo em companhia da esposa alemã Anna Kupper, 37 anos, sem filhos.	41 anos	Trav. da Alameda, 8, Fonseca		? (p. 48)
Ernest Max Zwoch (n. 62)	Casado, vivendo com a esposa alemã Martha Emma Sickert, 25 anos, e 1 filha nascida em Niterói.	25 a.	Travessa do Cunha, Av. Fiat Lux, 5, Barreto		R. Evaristo da Veiga, 20, RJ (p. 49)
Francisco Strunk (n. 64)	Solteiro	41 anos	R. Álvares de Azevedo, 155,Icaraí	Trabalha no endereço em que vive (Jardineiro, caseiro)	R. Álvares de Azevedo, 155,Icaraí (p. 49)
Antônio Eduardo Kaiser (n. 66)	Solteiro	22 anos	Travessa da Alameda, 8, Fonseca	Fábrica Orion	(p. 49)
Kave Lotze (n. 73)	Solteiro	36 anos	R. Barão do Amazonas, 93 , Centro	Moinho Santa Cruz.	Ponta D'Areia (p.50, 51)
Christian Luiz Schultz (n. 74)	Casado, vivendo em companhia da esposa Francisca Schultz, brasileira, 27 anos, e de 3 filhos, todos brasileiros.	27 anos	Morro do Céu, Niterói		(p. 51)
Carl Eduard Luiz Huner (n. 77)	Casado, vivendo em companhia da esposa Maria Augusta de Sousa, brasileira, 22 anos, e da filha de 2 anos.	24 anos	Barão de Amazonas, 93, Centro	Moinho Santa Cruz Ponta D'Areia	Ponta D'Areia (p. 51)
Joahann August Meyling (n. 78)	Solteiro	41 anos	Moinho de Santa Cruz, Ponta D'Areia	Moinho Santa Cruz	Ponta D'Areia (p. 51, 52)

Hugo Kalb (n. 79)	Solteiro	23 anos	Travessa da Alameda, 8, Fonseca	Torneiro	No Toque-Toque (p. 52)
Friedrich Carl Richard Wendt	Solteiro	32 anos	Travessa da Alameda, 6, Fonseca	Desempregado	(p. 52)
Luiz Schultz (n. 92)	Casado, vivendo em companhia da esposa, Anna Jensen, alemã, 50 anos e de 1 filho rapaz.	50 anos	Morro do Céu	Lavrador	Morro do Céu (p. 54)
Karl Schmidt (n. 102)	Solteiro	23 anos	R. Vilagrã Cabrita, s/n <sup>o</sup> , Ponta D'Areia	Oficina do Moinho Santa Cruz	Ponta D'Areia (p. 56).

FONTE: Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ.

O chamado grupo da zona norte tinha características bastante diferenciadas do grupo anterior. A maioria deles residia na zona norte, nos bairros de Barreto (2), Santana (1), Ponta d'Areia (3) e no Morro do Céu (2). Outros ainda viviam em bairros tradicionais, como o Centro (3) e o Fonseca (4). Por último, 3 residiam no bairro de Icaraí, onde desempenhavam suas funções profissionais.<sup>431</sup> A faixa etária deste segundo grupo era mais alta do que a do primeiro. Em sua maior parte eram solteiros (11), com idade variando entre vinte e dois e quarenta e poucos anos. Dentre os casados (8), cuja idade variava de vinte e cinco a quarenta e tantos anos, a maioria realizara matrimônio com alemãs e ¼ com brasileiras. Das seis esposas alemãs, duas haviam permanecido em seu país de origem.<sup>432</sup> Ainda que faltem maiores informações sobre a vida sócio-econômica destes imigrantes, ao cruzar seus dados de moradia, estado civil e atividade profissional, podemos visualizar algumas dificuldades que eles tiveram de enfrentar na capital fluminense. Em termos de profissão, estes alemães atuaram predominantemente como operários. Sete deles foram absorvidos por dois grandes empreendimentos de capital alemão: o Moinho Santa Cruz e sua Oficina (6) e a Fábrica de Phosphoros Orion (1).<sup>433</sup>

<sup>431</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói - 3 de novembro de 1917, Op. cit.

<sup>432</sup> Ibidem.

<sup>433</sup> Ibidem.

O Moinho Santa Cruz foi um grande empreendimento no seu gênero, organizado em termos de uma sociedade em comandita, por ações, pela firma Machados, Mello & Comp. e seu principal sócio acionista foi o alemão pertencente à firma “Herm, Stoltz & Comp., negociantes”, com endereço no Rio de Janeiro na Avenida Central, nº 66 e 74.<sup>434</sup> Este moinho foi edificado em 1910, na Ponta d’Areia, à beira-mar, na rua Vilagrã Cabrita, atual Dr. Paulo Frumêncio, em um lugar que levava o nome de Toque-Toque.<sup>435</sup> Ocupava uma extensa área de 50.000 metros quadrados e incluía uma oficina de manutenção. Utilizava-se de maquinismos os mais modernos e aperfeiçoados existentes para o fabrico de farinhas de marcas diversas, como por exemplo, Pérola, Santa Cruz e Mimosa, além de produção de farelos que eram colocados a preços superiores no mercado.<sup>436</sup>

No próprio Moinho atuavam quatro alemães denominados Theodor Hanzenb, Joahann August Meyling, Carl Eduard Luiz Huner e Kave Lotze. E na oficina do Moinho trabalhavam outros dois de nomes Gustav Adolf Stahn e Karl Schmidt. A dificuldade de custear uma moradia deve ter sido grande para alguns destes imigrantes, levando-os a realizar alguns arranjos para ter um teto. Na listagem de 1917 encontramos vários exemplos desta dificuldade, inclusive entre cinco dos seis trabalhadores do Moinho: Theodor Hanzenb, 30 anos, casado e com esposa morando na Alemanha e Joahann August Meyling, 41 anos, solteiro, moravam no próprio Moinho.<sup>437</sup>

---

<sup>434</sup> Legislação Informatizada - Decreto n. 7.806 de 6 de janeiro de 1910 – Publicação Original. Além deste, o Decreto n. 9017 de 11 de outubro de 1911 (Senado Federal).

<sup>435</sup> A partir da ponta constituída pelo morro da Armação, encontravam-se as praias do Toque-Toque e da Ponta d’ Areia e, ao fim desta última, a Enseada de São Lourenço. (MARTINS, Joubert de Assis. Nova Niterói: a orla sepultada da Utopia à Agonia. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Geografia da UFF., Niterói, 2006.

<sup>436</sup> Impressões do Brazil no Seculo Vinte, editada em 1913 e impressa na Inglaterra por Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd., com 1.080 páginas, mantida no Arquivo Histórico de Cubatão/SP, p. 535 a 547.

<sup>437</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

Além destes, outros três alemães trabalhadores deste estabelecimento tiveram que se reunir para custear uma mesma residência na rua Barão do Amazonas, 93, no Centro de Niterói. Eles eram Carl Eduard Luiz Huner, de 24 anos, casado, que vivia em companhia da esposa brasileira e de uma filha; Kave Lotze, 36 anos, solteiro; e Gustav Adolf Stahn, 28 anos, solteiro. Apenas o sexto trabalhador desse estabelecimento, Karl Schmidt, um rapaz solteiro de 23 anos, parecia ter um endereço próprio na rua Vilagrã Cabrita, s/n<sup>o</sup>, Ponta D'Areia.<sup>438</sup>

O segundo empreendimento de origem germânica, a fábrica de Phosphoros Orion, surgiu por iniciativa de dois alemães de nomes Hugo Bellingrodt e João Meyer.<sup>439</sup> De início, Hugo Bellingrodt, natural de Halver, participou de uma sociedade na firma Arp & Cia. Em 1906, todavia, associou-se a João Meyer, antigo sócio da firma João Meyer e Cia. Juntos criaram a firma Bellingrodt & Meyer que, com o tempo, diversificou-se e passou a agenciar vários tipos de negócios.<sup>440</sup>

Por terem amplo conhecimento do processo de fabricação de fósforos construíram em Niterói, em 1910, uma fábrica de fósforos denominada Orion.<sup>441</sup> Este empreendimento, de início pequeno, foi instalado na travessa Carlos Gomes, n<sup>o</sup> 7, telefone 345.<sup>442</sup> A excelência do produto desta fábrica, cuja especialidade era a fabricação dos fósforos de carteira, teve uma ampla aceitação no mercado, tornando crescente o seu consumo, o que redundou em consideráveis aumentos de sua produção, levando inclusive à construção de edifícios suplementares.<sup>443</sup>

---

<sup>438</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

<sup>439</sup> “Impressões do Brasil no século Vinte”, op. cit., p. 600-607.

<sup>440</sup> *ibid.*

<sup>441</sup> *ibid.*

<sup>442</sup> Almanak, Ed. B00071, 1915, p. 1687.

<sup>443</sup> “Impressões do Brasil no século Vinte”, op. cit., p. 600-607.

Com o tempo, a produção fabril também se diversificou. No Almanak Laemmert de 1915, encontra-se o anúncio de “Fábrica de Sabão” Bellingrodt & Meyer no mesmo endereço da fábrica de fósforo.<sup>444</sup> Em 1925, Julio Pompeu de Castro Albuquerque, ao mencionar em seu Álbum este empreendimento, inclui não só a produção de Phosphoros como igualmente a de Vidros.<sup>445</sup> Nesta época, segundo Albuquerque, a fábrica já possuía cerca de 600 operários.<sup>446</sup>

Pelo que pudemos verificar, na Fábrica de Phosphoros Orion trabalhava Antônio Eduardo Kaiser, um jovem solteiro de 22 anos. Para fazer face aos custos de uma residência na travessa da Alameda, nº 8, no Fonseca, este alemão teve que juntar-se a outros dois conterrâneos. Os dois companheiros de Antônio Eduardo Kaiser eram Hugo Kalb, solteiro, 23 anos, trabalhando como torneiro no Toque-Toque, Ponta D’Areia e Hermann August Kupper, casado, que vivia em companhia da esposa alemã, Anna Kupper. Hermann, provavelmente, não possuía trabalho, visto que não constava entre seus dados qualquer declaração de atividade profissional. Por fim, em uma casa próxima a de Antônio, Hugo e Hermann vivia, na travessa da Alameda, nº 6, outro alemão solteiro de 32 anos, chamado Friedrich Carl Richard Wendt, que, da mesma forma que Hermann, se encontrava desempregado.<sup>447</sup>

Outro operário fabril, Otto Lock, solteiro e com a idade de 27 anos, trabalhava na Fábrica de Fósforos Fiat-Lux, no Barreto, em Niterói, empreendimento este de capital inglês. Este operário também era morador do próprio local de trabalho.<sup>448</sup>

---

<sup>444</sup> Almanak, Edição, B00071, 1915, p. 1687.

<sup>445</sup> ALBUQUERQUE, op. cit.

<sup>446</sup> *ibid.*

<sup>447</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917, Op. cit.

<sup>448</sup> *ibid.*

Já Ernest Max Zwoch de 25 anos, que vivia em companhia da esposa alemã Martha Emma Sickert e de uma filha nascida em Niterói, embora morasse ao lado da Fábrica Fiat Lux, na travessa do Cunha, no Barreto, não declarava ter atuação profissional, o que nos permite deduzir que estivesse temporariamente desempregado.<sup>449</sup>

Havia ainda José Aldenhoff, 37 anos, solteiro, morador na Travessa Cipestre, nº 42, atual Magnólia Brasil, Fonseca, empregado em uma oficina localizada na Rua da Prainha, nº 11, no Rio de Janeiro. Além deste, constava na listagem o nome de Fritz Woltersdorf, 65 anos, solteiro, morador da Rua Dr Benjamin Constant, nº 572, no bairro de Santana, que seguia trabalhando em um Curtume em São Gonçalo.<sup>450</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, as residências de Icaraí eram chácaras extensas e arborizadas que demandavam empregados para realizar sua manutenção e embelezamento. Dentre os alemães registrados nesse grupo, dois aparecem desempenhando atividades desse tipo e morando no próprio local do trabalho. O primeiro deles era August Neufert, 43 anos, casado, com a família morando na Alemanha, que atuava como jardineiro na rua Aclamação, 25, atual Pereira da Silva, no bairro de Icaraí. O outro era Francisco Strunk, 41 anos, solteiro, que vivia e trabalhava, provavelmente como uma espécie de caseiro, na rua Álvares de Azevedo, 155, também em Icaraí.<sup>451</sup>

---

<sup>449</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917, Op. cit.

<sup>450</sup> *ibid.*

<sup>451</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917, Op. cit.

Neste universo profissional variado, encontramos também Luiz Schultz, 50 anos, lavrador e morador do Morro do Céu,<sup>452</sup> vivendo em companhia da esposa alemã Anna Jensen. Por último, havia ainda o filho do casal, Christian Luiz Schultz, provavelmente lavrador, que era casado com uma brasileira de 27 anos e morava com ela e mais 3 filhos em um endereço no Morro do Céu.<sup>453</sup>

---

<sup>452</sup> O Morro do Céu, atualmente compreendendo os bairros de Caramujo, Ititioca e Viçoso Jardim, no passado foi uma região aprazível, muito arborizada, com árvores frutíferas, que davam jaca, manga e mexerica e com água potável à vontade. Havia ainda a presença de criação de animais com patos, bois, galinhas e animais silvestres. Havia a predominância de sítios, com casas esparsas, sem, todavia, possuir qualquer beneficiamento do Poder Público. Desde o ano de 1983, o destino final do lixo de Niterói passou a ser um aterro concentrado nesta região.

<sup>453</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917, Op. cit.

### 2.5.3. O grupo dos marítimos desembarcados

Abaixo apresentamos um quadro que expõe dados sobre 17 alemães

pertencentes ao ramo dos marítimos, os quais se encontravam sediados em Niterói:

NOME	ORIGEM	IDADE	DOMICÍLIO	PROFISSÃO
Hermann Friedrich Wilhelm Schwinghmmmer (n. 44) Família em Hamburgo: esposa e 2 filhos (a filha ficou com a mãe e o filho Werner, de 21 anos, com o pai)	Urterkochen	53 anos (20/09/1864)	R. Álvares de Azevedo, 155  Último domicílio: Hotel Balneário, Saco de São Francisco	Ex-marinheiro de navio, sem ocupação, p. 45
Werner Friedrich August Schwinghmmmer (n. 45) (solteiro e sem filhos)	Hamburgo	21 anos (10/05/1896)	R. Álvares de Azevedo, 155, Icaraí Último domicílio: Ilha das Flores	Ex-marinheiro, sem ocupação p. 46
Christian Conrad Frierich Busche (n. 67)	Bremen	53 anos (29/12/1864)	R. da Boa Viagem, 142, Boa Viagem, (na casa da família Puhlmann)Último domicílio: Hotel Balneário, no Saco	Era comandante de navio, sem colocação p. 49, 50
Johann Heirich Georg Carl Wending (n. 67) Casado, porém a esposa e 3 filhos residem em Lehe na Alemanha	Trabel, Província de Hannover	52 anos (13/04/1865)	R. Boa Viagem, 142, Boa Viagem Último domicílio: Hotel Balneário	Comandante sem colocação p. 50
Gustav Direnga (n. 70) Casado, porém a esposa e os 2 filhos residem em Bremen.	Bremen	46 anos (5/09/1871)	Hotel Balneário (Saco de S. Francisco) Último domicílio: Ilha das Flores	Ex-comandante marítimo p.50
Jacob Anton Ehlers (n. 71) (solteiro e sem filhos)	Flensburg, Schlesur-Holstein	45 anos (12/03/1872)	Hotel Balneário (Saco de S. Francisco) Último domicílio: Navio	Engenheiro marítimo p.50
Carl Lange (n. 72) Casado com Amanda Lange, que se encontra em Hamburgo, sem filhos	Aumund	52 anos (29/06/1865)	Hotel Balneário (Saco de S. Francisco) Último domicílio: Navio	Ex-comandante de navio p.50
Heinrich Iohannes Hopker (n. 83) Casado, porém a família reside em Hamburgo: Elise, 54 anos e os filhos Catharina (25) e Johannes (23)	Elfleth, Hamburgo	57 anos (13/1/1860)	Trav. Cipestre, 24 (R. Magnólia Brasil), Fonseca Último domicílio: Hotel Balneário (Saco)	Engenheiro Era embarcaçõo marítimo p. 52
Max Curt Senf (n. 84) Viúvo com 3 filhos residentes em Hamburgo: Gertrude (17), (Otto (16) e Max (14)		50 anos (4/12/1866)	Hotel Balneário (Saco) Último domicílio: Ilha de Paquetá	Engenheiro p. 53
August Heitmuller (n. 85) Casado, porém a família reside em Bremenharven: esposa Christine, 47 anos, filho Onno (10) e filha, Ida (20)	Bremenharven, Bremen	53 anos (23/07/1864)	Hotel Balneário (Saco) Último domicílio: Ilha de Paquetá	Engenheiro civil p. 53
Heinrich Lindrob (n. 86) Casado, porém a família reside em Bremenharven: esposaEmma, 38 anos, e filho Hans (7) e Kathe (9)	Bremenharven, Bremen	51 anos (13/1/1866)	Pensão Selma Leonhard, R. Andrade Neves, 169, São Domingos Último domicílio: Hotel Balneário (Saco)	Ex-comandante p. 53
Hermann Christoph August Nagel (n. 87) Casado, porém a família reside em Hamburgo: esposa Emilie (47), e 4 filhos: Eduardo (24), Elizabeth (22), Jannie (20) e Hermann (14).	Dardesheim	53 anos (1/03/1864)	Hotel Balneário (Saco) Último domicílio: Ilha de Paquetá	Engenheiro, sem colocação p. 53
Caisten Heinrich August Carstens (n. 95) (Solteiro, sem filhos)	Curslack, Hamburgo	51 anos (10/4/1866)	Hotel Balneário (Saco) Último domicílio: Ilha de Paquetá	Comandante de navio, desembarcado p. 55
Carl Heinsh Christian August Pritzel (n. 96) Casado, porém a esposa Johanna, 40 anos, reside na Alemanha, sem filhos.	Osnabruck, Prússia	48 anos (13/2/1869)	Hotel Balneário (Saco) Últ. domicílio: Ilha de Paquetá	Comandante de navio, desembarcado p. 55
Heirich Hermann Georg Gopliny (n. 97) Casado, porém a esposa Maria, alemã, 48 anos reside com os 3 filhos na Alemanha: Ernesto (24), Greta(22) e Helmuth (15).	Bremerhaven, Bremen	49 anos (10/10/1868)	Hotel Balneário (Saco) Último domicílio: Ilha de Paquetá	Comandante de navio, desembarcado p. 55
Anton Schelhorn (n. 98) Casado, porém a esposa Lena, alemã, 36 anos, reside com os 3 filhos Hugo (13), Elisabeth (6) e Georg (4) em Hamburgo.	Hamburgo	43 anos (14/04/1874)	Hotel Balneário (Saco) Último domicílio: Ilha das Flores	Comandante do navio Arnolet Arnisink, desembarcado p. 55
Richard Simon (n. 99) (Solteiro, sem filhos)	Ken (Prússia)	50 anos (2/09/1867)	Hotel Balneário (Saco)	Médico do vapor Salamanca,desembarca do p. 55, 56.

FONTE: Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. IHGB

Na relação de 1917, como já foi dito, aparecem 17 alemães do ramo marítimo que se encontravam desembarcados de seus navios. Eram Marinheiros, Comandantes, Engenheiros, além de um Médico. Provavelmente em função da Guerra, esses alemães decidiram fixar-se no Brasil, por um período, ou permanentemente, e escolheram Niterói para ficar.<sup>454</sup> De acordo com o quadro exposto acima, podemos ter uma visão dos componentes deste grupo.

Todos, à exceção de um, estiveram por um período no Hotel Balneário<sup>455</sup>, o qual, segundo Carlos Wehrs, situava-se na esquina da praia de São Francisco com Estrada da Cachoeira.<sup>456</sup> Alguns permaneceram nesse Hotel por tempo indeterminado. Outros, todavia, posteriormente, procuraram outros endereços para se fixar.

Hermann Friedrick Wilhelm Schwinghmmmer e Werner Friedrick August Schwinghmmmer, respectivamente pai e filho e ex-marinheiros de um navio, residiam, em 1917, na rua Álvares de Azevedo, 155, em Icaraí. O pai havia passado um tempo no Hotel Balneário e o filho, diversamente, viera diretamente da Ilha das Flores.<sup>457</sup> Havia ainda dois comandantes de nomes Christian Conrad Frierich Busche e Johann Heirich Georg Carl Wending, na faixa dos 50 anos, que haviam permanecido por um tempo no já mencionado Hotel do Saco de São Francisco. Johann, o único que declarara estado civil, era casado e a família vivia na Alemanha. Em 1917, os dois se encontravam vivendo à Rua Boa Viagem, nº 142, no bairro de Boa Viagem, na casa da família Puhmann. Esta família, de procedência alemã, não tinha seus dados discriminados na listagem de 1917.<sup>458</sup>

---

<sup>454</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

<sup>455</sup> *ibid.*

<sup>456</sup> WEHRS, 125 anos de presença germânica em niterói: 1814-1939, op. cit., p. 210.

<sup>457</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

<sup>458</sup> *ibid.*

Outro alemão, em situação semelhante, era Heinrich Iohannes Hopker, engenheiro, casado, porém com a família vivendo na Alemanha. Após estada temporária no Hotel Balneário, encontrava-se residindo na rua Cipestre, nº 24, atual rua Magnólia Brasil, no Fonseca.<sup>459</sup> O sexto, Heinrich Lindrob, casado e com família residindo na Alemanha, depois de passar um período no referido hotel, foi alojar-se na pensão de Selma Leonhard, senhora de procedência alemã, na rua Andrade Neves, nº 169, em São Domingos. Vale a pena registrar que Selma Leonhard não constava de forma discriminada da relação de 1917, aparecendo nesta lista apenas como dona da pensão.<sup>460</sup>

Dos restantes, onze alemães permaneciam residindo no Hotel Balneário, no Saco de São Francisco. Discriminando profissionalmente esse grupo, seis eram comandantes, quatro engenheiros e um médico.<sup>461</sup> Dentre os comandantes casados, é possível citar Gustav Direnga, com família em Bremen, Carl Lange e Anton Schelhorn, com famílias em Hamburgo e, por fim, Carl Heinh Christian August Pritzel e Heirich Hermann Georg Gopliny que não esclareceram a sua procedência. Quanto aos solteiros, havia um único de nome Caisten Heinrich August Carstens.<sup>462</sup> No grupo dos engenheiros encontravam-se Jacob Anton Ehlers, solteiro e Max Curt Senf, viúvo e com filhos residindo em Hamburgo. No grupo dos engenheiros casados, havia August Heitmuller, cujos familiares provinham de Bremenharven (Bremen) e Hermann Christoph August Nagel, cuja família residia em Hamburgo.<sup>463</sup> Por último, Richard Simon, solteiro, era médico do vapor Salamanca.<sup>464</sup>

---

<sup>459</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

<sup>460</sup> *ibid.*

<sup>461</sup> *ibid.*

<sup>462</sup> *ibid.*

<sup>463</sup> *ibid.*

<sup>464</sup> *ibid.*

#### 2.5.4. As mulheres alemãs e o trabalho

O universo profissional destinado às mulheres, no início do século XX, era bastante restrito no Brasil, incluindo a Cidade do Rio de Janeiro, capital da República. Composto o reduzido quadro das profissões femininas da época, havia as professoras, dirigentes de escolas, parteiras, domésticas, costureiras, operárias e atrizes. Além destas, existiam ainda as donas de pensão e, de acordo com o Laemmert,<sup>465</sup> algumas comerciantes, em sua maioria, provavelmente viúvas. Outras profissões que fugissem deste pequeno universo normalmente eram consideradas exceção.

Em Niterói, desde o século XIX, havíamos encontrado um pequeno grupo de mulheres professoras e dirigentes de escola, de nacionalidade alemã e britânica. Além disso, também conseguimos identificar uma única parteira alemã, como foi mostrado no capítulo 1. Uma pesquisa no Jornal O Fluminense, das duas primeiras décadas do século XX, mostrou-nos anúncios de algumas senhoras ou senhoritas que se ofereciam para lecionar piano,<sup>466</sup> música,<sup>467</sup> aula de inglês,<sup>468</sup> português e francês<sup>469</sup>. Um desses anúncios pertencente a uma britânica dizia: “Uma senhora inglesa leciona o seu idioma (...) na rua Moreira Cesar, n<sup>o</sup> 19, Icaraí.”<sup>470</sup>

Da parte do empregador, a maior parte dos anúncios solicitava criadas, copeiras, amas de leite, cozinheiras de forno e fogão, arrumadeiras, lavadeiras, engomadeiras, costureiras, amas seca, dentre outras. Estas profissões eram muito requisitadas entre as famílias abastadas da zona sul, de bairros como São Domingos, Praia das Flexas, Ingá, Boa Viagem e Icaraí, onde residiam os britânicos e alemães.

<sup>465</sup> Um procura no Almanak Laemmert das duas primeiras décadas do século XX mostra o quanto era restrito o universo profissional feminino.

<sup>466</sup> O Fluminense, 1/1/1900/ e 2/3/1915.

<sup>467</sup> O Fluminense, 2/3/1915.

<sup>468</sup> O Fluminense, 5/1/1900 e 2/3/1915.

<sup>469</sup> O Fluminense, 2/3/1915.

<sup>470</sup> O Fluminense, 3/7/1920.

Acreditamos que nas primeiras décadas após a abolição da escravatura houvesse, dentre as descendentes afro-brasileiras, um grande número de candidatas a este tipo de trabalho. Todavia, muitas famílias da época colocavam restrições explícitas aos padrões étnicos das futuras empregadas, sem deixar qualquer margem de dúvida à sua preferência: “*Precisa-se de uma empregada para todos os serviços paga-se bem (pretas não apareçam) a rua Dr Paulo Cezar, n. 10, Icarahy.*”<sup>471</sup>

Fazendo uma leitura dos jornais de época, é possível ver, sem qualquer tipo de disfarce, que vários empregadores, dentre os quais muitos de famílias britânicas, solicitavam candidatas brancas para as suas residências. A seguir citamos dois exemplos desta preferência: “*Precisa-se de uma cozinheira, branca, que saiba lavar roupa e durma no aluguel, para casa de pequena família inglesa na praia de Icarahy n. 155.*”<sup>472</sup> e “*Precisa-se de uma empregada branca, de 18 a 20 anos, para cozinheira em casa de uma pequena família inglesa; na praia da Flexas, n. 81. Paga-se bem.*”<sup>473</sup>

Dentro do universo de possibilidades existentes, havia os que requisitavam uma doméstica estrangeira, principalmente de origem portuguesa.<sup>474</sup> Os anúncios abaixo são elucidativos a este respeito: “*Precisa-se de uma lavadeira portuguesa de 16 a 20 annos, para casa de pequena família inglesa; á rua Gavião Peixoto, n. 74 Icarahy. Paga-se bem.*”<sup>475</sup> e “*Precisa-se de uma arrumadeira portuguesa para casa de uma família inglesa; na praia de Icarahy n. 69...*”<sup>476</sup>

---

<sup>471</sup> O Fluminense, 20/02/1916, p. 3.

<sup>472</sup> O Fluminense, Sábado, 17/10/14, p. 3.

<sup>473</sup> O Fluminense, 07/01/16.

<sup>474</sup> A esse respeito destacamos O Fluminense nos seguintes dias: 05.02.1914, 20.03.1914, 17.10.14, 03.01.1916, 07.01.16, 16.02.1916, 18.02.1916, 28.01.17, 08.04.17.

<sup>475</sup> O Fluminense, 5ª feira, 05.02.1914.

<sup>476</sup> O Fluminense, 4ª feira, 16/02/1916.

Da mesma forma que havia a procura por parte do empregador, existiam ainda mulheres que desejavam trabalhar como costureiras e empregadas e, para esta finalidade, colocavam seus próprios anúncios no Jornal. Dentre estas, algumas eram estrangeiras de nacionalidade portuguesa ou alemã, buscando uma alternativa de sobrevivência para a época, conforme três exemplos selecionados a seguir:

*“Oferece-se uma senhora portuguesa, sabendo cozinhar e mais serviços, prefere-se pelo lado de Icarahy<sup>477</sup>; “Uma senhorita alemã deseja empregar-se em casa de uma família de respeito conhecendo a cozinha vienense e brasileira.”<sup>478</sup> e, por fim, “Oferece-se um casal sem filhos, sendo a mulher alemã. Para qualquer serviço, o marido para jardineiro ou outro serviço que combinar, apresenta boas referências, deseja que seja família estrangeira, por obséquio à rua Moreira Cezar, n. 19.”<sup>479</sup>*

No que diz respeito às mulheres alemãs da listagem de 1917, existiam dois grupos bem distintos. O primeiro era composto de mulheres casadas que apareciam na relação apenas para complementar os dados biográficos do marido, sem expressar uma individualidade própria. Estas mulheres eram esposas dos dois grupos de alemães, anteriormente estudados, os chamados grupos da zona sul e da zona norte, e, provavelmente, dedicavam-se ao ofício de dona de casa, cuidando do marido, dos afazeres domésticos e dos filhos.<sup>480</sup>

Todavia, encontramos, igualmente, na listagem de 1917 um grupo diferenciado de mulheres, grupo este desvinculado de qualquer referência masculina.

---

<sup>477</sup> O Fluminense, quarta-feira, 03.01.1917, p. 3.

<sup>478</sup> O Fluminense, sexta-feira, 07.01.1916.

<sup>479</sup> O Fluminense, domingo, 28.01.1917.

<sup>480</sup> Relação de alemãs da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

A seguir, apresentamos um quadro onde aparecem discriminados os dados referentes ao segundo grupo composto por 13 mulheres:

NOME	E. CIVIL	IDADE	RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	End. Comercial
Emma Elisa Bossow (n. 2)	Solteira	25 a	R. da Sagração, 25 (R. Presidente Backer), Icaraí	Serviços domésticos	R. da Sagração, 25 (P. 37)
Bertha Brockmüller (n.4)	Solteira	24 anos	R. da Aclamação, 25 (Pereira da Silva), Icaraí	Cozinheira	R. da Aclamação, 25 (Pereira da Silva), Icaraí (P. 38)
Magdalena Eckert (n. 15)	Solteira	28 anos	Praia de Icaraí, 267, Icaraí .	Professora	----- (P. 40)
Alwine Neubert (n. 23)	Solteira	32 anos	Rua Boa Viagem, 101, Boa Viagem	Professora,	Sem colocação (P. 41, 42)
Thusnelda Optiz (n. 33)	Solteira	30 anos	R. Miguel de Frias, 1, Icaraí	Atuando no Colégio Alemão	R. do Senado, 247, RJ. (p. 43)
Anna Weigs (n. 42)	Casada com o alemão Alberto Weigs (38 anos), que trabalhava em Minas Gerais como colono. (3 filhos alemães residindo com avós)	39 anos	R. do Reconhecimento, 256, (Av. Sete), Icaraí	Doméstica	R. do Reconhecimento, 256, (Av. Sete), Icaraí (p. 45)
Clara Katzenberger (n. 46)	Solteira	25 anos	Estrada Fróes da Cruz, s/n, Niterói	Copeira, na casa de Carl Metz.	Estrada Fróes da Cruz, s/n, Niterói
Guilhermina Rosner (n. 52)	Viúva com dois filhos brasileiros adolescentes.	46 anos	Travessa Carlos Gomes, 83, Barreto	Operária na Fábrica Orion	(declarou não saber ler nem escrever) (p. 47)
Elisabet Schumann (n. 54)	Solteira	24 anos	Praia de Icaraí, 251, Icaraí	Professora	Praia de Icaraí, 251, Icaraí (p. 47)
Betty Kraft (n. 55)	Solteira	38 anos	Praia de Icaraí, 229, Icaraí	Professora	Praia de Icaraí, 229, Icaraí (p. 47)
Lina Harbers (n. 56)	Solteira	47 anos	R. Miguel de Frias, 1, Icaraí	Professora	R. Miguel de Frias, 1, Icaraí (p. 48)
Luisse Lange (n. 57)	Solteira	29 anos	R. Miguel de Frias, 1, Icaraí	Professora	R. Miguel de Frias, 1, Icaraí (p. 48)
Marie Geisel	Solteira	30 anos	R Vera Cruz, 191, Icaraí End. anterior: Hotel Inglês, no Canto do Rio	Dona de Pensão	Rua Vera Cruz, 191, Niterói (p. 52)

FONTE: Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ.

De acordo com o que foi apresentado no quadro acima, o grupo de mulheres era majoritariamente composto de solteiras, em número de onze, complementado ainda por uma alemã casada e outra viúva. Essas imigrantes, de forma geral, residiam na zona sul de Niterói, em bairros como Icaraí (10), Boa Viagem (1) e Estrada Fróes da Cruz (1). A única exceção, dentre elas, morava no bairro do Barreto, na zona norte da Cidade.<sup>481</sup>

As quatro primeiras a serem apresentadas trabalhavam em serviços domésticos diversos, inclusive como cozinheira e copeira, e todas moravam no emprego. A casada, Anna Weigs, com 39 anos, atuava como empregada doméstica em casa de família, na Rua do Reconhecimento, nº 256, atual Avenida Sete, Icaraí, para ajudar seu marido alemão Alberto Weigs, 38 anos, o qual se encontrava em Minas Gerais na função de colono. Seus três filhos haviam permanecido na Alemanha, morando com os avós. Dentre as solteiras, havia Emma Elisa Bossow, 25 anos, trabalhando em serviços domésticos na rua da Sagração, atual Presidente Backer, e Bertha Brockmuller, 24 anos, cozinheira na Rua da Aclamação, atual Pereira da Silva, nº 25, ambas residentes em Icaraí. Por último, Clara Katzenberger, 25 anos, que atuava como copeira, em casa do alemão Carl Metz, morador da Estrada Fróes da Cruz, s/n, Niterói.<sup>482</sup> Este alemão, como alguns outros já citados, não possuía seus dados discriminados no Documento de 1917, aparecendo apenas como patrão de Clara Katzenberger.<sup>483</sup>

---

<sup>481</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

<sup>482</sup> *ibid.*

<sup>483</sup> *ibid.*

Além das mulheres que atuavam como domésticas, vamos encontrar uma única operária chamada Guilhermina Rosner, de 46 anos, viúva, com dois filhos brasileiros. Esta imigrante, que se declarava analfabeta, trabalhava na fábrica alemã Orion, localizada na Travessa Carlos Gomes, nº 83, no Barreto. Contrapondo-se à função de operária, havia uma proprietária, dona de pensão, Marie Geisel, solteira, 30 anos, vivendo na rua Vera Cruz, atual Moreira César, nº 191, Icaraí.<sup>484</sup>

Finalizando o grupo das mulheres trabalhadoras, encontramos sete alemãs ligadas ao ensino. Dentre estas, seis eram professoras e, provavelmente, davam aulas particulares na própria casa. A sétima, Thusnelda Optiz, não se declarava professora, porém atuava em uma instituição de ensino, o Colégio Alemão do Rio de Janeiro, na rua do Senado, nº 247. Deste primeiro grupo, Emma Elisa Bossow, 24 anos, e Bertha Brockmuller, 25 anos, residiam no mesmo endereço, na rua da Sagração, atual rua Presidente Backer, nº 25, Icaraí. Outras três, igualmente, dividiam as despesas morando na mesma residência, na Rua Miguel de Frias, nº 1, Icaraí. Elas eram Lina Harbers de 47 anos, Luise Lange de 29 anos e Thusnelda Optiz, com idade de 30 anos. Finalizando o grupo das professoras, havia Magdalena Eckert, 28 anos, moradora na Praia de Icaraí, nº 267, Icaraí e Alwine Neubert, 32 anos, que vivia na Rua Boa Viagem, nº 101, em Boa Viagem.<sup>485</sup>

---

<sup>484</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

<sup>485</sup> *ibid.*

### **3. O BALNEÁRIO ICARAHY PELO OLHAR DE BRITÂNICOS E ALEMÃES E DA MÍDIA DA ÉPOCA**

#### **3.1. O povoamento no início do Século XX: Icaraí, Fróes e Saco de São Francisco**

Na primeira metade do século XIX, dois planos urbanísticos foram idealizados com o intuito de incrementar a ocupação espontânea e esparsa que se verificava em Niterói. O primeiro, o Plano de Edificação da Vila Real de Praia Grande, de 1833, foi projetado para urbanizar duas áreas frontais à baía de Guanabara, conhecidas pelos nomes de São Domingos e Praia Grande. A execução deste plano teve amplo sucesso, visto que logo esta região iria se tornar a mais povoada de Niterói. O segundo, o Plano da Cidade Nova de Icaraí, datado de 1841, foi pensado para realizar a abertura de uma série de ruas perpendiculares e paralelas ao mar, no interior de um vale costeiro posicionado entre os morros de Itapuca e Cavalão. Para efetuar este Plano, todavia, foi preciso destruir uma gruta, em 1849, que impedia o acesso de Icaraí à Praia das Flexas, principal via de comunicação à região central de Niterói.

Os estudos que tratam deste assunto costumam informar que o plano de Icaraí foi executado a partir de 1854. Entretanto, não chegam a esclarecer quais foram os desdobramentos decorrentes desta medida. Buscando obter maiores dados sobre este período, levantamos algumas informações produzidas pelo memorialista Vivaldo Coaracy, que viveu em Icaraí entre o período de 1886 e 1892. De acordo com Coaracy:

[...] era Icaraí naqueles tempos um bairro ainda pouco povoado, com as casas espalhadas e as ruas cortando vastos terrenos baldios. Zona rústica e um tanto primitiva. Entre a Volta da Itapuca e as fraldas do Cavalão, a praia se desdobrava, larga, branca e deserta. Ao longo de toda a sua extensão, existiam apenas cinco ou seis casas, separadas umas das outras por largos tratos de restinga.<sup>486</sup>

<sup>486</sup> COARACY, op. cit., p.19.

Complementando essa descrição, Coaracy observa que caminhando para o interior de Icaraí, em sentido contrário à praia, era possível ver a restinga “enchendo os largos intervalos entre as casas, apenas recortada pela vaga demarcação das ruas,” até depois do Campo de São Bento.<sup>487</sup>

Com base nestes relatos, inferimos que a demarcação das ruas efetuada pelo Plano não foi suficiente para atrair uma população mais numerosa para Icaraí, de modo que o povoamento desta região se fez de forma tímida e esparsa ao longo das últimas décadas do século XIX. Inclusive, o levantamento realizado sobre os locais de moradias dos britânicos e alemães no final do século XIX, mostrado no capítulo I, comprova que estes estrangeiros ainda se encontravam em São Domingos e adjacências naquele período. A partir da implantação dos bondes elétricos, em 1906, esta situação em breve seria modificada. A circulação de um sistema de transporte mais ágil e moderno contribuiria para o crescimento da cidade, seja pelo fato de produzir uma ligação entre os bairros já existentes, seja por estimular o povoamento de lugares com baixa densidade demográfica. Logo os comerciantes de imóveis souberam utilizar-se destes veículos para atrair novos moradores para o bairro de Icaraí. Anúncios datados de 1906 já exploravam esta recente aquisição: “*Terrenos prontos a edificar, [com] bond elétrico, gaz, água, gradil e calçada feita, [estão à venda] à rua Gavião Peixoto em Icarahy*”<sup>488</sup> (O grifo é nosso)

---

<sup>487</sup> *ibid.*, p. 22.

<sup>488</sup> O Fluminense, 22/12/1906.

De acordo com Carlos Wehrs, nas primeiras décadas do século XX, uma verdadeira corrida imobiliária ocorreu em direção a Icaraí e ao Ingá. Os terrenos que circundavam a orla marítima foram os primeiros a serem escolhidos e suas construções tomaram o lugar de velhos galpões e de casas de pescadores. Pouco tempo depois, as ruas paralelas e perpendiculares à praia também se encheram de casas.<sup>489</sup>

O processo de expansão urbana, para muitos um sinal inequívoco de progresso, revelou-se para o artista niteroiense como motivo de tristeza. Em 1926, o pintor Antônio Parreiras, com a idade de 66 anos de idade, expressou, em sua autobiografia, uma enorme perplexidade pela destruição da natureza que lhe servira de inspiração e alegria em sua juventude. De acordo com o pintor, as “cabanas de sapé”, outrora situadas entre grupos de “pitangueiras, coqueiros e cajueiros”, tantas vezes retratadas por seus pincéis, deu lugar à cidade que avançava sem pudor do litoral para as montanhas.<sup>490</sup>

“Comecei de novo a percorrer os lugares onde, em companhia dos meus camaradas e Grimm, tantos dias alegres e esperançosos havia passado. Já não eram os mesmos. (...) A restinga ia desaparecendo. Ruas substituíam os trilhos arenosos, os cômodos alvíssimos, onde inclinado, à tarde, a viração do mar fazia farfalhar o coqueiral. (...) Em vão procurava o que pintar (...). Foi preciso subir, galgar a montanha, descer do outro lado, para achar a ‘natureza’.”<sup>491</sup>

Frederic Robert Towersey esclarece que, inicialmente, o bairro carecia de uma estrutura básica, visto que as ruas “não eram pavimentadas” e faltavam melhorias essenciais, inclusive rede de esgoto.<sup>492</sup> Na proporção que o povoamento se expandia, Icaraí foi ganhando novos investimentos em infraestrutura básica que possibilitaram um estilo de vida mais confortável para os seus moradores.

<sup>489</sup> WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939, op. cit., p. 213.

<sup>490</sup> PARREIRAS, op. cit., p. 121.

<sup>491</sup> ibid., p. 121, 122.

<sup>492</sup> TOWERSEY, op. cit.

O comércio no bairro, nas primeiras décadas, era muito escasso, à exceção praticamente do que se podia encontrar na rua Gavião Peixoto. Inge Kersanach, cuja família alemã chegou a Niterói em 1924, recorda-se do tempo em que ali viveu em uma antiga casa de fazenda cujo pé direito tinha 5 metros de altura. De acordo com suas lembranças, a Gavião Peixoto era uma rua toda construída, onde já se encontravam casas comerciais do tipo farmácia, açougue, quitanda, padaria e loja de ferragens. Sobre estrangeiros existentes nesta rua, lembra-se apenas dos turcos ou libaneses. Já os alemães, segundo recorda, estavam na Álvares de Azevedo.<sup>493</sup>

Phillis Belcher, nascida na década de 1910, viveu, ainda criança, na rua Oswaldo Cruz. Em entrevista dada a Towersey, nos anos de 1990, Phillis informou que, na sua infância, todas as famílias que ali residiam eram estrangeiras. Sobre a origem dessas famílias de imigrantes, diz que uma era americana, várias alemãs e as demais britânicas. Quanto aos brasileiros moradores do lugar, “existiam muito poucos [...] em Icaraí naquele período”.<sup>494</sup> Meridan Wehrs Eulenstein, nascida na rua Joaquim Távora, em 1923, confirma a forte presença de estrangeiros no bairro, inclusive de outras famílias alemãs na sua rua. Sobre a composição de estrangeiros em Icaraí, diz que a maioria era de alemães e britânicos, embora houvesse uma ou duas famílias escandinavas.<sup>495</sup>

Aos poucos, muitos nativos se sentiram igualmente atraídos pelo novo bairro e nele vieram morar. Em geral, eram pessoas bem situadas economicamente.<sup>496</sup> Dentre os moradores brasileiros mais importantes daquele período, é possível citar o Presidente de Estado, Nilo Peçanha, que residia na Praia de Icaraí, n. 85.<sup>497</sup>

---

<sup>493</sup> Entrevista de Inge Kersanach à autora em 11/12/2012.

<sup>494</sup> TOWERSEY, op. cit.

<sup>495</sup> Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein à autora em 18/10/2011.

<sup>496</sup> A pesquisa no Almanak Laemmert das primeiras décadas indicam uma presença cada vez maior de brasileiros em Icaraí.

<sup>497</sup> Almanak, B00072 (9), 1916, p. 1523.

Os imigrantes britânicos e alemães, todavia, não se limitaram a Icaraí. Aventurando-se um pouco mais, alcançaram a Estrada Leopoldo Fróes e o Saco de São Francisco ainda no princípio do século XX. Ao final do século XIX, de acordo com Coaracy, a Estrada Fróes não tinha ainda nem nome nem bonde: era apenas Estrada Nova. Segundo este memorialista, naquela época, fazia-se um lindo passeio a pé pela encosta, em direção ao Saco de São Francisco, utilizando-se de uma estrada que atravessava o deserto.<sup>498</sup>

Conforme relata Sheila Priscilla Causer Ferreira, seu pai, o inglês Charles Causer, chegou ao Rio de Janeiro no início de 1900. Após se casar com Jane Margareth Aspinall, passou a residir na Estrada Leopoldo Fróes, em 1914.<sup>499</sup> Neste mesmo ano, Charles Causer e outros britânicos fundaram o Rio Yatch Club.<sup>500</sup> Alguns anos antes, em 1909, a estrada já havia sido sensivelmente alargada, para atender à colocação da linha de bondes elétricos que por ali começaram a passar, a partir de 1910-1911, com destino a São Francisco.

Além de Charles Causer, outros estrangeiros de nacionalidade britânica e escandinava<sup>501</sup> se encantaram com a Fróes e ali construíram suas mansões. Sheila Causer que nasceu e morou por várias décadas na região esclarece que conhecia todas as casas e moradores do lugar. Segundo ela, quase todos os habitantes da Fróes eram ingleses. Ali, por exemplo, morava o presidente da Souza Cruz, Mr. Gibens, assim como, o pessoal da Leopoldina em uma Chácara. Quanto aos alemães, ela afirma que estes normalmente não viviam na Estrada da Fróes, mas se localizavam um pouco mais adiante, na Avenida Rui Barbosa e para os lados de Charitas.<sup>502</sup>

---

<sup>498</sup> COARACY, op. cit., p. 27.

<sup>499</sup> Entrevista com Sheila Priscilla Causer Ferreira à autora em junho de 2012.

<sup>500</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie à autora em 17em maio de 2012.

<sup>501</sup> *ibid.*

<sup>502</sup> Entrevista com Sheila Priscilla Causer Ferreira à autora em junho de 2012.

Ultrapassando a Fróes, o Saco de São Francisco, embora desabitado, não ficou de fora do foco dos estrangeiros. Com os bondes circulando por ali, a partir de 1910/1911, vários imigrantes, inclusive britânicos, alemães, franceses e italianos logo descobriram este lugar repleto de belezas naturais e rodeado de um lado pelo mar e de outro por montanhas

Em 1913, no lugar de um antigo armazém que pertencera ao major Fróes (1848), foi construído o Bar e Restaurante Lido, de propriedade de Giovani Felice Razoni, que na década de 30 inauguraria novas instalações.<sup>503</sup> Um dos empregados mais antigos deste estabelecimento, o espanhol Lino Thomé Vieites, o seu Lino, narra que quando se mudou para São Francisco, “havia apenas quatro casas na praia, entre elas a do diretor do Moinho inglês, Mr. Day.” Neste período, segundo conta, “o mar chegava até o local onde hoje se dividem as pistas da Av. Quintino Bocayuva”<sup>504</sup>

Como São Francisco demorou a ser povoado, configurando-se como bairro apenas na segunda metade do século XX, os primeiros e escassos anúncios existentes no Laemmert sobre esta região só começariam a aparecer em meados da década de 1910. Em 1916, por exemplo, encontramos informações neste Almanak sobre um hotel recém-inaugurado na região do Saco por Luiz Ferrone. Os dizeres do anúncio eram os seguintes: “Luiz Ferrone, Balneario Hotel-Restaurant Sacco de São Francisco (...) Balneart”<sup>505</sup>

---

<sup>503</sup> SOARES Emmanuel de Macedo e Eigenheer Emílio. Conversas sobre o Saco de São Francisco. Centro Comunitário de São Francisco, Niterói, RJ, 2012, p. 52.

<sup>504</sup> O Sr. Lino, após trabalhar cerca de 15 anos para Giovani Felice Razoni, tornou-se, após a morte de Razoni, no início da década de 40, proprietário do Lido. Neste período o estabelecimento já fora ampliado, compondo-se portanto de: Bar, Restaurante e Hotel. A este respeito ver “Lido: um pouco da História do Bairro - Meio século no Bairro”, Opção, 1981.

<sup>505</sup> Almanak Laemmert, Edição B00072, ano 1916, p. 1540.

Dados sobre este hotel são relevantes para a nossa pesquisa, visto que, como já foi mostrado no capítulo II, no período da Primeira Guerra Mundial, vários alemães ali se alojaram, por tempo indeterminado, enquanto provavelmente aguardavam o desenrolar do conflito na Europa.<sup>506</sup>

No Almanak Laemmert, de 1920, podia ser encontrado o anúncio referente à “Vernizes, tintas e seccantes” pertencente à “ Fábrika Paris”. Esta fábrica, situada no Saco de São Francisco, tinha como diretor o francês E. Chardron.<sup>507</sup> De acordo com SOARES, tratava-se de uma firma francesa chamada Ringant, Rameau & Cia a qual fundou uma fábrica de perfumes franceses naquela região. Seu prédio ficava na encosta da Estrada Fróes e, décadas depois, um loteamento chamado Jardim Paris foi lançado em memória do referido empreendimento.<sup>508</sup>

As poucas iniciativas destes estrangeiros não chegaram a afetar o povoamento da região e, nas primeiras décadas do século XX, ainda permaneciam raras as construções no Saco. Os bondes elétricos que ali trafegavam, a partir de 1910, percorriam a orla marítima vazia de casas e de pessoas, durante a semana até as proximidades do Lido, quando então retornavam pela Fróes em direção à Icaraí. Nos sábados e domingos, o movimento aumentava, devido às famílias que vinham de fora, buscando gozar as delícias da praia e fazer um piquenique.

---

<sup>506</sup> Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ.

<sup>507</sup> Almanak Laemmert, Edição B00076, 1920, p. 1279.

<sup>508</sup> SOARES, op. cit., p. 53.

Meridan Wehrs Eulenstein, antiga moradora de Icaraí, também tem boas lembranças de São Francisco, lugar onde reside atualmente. Ao recordar dos primeiros anos de seu casamento, no final dos anos 40, conta que gostava de trazer seus filhos para fazer piquenique naquela região. Segundo esta entrevistada, mesmo em meados do século XX, São Francisco ainda permanecia um lugar bucólico, pouco povoado e propício aos divertimentos desta natureza. Lembrando-se daquela época, ela esclarece que “essa área (...) mais para dentro de São Francisco era um bosque, (...) muito bonito (...) e eu vinha fazer um piquenique com eles nesse bosque (...)”<sup>509</sup>

O Sr. Alastair Leslie que ali brincava quando criança confirma a informação de que São Francisco praticamente não tinha residências, acrescentando que “era tudo arenoso”. Ainda assim moravam algumas famílias inglesas, alemãs e escandinavas próximas ao mar. Enquanto isso, as poucas famílias brasileiras que ali residiam concentravam-se mais para o interior do Saco, no final da atual Avenida Rui Barbosa.<sup>510</sup>

---

<sup>509</sup> Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein à autora em 18/10/2011.

<sup>510</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie à autora em maio de 2012.

### 3.2. A conquista da praia pelos niteroienses e a participação de britânicos e alemães neste processo

Sabendo que os britânicos e alemães foram muitas vezes desbravadores do espaço litorâneo, no Brasil, desde o século XIX, faz-se necessário compreender os motivos que levaram estes dois grupos de estrangeiros a se sentirem muito mais atraídos por este tipo de ambiente do que os próprios nativos do lugar. Na verdade, a praia, no contexto das cidades brasileiras, onde se incluem o Rio de Janeiro e Niterói, até o início do século XX, não tinha a conotação de fruição, recreação ou lazer para os brasileiros, mas possuía significados bem distintos daqueles que podemos reconhecer hoje, no início do século XXI. Gilberto Freyre teceu alguns esclarecimentos a respeito desta questão em sua obra “Sobrados e Mocambos”:

As praias, nas proximidades dos muros dos sobrados do Rio de Janeiro, de Salvador, do Recife, (...) eram lugares por onde não se podia passear, muito menos tomar banho salgado. Lugares onde se faziam despejos; onde se descarregavam os gordos barris transbordantes de excrementos, o lixo e a porcaria das casas e das ruas, onde se atiravam bichos e negros mortos.<sup>511</sup>

Diversamente, na Europa, desde meados do século XVIII, a classe médica já estimulava, entre as suas populações, o hábito da frequência à praia, enaltecendo “as vantagens da água fria e salgada para a saúde”, o que produzia uma procura recorrente das elites pelo litoral. Alain Corbin, citado por Julia O’Donnell, faz a seguinte apreciação a este respeito:

Nos prenúncios do século XIX a ‘temporada banhar’ já estava plenamente incorporada ao cotidiano da aristocracia européia, dando início a uma clara popularização do prazer à beira-mar. Ao discurso terapêutico se somaria, sem demora, o desfrute hedonístico (...) Prova disso são os grandes hotéis de lazer, associados a cassinos e balneários, que começaram a pipocar na Europa no século XIX (...).<sup>512</sup>

---

<sup>511</sup>FREYRE, Gilberto. “Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. 2 v., p. 195.

<sup>512</sup> O’DONNELL, Julia Galli. Um Rio Atlântico: Culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. p 118. (Tese orientada pelo Prof. Dr. Gilberto Cardoso Alves Velho)

O povoamento da região litorânea do Rio de Janeiro, até então mais restrito a Botafogo, onde viviam principalmente os britânicos,<sup>513</sup> ganharia, no início do século XX, quilômetros de litoral. A partir da abertura do túnel Velho, em 1892, e da inauguração do Túnel do Leme (hoje conhecido como Túnel Novo), em 1904, o acesso às praias até então distantes e virgens de Copacabana, Villa Ipanema e Leblon foi favorecido.<sup>514</sup>

Investimentos realizados pela Reforma Pereira Passos, além da implantação de linhas de bondes, estimularam a urbanização da região atlântica. Antevendo as ricas possibilidades que esta região oferecia, as imobiliárias e companhia de transportes da época passaram a indicar as praias da zona sul pelas “qualidades do mar e do clima ao seu redor”, criando uma antítese com o centro insalubre.<sup>515</sup> Apesar deste estímulo ao povoamento da região litorânea, até meados da década de 1920, a atitude dos cariocas em relação aos banhos de mar permanecia ainda estritamente terapêutica.<sup>516</sup>

Registramos abaixo um trecho da crônica do jornal “O Careta” que abordava a ausência do hábito de “banho de mar”, por parte dos moradores do Rio de Janeiro e de Niterói, no alvorecer do século XX:

“E os banhos de mar? O carioca desconhecia os prazeres das suas praias. As do Atlântico eram como se não existissem. Tomava-se banho de mar na praia de Santa Luzia (...) **(apenas) a conselho médico.** Em Niterói, **a praia de Icaraí** não tinha suas areias pisadas por um praia-grande. **Só lhe freqüentavam os banhos alguns ingleses e alemães.** Como foi possível àquela geração ignorar os prazeres de um banho de sol e de um delicioso banho de mar.”<sup>517</sup> (O grifo é nosso)

<sup>513</sup> OLIVEIRA, Carolina Bartolotti. A presença do gosto inglês nos subúrbios do Rio de Janeiro no século XIX. ANPUH- XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – LONDRINA, 2005. p. 3.

<sup>514</sup> O'DONNELL, op. cit., p. 8, 49.

<sup>515</sup> BRANDÃO, Helena Câmara Lacé (1) e MARTINS, Angela Maria Moreira (2) “O Rio de Janeiro no século XX: a expansão da cidade do centro para o sul”. *revistatempodeconquista.com.br*. (10 p), p. 8.

<sup>516</sup> O'DONNELL, op. cit., p. 124-126.

<sup>517</sup> O Careta, 1909 a 1964. Edição 2648 (1), 1959, p. 18.

Em 1914, a “Revista da Semana” iniciava uma ‘campanha’, expressa por uma série de matérias, que se propunham a ensinar ao carioca os princípios de uma vida na praia. Em 1917, esta revista já deixava antever algum otimismo, quanto ao fato de que “o Rio estava tomando posse de suas praias.”<sup>518</sup> Todavia, foi apenas no final de 1920 que começaram a aparecer, nas praias de Copacabana, Leblon e Ipanema, “as primeiras barracas de lona listrada e colorida”, denunciando a adesão de moradores locais a este tipo de lazer. A partir desta época, ocorreria a popularização das atividades balneárias com a valorização do banho de mar e do esporte na areia.<sup>519</sup> Contribuiriam para este fato, a inauguração do Country Club, em Ipanema, em 1916,<sup>520</sup> e do Copacabana Palace, em 1923.<sup>521</sup>

A conquista da praia pelas populações nativas dotaria o Rio e Niterói de uma nova identidade, hoje considerada fundamental para os seus moradores, a “identidade balneária”. É importante destacar a forte influência exercida pelos europeus neste processo. O mestre Gilberto Freyre, em sua obra sobre os britânicos, já havia antecipado que “essa espécie de banho ao mesmo tempo higiênico e recreativo, [...] se desenvolveu entre os brasileiros por influência principalmente dos ingleses.”<sup>522</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, as praias de Copacabana e Ipanema foram povoadas em grande medida por estrangeiros. Sobre Copacabana, o censo de 1920 revela que viviam em seus arredores praianos *4.915 estrangeiros* para um total de 22.761 moradores.<sup>523</sup>

---

<sup>518</sup> O’DONNEL, op cit., p. 125 e 126.

<sup>519</sup> *ibid.*, p. 127.

<sup>520</sup> CASTRO, Ruy. *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 96.

<sup>521</sup> O’DONNEL, op cit., p. 131, 132.

<sup>522</sup> FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*, op. cit., p. 64.

<sup>523</sup> O’DONNEL, op. cit., p. 147.

Já Ipanema, um areal quase desabitado e “distante” do resto do Rio, como hoje é a Restinga da Marambaia, recebeu “uma imigração européia de alto nível cultural” composta por alemães, franceses, italianos, ingleses e judeus de toda parte. “Aqui, eles se misturaram aos nativos (os cariocas de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, de vários estados do nordeste e dos bairros do Rio) e formaram uma cultura própria.” Este grande caldo cultural, composto por estrangeiros e nativos, intelectuais e pescadores, escolheu como ambiente mais propício ao seu desenvolvimento a praia do Arpoador.<sup>524</sup>

Em relação a Niterói, a nossa pesquisa já demonstrara que, desde o século XIX, os alemães foram desbravadores das praias de São Domingos, demonstrando que o prazer pelo banho de mar fazia parte fundamental de seu lazer.<sup>525</sup> Depoimento fornecido a Robert Towersey, por moradora britânica que viveu em Icaraí no início do século XX, reafirma a existência deste hábito também entre os britânicos:

*A praia era muito freqüentada, mas apenas por famílias estrangeiras. A família de Helen Turnbull possuía uma grande barraca que era montada na praia desde o início do verão e era deixada lá até o fim da estação. Todos a usavam, e não havia qualquer sombra de medo de que ela pudesse ser danificada ou roubada.*<sup>526</sup>

D. Meridan confirma a forte presença dos dois grupos étnicos nas areias de Icaraí o ano inteiro, inclusive no inverno. Sobre as famílias brasileiras, reflete, quase não iam à praia.<sup>527</sup>

---

<sup>524</sup> CASTRO, op cit., p 11, 12.

<sup>525</sup> CANSTATT, op. cit., p. 310, 311.

<sup>526</sup> TOWERSEY, op. cit.

<sup>527</sup> Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein à autora em 18/10/2011.

A atração exercida pelos bairros litorâneos, naquele período, pode ser percebida, igualmente, através de anúncios do jornal britânico Wileman's Review. Voltado preferencialmente a um público de língua inglesa, este periódico anunciava, assiduamente, casas para alugar e vender nos novíssimos bairros litorâneos de Copacabana, Ipanema e Flamengo, além do bairro mais central de Santa Teresa. Na mesma página, destinada aos anúncios do Rio, apareciam também casas (e terrenos) para alugar e vender no nascente bairro de Icaraí, destacando a proximidade do mar:

**Para alugar em Icarahy**

Uma grande propriedade em frente à praia e o Jardim de Icarahy, onde a casa principal possui 3 grandes salões, 8 quartos, etc. Um espaçoso e bem cuidado jardim, além de numerosas dependências e tudo na mais sólida construção. Procurar pelo próprio dono à rua Miguel de Frias, 23...

Fonte: Wileman's Brazilian Review  
Ed. 00049 (1), 9 th December, 1925, p. 7.

---

**For Sale in Icarahy**

A large and splendid property, in front of Praia and Jardim de Icarahy, with main house containing 3 big saloons, 8 other rooms etc. Well cultivated spacious garden and numerous dependencies, everything of best solid construction. Apply to the owner of the referred property at Rua Miguel de Frias 23 or in Rio at the office Trapiche Ypiranga, Rua Saccadura Cabral 174 corner of the Praça Municipal (Caixa 400).

**FURNISHED HOUSE AT COPACABANA.**

To let in Copacabana a nice furnished house, with garden and entrance for automobile, etc. Apply to rua Toneleros, 157.

**COPACABANA**

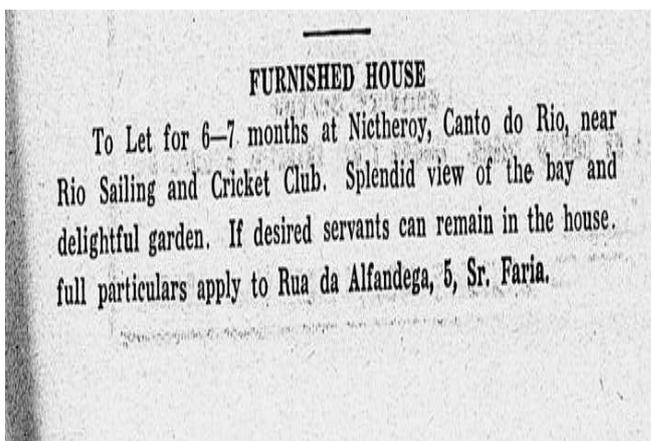
Nicely furnished house, in centre of garden, quite near the beach, to let for 9-12 months. To be seen daily from 3. to 6 p.m. Rua Copacabana, 848. Phone Ip. 1673.

Fonte: Wileman's Brazilian Review  
Ed. 00049 (1), 9 th December, 1925, p. 7.

Além disso, expunham anúncios de casas por temporadas, mobiliadas, e com possibilidade de contratarem os criados já existentes. Neste caso, as vantagens locais do imóvel eram destacadas, sobretudo as que mencionavam às proximidades dos clubes Rio Sailing e Rio Cricket, sugerindo a hipótese de se destinarem preferencialmente a uma clientela inglesa.

Casa Mobiliada  
Para alugar por 6 a 7 meses em Niterói, Canto do Rio, perto do Rio Sailing e Rio Cricket. Esplêndida vista da baía e um agradável jardim. Se desejável, os criados podem permanecer na casa.

Fonte: Wileman's Brazilian Review  
Ed.00036(1),September3<sup>rd</sup>,1924,p.9.



Fonte: Wileman's Brazilian Review  
Ed.00036(1),September3<sup>rd</sup>,1924,p.9.

### 3.3 Jornal “Beira-Mar”: das praias dos “cilenses” às areias de Icaraí (um registro da forte presença dos estrangeiros)

Ao realizar uma pesquisa em jornais e revistas de época, procuramos desvendar se os britânicos e alemães se faziam presentes na mídia jornalística e se gozavam de visibilidade junto à comunidade de Niterói. De início, investigamos o jornal “O Fluminense” que, todavia, não trouxe muitos elementos esclarecedores sobre a permanência destes dois grupos de estrangeiros na Cidade. Apenas quando passamos a pesquisar jornais e revistas direcionados ao público da capital da República é que obtivemos maior sucesso. Especialmente um destes periódicos, o “Beira-Mar”, acrescentou dados bastante enriquecedores ao nosso trabalho. Voltado inicialmente para atender exclusivamente ao público carioca, este jornal, a partir do final da década de 20, lançou um olhar interessado para o outro lado da baía, estabelecendo uma coluna semanal dedicada a Icaraí e adjacências, que se manteve ativa por alguns anos.

*O Beira-Mar* começou a circular em 28 de outubro de 1922. Ao longo de seus exatos 22 anos (...) buscou fazer jus ao programa a que se propusera desde o seu primeiro número: lançar-se como “órgão de defesa dos interesses dos moradores do bairro Copacabana, Ipanema e Leme”. Articulado as três regiões atlânticas em uma única unidade territorial, a “**CIL**” (sigla para Copacabana-Ipanema-Leme, à qual seria incorporada o Leblon, poucos anos mais tarde), o periódico partia da pressuposição de uma unidade simbólica, cultural e discursiva entre os habitantes daquelas praias, atribuindo-lhes, desde o princípio, um nome comum. Os “cilenses” eram, assim, pauta e público daquele periódico, aparecendo, edição após edição, como uma unidade social natural que emergia da poderosa conjugação entre o ambiente balneário e o compartilhamento de valores “aristocráticos”.<sup>528</sup> (O grifo é nosso)

---

<sup>528</sup>O’DONNEL, op. cit., p. 102.

Entre 1925 e 1940, Théo-Filho, um escritor bastante conhecido no Brasil nos anos 20 e consagrado romancista-jornalista, desempenhou funções de editor e diretor do semanário “Beira-Mar”, dando grande impulso ao jornal. Ao assumir este posto, trouxe consigo uma vasta experiência adquirida com o mundo balneário da Europa, passando a escrever sobre assuntos desta natureza, relacionados a Copacabana, Ipanema e Leme. Procurando atender a interesses mais abrangentes, o “Beira-Mar” não se limitou a ser um jornal especializado em praia. Colocou-se, de igual modo, como porta-voz de uma elite de proprietários e de moradores pertencentes ao circuito CIL, fazendo ampla cobertura da vida dos clubes praianos, das atividades esportivas, sem deixar de destacar aspectos como os bailes, as festas e o footing.<sup>529</sup> Por fim, indo além dos assuntos mundanos, manteve laços com a intelectualidade da época, estabelecendo um espaço para as artes, especialmente às letras, permitindo que escritores consagrados emprestassem respeitabilidade ao jornal.<sup>530</sup>

Abaixo, reproduzimos o logotipo do jornal que destacava o nome dos bairros de Copacabana, Leme e Ipanema.<sup>531</sup>



<sup>529</sup>BAPTISTA, Paulo Francisco Donadio “Rumo à Praia: Théo-Filho, Beira-Mar e a vida balneária no Rio de Janeiro dos anos 1920 e 30”. Rio de Janeiro, 2007. Mestrado (Dissertação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007, p. 137-139.

<sup>530</sup>BAPTISTA, Paulo Francisco Donadio, op. cit., p. 137-139.

<sup>531</sup> Beira-Mar. Ed. 00103, Rio de Janeiro, 6.3.1927, p. 1

Reivindicando-se como “jornal de praias”, “jornal praiano” ou ainda “o popular semanário das praias do Brasil”, o *Beira-Mar* fazia justiça ao nome que levava estampado desde a primeira edição, afirmando sua vocação balneária. Dizendo-se “o único no seu gênero no país”, **não é de causar espanto o fato de que [...] tenha, em 1929, criado uma sucursal na praia de Icaraí, em Niterói, buscando leitores num território igualmente marcado pela distinção e pela forte presença de estrangeiros.** [...] O jornal também [...] demonstrou pouco interesse pelas praias da zona norte (do Rio) (o que se explica, provavelmente, pela frequência popular daquela região).<sup>532</sup> (O grifo é nosso)

Pelas páginas do *Beira-Mar* os *cilenses* tinham acesso, por exemplo, aos **acontecimentos mundanos da praia de Icaraí, em Niterói [...]. Icaraí [...] não partilhava com Copacabana apenas a condição balneária, mas também padrões sociais semelhantes que fazia com que os moradores das duas localidades pertencessem à mesma “sociedade”.**<sup>533</sup> (O grifo é nosso)

A escolha de Icaraí, ao lado das praias da zona sul do Rio, segundo Baptista, definia não só a abrangência geográfica do Jornal, mas, igualmente, marcava uma identificação social entre os moradores da zona sul do Rio e os de Icaraí. Desta forma, “uma sucursal do outro lado da Guanabara fazia sentido, porque algumas daquelas praias (principalmente Icaraí) apresentavam as mesmas condições sociais das praias cilenses. Em outras palavras, tanto os moradores de Copacabana, como os de Icaraí pertenciam à mesma “sociedade”<sup>534</sup>

A pesquisa por nós realizada no jornal “Beira-Mar” abrangeu o período de 1929, até o final da década de 30, embora a coluna semanal sobre Icaraí (e Niterói) tenha finalizado por volta de 1935. Pelo que conseguimos levantar, o Jornal de Théó-Filho privilegiou, principalmente, a praia de Icaraí, embora não raras vezes fizesse referência a acontecimentos relacionados às praias das Flexas, Saco de São Francisco, Charitas, Jurujuba e Ingá. Inicialmente chamada de “Beira-Mar em Icarahy”, a coluna posteriormente ganhou o nome de “Beira-Mar em Nictheroy”.

---

<sup>532</sup>O’DONNEL, op cit., p. 114

<sup>533</sup> ibid., p. 175 e 176.

<sup>534</sup>BAPTISTA, Paulo Francisco Donadio, op. cit., p. 137.



**Beira-Mar em Icarahy, Ed. 00179 (1), 11.08.1929, p. 8**

O trabalho jornalístico desenvolvido do lado de cá da baía esteve sob a direção de João Rodolpho Coelho de Carvalho, apelidado de Aramis, e contou com a participação de Pedro Boiseau, redator exclusivo do “Beira-Mar Icarahy”.<sup>535</sup>

Nos primeiros artigos do “Beira-Mar em Icarahy”, no ano de 1929, o jornal faz menção aos principais comportamentos sociais daquele período sem deixar de esclarecer que “o ‘footing’ pela manhã, na praia de Icarahy, é, à saída da missa, simplesmente interessante. Aos pares (os casais), descem o caes da praia, desde à rua Miguel de Frias à rua Lopes Trovão, e daqui, voltam para de novo regressarem em constantes idas e vindas.”<sup>536</sup>

<sup>535</sup> Beira-Mar – 1922 a 1955 – PR\_SPR\_02337\_067822, Ed. 00457 (1), 20.04.1935, p. 7.

<sup>536</sup> Beira-Mar – 1922 a 1955 – PR\_SPR\_02337\_067822, Ed. 00177 (1), 28.07.1929, p. 3.

Vale a pena destacar que a missa católica, na primeira metade do século XX, revestia-se de grande importância para a sociedade local. Este significado, todavia, ao ser captado pelo enfoque do colonismo social deixava revelar mais o culto à beleza, à elegância e à moda do que propriamente à religiosidade vivida pelos fiéis no âmbito da Igreja Nossa Senhora das Dores do Ingá.

“Não há moradores de Icarahy e do Inga que não assista a missa das 10:30 na igreja localizada neste último bairro. Os mais finos ornamentos da nossa sociedade, as mais belas fluminenses, os mais elegantes rapazes, tudo enfim que de mais chic e encantador existe em Nictheroy, lá se encontra.”<sup>537</sup>

Por outro lado, a quebra deste padrão religioso, tão hegemônico naqueles tempos, ficava exclusivamente por conta dos britânicos que já haviam construído a sua igreja nas proximidades do Campo de São Bento, no início dos anos 20. Os alemães, por sua vez, só viriam a criar um espaço religioso no início da década de 1950.

Entre o footing e a missa dominical, no final dos anos 20, a resistência dos nacionais ao banho de mar foi sendo vencida. Esta prática recreativa, antes restrita apenas aos britânicos e alemães, passou a fazer parte do comportamento da elite fluminense. A este respeito, o “Beira-Mar em Icarahy” expunha o seguinte quadro relativo a uma manhã de domingo: *“Senhorinhas nos seus “maillots” discretos, exercitavam-se no jogo de peteca; outras, correndo sobre a areia, ao longo da praia; umas mergulhando nas águas quiéatas e mansas (...) e outras trepadas no trampolim para o clássico mergulho.”*<sup>538</sup>

---

<sup>537</sup> Beira-Mar – 1922 a 1955 – PR\_SPR\_02337\_067822, Ed. 00191 (2), 10.11.1929, p. 5.

<sup>538</sup> Beira-Mar – 1922 a 1955 – PR\_SPR\_02337\_067822, Ed. 00175 (1), 14.07.1929, p. 4.

A partir de 1929, a praia ganharia um trampolim de madeira, construído por iniciativa dos próprios moradores, convidativo ao banho de mar.<sup>539</sup> Tornando-se adeptas desta inovação, “as graciosas senhorinhas” vinham “dar os seus saltos acrobáticos”, o que concorria “em parte para tornar a praia mais divertida.”<sup>540</sup> O trampolim de concreto que é recordado por muitos dos antigos moradores de Icaraí só apareceria anos mais tarde em 1937.<sup>541</sup>

Ao longo dos anos pesquisados, foi possível encontrar longas listas nominais de jovens pertencentes às famílias locais que, por sua freqüência à praia e ao “footing” noturno, na praia de Icaraí, eram citadas de forma rotineira no “Beira-Mar”. Nestas listagens, identificamos vários sobrenomes estrangeiros, principalmente de origem alemã, britânica e italiana, alguns, inclusive, presenças constantes nas colunas do Jornal.

Destes sobrenomes estrangeiros relacionamos os de *Dyrce Ruch*, *Rozilda Aurheimer*, *Clarice Short*, *Elça Graeff*, *Noemia Kopps*, *Fryda Wollner*, *Angelica Shearer*,<sup>542</sup> *Jupiara e Jurema Schmidt*, *Lygia Doberty*, *Olgarita Del Amico*, *Elza Roussoulières*, *Alba Bernacchi*,<sup>543</sup> *Thora Melbourne*, *Nadir T. Kleigermann*, *Vera Aurheimer*, *Irene Migliora*, *Jurema Regazzi*, *Lucinda Ripper*, *Odilia Lagden*<sup>544</sup> *Elza Verthein*, *Ida Frediricci*,<sup>545</sup> *Elzinha Sanerbroun*, *Ruth Blackely*, *Luiza Kleigemann*, *Mrs. William Ford*,<sup>546</sup> *Asmann Hamam*, *Beatriz Wilhok*, *Erna Leipziger*, *Zaira Dupuy*.<sup>547</sup>

---

<sup>539</sup>Beira-Mar – 1922 a 1955 – PR\_SPR\_02337\_067822, Ed. 00214 (1), 13.04.1930, p. 4.

<sup>540</sup>Beira-Mar – 1922 a 1955 – PR\_SPR\_02337\_067822, Ed. 00175 (1), p. 4, 29.09.1929.

<sup>541</sup>Revista da Semana – 1930 a 1939. PR-SPR-00666\_025909/ Ed. 00029 (1), 1933, p 34.

<sup>542</sup>Beira-Mar, Ed. 00180 (3), 18.08.1929, p. 4.

<sup>543</sup>Beira-Mar, Ed. 00185 (3), 29.09.1929, p. 4.

<sup>544</sup>Beira-Mar, Ed. 00204 (1), 2.2.1930, p. 5.

<sup>545</sup>Beira-Mar, Ed. 00206 (3), 16.2.1930, p. 4.

<sup>546</sup>Beira-Mar, Ed. 0047 (1), 29.2.1935, p. 2.

<sup>547</sup>Beira-Mar, Ed. 00464, 8.6.1935, 8.6.1935, p. 8.

Na coluna do “Beira-Mar”, os sobrenomes das estrangeiras apareciam misturados aos das brasileiras, não esclarecendo de que forma aquelas jovens permaneciam durante sua estada na praia. Tudo indica, todavia, que os imigrantes, especialmente os britânicos, formavam um grupo à parte. A esse respeito temos o depoimento de D. Inge Kersanach, nossa entrevistada, que recorda ter na praia de Icaraí “na época (...) sempre um grupo de alemães e um grupo de ingleses”, de forma individualizada.<sup>548</sup>

Um esporte tipicamente britânico chegaria com força às areias de Icaraí. Luís Edmundo, jornalista, poeta, cronista e pesquisador da sociedade carioca, nas primeiras décadas do século passado, observa que o futebol era um jogo bem pouco conhecido no Brasil, no início da República. De acordo com este memorialista, “jogam-no apenas os ingleses do Paissandu Cricket Club, aqui, e em Niterói os do Athletic Association.”<sup>549</sup> Circunscrito aos muros dos dois clubes ingleses do Rio e de Niterói, o futebol, todavia, em poucas décadas, iria encontrar um grande destino no Brasil. Oscar Cox, uma das figuras responsáveis pela fundação do principal clube britânico em Niterói, teria uma importância fundamental na divulgação deste esporte, ao tomar iniciativas que atrairiam “dezenas de rapazes distintos e bem educados” para a prática do futebol.<sup>550</sup>

---

<sup>548</sup> Entrevista de Inge Kersanach à autora em 11/12/2012.

<sup>549</sup> EDMUNDO, Luís. O Rio de Janeiro do meu tempo. 1938. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. p. 535.

<sup>550</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938), Campinas-SP, 1998. Tese (Doutorado) Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1998, p. 14.

Marcelo Portugal Fellows, sócio e ex-diretor do Rio Cricket, realizou recentemente uma pesquisa sobre o tema do futebol na Biblioteca Nacional, no jornal “Correio da Manhã” (22 a 25 de setembro de 1901). De acordo com este descendente de britânicos, foi o próprio Cox que organizou a “primeira partida oficial do Rio de Janeiro”. Este “duelo histórico, ocorrido há 113 anos em Niterói, foi entre Rio Cricket e Paissandu e a partida terminou empatada por 1x1.”<sup>551</sup> Cox, todavia, ansiava “por campeonatos tumultuosos, com povo, bulha e entusiasmo, em tudo igual ao que viu realizado na Europa.” Com este intuito, fundou, em 1902, o Fluminense Foot-Ball Club, o primeiro clube de futebol carioca, e assumiu a sua presidência, convidando Walter Schuback, (alemão morador de Niterói) para ser o 2º secretário.<sup>552</sup> Assim, nascia o Fluminense com uma forte presença de estrangeiros e descendentes,<sup>553</sup> “rapazes da nossa melhor sociedade, quase todos educados em colégios da Inglaterra”.<sup>554</sup>

Nos anos subsequentes, outros clubes cariocas seriam criados, indicando uma forte inclinação para o desenvolvimento do novo esporte: “*Atraindo jovens das melhores famílias do Rio de Janeiro, o futebol se consolidava como um modismo elegante, um fenômeno entre as rodas estudantis cariocas.*”<sup>555</sup>

---

<sup>551</sup> Jornal O Globo, Domingo, 8. 6. 2014, Seção Niterói, Entrevista com Marcelo Portugal Fellows, p. 14.

<sup>552</sup> EDMUNDO, op. cit., p. 536.

<sup>553</sup> PEREIRA, op. cit, p. 22.

<sup>554</sup> ibid., p. 20.

<sup>555</sup> ibid., p. 28.

Em Niterói, a princípio restrito ao gramado do Rio Cricket, porém, em poucos anos este esporte invadiria os clubes da zona norte da Cidade, tornando-se um

jogo das classes populares. Contribuindo para este acontecimento, é importante citar a fundação de dois clubes no Barreto por operários pertencentes a dois empreendimentos fabris de capital britânico. O “Barreto Football Club”, fundado, em 1912, por funcionários da Cia de Phósphoros de Segurança Fiat Lux e o “Byron”, ligado à Cia Manufatora Fluminense de Tecidos. Os trabalhadores destas duas fábricas, associados a estes clubes, rapidamente aderiram ao novo esporte e “muitos confrontos entre essas equipes foram recordistas de público e revelaram valores como o famoso Zizinho, que começou sua carreira no Byron.”<sup>556</sup>

O futebol encontrou, igualmente, espaço nas areias da mais famosa praia niteroiense, atraindo em pouco tempo novos adeptos apaixonados da elite local. A esse respeito, de acordo com o “Beira-Mar”, “pratica-se (...) nas duas extremidades da praia, **o jogo bretão**, onde são disputados **renhidos matchs de football**, diversão essa que muito coopera para a alegria da praia de Icarahy.”<sup>557</sup> A iniciativa, tomada por “**meia dúzia de rapazes**” (britânicos) que “tiveram esta idéia feliz”,<sup>558</sup> permitiria que, ao longo da década de 30, fossem promovidos em suas areias vários campeonatos de futebol, inclusive, com times de fora, conforme exemplifica outro registro do mesmo jornal: (o grifo é nosso)

*“Perante numerosa e selecta assistência, realizou-se, na tarde do ultimo domingo, na linda praia de Icarahy, uma interessante partida interestadual de football na areia, entre forte combinado local e o Posto IV, campeão de Copacabana, em 1929.”*<sup>559</sup>

<sup>556</sup> “Entrevista com Edgar Fonseca”. Diz O Jornal. 10/10 a 24/10/2009.

<sup>557</sup> Ed. 00185 (3), 29.09.1929, p. 4.

<sup>558</sup> Beira-Mar, Ed. 00185 (3), 29.09.1929, p. 29.

<sup>559</sup> Beira-Mar, Ed. 00206 (3) 16/02/30, p. 8.

Além dos esportes praticados na areia, como o futebol, a peteca e os jogos de raquete, este último<sup>560</sup> chegou bem mais tarde à praia, segundo D. Meridan, é importante acrescentar os esportes aquáticos, como a natação em mar aberto.

Um atleta, representante desta modalidade tão em voga na época e que frequentava as colunas esportivas dos jornais de grande circulação, era o veloz nadador de Icarahy, o alemão Fritz Urban.<sup>561</sup> O jovem Fritz, da mesma forma que outros nadadores de sua época, fazia da baía de Guanabara um local para seu treinamento em mar aberto. Em janeiro de 1930, o Beira\_Mar anunciava “a grande prova de natação, tendo como partida a pedra do Leme, e de chegada a do forte de Copacabana, organizada por este jornal.” Esclarecia que para esta travessia, “já se acham inscriptos nadadores dos mais conhecidos nesta cidade como (...) **Fritz Urban o veloz nageur do Icarahy**”<sup>562</sup> (o grifo é nosso)

O estilo de vida praiano que ganhava força nas praias cilenas foi sendo incorporado ao dia a dia dos moradores de Icaraí. Como parte desta recém-adquirida forma de viver, incluíam-se as comemorações carnavalescas à beira-mar, inauguradas no ano de 1922. Assim, na mesma página onde o Jornal “Beira-Mar” anunciava a manchete sobre o “Banho, batalha e corso na Avenida Atlântica” ostentava, de igual modo, o anúncio do “Banho de mar à fantasia e batalha de confetti, em Icarahy”.<sup>563</sup>

---

<sup>560</sup> Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein à autora em 18/10/2011.

<sup>561</sup> Crítica, 1928 a 1930 – PR\_SPR\_00025\_372382 Ed. 00024(2), p. 4, 18.12.1928.

<sup>562</sup> Beira-Mar, Ed. 00201 (3), p. 8, 12/01/1930.

<sup>563</sup> Beira-Mar, Ed. 00206 (3). 16/02/1930, p. 1.

### *Banho, batalha e corso na Avenida Atlantica*

No domingo magro, dia 23, a avenida Atlantica, vaç ter um dia completo de alegria, beleza e elegancia.

Pela manhã, no posto 6, haverã grande banho à fantasia, promovido pelo Atlantico Club, e à noite, a partir das 19 horas, grandiosa batalha de confetti e corso de automoveis entre os postos 6 e 3. Essas festas serã, certamente, como nos outros annos, de grande animaçã, sobresaltando-se principalmente pela concorrencia elegante de toda sociedade carioca.

### *Banho de mar à fantasia e batalha de confetti, em Icarahy*

Realiza-se hoje, domingo, às 15 horas, no Canto do Rio — Icarahy, grandioso banho à fantasia, seguido por uma batalha de confetti. Abrilhanarã os folguedos tres excellentes bandas de musica, magnifica ornamentaçã e à noite feerica iluminaçã. Riquissimos premios serã offertados por commerciantes importantes e pelas "misses" e lords promotores da feta.

**Beira-Mar, Ed. 00206 (3), 16.2.1930, p. 1**

Naquele carnaval de 1930, “diversos cordões, ranchos, blocos e grupos carnavalescos” animaram a região do Canto do Rio, na Praia de Icaraí, enchendo o “largo espaço arenoso”. Dentre as fantasias premiadas, é possível citar a de um **jovem alemão de nome Foritz Wallner**. Este registro é sem dúvida um aspecto demonstrativo da influência cultural sofrida por estes imigrantes no Brasil.<sup>564</sup> (o grifo é nosso)

---

<sup>564</sup> Beira-Mar, Ed. 00207 (4), 23.02.1930, p. 1.

Os eventos acima citados, que marcaram a socialização do espaço litorâneo em Icaraí, não chegaram, todavia, a entusiasmar o repórter à frente da coluna do jornal “Beira-Mar”. Em uma matéria do início da década de 30, o cronista do referido jornal reclamava que *“este lindo e poético recanto fluminense”* encontra-se abandonado pelos seus moradores, os quais não lutam, *“junto às altas autoridades do Estado”*, para conseguir *“os meios que favoreçam Icaraí”*, tornando-a, enfim, *“dentro de sua beleza natural, a mais famosa e conhecida estação balneária.”* Esclarecendo o que entendia como abandono, o repórter argumentava que *“aqui nada existe. Quem nos visita tem uma impressão dolorosa de um recanto lindo, mas sem vida.”* E prosseguia questionando o porquê de Icaraí não seguir *“o exemplo da encantadora praia de Copacabana”*, onde *“vemos mais vibrações, mais luxo e mais fascinação!”* Por fim, ao tentar identificar os motivos pelos quais Icaraí não progredia da mesma forma que Copacabana, o repórter finalizava levantando a seguinte conjectura: *“Não sei se é devido à grande maioria dos habitantes estrangeiros,” que aqui residem, ou se é devido “ao esmorecimento dos nacionais.”*<sup>565</sup> (o grifo é nosso)

De início, caberia um olhar de reserva, quanto ao fato do jornal “Beira-Mar” avaliar o bairro de Icaraí pelos moldes de Copacabana. Especialmente se pensarmos que Copacabana, dona de uma amplitude geográfica inigualável, veio a se firmar, na primeira metade do século XX, como a mais famosa praia da capital da República. E, mesmo nos anos de 1930, este bairro já era possuidor de uma vida bastante movimentada, em termos de circulação de veículos e pedestres, com crescente número de arranha-céus, boas casas comerciais, hotéis de luxo, como o Copacabana Palace que viria lhe conferir fama e glamour.<sup>566</sup>

<sup>565</sup> Beira-Mar, Ed. 00214 (1), 13.04.1930, p. 4.

<sup>566</sup> O’DONNEL, op. cit., p. 111.

A comparação entre Icaraí e Copacabana, todavia, justificava-se, na medida em que esta última praia vinha se tornando um padrão a ser imitado por outros bairros da zona sul do Rio de Janeiro e de Niterói.

Icaraí, por sua vez, independentemente de sua conquista praiana, mantinha, até o início dos anos 30, um aspecto bucólico, em que persistiam algumas características semirrurais. Nos primeiros anos da década de 1920, um anúncio da Cia Cantareira e Viação Fluminense, veiculado pelo jornal inglês Wileman's, excepcionalmente em idioma português, fazia propaganda de uma de suas linhas de bondes, que realizava o agradável percurso pela zona sul de Niterói:

*“A viagem da linha do ‘Sacco de São Francisco’ oferece ao passageiro ocasião para conhecer encantadores pontos do litoral de Nictheroy, como sejam: praia das Flexas, a Itapuca, praia de Icarahy, Canto do Rio, enseada da Jurujuba e Sacco de São Francisco, **logar aprazível, próprio para passeios e pic-nics**, descortinando-se soberbo panorama do alto do morro onde está a Igreja...Os bondes estão em correspondência, na Ponte Central, com as partidas e chegadas das barcas” (o grifo é nosso)<sup>567</sup>*

Embora os bondes elétricos representassem um inequívoco sinal de modernidade urbana, modernidade esta recentemente conquistada pelos niteroienses, o anúncio acima fazia propaganda destes veículos, associando-os a uma atividade campestre que atraía visitantes para um calmo passeio à orla litorânea de Niterói.

Neste período, os bondes que circulavam em Icaraí movimentavam-se em uma região ainda tranqüila, onde só havia casas e nenhum arranha-céu. Segundo o Sr Alastair, as edificações mais altas que se podia vislumbrar eram as do clube Central e Regatas, ambas já existentes na década de 1930. Quanto aos edifícios residenciais mais antigos, este filho de imigrante se recorda, em particular, do Ed. Moema, surgido em 1951, entre as ruas Joaquim Távora e Comendador Queirós.<sup>568</sup>

<sup>567</sup> Wileman's Brazilian Review, 1915-1940 PR\_SPR\_183741 / Ed. 00021 (2) Ano 1921 p. 95.

<sup>568</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17 de maio de 2012, à autora.

Sobre as construções daquele período, D. Meridan comenta que as casas, em sua grande maioria, eram térreas e só uma ou outra tinha mais de um andar. Porém, todas possuíam jardins muito bem cuidados, muito bonitos, floridos, com árvores, porque tanto os alemães como os ingleses gostavam de jardinagem. As ruas eram, igualmente, muito bonitas e (...) todo mundo tinha um ou mais cachorros (...).<sup>569</sup>

Dona Rose, chegada da Alemanha, em 1920, e moradora de Santa Teresa, vinha com a família visitar os amigos em Niterói. Das casas visitadas, duas particularmente marcaram sua lembrança. A primeira, situada na Praia de Icaraí, esquina de Lopes Trovão, pertencia aos Kmentt, conterrâneos da família de nossa entrevistada. “Esta casa era em estilo de fazenda antiga com pátio interno, onde ficavam aquários e orquídeas.” A poucos passos da moradia, atravessando a rua, as crianças podiam usufruir da praia, “uma água límpida, [...] onde se enxergava o fundo do mar, sem nenhum perigo de sujeira, um verdadeiro paraíso.”<sup>570</sup> A outra residência, de propriedade de um alemão solteiro, o Sr. Valenstein, que vivia em companhia de uma governanta alemã, ficava no centro de grande terreno e era rodeada em toda extensão por uma varanda, assemelhando-se a uma casa de fazenda. Este terreno possuía “um jardim lindo, tropical, com árvores frondosas, uma coisa maravilhosa, tudo, tudo cheio de orquídeas”. Esta casa era, naquela época, muito frequentada pelo pai de D. Rose, Sr. Erich Beckmann, um germânico tão apaixonado por orquídeas quanto o próprio Sr. Valenstein. Segundo D. Rose, “infelizmente esse jardim maravilhoso, paradisíaco, que meu pai dizia não existir igual na América do Sul”, viria mais tarde a ser destruído, para dar lugar ao condomínio de apartamentos na rua Miguel de Frias, n. 23, ao lado da Reitoria da UFF.<sup>571</sup>

<sup>569</sup> Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein, em 12 e 18 de outubro de 2011, à autora.

<sup>570</sup> Entrevista de Rose-Marie Esche, em 13 e 20 de setembro de 2011, à autora.

<sup>571</sup> *ibid.*

Neste ambiente praiano, povoado de bangalôs e jardins, onde os automóveis eram ainda escassos, o bonde era visto como sendo “muito confiável”, especialmente no tocante aos horários, que funcionavam perfeitamente.<sup>572</sup> “A gente podia inclusive acertar o relógio por eles.” Além disso, o bonde era muito limpo, arejado, porque era aberto dos lados. Ele consistia de uma base, com assentos por cima, muito limpos.<sup>573</sup> Uma curiosidade era que o preço da passagem mudava de acordo com o percurso, ou seja, um novo valor era agregado à medida que era ultrapassada certa distância.<sup>574</sup> Para o seu Alastair, tratava-se de um “transporte muito bom, apesar de que em dia de chuva as pessoas se molhavam um pouquinho.” Além disso, era também muito mais barato. Finalmente, acrescenta que “havia a integração dos bondes com as barcas. O bonde chegava, esperava um pouquinho, a barca saía. A travessia naquela época era muito mais fácil do que hoje. Além disso, a natureza também era ótima.”<sup>575</sup>

A rua da praia possuía duas pistas que circundavam um vão central formado por trechos de canteiros com árvores e postes de luz.<sup>576</sup> Neste ambiente, nos anos de 1930 e 40, além dos bondes elétricos, circulava, igualmente, outro tipo de coletivo, apelidado de ‘perereca’, que assim era chamado por ter a cor verde. De acordo com D. Rose-Marie e D. Meridan, este veículo, que não tinha teto, era na verdade uma minúscula condução, cuja lotação não excedia a oito ou dez passageiros.<sup>577</sup> “Ah!, então, segundo D. Meridan, condução naquela época não faltava.”<sup>578</sup>

<sup>572</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17 de maio de 2012, à autora.

<sup>573</sup> Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein, em 12 e 18 de outubro de 2011, à autora.

<sup>574</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>575</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17 de maio de 2012, à autora.

<sup>576</sup> Entrevista de Carlos Fellows, em 20 de janeiro de 2015, à autora.

<sup>577</sup> Entrevistas de Rose-Marie Esche, em 13 e 20 de setembro de 2011, e Meridan Wehrs Eulenstein, em 12 e 18 de outubro de 2011, à autora.

<sup>578</sup> Entrevistas de Meridan Wehrs Eulenstein, em 12 e 18 de outubro de 2011, à autora.

Em meio aos transportes coletivos, os britânicos, vindos do Club Hípico, em São Francisco, passeavam tranquilamente em seus cavalos, pela Praia de Icaraí. O destino destes cavaleiros era o Rio Cricket, onde paravam para tomar um gim tônico. Este costume, que nos foi relatado por duas de nossas entrevistadas,<sup>579</sup> uma de descendência alemã, D. Meridan, e outra inglesa, D. Sheila Causer, foi igualmente descrito ao Sr. Robert Towersay por Helen Turnbull, pertencente à colônia britânica. De acordo com esta inglesa, “muitas famílias (britânicas) mantinham cavalos para montar e eles eram deixados na praia em perfeita segurança.”<sup>580</sup>

Além do trotar de seus cavalos, os britânicos se fizeram audíveis no cenário local pelo som inequívoco que vinha da Chácara Leopoldina, no início da Fróes, e que se irradiava por toda a praia:

*A chácara da Leopoldina, fechada em 1952, (...) tornou-se conhecida na praia de Icaraí e redondezas, pelo sino que tocava em determinados horários para avisar a seus moradores (jovens rapazes britânicos) da hora em que tinham de trabalhar, almoçar, jantar e dormir. Como o sino era ouvido até da Rua Miguel de Frias, na outra extremidade da praia, toda a população de Icaraí se guiava pelos toques, assim distribuídos: oito toques às 8 h; seis, às 11 h; sete, às 11:30; (...) três, às 19:30 e oito, às 20 h. Segundo o Sr. Joaquim, responsável pelo sino (e que posteriormente, na década de 1970, viria a se tornar empregado no bar do Rio Cricket) “os toques eram necessários principalmente na hora do jantar, quando os rapazes tinham de voltar para a chácara e vestir a roupa toda branca, com gravata preta, para que pudessem sentar-se à mesa de acordo com a tradição.”<sup>581</sup>*

---

<sup>579</sup> Entrevistas de Meridan Wehrs Eulenstein, em 12 e 18 de outubro de 2011, e D. Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>580</sup> TOWERSEY, op. cit.

<sup>581</sup> Jornal do Brasil – 1970 a 1979 – PRC\_SPR\_00009\_030015. Ed. 00313 (1), p. 58, Rio de Janeiro, Domingo, 17 de fevereiro de 1974. Caderno RJ.

O cotidiano de Icaraí incluía, ainda, entre muitos outros aspectos, a presença de vacas, localizadas em estábulos, que forneciam o leite diretamente ao consumidor. De acordo com D. Phillis Belcher, moradora de Icaraí, quando ainda “era uma pequena menina ia todo dia à rua Gavião Peixoto onde os homens traziam suas vacas para vender leite.”<sup>582</sup>

Por fim, havia os pescadores com suas redes de pesca que adornavam a areia muito branca e cintilante. Segundo D. Meridan, “os pescadores pescavam com redes grandes e quando eles puxavam as redes na praia a criançada ia ajudar. (...) A pescaria acontecia na altura do Clube Central. Acima da Mariz e Barros, onde ficava o Hospital Icaraí, ali, naquela área, (era onde) eles pescavam. (...) Os peixes serviam à população de Icaraí (...) de modo que nós sempre tínhamos peixe fresquinho. Uma beleza!”<sup>583</sup>

---

<sup>582</sup> TOWERSEY, op. cit.

<sup>583</sup> Entrevistas de Meridan Wehrs Eulenstein, em 12 e 18 de outubro de 2011, à autora.

### 3.4. O Balneário Icaraí: centro de moradia, lazer e turismo das colônias estrangeiras

Na década de 30, todavia, Icaraí viveria transformações as quais não passaram despercebidas aos jornais da época, principalmente ao "Beira-Mar". Em março de 1932, o repórter deste periódico emitia a seguinte opinião sobre o lado de cá da baía de Guanabara: "*Nictheroy não é a mesma de um anno atraz. Hoje, vibra, dança e progride assustadoramente com relação aos bairros praianos.*" Após referir-se à Icaraí, como a mais linda praia fluminense, esclarecia que este bairro agora "*possue um rico balneário*" (...).<sup>584</sup>

O prédio onde foi instalado o balneário teria sido construído, originalmente, por um comerciante alemão de nome Eugen Urban, provavelmente, pai de Fritz Urban, o nadador de Icaraí. Naqueles anos, Eugen progrediu muito e se tornou um abastado comissário e exportador de Café, sócio da firma Eugen Urban & C.<sup>a</sup>.<sup>585</sup> Este empreendimento tinha importantes interesses em Hamburgo e, no Brasil, atuava concomitantemente em Santos e no Rio de Janeiro.<sup>586</sup> Em 1915, o comissário de café era morador da rua da Constituição (Miguel de Frias), n. 52.<sup>587</sup> Residindo neste endereço, Eugen procedeu à construção de um rico palacete em outro número desta mesma rua. Com o término da obra, instalou-se, em 1916, na nova residência, na rua Miguel de Frias, n. 1.

---

<sup>584</sup>Beira-Mar, Ed. 00308, p. 4, 5/03/1932.

<sup>585</sup>Almanak, Ed. A00068, 1911, p. 1185.

<sup>586</sup>Impressões do Brasil no século XX, op. cit.

<sup>587</sup>Almanak, Ed. A00071, 1915, p. 1548.

Com a crise de 1929, e a queda vertiginosa do café no mercado exterior, tudo indica que Eugen Urban quebrou. Em decorrência de suas perdas econômicas, teve sua rica propriedade alienada pelo Banco Alemão Transatlântico. No ano de 1932, neste mesmo palacete, foi instalado o Icarahy Balneario Hotel. De acordo com matéria veiculada pelo Jornal “Beira-Mar”, este empreendimento se anunciava da seguinte forma:<sup>588</sup>



**Beira-Mar, Ed. 00419 (1), p. 5, 7.7.1934**

Quatro anos depois, o Balneário, há pouco inaugurado, abria, igualmente, um Cassino em suas dependências.<sup>589</sup> Em julho de 1936, ainda no governo do Almirante Protógenes (1935-1936), que antecedeu ao do interventor Amaral Peixoto, o prédio do balneário foi aberto ao jogo, após sofrer as necessárias reformas. Uma matéria publicada no jornal “A Nação”, em outubro de 1936, fazia o seguinte comentário sobre a referida casa:

<sup>588</sup>Beira-Mar, Ed. 00419 (1), 1934, p. 5, 7.

<sup>589</sup>Beira-Mar, Ed. 00577 (1), 16/10/1937, p. 6.

“Com o funcionamento do Casino Icarahy, esplendida casa de diversões dirigida por dois homens de sociedade – os srs. Alberto Bianchi e Luciano Ayrosa (...) *tornou-se Icarahy um centro de turismo da preferência das colônias estrangeiras aqui domiciliadas e dos forasteiros que nos chegam.* Além disso, concorre o Casino para o maior realce da vida elegante de Nictheroy, pois já se tornou o ponto de encontro da alta sociedade da capital fluminense.”<sup>590</sup> (o grifo é nosso)

Durante o período Vargas, o setor turístico, hoteleiro e recreativo presenciou uma diversificação sem precedentes no Brasil e, em particular, no Distrito Federal. Salões, clubes e cassinos se multiplicavam, transformando a Capital no centro do lazer e do jogo no País, especialmente após a abertura dos cassinos do Copacabana Palace, Atlântico e da Urca. Era o tempo dos grandes shows e das vedetes que marcaram época.<sup>591</sup>

Todavia, esclarece Paixão, “enquanto a elite discursava sobre a necessidade de investir neste tipo de ambiente seletivo e voltado para a sociabilidade e diversão sadia, as classes populares viam seus clubes de jogo serem acusados de locais perigosos à sociedade e à margem dos bons costumes.”<sup>592</sup>

De acordo com o depoimento do ex-interventor federal no Rio de Janeiro, Amaral Peixoto, ao assumir o governo do antigo Estado do Rio, em novembro de 1937, encontrou 28 casas de jogo em Niterói autorizadas a funcionar pelo governo anterior. Amaral optou, então, por fechar todas as casas pequenas, “muitas vezes espeluncas que funcionavam em fundo de garagem”, mantendo a licença de apenas uma delas, o antigo balneário agora transformado em Cassino, com a condição de que ali fosse construído um grande hotel.<sup>593</sup>

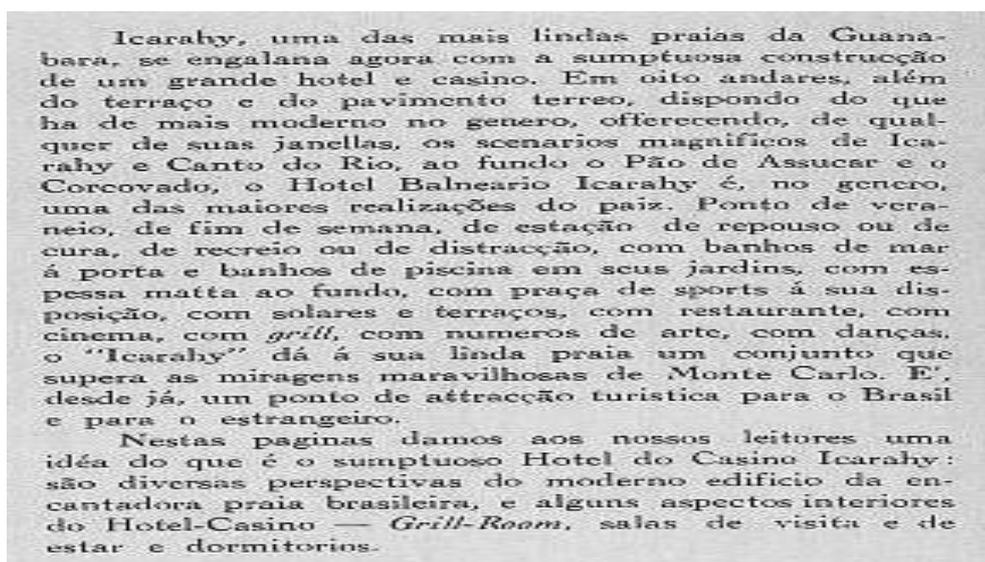
<sup>590</sup> A Nação 1933 a 1937 – PR-SPR\_02807, Edição 01153 (1), Domingo, 11/10/1936, p. 14.

<sup>591</sup> PAIXÃO, Dario Luiz Dias. 1930 – 1945: A verdadeira Belle Époque do turismo brasileiro: o luxo e os espetáculos dos hotéis-cassinos imperam na era getulista.” P. 1-28. Autor de La reimplantación de los casinos em Brasil e sus efectos em la actividad turística. (Dissertação de Mestrado). Las Palmas de GranCanaria: ULPGC (Espanha). Doutorando em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pela ULPGC, Espanha.

<sup>592</sup> PAIXÃO, op. cit., p. 14.

<sup>593</sup> CAMARGO, Aspásia et alii. Artes da Política: Diálogo com Amaral Peixoto. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986. CPDOC/FGV-UFF. Coleção Brasil –século 20. p. 162.

O sonho de edificar um hotel e cassino em Niterói, que atraísse muitos turistas para a capital do Estado, seria materializado dois anos depois por Alberto Bianchi, o qual encomendou um projeto para um novo cassino ao arquiteto Luiz Fossati, o mesmo que projetou o trampolim de concreto de Icaraí. Em 1939, o Hotel do Casino Icarahy foi inaugurado em um prédio suntuoso, conforme noticiado por vários jornais e revistas da época.<sup>594</sup>



Icarahy, uma das mais lindas praias da Guanabara, se engalana agora com a sumptuosa construção de um grande hotel e casino. Em oito andares, além do terraço e do pavimento terreo, dispondo do que ha de mais moderno no genero, offerecendo, de qual-quer de suas janellas, os scenarios magnificos de Icarahy e Canto do Rio, ao fundo o Pão de Assucar e o Corcovado, o Hotel Balneario Icarahy é, no genero, uma das maiores realizações do paiz. Ponto de veraneio, de fim de semana, de estação de repouso ou de cura, de recreio ou de distracção, com banhos de mar á porta e banhos de piscina em seus jardins, com espessa matta ao fundo, com praça de sports á sua disposição, com solares e terraços, com restaurante, com cinema, com *grill*, com numeros de arte, com danças, o "Icarahy" dá á sua linda praia um conjunto que supera as miragens maravilhosas de Monte Carlo. E', desde já, um ponto de atracção turistica para o Brasil e para o estrangeiro.

Nestas paginas damos aos nossos leitores uma idéa do que é o sumptuoso Hotel do Casino Icarahy: são diversas perspectivas do moderno edificio da encantadora praia brasileira, e alguns aspectos interiores do Hotel-Casino — *Grill-Room*, salas de visita e de estar e dormitorios.

Fonte: Revista da Semana – 1930 a 1939. Ed. 00032 (1), 1939, p. 79.

---

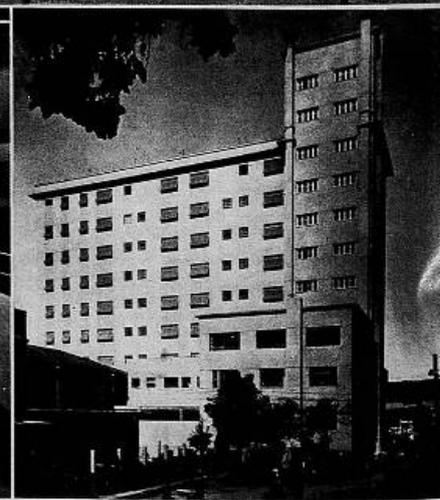
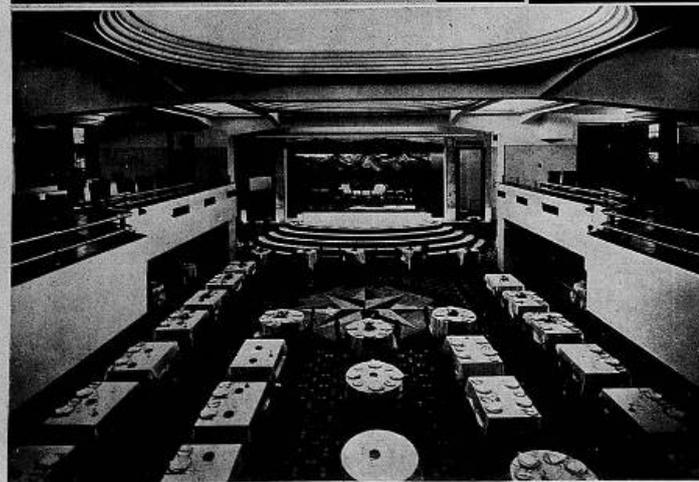
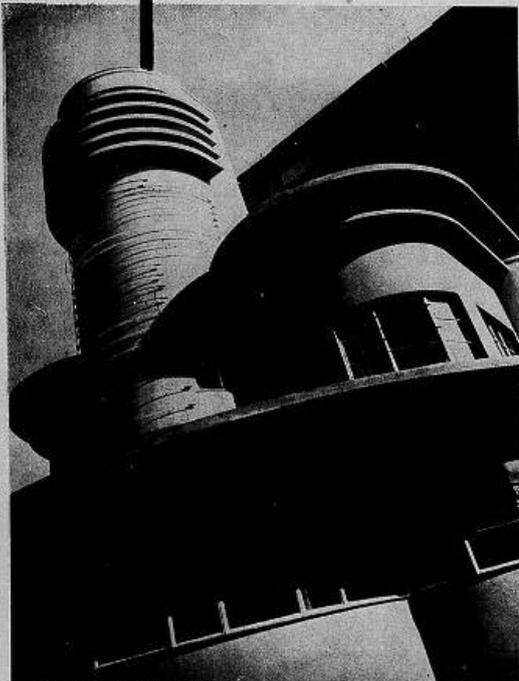
<sup>594</sup>Revista da Semana – 1930 a 1939 PR-SPR-00666\_025909. Ed. 00032 (1), 1939, p. 79.

# ICARAHY

na Vanguarda  
do TURISMO

Icarahy, uma das mais lindas praias da Guanabara, se engalana agora com a sumptuosa construção de um grande hotel e casino. Em oito andares, além do terraço e do pavimento térreo, dispendo do que há de mais moderno no genero, oferecendo, de qualquer de suas janellas, os scenarios magnificos de Icarahy e Canto do Rio, ao fundo o Pão de Assucar e o Corcovado, o Hotel Balneario Icarahy é, no genero, uma das maiores realizações do paiz. Ponto de veraneio, de fim de semana, de estação de repouso ou de cura, de recreio ou de distracção, com banhos de mar á porta e banhos de piscina em seus jardins, com espessa matta ao fundo, com praça de sports á sua disposição, com solares e terraços, com restaurante, com cinema, com *grill*, com numeros de arte, com danças, o "Icarahy" dá á sua linda praia um conjunto que supera as miragens maravilhosas de Monte Carlo. E', desde já, um ponto de attracção turistica para o Brasil e para o estrangeiro.

Nestas paginas damos aos nossos leitores uma idéa do que é o sumptuoso Hotel do Casino Icarahy: são diversas perspectivas do moderno edificio da encantadora praia brasileira, e alguns aspectos interiores do Hotel-Casino — *Grill-Room*, salas de visita e de estar e dormitorios.



Fonte: Revista da Semana – 1930 a 1939 PR-SPR-00666\_025909. Ed. 00032 (1), 1939, p. 79.

O Cassino Icarahy, que funcionou até abril de 1946, data em que o presidente Eurico Gaspar Dutra proibiu a prática de jogos de azar no Brasil, esteve, corriqueiramente, presente nos jornais como “um ponto de convergência da alta sociedade fluminense e do “set” carioca.”<sup>595</sup> Após a inauguração do novo prédio, o interventor Ernani do Amaral Peixoto fez questão de recepcionar os demais interventores que se encontravam no Rio com um grande almoço nas dependências do Cassino. De acordo com o Jornal “A Batalha”, no domingo, 19 de novembro de 1939, “os chefes dos executivos viajaram para a capital fluminense em três lanchas, desembarcando no **Yacht Club Brasileiro**, no Saco de São Francisco”, onde eram aguardados por uma pequena comitiva do governo. Após um “cock-tail”, servido no próprio Yacht Club aos convidados, eles “dirigiram-se para o Hotel Casino Icarahy, onde às 13 horas foi iniciado o almoço.”<sup>596</sup> (o grifo é nosso)

Tudo indica que as colônias de imigrantes se tornaram freqüentadoras do local. No que se refere aos britânicos, embora fossem habitualmente fechados em seus hábitos sociais e religiosos, aceitaram o convite para participar da “esplendida e maravilhosa noite de Natal”, oferecida a seus freqüentadores pelo Cassino Icaraí, festa esta que foi regida por duas excelentes orquestras e contou com brindes distribuídos por “Papae Noel”.<sup>597</sup>

As mesas decoradas com minúsculas árvores de Natal, iluminadas por dentro com lâmpadas coloridas e o palco, ostentando de cada lado um enorme Papae Noel de roupas vistosas e ricas emprestaram ao ambiente o ar íntimo e familiar necessário numa noite como aquela. Todos os hospedes do hotel e suas respectivas famílias, *bem como grande número de pessoas da colônia de ingleses de Niterói estiveram presentes*, enchendo completamente o “grill”. (o grifo é nosso)<sup>598</sup>

<sup>595</sup> Beira-Mar, Ed. 00583 (1), 08/01/1938, p. 5.

<sup>596</sup> Jornal A Batalha – 1929 a 1941 – PR\_SPR\_00176\_175102, Rio de Janeiro, Ed. 04075 (1), 3ª feira, 21.11.1939, p. 3.

<sup>597</sup> Diário da Noite 1940 a 1949 PR\_SPR\_00397\_221961 Edição 03452 (1), 27.12.1941, p.11.

<sup>598</sup> *ibid.*

Da mesma forma que Copacabana, Icaraí também recebeu, em 1932, “um vasto “rink” de patinação, logo no começo da praia (no Canto do Rio), com um serviço esmerado de sorvetes e de outros refrigerantes.”<sup>599</sup> Nas décadas de 1930 e 40, as tardes e noites de Icaraí eram movimentadas pelo rink de patinação e pelo Bar do Honorato. No Almanak Laemmert, o estabelecimento do Honorato aparecia com o nome de Bar Canto do Rio, situado na Praia de Icaraí, no Jardim, com o telefone 245.<sup>600</sup>

O italiano Honorato já era famoso em 1929, quando atendia em um kiosque localizado no Canto do Rio. Neste ano, inclusive, chegou a receber uma placa de bronze comemorativa com os dizeres: “Homenagem dos moradores de Icarahy ao Honorato. Natal de 1929.”<sup>601</sup> Alguns anos depois, em 1935, seria “inaugurado o novo bar do Honorato Vannucci, localizado no Canto do Rio, justamente no mais lindo recanto da praia de Icarahy.”<sup>602</sup>

Quem conheceu o velho Kiosque e hoje vê em seu lugar um bar elegantemente edificado, verifica que o progresso, ali, se deve, em grande parte, aos esforços dessa figura popular e querida que é o Honorato Vannucci. O prédio obedeceu a estylo moderno, com largas e compridas marquizes. Há sobre o mesmo, um amplo terraço de cimento armado, destinado aos dias de estio, onde serão servidos os aperitivos e os sorvetes, à sociedade balneária de Nictheroy. Devidamente aparelhado, tem o indispensável ao conforto de seus freqüentadores, como telephone, cigarros, frios, doces e conservas.<sup>603</sup>

---

<sup>599</sup> Beira-Mar, Ed. 00308 (1), 5/03/1932.

<sup>600</sup> Almanak Laemmert, Edição A00096 (2), 1940, p. 643.

<sup>601</sup> Beira-Mar, Ed. 00200 (1), 05.01.1930, p. 7.

<sup>602</sup> Beira-Mar, Ed. 00466 (1), 29.06.1935, p. 15.

<sup>603</sup> Beira-Mar, Ed. 00466 (1), 29.06.1935, p. 15.

Já a chegada do cinema, em Icaraí, ocorreu paulatinamente. Desde agosto de 1907, funcionava ao ar livre, no Jardim Icaraí, hoje praça Getúlio Vargas, o Cinematógrafo Icarahy, que utilizava energia elétrica cedida gratuitamente da Cia Cantareira e Viação Fluminense. Posteriormente, em 1916, iniciou-se a exibição de filmes em uma casa existente na época, onde, posteriormente, seria edificado o Cinema Icaraí. D. Sheila Causer recorda-se ainda de outro local improvisado, em sua meninice, onde os filmes eram “passados ao ar livre na areia da praia de Icaraí, à noite.”<sup>604</sup> Na década de 1930, Niterói já possuía, no centro da cidade, alguns cinemas, como o Imperial, o Royal, o Eden e o Central. Talvez, por esse motivo, o cinema Icaraí só tenha sido inaugurado em janeiro de 1945.<sup>605</sup>

A abertura do cinema Icaraí representou, para D. Sheila Causer e para outros jovens da comunidade britânica, um acontecimento importante em termos de lazer:

Íamos ao Cinema Icaraí que mudava de filme duas vezes por semana e na volta andávamos até o Canto do Rio para tomar um chopinho ou um guaraná. (...) No Canto do Rio tinha uma praça imensa, ali mesmo tinha um bar (o Honorato), como se fosse o Lido no Rio, com umas cadeiras da Bhrama do lado de fora, umas amendoeirinhas enormes, (onde) todo mundo sentava.<sup>606</sup>

Outra programação alternativa de lazer era o já mencionado footing que acontecia no calçadão da Praia de Icaraí. Sobre o ir e vir que mobilizava a juventude da época, D. Sheila Causer tem a seguinte recordação:

Os rapazes ficavam parados na praia de Icaraí e as moças passeavam pra lá e pra cá, da Casa de Saúde Icaraí até o cinema Icaraí. Porém, às dez horas da noite “soltava o leão” e as meninas corriam (de volta) porque as dez todas tinham que estar em casa. (Já que após essa hora), menina direita não ficava na rua.<sup>607</sup>

---

<sup>604</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>605</sup> A Noite – 1940 a 1949. PR\_SPR\_00155\_348970. Ed. 11840 (1), Domingo, 28.01.1945, p. 8.

<sup>606</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>607</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

Se a sociabilidade da elite niteroiense se exercitava em diferentes espaços, havia, todavia, três ambientes que certamente eram os preferenciais: a igreja, a praia e os clubes. Aliás, na década de 1930, Icaraí viveria uma febre de associativismo com a abertura de vários clubes ao longo de sua orla. Estes grêmios, detentores de uma identidade marcadamente praiana, eram locais característicos da organização social, com forte inclinação para o exercício da sociabilidade e da recreação que se desenvolviam em meio aos esportes, às matinês dançantes, aos grandes bailes, inclusive os carnavalescos, dentre outras atividades.

O mais antigo clube da praia de Icaraí, o Club de Regatas Icarahy, foi fundado em 11 de junho de 1895, a partir da motivação de um grupo de moradores do bairro, que almejavam dotar a enseada de um grêmio. A partir de então, o Regatas cresceu como um clube mais esportivo do que social, introduzindo, inclusive, algumas inovações nas modalidades remo e embarcação.<sup>608</sup> Já o Clube Central, fundado em 18 de julho de 1920, iniciou suas atividades em um casarão de propriedade da família Lassance, situado na Rua Presidente Pedreira, 65, no bairro do Ingá. Posteriormente, mudou-se para o prédio onde funciona, atualmente, a Escola Estadual Aurelino Leal. Mais tarde, retornou à Rua Presidente Pedreira, número 138, local onde adquiriu a sua primeira sede própria. Somente em fevereiro de 1932, passou a funcionar na Praia de Icaraí, 335, em uma mansão onde antes era abrigado o Colégio Guanabara. Nos salões deste “aristocrático club”, privilegiava-se uma programação dançante.<sup>609</sup>

---

<sup>608</sup> [www.lazer.eefd.ufrj.br/remo/docs/clube03.html](http://www.lazer.eefd.ufrj.br/remo/docs/clube03.html).

<sup>609</sup> [clubcentral.com.br/cont\\_institucional.html](http://clubcentral.com.br/cont_institucional.html).

A respeito da programação do Clube Central, Dona Meridan se recorda que na sua juventude “eles organizavam festas” noturnas as quais ela não frequentava. Todavia, ela assinala que gostava de freqüentar este clube aos domingos para dançar. “Eu só freqüentava o Central porque havia as tardes dançantes e eu ia para dançar.”<sup>610</sup>

Em outubro de 1934, foi fundado o Icarahy Praia Club em uma linda sede de três pavimentos. Este clube contava com instalações para jogos de salão, um magnífico rink de basketball e volley e uma farta iluminação para jogos à noite. De acordo com uma nota do “Correio Paulistano”, em breve esta associação ganharia ainda novas quadras de tennis.<sup>611</sup> Por fim, em 1935, foi criado o “Atlantico Club” de Icarahy, “o sympathico gremio da Praia de Icarahy, n. 201.”<sup>612</sup>

O Beira-Mar que acompanhava todos os acontecimentos mundanos relacionados a Icarahy, em 1935, fez a seguinte observação sobre a vida noturna de Niterói, com base em seus principais clubes praianos: “Nichteroy póde orgulhar-se de ter vida social propria, o que não acontecia há bem poucos annos atraz, quando sua sociedade era obrigada a vir até o Rio divertir-se em outras aggremações.”<sup>613</sup> Fazendo, de igual modo, uma pequena análise comparativa entre os clubes pertencentes ao bairro de Icaraí, este periódico acrescentava que o Central era “o mais procurado pela sociedade da capital fluminense”, por ter em seu quadro “figuras respeitáveis e de conceito elevado nos meios femininos e industriaes.” Já “o Icarahy Praia Club, bem como o Club Regatas Icarahy, têm vida social mais inclinada ao sport e às reuniões de arte, pela razão simples de serem os seus elementos genuinamente sportivos.”<sup>614</sup>

<sup>610</sup> Entrevistas de Meridan Wehrs Eulenstein, em 12 e 18 de outubro de 2011, à autora.

<sup>611</sup> Correio Paulistano – 1930 a 1939, PR\_SPR\_00140\_090972, 27 de outubro de 1935, p. 10.

<sup>612</sup> O Imparcial\_1935 a 1939. PR\_SPR\_00008\_107670. Ed. 00218 (1), Domingo, 9.2.1936, p. 6.

<sup>613</sup> Beira-Mar, Ed. 00485 (6), 26/10/1935, p. 83.

<sup>614</sup> *ibid.*, p. 83.

É interessante observar que os britânicos, possuidores que eram de uma cultura extremamente ligada ao associativismo, não se restringiram a criar seus próprios clubes em Niterói. Alguns deles, provavelmente por gozarem de respeitabilidade junto à comunidade niteroiense, desempenharam um papel relevante na organização administrativa e esportiva de clubes locais.

Em duas gestões diversas, nos anos de 1931 e 1932, o Club de Regatas Icarahy teve como presidente e vice-presidente, respectivamente, os britânicos Herberly Aspinall e o Dr. Offney Doherty.<sup>615</sup> O Club Central, por sua vez, “teve eleita a nova directoria para o período de 1935 – 1936, tendo como 1<sup>o</sup> vice-presidente, William Dixon.”<sup>616</sup> Por fim, a “nova directoria do recém inaugurado “Atlantico Club” de Icarahy, para 1936” tinha como seu “1<sup>o</sup> thezoureiro” o nome de George Bradford.<sup>617</sup>

No que diz respeito aos alemães, o teuto-brasileiro Gustavo Schmidt, morador da Álvares de Azevedo, esquina com Praia de Icaraí, na década de 30, tornou-se nacionalmente conhecido por ser “um apaixonado das coisas do tennis”. Pensando em contribuir para o desenvolvimento deste esporte, construiu em sua residência quadras de ténis que serviam para receber os amantes deste esporte, vindos de qualquer ponto do País, principalmente da Capital da República. O espaço por ele destinado, a este esporte, tomou ares de um clube e passou a ser denominado de “Carona Tennis Club.”<sup>618</sup> A esse respeito, outro jornal da época, o “Correio da Manhã” esclarecia que:

Faz algum tempo que amigos do tennis, desejando focalizar a dedicação de Gustavo Schmidt Junior em prol do desenvolvimento do Sport da raquette, crearam a fantasia de um legendario “Carona Tennis Club”. (...) E o “Carona” effectivamente ainda está em Icarahy, porque as duas optimas quadras de tennis da magnífica residência de Schmidt continuam servindo para a pratica do tennis de todos os seus amigos, que se contam a centenas entre as mais destacadas raquettes do Brasil.<sup>619</sup>

<sup>615</sup> O Jornal – 1930 a 1939 – PR\_SPR\_00136\_110523 Ed. 04087 (1), 4<sup>a</sup> fera, 2/03/1932, p. 14.

<sup>616</sup> A Noite – 1930 a 1939 – PR\_SPR\_00155\_348970 Ed. 08386 (1), 2<sup>a</sup> feira, 1/04/1935, p. 4.

<sup>617</sup> Beira\_mar, Ed. 00497 (1), 11.1.1936, p. 3.

<sup>618</sup> Diário da Noite – 1930 a 1939. PR\_SPR\_00397\_221961. Edição 00863 (1), 20/02/1933, p. 6.

<sup>619</sup> Correio da Manhã – 1930 a 1939. PR\_SPR\_00130\_089842. Ed. 12170 (1), Domingo, 29/07/34, p. 10.

Schmidt mantinha funcionando, ao lado de sua residência, uma pequena manufatura de raquetes.<sup>620</sup> D. Sheila ainda se recorda desta pequena fábrica, localizando-a “na Álvares de Azevedo, do outro lado do cinema Icaraí.”<sup>621</sup>

Por último, entre suas várias atuações, em prol do desenvolvimento do tênis, Gustavo Schmidt promoveu vários torneios anuais entre equipes pertencentes a dois clubes niteroienses, o Rio Cricket e o Canto do Rio, premiando nestas competições a equipe vencedora com uma taça intitulada “Schmidt Junior”.<sup>622</sup>

A presença dos imigrantes em clubes locais não se limitou aos cargos de direção. Além do já mencionado nadador alemão Fritz Urban, outros jovens membros das colônias estrangeiras de Niterói participaram de campeonatos cariocas representando o Club Regatas Icarahy. Em 1934, este clube alcançou o segundo lugar entre os clubes cariocas, fazendo-se representar por vários jovens estrangeiros cujos nomes são citados a seguir: Jane Gray Jordan, Annemarie Whoerle, Thora Milbourn e Telma Milbourne. Na ala masculina do clube aparecia Oscar Dawes.<sup>623</sup>

Dentre os esportistas locais, uma frequentadora assídua da praia de Icaraí, nos anos 20 e 30, fazia-se constantemente presente na mídia da época, inclusive na coluna do jornal “Beira-Mar”. Era a nadadora Thora Milbourn, acima citada que, de acordo com o Jornal “Critica”, “*é bem um exemplo dessa nossa gloriosa juventude que esplende nas praias, acariciada pelo mar e pelo sol, bella, forte e ágil.*”<sup>624</sup> Inclusive, em 1931, o Club Regatas Icarahy chegou a promover uma festa especialmente em homenagem a esta desportista a quem considerava “a sua grande nadadora”.<sup>625</sup>

---

<sup>620</sup> A Noite: suplemento – 1930 a 1954\_PR\_SPR\_00732) 120588. Ed. 00181 (1), p. 7. e Diário da Noite – 1930 a 1939. PR\_SPR\_00397\_221961. Edição 00863 (1), 20/02/1933, p. 6.

<sup>621</sup>Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora

<sup>622</sup>A Noite – 1930 a 1939\_PR\_SPR\_00155\_348970. Ed. 09466 (10, Domingo, 19/06 de 1938, p 15.

<sup>623</sup>O Paiz 1930 a 1934. PR\_SPR\_00006\_178691, 24.04.1934, p. 6.

<sup>624</sup>Critica – 1928 a 1930. PR\_SPR\_00025\_372382. 18.12.1928. p. 4.

<sup>625</sup>Diário da Noite – 1930 a 1939. PR\_SPR\_00397\_221961. 12.09.1931, p. 7.

Icaraí se desenvolveu muito em termos recreativo, esportivo e cultural, nas décadas de 1930 e 40, atraindo muitos turistas de vários estados, inclusive cariocas, além dos estrangeiros. Neste período, o bairro era capaz de oferecer aos seus moradores, bem como aos visitantes que aqui chegavam, uma sofisticada estrutura composta por hotel e cassino, além de vários clubes, cinema, “bar do Honorato”, rink de patinação, todo esse aparato instalado em uma praia considerada bela e aprazível. Certamente que, com o fechamento do Cassino, em 1946, este fluxo de visitantes se reduziu consideravelmente.

No setor de saúde, o bairro contava com a Casa de Saúde Icaraí. Referindo-se a esta Casa de Saúde, em 1925, Júlio Pompeu observa que sendo “a única existente no Estado do Rio”, “está magnificamente situada à Praia de Icarahy n. 49, tendo uma instalação completa, com aparelhos dos mais modernos.”<sup>626</sup>

Pelo que pudemos aferir em nossa pesquisa, esta Casa, embora situada em bairro nobre, atendia a pessoas de todas as classes sociais, vítimas de acidentes e doenças em geral, já que “mantinha leitos gratuitos” disponíveis à população.<sup>627</sup>

D. Meridan, uma das entrevistadas mais antigas do bairro, observa que este era “um hospital confiável, onde havia bons médicos, porém era antiquado também, (tendo em vista a época em que foi construído).” Esclarecendo esta afirmação, ela comenta, bastante divertida e dando uma boa risada que, como a casa de saúde tinha dois andares e não havia elevador, “os pacientes que chegavam, e não podiam andar, eram carregados para o andar de cima, (através da escada), por um negro grande e forte.”<sup>628</sup>

---

<sup>626</sup>ALBUQUERQUE, Julio Pompeu de Castro, op. cit.

<sup>627</sup> Gazeta de Notícias 1930 a 1939 – PR\_SPR02764\_103730. Ed. 00153 (1), 01.07.1930, p. 3.

<sup>628</sup> Entrevistas de Meridan Wehrs Eulenstein, em 12 e 18 de outubro de 2011, à autora.

Nem todos os visitantes brasileiros e estrangeiros chegados a Niterói podiam se hospedar no luxuoso “Hotel do Casino Icaraí”. Porém, por aquela época, Niterói contava com várias pensões, seguramente bem mais de uma dezena, que atendiam muito satisfatoriamente aos seus inúmeros visitantes. Referindo-se a estas pensões, Carlos Wehrs observa que: “entremeadas, no meio de boas residências, foram aparecendo, à medida em que seus antigos ocupantes as abandonavam [...] numerosas casas de pensão [...] confortáveis e bem freqüentadas.”<sup>629</sup>

De acordo com o Laemmert, cinco destas pensões se situavam na Praia de Icaraí. Eram elas a **Pensão Beira Mar**, Praia de Icaraí, T: 897; a **Pensão Aimoré**, Praia de Icaraí, 161, T- 2562; a **Pensão Itamar**, Praia de Icaraí, 1-A T: 4759; a **Pensão Imperial**, Praia de Icaraí, 307, T- 1335 e a **Pensão Roma**, Praia de Icaraí, 407, T: 2527.<sup>630</sup> A Pensão Roma, como pôde se recordar D. Sheila Causer, recebia muitos hóspedes vindos de Minas Gerais.<sup>631</sup> (o grifo é nosso)

A mãe de Marcelo Fellows, Norma Portugal Fellows, que já era moradora de Icaraí nos anos 30, recorda-se de outra pensão existente na década de 1940, conhecida como pensão do Zeca, a qual possuía duas entradas separadas: uma pela Moreira César, na altura do atual Trade Center, e outra pela Praia de Icaraí.<sup>632</sup>

---

<sup>629</sup>WEHRS, Carlos. *Niterói cidade sorriso*, op. cit., p. 193.

<sup>630</sup>ALMANAK LAEMMERT (Edição A00091 (15), 1935, p.946-961; ALMANAK LAEMMERT (Edição A00096 (2), 1940, p. 639-652.

<sup>631</sup>Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>632</sup>Entrevista de Norma Portugal Fellows, em 20/01/2015, à autora.

Além das pensões brasileiras, existiam outras de propriedade de estrangeiros. Duas delas pertenciam a senhoras de nacionalidade alemã. A de Selma Leonhard se situava na rua Andrade Neves, 169, em São Domingos; e a de Marie Geisel se encontrava na rua Moreira Cesar, 191, em Icaraí.<sup>633</sup> Além destas, havia uma terceira, onde se hospedou o jovem inglês Frederic Robert Towersey, quando chegou a Niterói nos idos da década de 1940:

Quando eu vim para o Brasil eu vivi em uma pensão destas que ficava na Praia de Icaraí, na esquina com a rua Maris e Barros. Essa pensão era dirigida por uma senhora norueguesa e abrigava de 20 a 30 pessoas. Era uma maneira muito amigável de se viver. Cada família ocupava seu próprio quarto, mas as refeições eram feitas ao redor de uma grande mesa. Nossa hospedeira insistia que somente se falasse inglês na mesa e ela repreendia severamente aqueles hóspedes que quebrassem a regra.<sup>634</sup>

Se Icaraí manteve uma vida recreativa movimentada, o mesmo não se pode dizer de sua vida comercial que era quase inexistente à época. De acordo com o Almanak editado no ano de 1935, por exemplo, o bairro possuía um pequeno comércio essencial, conforme pode ser visto no quadro abaixo. Este comércio, de acordo com a pesquisa, pouco se modificaria nos anos 40:

Ramos de Comércio em Icarai – 1935

Ramos de Comércio	Número
Bazar	1
Café	1
Sapataria	1
Laboratório	1
Estábulo	1
Alfaiataria	1
Leiteria	2
Tinturaria	3
Carpintaria/Marcenaria	4
Farmácia	4
Confeitaria/Padaria	6
Armazém de Secos e Molhados	20

Almanak Laemmert, Edição A00091 (15)  
Ano 1935, p. 946-961.

<sup>633</sup>Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

<sup>634</sup>TOWERSEY, op. cit. O texto original em inglês é: When I first came to Brazil I lived in just such a boarding houses of which was on the beach, at th corner of the rua Maris e Barros. It was run by a Norwegian lady and it housed some 20 to 30 people. It was a very friendly way to live. Each family occupied its own bedrooms but meals were taken round on big table. The hostess insisted that only English be spoken at table and severely reprimanded any guest who broke the rule.

Embora não constando do Almanak, D. Meridan recorda da existência de “uma casa comercial que pertencia a uma viúva alemã e que vendia alimentos como salsichas, (...) temperos (...), muito condimento.” (...) Nas palavras de nossa entrevistada, esta loja “era muito confiável” e possuía sua localização quase na esquina com a rua Sete de Setembro, onde “sua proprietária vivia ao lado de um posto de gasolina”.<sup>635</sup> O casal Carlos e Norma Fellows se recorda de um estabelecimento comercial de propriedade de um casal alemão, conhecido como ‘Casa da Manteiga’, localizado na primeira quadra da rua Gavião Peixoto, em frente a um restaurante hoje existente, o Tratoria Torna. Este comércio, segundo afirmam, vendia uma variedade de produtos de laticínios, assim como, doces e balas.<sup>636</sup>

Na ausência de um comércio mais diversificado em Icaraí, o jeito era fazer compras em Niterói, ou na Ponte, como era chamado o centro da Cidade naqueles tempos. A antiga Praia Grande, na década de 1940, já possuía um comércio bem diversificado com oferta de setores e serviços modernos para a época, conforme os apontados a seguir: automóveis e acessórios; construções e reconstruções; geladeiras; fogões; máquinas de costura; rádios; radiotelefonia; telefones; artigos para dentistas, dentre outros.<sup>637</sup>

Nesta época, Icaraí era reduto de uma elite formada tanto por nacionais como por estrangeiros, principalmente os britânicos e alemães. Todavia, um processo inicial de estratificação social já estava em curso neste bairro. Este fenômeno social já podia ser observado, por exemplo, na encosta do Morro do Cavalão, que fazia divisa entre o bairro de Icaraí e a região de São Francisco.

---

<sup>635</sup> Entrevistas de Meridan Wehrs Eulenstein, em 12 e 18 de outubro de 2011, à autora.

<sup>636</sup> Entrevista de Norma Portugal Fellows, em 20/01/2015, à autora.

<sup>637</sup> Ano: 1940 - ALMANAK LAEMMERT (Edição A00096 (2), 1940, p. 639-652.

D. Sheila Causer, que passou sua infância e adolescência em uma casa denominada Vista Atlântica, construída por seu pai, na Estrada Fróes, faz referência aos moradores do Cavalão, avaliando que “o morro era muito descente” e que lá “só tinha pescadores”.<sup>638</sup> Seu sobrinho, Sr. Alastair, observa que o morro do Cavalão “era pacífico, pacífico.” “Inclusive, eu atravessava de Icaraí a São Francisco pelo Morro do Cavalão, pois a casa da minha avó era vizinha do Morro. Eu também me dava muito bem com as pessoas deste morro. As empregadas da minha avó, naquela época em número de 3 ou 4, eram todas de lá.”

639

---

<sup>638</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>639</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17 de maio de 2012, à autora.



Foto da Praia de Icaraí (pedra do Índio) – Ano 1948 –  
Arquivo pessoal do Sr. Ronald Hudson



Foto do bairro de Icaraí – Ano 48/50 –  
Arquivo pessoal do Sr. Ronald Hudson



Foto da Praia de Icaraí em frente ao trampolim – Anos 50 –  
Arquivo pessoal do Sr. Ronald Hudson



Foto da Praia de Icaraí (vista do terraço do antigo Hotel Balneario Icarahy)  
– Anos 50 – Arquivo pessoal do Sr. Ronald Hudson



Foto da Praia de Icaraí (Prédio Itapuca)  
– Anos 50 – Arquivo pessoal do Sr. Ronald Hudson

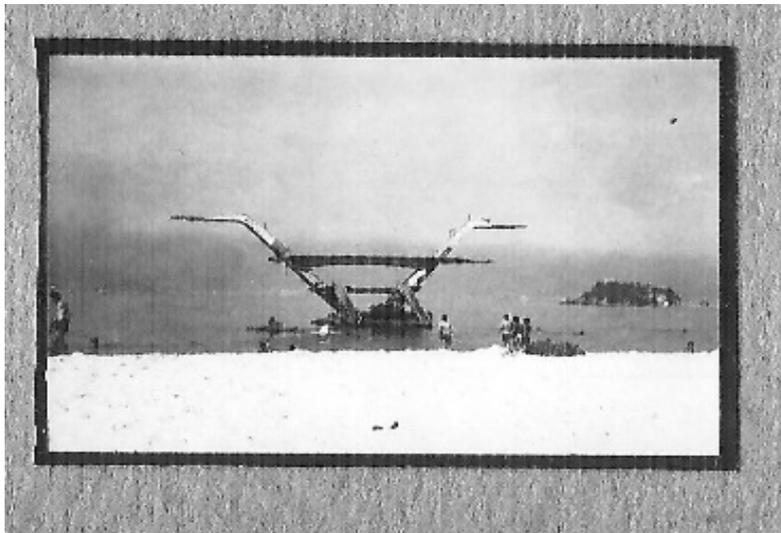


Foto do Trampolim – Praia de Icaraí – Anos 50 –  
Arquivo pessoal do Sr. Ronald Hudson

### **3.5. Recuperando a história das duas comunidades: a vida por dentro das instituições**

De acordo com o demonstrado no capítulo 3, os dois grupos étnicos pesquisados tiveram ampla visibilidade na sociedade niteroiense, como, igualmente, na mídia jornalística, sendo constantemente citados em jornais e revistas da época. Na região litorânea onde viveram, com destaque para o bairro de Icaraí, estes estrangeiros frequentaram espaços públicos diversos, fazendo-se presentes nas praias, cinema, bar do Honorato, Cassino, festas carnavalescas de rua, bem como em outros ambientes que se possa imaginar. Além disso, um pequeno número de britânicos dirigiu clubes locais, enquanto outros jovens desportistas e atletas, de nacionalidade britânica e alemã, fizeram-se representantes destes grêmios competindo em atividades e torneios esportivos, especialmente no Clube de Regatas Icaraí.

Com base nesta constatação, é importante indagar em que medida estes dois grupos de imigrantes estiveram abertos ao relacionamento social com a comunidade local e de que maneira interagiram com outros grupos de estrangeiros. Na verdade, faltam-nos dados sobre a interação dos alemães com os moradores de Niterói. Todavia, acreditamos que esta colônia tenha sido permeável ao relacionamento com a população local. Inclusive, já havíamos assinalado a existência de cinco imigrantes alemães (Hermann Gottlob Stroebel, Carlos Ranger, Franz Julius Wilberg, Christian Luiz Schultz e Carl Eduard Luiz Huner) casados com brasileiras no contexto da capital do Estado, na década de 1910.<sup>640</sup>

---

<sup>640</sup>Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

No que diz respeito aos britânicos, esta questão parece bem diversa. Fontes orais e escritas são coincidentes na afirmação de que estes estrangeiros se mantiveram independentes, ou seja, fechados em sua comunidade e reservados às suas instituições, até pelo menos o final das décadas de 1950 ou 60. Inclusive, em entrevista concedida ao Jornal do Brasil, na década de 1970, alguns sócios do Rio Cricket pertencentes à colônia britânica local relataram que “*das festas que realizavam surgiram muitos casamentos com moças filhas de ingleses, a maioria ainda morando em Niterói (...).*” Estas moças, de acordo com o mesmo artigo, se casaram com “*os rapazes solteiros das firmas – London & Brazilian Bank; London & River Plate Bank; British Bank of South América; Rio de Janeiro Flour Mills & Granaries Co. Ltd.; Western & Brazilian Telegraph; Leopoldina Railway*”.<sup>641</sup>

Estas firmas, por sua vez, mantiveram seus empregados morando em chácaras bem localizadas em Niterói, em endereços nobres de Icaraí, São Domingos e Boa Viagem, próximos aos clubes britânicos, onde conviveram, namoraram e casaram com as jovens pertencentes à colônia britânica.

Frederic Robert Towersey, em seu escrito intitulado “The British in Niterói”, faz uma indagação sobre “como os britânicos se misturaram à população local?” (How did they mix with the local people?). Ao que ele mesmo responde dizendo: - **Eles não se misturaram. (They didn’t).** E em seguida faz uma breve explanação sobre o assunto:<sup>642</sup> (O grifo é nosso)

---

<sup>641</sup>Jornal do Brasil – 1970 a 1979 – PRC\_SPR\_00009\_030015. Ed. 00313 (1), Rio de Janeiro, Domingo, 17 de fevereiro de 1974. Caderno RJ, p. 58.

<sup>642</sup>TOWERSEY, op. cit.

*Eles se relacionavam muito entre si e desenvolveram em Niterói seu próprio modo britânico de vida. Eles todos viveram em uma mesma parte da cidade. Eles sempre sentaram em seu próprio lugar da barca para ir e voltar do Rio [...] n a primeira classe, na parte superior [...] do lado direito da embarcação. [...] Eles iam para a praia juntos; Eles alugavam caminhões e iam juntos fazer piqueniques em praias distantes. Eles freqüentavam seus próprios clubes, onde somente falavam o inglês; eles iam para sua própria igreja com serviços em inglês; suas crianças iam para sua própria escola inglesa; e em Santa Rosa eles até mesmo construíram sua própria casa de repouso para idosos. Eles juntavam-se antes do almoço no sábado e domingo e bebiam gin tônico e, nas noites, soda com whisky que é um costume britânico. Nas tardes, as senhoras se juntavam para o chá e para comer sandwiches de pepino, uma especialidade britânica. As crianças brincavam juntas e tinham seus próprios grupos de escoteiros e bandeirantes. Os homens fundaram suas próprias lojas maçônicas; e nos seus clubes jogavam jogos britânicos de cricket, hockey; rugby; boliche (bowls); tennis; sinuca (snooker) e dardos (darts) – e talvez até um pouco de futebol [...] Os homens que trabalhavam todos os dias em companhias onde somente o inglês era falado tinham pouca oportunidade ou necessidade para aprender a falar mais que um pouco de português básico. As senhoras, entretanto, tinham que fazer um esforço maior uma vez que elas tinham que negociar com as empregadas domésticas e os comerciantes. Até fazer compras era fácil para eles já que no Rio, na rua Primeiro de Março, perto do terminal de barcas, existia uma loja chamada Portuguese Joe, e lá você podia comprar, em inglês, tudo que pode ser achado em um mercadinho inglês comum. [...] ]<sup>643</sup> (o grifo é nosso)*

---

<sup>643</sup> TOWERSEY, op. cit. O texto original em inglês é: “They kept themselves very much to themselves and developed in Niterói their own British way of life. They all lived in the same part of town – they always sat in their own part of the ferry going to and from Rio (...) (The British always sat together upstairs on the starboard side). They went to the beach together; they hired trucks and went together on picnics to distant beaches; They frequented their own clubs where only English was ever heard spoken; They went to their own church for services in English; their children went to their own English school; and in Santa Rosa they even built their own home for their people. They gathered together before lunch on Saturdays and Sundays and drank very british gin tonics, and in the evenings, very British whisky sodas. In the afternoons the ladies gathered together for tea and very British cucumber sandwiches. The children played together and had their own British Boy Scouts and Girl Guides. The men founded their own British Masonic lodges; and at their clubs played the British games of cricket, hockey; rugby; bowls; tennis; snooker e darts and perhaps just a little football (...)The men who worked all day in companies where only English was spoken had little opportunity or necessity to learn to speak more than a little basic Portuguese. The ladies, however, had to make more of an effort as they had to deal with maids and shopkeepers. Even shopping was made easier for them as in Rio, in the rua Primeiro de Março, close to ferry terminal, there was a shop called Portuguese Joe, and there you could buy, in English, everything that would be found in average English grocery store. You required marmite, Custard powder, Coleman’s mustard, Branston pickle, orange marmalade, Cadbury’s chocolate, Portuguese Joe had it.”

Ainda que as fontes inquiridas reafirmem o ponto de vista de Towersey, é importante não ignorar que havia, sobretudo nos segmentos superiores da colônia britânica, uma convivência com a elite niteroiense nos clubes, eventos esportivos e sociais e nos espaços de lazer públicos da cidade. A par dessas exceções, a comunidade inglesa mantinha-se comumente destacada do conjunto da sociedade local.

O próprio Gilberto Freyre, há várias décadas atrás, já refletira sobre este aspecto comportamental dos ingleses, concluindo que “repugnava-lhes criar amizade nova no estrangeiro ou adquirir um hábito ou mesmo uma palavra exótica”<sup>644</sup> O mesmo Freyre cita ainda uma passagem de Eça de Queiroz, o grande escritor luso do século XIX, que retrata de forma impecável esta característica tão intrinsecamente relacionada a este povo:

*[...] Sempre um inglês! Inteiramente inglês, tal qual como saiu da Inglaterra, impermeável às civilizações alheias, atravessando religiões, hábitos, artes, culinárias diferentes, sem que se modifique num só ponto, numa só prega, numa só linha o seu protótipo britânico [...]*<sup>645</sup>

Contrastando com a pouca acessibilidade a outros grupos étnicos, os britânicos sentiam uma enorme necessidade de interação social com o seu próprio grupo e manifestavam uma forte tendência ao associativismo. Sobre a essência do caráter associativo desse povo, destaca-se, em primeiro plano, a vivência coletiva na prática de diferentes esportes. A maior prova disso é que, antes mesmo de fundarem sua igreja e escola, em Niterói, inauguraram seus clubes.

A ênfase no caráter associativo destes estrangeiros, inclusive, é destacada em um antigo ditado europeu que faz a seguinte afirmação: **“Dois escoceses, uma bebedeira; dois irlandeses, um briga; dois ingleses, um clube”**.<sup>646</sup>

<sup>644</sup> FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil, op. cit., p. 12.

<sup>645</sup> ibid., p. 13.

<sup>646</sup> Jornal do Brasil – 1970 a 1979 – PRC\_SPR\_00009\_030015. Ed. 00313 (1), Rio de Janeiro, Domingo, 17 de fevereiro de 1974. Caderno RJ, p. 58.

### 3.5.1. Os clubes britânicos e alemães em Niterói: convivências e rupturas

O Rio Cricket foi o primeiro clube fundado por britânicos em Niterói no ano de 1897. O surgimento desta instituição resultou de uma crise interna vivida pelo Rio Cricket Club, situado na capital da República. No final do século XIX, o terreno onde se localizava o clube carioca era alugado, gerando, entre seus sócios, o desejo de adquirir uma sede própria. Todavia, devido aos altos preços dos terrenos na cidade do Rio de Janeiro, a realização deste sonho se tornara de difícil concretização. Neste contexto, alguns britânicos, moradores de Niterói, tiveram a ideia de adquirir um terreno na capital do Estado que servisse à criação de um novo clube.<sup>647</sup>

George E. Cox, “a typical Britisher in his love of manly sports”, ao saber da existência de algumas terras do outro lado da baía, por alguns rapazes da família Morrissy, moradores em Niterói, logo demonstrou interesse por esta idéia, fato este que relatou ao repórter do “The Rio News”, no dia da festa de inauguração do Rio Cricket:

Sempre apreciei as nossas tradicionais formas de diversão e pensei o quanto seria bom ter um lugar onde meus filhos e os rapazes pertencentes aos bancos e as casas comerciais pudessem desfrutar de bons momentos jogando cricket, tênis ou simplesmente pedalando suas bicicletas. Então era preciso achar um local que fosse conveniente. Este lugar certamente não seria encontrado na cidade do Rio de Janeiro visto que ali não havia terrenos com preços acessíveis. Então, quando os rapazes da família Morrissy me falaram desse terreno em Niterói, eu logo percebi que aquela proposta tinha potencial.<sup>648</sup>

---

<sup>647</sup> Jornal do Brasil – 1970 a 1979 – PRC\_SPR\_00009\_030015. Ed. 00313 (1), Rio de Janeiro, Domingo, 17 de fevereiro de 1974. Caderno RJ. p. 58. Ver também: IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. Rio Cricket e Associação Atlética: mais de um século de paixão pelo esporte, Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2008, p. 25-28.

<sup>648</sup>The Rio News, Ed. 00024, June 14 th, 1898, p. 5. O texto original em inglês é o seguinte: “I have always been fond of good old games, and I thought I’d like to have a place where my boys and the “boys” of the banks and commercial houses could have a jolly time at cricket and tennis and a spin on a bike and so on, and so I looked out for a convenient place. We found we couldn’t get grounds of our own on the other side (na cidade do Rio de Janeiro) without paying too heavily for them, so when the Morrissys told me of this ground I was not long in spotting its possibilities.”

De acordo com a “Revista Rio Cricket” de 1984, “Bancos londrinos, Companhias inglesas e destacados desportistas foram os acionistas que formaram o capital de 60 contos de réis, para a compra do terreno e construção do primeiro pavilhão em 1897.”<sup>649</sup> Dentre os principais acionistas se encontravam: The London & River Plate Bank, The London & Brazilian Bank, The British Bank of South America, The Rio de Janeiro Flour Mills, Mr Paul Taves e o Sr. Francisco Sampaio.<sup>650</sup>

O terreno adquirido possuía amplas dimensões, com 278 metros de frente e 330 metros de lado,<sup>651</sup> voltando-se ao mesmo tempo para as ruas da Constituição (Miguel de Frias), em Icaraí, e Marquês de Paraná. Nesta época, foi lavrada uma ata, assinada por 32 pessoas, onde a entidade recebia o nome de “Rio Cricket and Athletic Association”.<sup>652</sup> Os primeiros dirigentes da associação foram Basil J. Freeland (presidente) e George E. Cox (vice-presidente).<sup>653</sup>

“Logo foi formado um campo para a prática de Cricket e outro para o Tênis, surgindo mais tarde outros esportes: Rugby, Hockey e Futebol.”<sup>654</sup> De início, as finanças do clube, restritas às mensalidades pagas pelos sócios, eram utilizadas quase que exclusivamente para organizar os eventos esportivos.<sup>655</sup> A única construção existente na associação era uma cabana, apelidada de pavilhão, que refletia, além do orçamento apertado, a mentalidade britânica de privilegiar o que realmente era necessário, o campo, evitando gastos supérfluos.<sup>656</sup>

A simplicidade e o despojamento da cabana a que chamavam de pavilhão estavam na medida para o uso que faziam dela. Os encontros esportivos ou as happy hours depois do trabalho, sempre regados a whisky ou chá, não exigiam conforto exagerado ou luxo – bastavam que proporcionassem um abrigo e um lugar para sentar e apoiar o copo ou a xícara.<sup>657</sup>

<sup>649</sup> Revista Rio Cricket, Ano 1 – N<sup>o</sup> 1 – Abril – 1984 – Circulação Dirigida. p. 3.

<sup>650</sup> The Rio News, Ed. 00024, June 14 th, 1898, p. 5. Ver também IORIO, op. cit., p. 28-30.

<sup>651</sup> IORIO, op. cit., p. 28-30.

<sup>652</sup> Revista Rio Cricket, Ano 1 – N<sup>o</sup> 1 – Abril – 1984 – Circulação Dirigida. p. 3.

<sup>653</sup> “Rio Cricket and Athletic Association / Fixture Card”. Arquivo do Rio Cricket.

<sup>654</sup> Revista Rio Cricket, op. cit., p. 3

<sup>655</sup> IORIO, op. cit., p. 114.

<sup>656</sup> *ibid.*, p. 113.

<sup>657</sup> *ibid.*, p. 113, 114.

A falta de um local mais confortável no clube, que só viria a receber luz elétrica em 1913, criou o hábito entre seus sócios de realizar reuniões mensais de diretoria fora de suas dependências, porém sempre na cidade de Niterói.<sup>658</sup> Por um período, estas reuniões seriam realizadas nas Chácaras da Leopoldina Railway, da Western Telegraph e dos bancos The London and Brazilian Bank e London and South American Bank. Além disso, os sócios do Rio Cricket se utilizavam das residências de Mr. Ginns e Mr. Foy, este último Superintendente da Western Telegraph.<sup>659</sup>

Em troca, estas firmas, cujos membros habitualmente eram sócios do Rio Cricket, realizavam eventos se utilizando das instalações esportivas deste clube. Assim, em outubro de 1900, ocorreu no “Cricket at Icarahy” uma disputa entre os jogadores que representavam o London and Brazilian Bank e o British Bank.<sup>660</sup> Alguns meses depois, em junho de 1901, as duas companhias, Leopoldina Railway e Western Telegraph, conseguiram formar dois times suficientemente bons para entrar em campo no clube britânico, de forma a representá-las.<sup>661</sup>

A ausência de um espaço adequado para festas, tão a gosto dos britânicos, fez com que estes imigrantes tivessem que realizar seus bailes em outros locais. Na primeira década do século, os bailes eram realizados na primeira Chácara da Western Telegraph em São Domingos.

---

<sup>658</sup> *ibid.*, p. 112.

<sup>659</sup> *ibid.*

<sup>660</sup> The Rio News, Edição 00040 (1), October 2<sup>nd</sup>, 1900, p. 4.

<sup>661</sup> The Rio News, Edição 00024 (1), June 11<sup>th</sup>, 1901, p. 5.

No sábado, dia 14 (inst) o presidente e o “Messe” da Chacara Western Telegraph ofereceram um baile muito agradável na propriedade em São Domingos. Nada menos que 300 pessoas estiveram presentes a este evento e três salões ficaram repletos de convidados. O ambiente estava lindamente decorado, com lanternas e luzes coloridas. O lugar é ideal para bailes e os membros do “Mess” não mediram esforços para que o evento fosse um sucesso. Uma barca especial foi contratada e por volta das 3 horas da madrugada, a maioria dos participantes retornou ao Rio fazendo-se acompanhar pela luz da Lua.<sup>662</sup>

Posteriormente, a partir de 1917, com a compra de um novo prédio na rua Passo da Pátria, nº 156, para abrigar os funcionários desta organização, os bailes passaram a ser realizados neste novo endereço, onde hoje se localiza a Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF. Ali, de acordo com duas entrevistadas<sup>663</sup>, aconteceram festas memoráveis que atraíam inclusive os britânicos do Rio de Janeiro:

Naquele período, “(...) vinha o pessoal do Rio aos bailes que (aconteciam) ali, onde está a Faculdade de Engenharia hoje em dia ( ...) (Naquela época, quando ainda) não tinha aterro, (...) tinha uma ponte e eles vinham de barca para os bailes. Minha mãe disse que os bailes eram muito bonitos, a colônia inglesa toda ali dançando.”<sup>664</sup>

---

<sup>662</sup> The Brazilian Review – 1889 a 1913 – PR\_SPR\_02584\_161993, Edição 00039 (1) Setember 24 th, 1907, p. 18. No original em inglês: “On Saturday 14 th inst the President and Mess of the Western Telegraph Chacara gave a very enjoyable ball at their quarters at São Domingos. The number of people there cannot have fallen far short of 300 and three rooms were utilized for dancing. The grounds were very prettily decorated with lanterns and fairy lights. The quarters are an ideal spot for a dance and the members of the mess spared no pains to make the event the success which it was. A special barca was provided at 3 a.m. and by it most of the dancers returned to Rio by the light of the comet.”

<sup>663</sup> Entrevistas de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, e Norma Portugal Fellows, em 20/01/2015, à autora.

<sup>664</sup> Entrevistas de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

No início do século XX, dos sócios do Rio Cricket, a maciça presença era de origem britânica. Os poucos associados brasileiros normalmente eram personalidades políticas que figuravam como sócios honorários.<sup>665</sup> Além dos britânicos, sócios de nacionalidade alemã e austríaca podiam ser encontrados no clube, pelo menos nas duas primeiras décadas do século XX.<sup>666</sup> Dentre estes, alguns, inclusive, tiveram participação importante em equipes esportivas do Rio Cricket. Um primeiro exemplo a ser citado é o de Walter Schuback.<sup>667</sup> Além deste, havia o alemão Mutzembercher que chegou a ser considerado o principal artilheiro do time de futebol deste clube em 1906.<sup>668</sup>

A presença dos alemães no Rio Cricket certamente não foi obra do acaso. Conforme já foi demonstrado, desde o século XIX, britânicos e alemães gozavam de uma afinidade social, o que os levou inclusive a frequentarem um antigo clube em São Domingos, o Clube Internacional. Além disso, sempre viveram muito próximos na cidade, povoando os mesmos bairros e as mesmas ruas de Niterói. Se isto não fosse o bastante, estes estrangeiros ainda partilharam uma identificação profissional, visto que atuaram, por décadas, em ramos de negócios bastante semelhantes na cidade do Rio de Janeiro. Por fim, é importante destacar que, da mesma forma que os britânicos, os alemães também trouxeram de seu continente de origem uma cultura que valorizava sobremaneira a prática de esportes.

---

<sup>665</sup> Um levantamento nos 11 livretos intitulados “Rio Cricket and Athletic Association / Fixture Card”, referentes aos anos de 1918, 1923, 1927, 1928, 1930, 1931, 1932, 1936, 1940, 1941 e 1945, mostra que eram bem escassos os sócios brasileiros pertencentes a este clube.

<sup>666</sup> Arquivos do Rio Cricket: Livro de Atas de Reunião de Diretoria AGO /1907 a FEV/1918: Ata de 25 de outubro de 1917, 5ª feira, p. 140. IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. Rio Cricket e Associação Atlética: mais de um século de paixão pelo esporte, p. 111.

<sup>667</sup> The Brazilian Review, Ed. 00035 (1), september 2 nd, 1902, p. 14.

<sup>668</sup> IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. Rio Cricket e Associação Atlética: mais de um século de paixão pelo esporte, p. 103

O gosto dos britânicos e alemães por jogos esportivos e pelo mar os levou a criar, juntamente com outros grupos minoritários de estrangeiros, como dinamarqueses, austríacos, suecos e suíços, além de brasileiros, o Iacht Club Brasileiro (ICB).<sup>669</sup> Este clube surgiu, inicialmente, na cidade do Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1906, e só posteriormente foi transferido para Niterói. Uma vez nesta cidade funcionou por alguns anos na rua Alexandre Moura, n. 7, em São Domingos.<sup>670</sup>

Embora fatores de ordem profissional, sociocultural e esportiva agregassem os britânicos e alemães, um fato político de grandes proporções trouxe conseqüências negativas para a relação destas duas comunidades em Niterói. No decorrer da Primeira Guerra Mundial criou-se um clima de oposição entre esses dois grupos étnicos que acabou por repercutir em suas próprias associações. No ano de 1914, os britânicos se retiraram do Iate Clube Brasileiro, onde, aliás, “o número de sócios alemães já havia se tornado superior ao dos ingleses”.<sup>671</sup> Neste mesmo ano, os britânicos, incluindo Charles Causer, uniram-se a alguns dinamarqueses e fundaram o Rio Sailing Club, na Estrada da Fróes, nº 418.<sup>672</sup> No ato de sua criação, o Rio Sailing Club contou com a inclusão de “80 sócios effectivos” e com o registro de “15 embarcações a vela, de diversos tamanhos.” Logo nas primeiras semanas, após a sua fundação, esta associação realizou uma regata na Enseada de Jurujuba, onde constaram diversas provas de natação, water-polo e outras. A corrida para “teams de 4 nadadores” foi disputada por funcionários do British Bank e da Western Telegraph, enquanto que a corrida para embarcações à vela teve a participação de 14 barcos inscritos.<sup>673</sup>

---

<sup>669</sup> Site do ICB: [HTTP://www.icb.org.br/](http://www.icb.org.br/) Acessado em 14/01/2013.

<sup>670</sup> Correio da Manhã – 1920 a 1929 PR\_SPR00130\_089842, Ed. 07723 (1) , p. 6, Quinta-feira, 22 de abril de 1920.

<sup>671</sup> Jornal do Brasil – 1970 a 1979 – PRC\_SPR\_00009\_030015. Ed. 00313 (1), Rio de Janeiro, Domingo, 17 de fevereiro de 1974. Caderno RJ. p. 58.

<sup>672</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie à autora em maio de 2012.

<sup>673</sup> O Imparcial – 1912 a 1919 – PR\_SPR\_00008\_107670. Ed. 00506 (1), Quinta-feira, 21 de maio de 1914. p. 8.

Um ano depois, em 1915, quando a Guerra já entrara em sua segunda fase, os britânicos se mobilizaram para desligar os associados alemães e austríacos do quadro social do Rio Cricket. Todavia, como este clube não era constituído como associação britânica, não possuindo, portanto, estatuto que respaldasse essa proposta, os sócios alemães e austríacos tiveram a liberdade de permanecer, caso assim desejassem.<sup>674</sup>

Além dos conflitos existentes com os britânicos, os alemães tiveram que enfrentar, igualmente, a hostilidade dos brasileiros. Com o rompimento das relações comerciais e diplomáticas entre Brasil e Alemanha, em abril de 1917, várias manifestações populares ocorreram em cidades e capitais do País. Em Petrópolis, devido à amplitude de sua comunidade, os moradores alemães foram bastante afetados. Na capital do Estado Rio, embora a colônia fosse menor, nem por isso deixou de sofrer represálias.

Como exemplo disto, podemos citar a escola alemã de Niterói “filial da conhecida Escola Allemã do Rio de Janeiro”, situada “na rua da Conceição, 81, perto da Estação das Barcas”<sup>675</sup> que, frente ao clamor popular, teve que encerrar as suas atividades pouco tempo depois de ter sido criada:

Se no Rio de Janeiro as perseguições aos súditos dos Impérios Centrais se diluíram e não chegaram a afetar a desabitada zona em que estava a Escola Alemã, tão fora de mão e incômoda para manifestações hostis, as aulas ali sofreram apenas interrupção de uma semana. Niterói, bem menor, onde a escola dos alemães se achava instalada na rua mais central da cidade, onde passava a maioria dos bondes para a Zona Sul, todas as atenções e atos diversos e até agressivos da população exaltada se convergiam, o estabelecimento não teve outro caminho senão o de cerrar suas portas, para proteger seus alunos.<sup>676</sup>

---

<sup>674</sup> IORIO, op. cit., p. 131.

<sup>675</sup> O Fluminense – 1910 a 1919 – PR\_SPR\_00038. O Fluminense, 4<sup>a</sup> feira, 30.03.1916, p. 4.

<sup>676</sup> WEHRS, Carlos 125 anos de presença germânica em Niterói 1814-1939, op. cit., p. 203.

Em 26 de outubro de 1917, o Presidente da República, através do Decreto 3.361, sancionou uma resolução do Congresso Nacional que, em seu artigo único, estabelecia o seguinte texto:

Fica conhecido e proclamado o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão contra o Brasil e autorizado o Presidente da República a adotar providências constantes da mensagem de 25 de outubro corrente e tomar todas as medidas de defesa nacional e segurança pública que julgar necessários (...)<sup>677</sup>

Com base neste Decreto, como já foi mencionado, foi feita uma convocação aos alemães moradores em Niterói e seus arredores, para se apresentarem à 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro. Nesta oportunidade, cerca de uma centena de imigrantes deixou registrada na Delegacia seus dados de identificação pessoal e familiar. Esta medida favoreceu a produção de um documento, contendo dados importantes sobre uma parcela significativa dos alemães moradores de Niterói no período da Primeira Guerra Mundial.<sup>678</sup>

Os alemães pertencentes a esta listagem residiam principalmente em Icaraí, porém um número nada desprezível havia se fixado no Saco de São Francisco. Dentre os moradores desta região, identificamos o alemão Max Janke, sua esposa Malvina Janke e seu colaborador Carlos Ranger. Além destes, havia ainda um grupo de 18 alemães do ramo marítimo que se encontravam desembarcados e morando temporariamente no Hotel Balneário, em São Francisco, possivelmente em decorrência do Conflito Mundial. A presença destes alemães, em uma região quase despovoada, provavelmente atraiu a desconfiança dos escassos nativos do lugar.<sup>679</sup>

---

<sup>677</sup>Relação de alemães da 2ª Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, op. cit.

<sup>678</sup>ibid.

<sup>679</sup>ibid.

Ao se reportar a este período, Emanuel de Macedo Soares dá a entender que a população do Saco de São Francisco demonstrou dificuldade em diferenciar os habitantes alemães do restante dos estrangeiros que moravam na região. Em decorrência disto, segundo este memorialista “os italianos do Lido e Hotel Balneário, o alemão Max Janke e até os aliados franceses da fábrica Rameau (foram) indistintamente considerados inimigos e hostilizados, (tendo) suas casas apedrejadas.”<sup>680</sup>

Próximo ao final da guerra, os britânicos, impossibilitados de desligar os antigos sócios alemães e austríacos do Rio Cricket, decidiram impedir a entrada de novos sócios pertencentes a estas duas nacionalidades. De acordo com uma deliberação registrada em ata no mês de agosto de 1917: “*Nenhuma pessoa de nascimento alemão ou austríaco, ou que tenha adotado tais nacionalidades, ou a de outros países aliados a Alemanha ou à Austria, (poderá) ser aceita como sócia ou empregada deste clube*”.<sup>681</sup>

Um levantamento feito nos “Fixture Card”, relativo ao período de 1918 a 1945 demonstra que a deliberação de 1917 continuou a ser respeitada, mesmo após o término da Guerra, visto que nas décadas subsequentes praticamente não foram encontrados sócios de origem germânica no Rio Cricket.<sup>682</sup> Na avaliação de seu Alastair, a composição de associados, por nacionalidade, pertencentes ao Rio Cricket, no período estudado, tinha um predomínio de ingleses, ou de filhos de ingleses nascidos no Brasil, além de irlandeses (e também escoceses). Quantos aos sócios do Sailing Club, a grande maioria era composta por ingleses e escandinavos.<sup>683</sup>

<sup>680</sup> SOARES, op. cit., p. 82 e 83

<sup>681</sup> Arquivos do Rio Cricket: Livro de Atas de Reunião de Diretoria AGO /1907 a FEV/1918: Ata de 25 de outubro de 1917, 5ª feira, p. 140.

<sup>682</sup> “Rio Cricket and Athletic Association / Fixture Card”, referentes aos anos de 1918, 1923, 1927, 1928, 1930, 1931, 1932, 1936, 1940, 1941 e 1945.

<sup>683</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie à autora em maio de 2012.

No final dos anos 20, a necessidade de atrair novos sócios para o Rio Cricket, somado ao desejo de promover uma melhoria de suas instalações, determinou a construção de um novo pavilhão para o clube.<sup>684</sup> A nova sede, que permanece até os dias atuais, “foi construída em 1930 graças a um levantamento entre acionistas e amigos do clube no valor de 200 contos de réis.”<sup>685</sup>

No lugar do antigo pavilhão que já se encontrava em péssimas condições surgiu de acordo com Brooking, “uma espaçosa e confortável sede, merecedora do nome, contendo vestiários, sala de leitura, dependências das senhoras, salão de bilhar, salão de baile com palco (para amadores), cozinha e uma varanda larga.”<sup>686</sup> “Sua inauguração foi no ano seguinte, 1931, numa festa que marcou época em Niterói, pois contou com a presença do Príncipe de Gales e do Príncipe George.”<sup>687</sup>

Em uma grande matéria de primeira folha, o Jornal “O Fluminense” de abril de 1931 destacava com elogiosas palavras a visita destes dois representantes da Coroa britânica, enfatizando sua importância para o Brasil. A seguir, citamos um pequeno trecho do artigo, o qual se refere especialmente a Niterói:

*(A visita) dos “illustres principes de Galles e George, da família real da Grã-Bretanha e do Império Britânico (...) satisfaz as aspirações e desejos desta população, em cujo meio convivem elementos preponderantes da colônia inglesa (...).” “A chegada de Suas Altezas está marcada para cerca de 4, 15 horas da tarde, vindo SS. AA de lancha especial que atracará na ponte da companhia Cantareira e serão recebidos pelo dr. Plínio Casado, interventor federal, seguindo depois para o campo do Rio Cricket, em Icarahy.”*<sup>688</sup> (O grifo é nosso)

---

<sup>684</sup> IORIO, op. cit., p. 154-156.

<sup>685</sup> Revista Rio Cricket, Ano 1 – Nº 1 – Abril – 1984 – Circulação Dirigida. p. 3.

<sup>686</sup> IORIO, op. cit., p. 154-156

<sup>687</sup> Revista Rio Cricket, Ano 1 – Nº 1 – Abril – 1984 – Circulação Dirigida. p. 3.

<sup>688</sup> O Fluminense – 1930 a 1939. PR\_SPR\_00038. Nitheroy, 4<sup>a</sup> feira, 8 de abril de 1931.

Tendo em vista as dimensões privilegiadas de sua área externa, o clube chegou a possuir nove quadras de tênis. Mais tarde, por necessidade financeira, o Rio Cricket vendeu, a terceiros, um pedaço do terreno, onde estavam situadas algumas destas quadras, para dar lugar a um conjunto de prédios de apartamentos. Outra área possuidora de um gramado invejável foi conservada até os dias atuais. Neste campo, outrora, os sócios praticavam campeonatos de cricket, rúgbi, hóquei, vôlei, pitch-and-putt (uma espécie de golfe) e futebol.<sup>689</sup>

O trabalho de levantamento de fontes, inclusive os depoimentos orais, apontam para a importância do tempo passado nos clubes pelos britânicos. De acordo com D. Sheila Causer, os membros da comunidade inglesa de Niterói geralmente pertenciam aos dois clubes: de manhã frequentavam o Sailing, o clube mais esportivo, e de tarde iam ao Cricket, o clube mais chique.<sup>690</sup>

A frequência a estes clubes não se restringia aos fins de semana. Pelo contrário, naquela época, o comércio abria e fechava mais cedo. Isso permitia que os ingleses largassem o trabalho por volta das dezesseis ou dezessete horas. A rotina era então, após a saída do trabalho na cidade do Rio de Janeiro, atravessar a baía, passar no Rio Cricket para uma confraternização, que subtendia, dentre outras coisas, jogar sinuca e tomar um drinque. Havia, no entanto, quem preferisse pegar um bonde e seguir um pouco além, até o Sailing Club, mais tarde chamado de Rio Yatch Club, na Fróes, onde também era possível gozar um momento de descontração, saboreando um drinque para só então retornar à casa.<sup>691</sup>

---

<sup>689</sup> Jornal do Brasil – 1970 a 1979 – PRC\_SPR\_00009\_030015. Ed. 00313 (1), Rio de Janeiro, Domingo, 17 de fevereiro de 1974. Caderno RJ. p. 58.

<sup>690</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>691</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17 de maio de 2012, à autora.

Ainda de acordo com o senhor Alastair, as mulheres inglesas, naquela época, praticamente não trabalhavam. À exceção ficava por conta de umas poucas representantes do gênero que atuavam como secretárias, no Rio de Janeiro, ou como professoras, como era o caso de sua mãe.<sup>692</sup> Assim, enquanto os homens atuavam profissionalmente, as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos e se reuniam à tarde, uma vez por semana, uma na casa da outra, para jogar bridge, aproveitando também para saborear o chá da tarde.<sup>693</sup> Sob certas circunstâncias, todavia, esta rotina podia ser quebrada, como ocorreu no período da Segunda Guerra Mundial. Durante o tempo que durou este conflito, com a finalidade de contribuir com a Cruz Vermelha, muitas britânicas passaram a se reunir no Rio Cricket, onde se dedicaram às tarefas de enrolar ataduras (curativos) e preparar peças de tricô destinadas aos jovens que lutavam no fronte. Participando deste grupo de voluntárias, estiveram Dona Jane Margareth Aspinall Causer, mãe de Sheila Causer, e D. Renée Anderson, escocesa, mãe de Elsbeth Anderson.<sup>694</sup>

Aos sábados e domingos, além dos esportes praticados no Rio Cricket, os homens gostavam de entreter-se com um jogo de mesa, cuja regra principal era a de que o perdedor pagasse uma rodada de bebidas. A Sinuca era, de igual modo, muito disputada. Tinha torneio a cada 2 ou 3 meses, quando então se fazia fila para participar deste jogo. O ambiente do bar do Rio Cricket era totalmente masculino, já que não era permitida a entrada de crianças, nem de mulheres. As mulheres eram servidas ao lado, em um salão reservado às senhoras. E as crianças lá atrás. Este hábito que dividia os sócios por gênero e por idade só começaria a mudar nos anos 60.<sup>695</sup>

---

<sup>692</sup> Ibidem.

<sup>693</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>694</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14. 06. 2012, e de Elsbeth Anderson, em 11.10.2013, (por telefone), à autora.

<sup>695</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17 de maio de 2012, à autora.

Ao se reportar mais uma vez ao passado, seu Alastair trouxe novas recordações do tempo vivido nos dois clubes. Como meus pais eram sócios, conta ele, desde pequeno eu frequentei o Rio Cricket. Vinha pra cá aos domingos e nos dias de festas. Nesta época, havia muitos esportes como o cricket, o tennis, o bowls (boliche) e o futebol. Aconteciam, igualmente, corridas em volta do campo, maratonas, dentre outras. Aos sábados, após a ida ao Cinema Icaraí, ou ao Metro Passeio, na cidade do Rio de Janeiro, voltava para correr de barco à vela no Rio Ceiling Club, quando não ia ao Rio Cricket para participar de alguma partida de futebol. A piscina só seria construída bem depois dos anos 60.<sup>696</sup>

Sempre eram realizadas brincadeiras e confraternizações com as crianças. Além disso, aconteciam muitos casamentos e bailes de final de ano no Rio Cricket. Os mais famosos eram os de Reveillon, carnaval e aniversário do Clube.<sup>697</sup> “O Rio Cricket era famoso pelos bailes do fim do ano, o baile do dia 31 de dezembro. Pessoas vinham do Clube Paissandu no Rio para participar desses bailes.”<sup>698</sup> De acordo com o senhor Jorge Fellows, à meia-noite todos desciam ao campo de futebol, davam-se as mãos, fazendo aquela roda enorme e cantando em inglês, “Auld Lang Syne” (Adeus amor eu vou partir...)<sup>699</sup> No final, todo mundo se abraçava. “Era uma coisa linda”, completa D. Dulce Fellows.<sup>700</sup>

---

<sup>696</sup> Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17 de maio de 2012, à autora.

<sup>697</sup> *ibid.*

<sup>698</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>699</sup> Entrevista de Jorge Fellows, em 20/01/2015, à autora.

<sup>700</sup> Entrevista de Dulce Fellows, em 20/01/2015, à autora.

Outras comemorações aconteciam, de igual modo, no clube, como a tradicional festa escocesa de Santo André (St Andrew Day) comemorada no dia 30 de novembro. Nesta oportunidade, todos se vestiam a caráter, em trajes escoceses, inclusive os homens, e realizavam as danças típicas daquele país. De acordo com D. Elspeth Anderson, seus pais, James Spencer Anderson e Renée Anderson, ambos escoceses e moradores de Niterói, sempre participavam desta festividade.<sup>701</sup>

O clima festivo, tão recorrente nas lembranças de nossos entrevistados, aparece nas páginas de um livro recentemente publicado com o título “Surviving my father (A Memoir). Neste escrito autobiográfico, Dennis Allan Daniel, advogado e residente na cidade do Rio de Janeiro, narra alguns momentos de sua vida passados em Niterói, no período de 1934 a 1955, quando então morava com seus familiares na rua Lopes Trovão, nº 81, em Icaraí.<sup>702</sup> Após um intervalo de tempo em que permaneceu afastado, estudando no Colégio Interno de St. Paul’s School, em São Paulo, no período compreendido entre 1946 e 1949, a adolescência de Dennis se desenvolveu principalmente nos ambientes britânicos do Rio Cricket Club e do Rio Sailing Club em Niterói.<sup>703</sup> Ao fazer referência aos anos dourados em que aqui viveu, Denis faz uma declaração que merece ser reproduzida: “Niterói (ou Nictheroy, como nós britânicos a chamávamos) era uma cidade cheia de alegria e diversão.”<sup>704</sup> Em um outro momento, em que traz à tona novas recordações, confirma esta mesma perspectiva, em relação à sua cidade de origem, ao dizer: “Sim, aqueles eram dias felizes! Eu sempre vou lembrar com carinho daquela época que passei com a turma em Niterói.”<sup>705</sup>

<sup>701</sup> Entrevista de Elsbeth Anderson, em 11.10.2013, por telefone, à autora.

<sup>702</sup> SURVIVING MY FATHER (A Memoir) – Denis Allan Daniel - Published in Brazil: 2013. Alex Forman, Personal Historian ISBN: 978-85-916190-0-9.

<sup>703</sup> *ibid.*, p. 21.

<sup>704</sup> *ibid.*, p. 28. No original: “Niterói (or Nictheroy, as we Brits call it) is full of joy and fun.” .

<sup>705</sup> *ibid.*, p. 29. “Yes, they are happy days! I will always hold dear the time I spend with the gang in Nictheroy.”

Ao mencionar sua turma de amigos (por ele chamada de gang), rapazes e moças de origem inglesa, na faixa etária de 18 a 20 anos, Denis consegue traçar um breve panorama das atividades desenvolvidas pela juventude pertencente à colônia nas décadas de 40 e 50: “*Dançar e jogar tennis eram as maiores razões de curtir a vida. Parecia ter festas em todos os lugares e a turma se encontrava constantemente para ouvir música, dançar, jogar, conversar e se divertir.*”<sup>706</sup>

No início de 1926, o Yacht Club Brasileiro (ICB), até então fixado no bairro de São Domingos, mudou-se para uma construção antiga na Estrada Frões, remanescente do período colonial, datada de 1772, conhecida como Castelo de Jurujuba.<sup>707</sup> Coincidentemente, ou não, este prédio ficava ao lado do Rio Sailing Club. Encravado na rocha, com uma imponente vista para o mar, após sofrer algumas adaptações, o castelo ganhou amplas instalações, dentre as quais é possível citar: salão de honra, bar, garagens de barcos, campo de basquete, cozinha, residência para o administrador, dormitórios para sócios e outras comodidades. A finalidade deste clube era a navegação em barco à vela, motor e remo, natação e pesca, dentre outros esportes.<sup>708</sup>

---

<sup>706</sup> *ibid.*, p. 28. “*Dancing and playing tennis are major reasons to enjoy life. There seem to be parties everywhere and the gang meets constantly to listen to music, dance, play games, chat, and enjoy ourselves.*”

<sup>707</sup> A Manhã – 1925 a 1953 – PR\_SPR\_00007\_116408. Ed. 00123 (1), Sexta-feira, 21/05/1926, p. 8.

<sup>708</sup> A Noite – 1940 a 1949 – PR\_SPR\_00155\_348970. Edição 10818, terça-feira, 24 de março de 1942, p. 2.

No final dos anos 20 e no decorrer da década de 1930, Dona Rose, já citada anteriormente, vinha visitar o ICB, chamado por ela de Clube Alemão, em companhia de seus pais. Conforme nos contou em entrevista, este passeio era para encontrar seus amigos que estudavam como ela na Escola Alemã do Rio de Janeiro. De acordo com nossa depoente, *"o clube era um centro de encontros e meus pais também vinham para jogar tênis."* Além de aderir a este esporte, D. Rose velejava com os colegas *"que tinham barcos (...) no Iate Clube Brasileiro."* Sobre as atividades relacionadas a este Clube, esta alemã, que após a Segunda Guerra se mudou para Niterói, forneceu-nos ainda o seguinte depoimento: *"(...) A gente velejava até o fundo da Baía de Guanabara, até Paquetá, Tipiti, Ilha do Governador, que no norte da Ilha têm praias bonitas, hoje em dia nem sei se existem ainda. A gente pernoitava no barco, ou na praia. Cozinhava na praia, eu já levava coisa fácil de preparar, em geral massas com molho de tomate, frutas, como maçã, sucos, água."* Ao recordar aquele período de sua juventude, observa que *"no Iate Clube tinha uma senhora que fazia doces alemães, uma torta de maçã. Eu acho que seu nome era D. Lina. Ela era famosa pelas tortas de maçã que eles serviam lá no clube, então o pessoal sentava na varanda, tomava chá, a bebida da tarde não era o cafezinho, era chá com tortas variadas. Bom, a mais apreciada naquela época era aquela torta de maçã."*<sup>709</sup>

---

<sup>709</sup> Entrevista com Rose-Marie Esche, em 13/09/2011 e em 20/09/2011, à autora.

O Yacht Club Brasileiro mantinha ainda “*um bellissimo conjunto de remadores, conhecidos no Sport náutico por ‘conjunto dos alemães’*”. Estes rapazes, segundo o *Jornal Gazeta de Notícias*, eram responsáveis por grandes performances em relação a este esporte aquático.<sup>710</sup>

Vale a pena considerar que a nova localização do Yacht Club Brasileiro, bem ao lado do Rio Sailing Club, deve ter contribuído para reaproximar os britânicos e alemães no pós-guerra. Na região da Fróes, de natureza deslumbrante e quase intocada, estes dois grupos de estrangeiros igualmente apaixonados pelos esportes náuticos participaram de competições, refazendo laços sociais há algum tempo interrompidos. Sobre este assunto, o jornal “Diario da Noite”, de dezembro de 1931, traz uma nota que reproduzimos em parte: “*Competição de Yachting: “A segunda competição de regata à vela entre o Yacht Club Brasileiro e o Rio Sailing Club, organizada por este, no dia de antehontem, correu magnificamente, sendo bom o vento reinante.”*”<sup>711</sup>

### 3.5.2. Outras instituições criadas pelos britânicos e alemães

No período posterior à Primeira Grande Guerra, novas instituições foram criadas para atender as necessidades das duas colônias que cresciam. Do lado dos britânicos, foram abertas uma igreja, uma escola, um jardim de infância e uma casa para idosos. De parte dos alemães, uma nova escola e um “clube” na Praia de Icaraí. A igreja alemã só seria fundada décadas depois, após a segunda grande guerra, como veremos no capítulo 4.

---

<sup>710</sup>Gazeta de Notícias – 1920 a 1929 – PR\_SPR\_02764\_103730. Ed. 00286 (1), dez. de 1925, p. 8.

<sup>711</sup>Diario da Noite – 1930 a 1939 – PR\_SPR\_00397\_221961. Ed. B00567 (1), 1.12.1931, p. 6.

No início do século XX, a pequena comunidade britânica, fixada em Niterói, ainda não possuía uma igreja, porém já havia se organizado para receber atendimento religioso. No ano de 1900, identificamos a presença deste tipo de serviço, ministrado pelo Reverendo Irvine Crawshaw, pertencente à Igreja britânica, Church of England, em vários endereços de Icaraí e em suas cercanias.<sup>712</sup> Estes cultos às vezes aconteciam na Rua Mem de Sá, 74,<sup>713</sup> ou na rua Gavião Peixoto, 25.<sup>714</sup> Todavia, podiam ser realizados na casa de algum dos membros da comunidade, como, por exemplo, na de Mr. Whichello, morador da Praia de Icarahy<sup>715</sup>, ou na de Miss Standens, residente neste mesmo bairro.<sup>716</sup>

Através do Jornal “The Rio News”, foi possível acompanhar alguns destes acontecimentos religiosos. Em um anúncio datado de 27 de Março de 1900, o próprio reverendo Irvine Crwshaw solicitava, pessoalmente, ao proprietário do jornal “The Rio News”, Mr Lamoureux, morador de São Domingos desde o século XIX, que ele divulgasse o seguinte evento:<sup>717</sup>

Prezado Mr Lamoureux,  
Solicito que nos ajude a divulgar o fato de que no Domingo, dia 4 de fevereiro, estaremos realizando o serviço da Igreja às 20 horas. Este serviço será realizado na Rua Mendo de Sá, 74, Icarahy, e todos serão bem-vindos. O bonde (Icarahy), que sai de São Domingos, às 19:30, passa nas proximidades da Casa onde ocorrerá o culto.

Atenciosamente,  
Irvine Crwshaw, British Chaplain.

---

<sup>712</sup> Identificamos vários anúncios do jornal The Rio News que divulgavam os serviços religiosos em Icaraí.

<sup>713</sup> The Rio News, Edição 00005 (2), January 30 th, Ano 1900, p. 6.

<sup>714</sup> The Rio News, Edição 00009 (2), February, 27 th, Ano 1900, p.7.

<sup>715</sup> The Rio News, Edição 00022 (2), May 28 th, Ano 1901, p. 4.

<sup>716</sup> The Rio News, Edição 00026 (1), June 25 th, Ano 1901, p. 4.

<sup>717</sup> The Rio News, Edição 00005 (2), January 30 th, Ano 1900, p. 6.

Uma dos eventos da igreja, inclusive, viria a acontecer na Chácara do London and Brazilian Bank situada na Praia das Flexas. Esta reunião, além do cunho religioso, tinha, igualmente, uma proposta benemérita:<sup>718</sup>

O capelão da Igreja Britânica anuncia que o próximo serviço em Icarahy será realizado no próximo domingo, 1<sup>o</sup> de abril, às 20 horas, na Chácara do London and Brazilian Bank na Praia das Flexas. As ofertas serão dadas ao Fundo em benefício das viúvas, órfãos e dependentes de soldados enviados à África do Sul. Mr Crawshaw (pastor) espera que o serviço venha obter uma plena participação.

Cerca de duas décadas após a realização deste evento, no início da década de 1920, a comunidade britânica de Niterói construiu a sua própria igreja em Niterói. Recuperando um pouco da história desta igreja, Towersey faz o seguinte relato:

É interessante notar que quando os primeiros britânicos decidiram construir sua própria igreja, eles compraram terras em São Domingos, na rua Nova, agora chamada Andrade Neves, visto que era ali que eles viviam. Eles estavam prontos para iniciar a construção em 1914, mas eclodiu a Primeira Guerra, obrigando-os a parar. Quando a guerra terminou e eles puderam dar continuidade ao seu projeto o lugar em São Domingos já não era mais adequado à construção da igreja, já que os britânicos tinham se mudado para Icaraí. Então um novo local para a construção foi comprado na rua Gavião Peixoto, onde a igreja construída encontra-se até os dias atuais.<sup>719</sup>

Com o fim da Primeira Guerra, a construção da Igreja de Icaraí mobilizou a comunidade britânica moradora de Niterói e do Rio de Janeiro. Em 1920, o “Centenary Committee” esteve à frente do processo de levantamento de fundos contando para isso com a participação dos mais importantes bancos e firmas britânicos instalados na capital da República.<sup>720</sup>

---

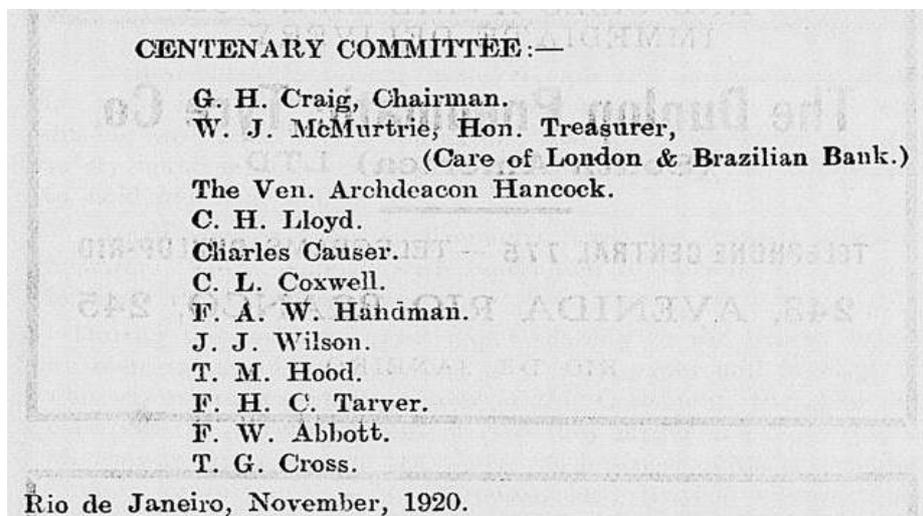
<sup>718</sup> The Rio News, Ed.00013 (2), march 27 th, 1900. Ed.00013 (2), 1900, p. 7.

<sup>719</sup> TOWERSEY, Frederic Robert. Palestra intitulada “The British in Niterói”, Op cit.

A seguir transcrevemos o texto original: It is interesting to note that when the British first decided to build their own church they bought land in São Domingos, in the Nova street, which is now the Andrade Neves street, as that was where they were living. They were ready to start building in 1914, but the onset of the First World War obliged them to stop. When the war finished and they were able to go ahead again the site in São Domingos was no longer suitable as the British had moved to Icaraí. So, a new site was purchased there, in Gavião Peixoto street, where the church stands to this day.

<sup>720</sup> Wileman’s Review, Ed. 00046 (2), November 17 th, 1920, p. 9.

Dentre os membros do referido Comitê constavam alguns moradores de Niterói, como Charles Causer, F. W. Abbott e T. G. Cross, conforme pode ser visto abaixo:



Fonte: Wileman's Review, Ed. 00046 (2), November 17 th, 1920, p. 9.

Do montante arrecadado por esta Entidade, cerca de 60 contos couberam à construção da Igreja de Icaraí. A este valor deveria ser acrescentado o dinheiro da venda de um “pequeno terreno no Gragoatá” (São Domingos), avaliado em 6 contos, originalmente comprado para servir de local à igreja de São Domingos que não chegou a ser construída.<sup>721</sup>

Pelos cálculos apresentados pelo jornal Wileman's Review, o custo total da igreja, incluindo material, mão de obra e mobiliário não orçaria menos de 100 contos. Fazia-se então necessário obter a quantia faltante, estimada em aproximadamente 35 contos.<sup>722</sup>

---

<sup>721</sup>Wileman Review, november 17 th, 1920, Ed. 00046 (1), p. 7.

<sup>722</sup>ibid., p. 7.

Com o intuito de “ajudar o fundo para construção e mobiliamento da nova Igreja Anglicana de Nictheroy”, a comunidade britânica desta cidade resolveu programar uma grande feira country, “The Country Fair”, e criou um Comitê para organizar o Evento. A preparação desta feira foi acompanhada de perto pelo jornal “Wileman Review”.<sup>723</sup>

Em 5 de julho de 1921, o pavilhão do Rio Cricket “foi generosamente colocado à disposição da reunião do Comitê”, responsável pela organização da Feira, que teria como patrono nada menos que o embaixador britânico de sua majestade no Rio de Janeiro. Logo, os jovens moradores das chácaras da Leopoldina e Western Telegraph se mobilizaram para ajudar no Evento, dividindo-se pelas tarefas a serem realizadas. Coube aos membros da Chácara Leopoldina ficar à frente dos esportes e dos jogos. Enquanto os jovens da Chácara Western Telegraph cuidaram das danças, números musicais e do bar.<sup>724</sup> Por fim, houve ainda a contribuição das senhoras e senhoritas que ficaram responsáveis pela arrumação de barracas, contendo doces, louças, miscelâneas (jumble) e flores.<sup>725</sup>

Em uma de suas várias chamadas, o jornal Wileman Review solicitava que “todos os britânicos e americanos residentes” comparecessem à Feira que contaria “com inúmeras atrações.”<sup>726</sup> Além disso, informava que, além das ofertas individuais de dinheiro que continuavam a chegar, 50 firmas já haviam se oferecido para contribuir com o setor de propaganda, sendo esperado que algumas destas firmas viessem, igualmente, a fazer doações em dinheiro.<sup>727</sup>

<sup>723</sup> Wileman Review, Ed. 00027 / July 6 th, 1921, p. 7.

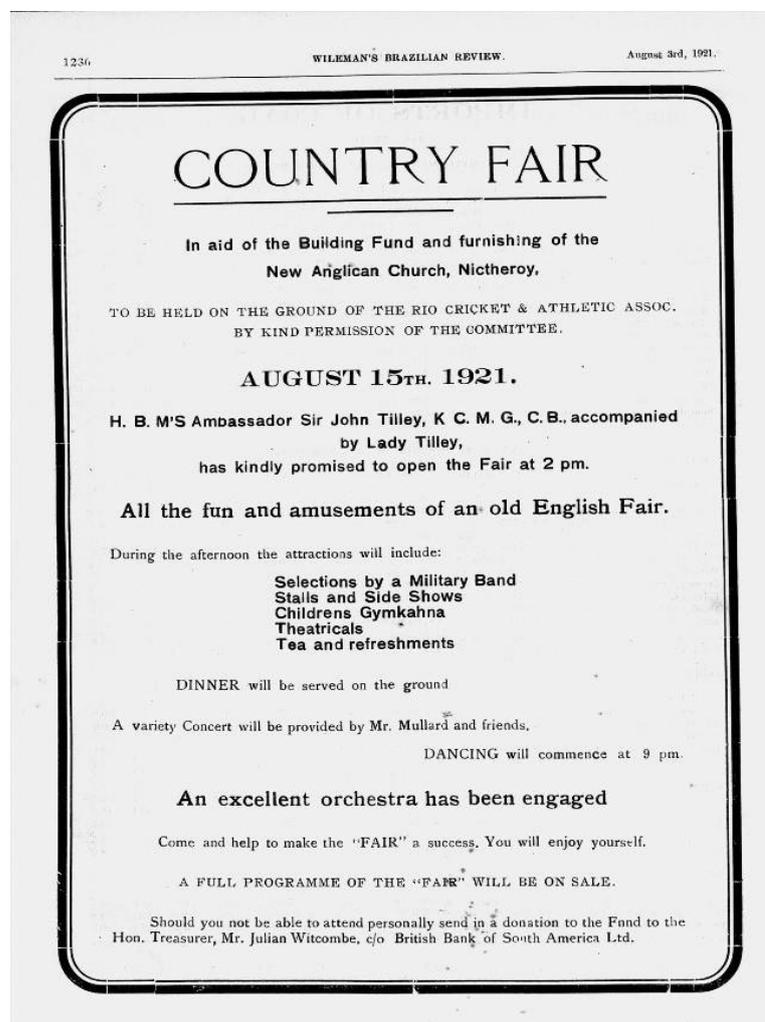
<sup>724</sup> Ibidem.

<sup>725</sup> Wileman Review, Ed. 00029 (1), July 20 th, 1921, p. 7

<sup>726</sup> Wileman Review, Ed. 00027 / July 6 th, 1921, p. 7.

<sup>727</sup> Wileman Review, Ed. 00029 (1), July 20 th, 1921, p. 7

Em 31 de agosto de 1921, o Jornal publicou o cartaz da referida Feira, conforme pode ser visto a seguir:<sup>728</sup>



Fonte: Wileman Review Ed. 00031 (1), August 3 rd, 1921, p. 22 .

<sup>728</sup> Wileman Review Ed. 00031 (1), August 3 rd, 1921, p. 22 . De acordo com o cartaz, a Feira destinada a ajudar o “Fundo para construção e mobiliamento da Nova Igreja Anglicana de Nictheroy” apresentará toda diversão e distrações de uma tradicional Feira Inglesa: Seleção de Músicas por Banda Militar, Barracas, Shows, Gincanas para crianças, Peças Teatrais, Chá e Refrecos. Além disso, Jantar servido no local e Orquestra P/ Mr Mullard e amigos.

A arrecadação obtida com o Evento, somada a outras doações, permitiu que a Igreja fosse concluída menos de um ano depois. Em junho de 1922, foi inaugurada a “All Saints Church” (Anglican-Episcopal), com materiais vindos da Inglaterra. Esta igreja seguia o mesmo estilo arquitetônico da igreja de Santos ‘com suas fachadas de pedra, belos vitrais e placas comemorativas’.<sup>729</sup> Como parte da cerimônia de inauguração, realizou-se o batismo da filha mais velha de Charles Causer, Beatrice Elizabeth Causer, que viria a ser mãe do Sr. Alastair, nosso entrevistado. Sheila Causer observa ainda que a igreja, localizada até hoje na rua Otávio Carneiro, esquina com Gavião Peixoto, era muito frequentada pela comunidade e “ficava sempre cheia”. Neste templo, inclusive, nossa depoente foi batizada, confirmada e casada, seus filhos foram todos batizados e sua filha realizou matrimônio.<sup>730</sup>

Na década de 1920, a colônia britânica de Niterói já era grande o suficiente para abrir uma escola para as crianças. Através de nota publicada pelo Jornal “Wileman’s Review”, a seguir transcrita, foi possível identificar o esforço da comunidade para saldar a dívida adquirida com a implantação da escola em Icaraí.<sup>731</sup>

Nitheroy British School  
(Notícia Preliminar)

Foi proposta a realização de uma “Country Fair”, ou outro grande Evento, durante a estação mais amena do ano, para arrecadar fundos com o propósito de saldar o débito da escola. Com a liquidação deste débito, a escola passará a ser auto-sustentável. Uma reunião geral de todos os amigos será organizada na devida data para debater este tema.

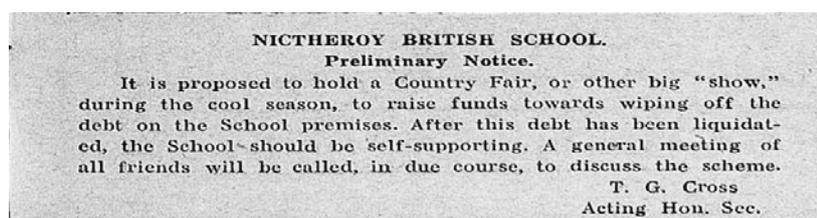
T. G. Cross  
Honorável Secretário em exercício

Fonte: Wileman’s Review, november 17 th, 1920 Ed. 00046 (1), p. 7

<sup>729</sup> Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>730</sup> *ibid.*

<sup>731</sup> Wileman’s Review, november 17 th, 1920 Ed. 00046 (1), p. 7. Abaixo, o anúncio original em inglês:



**NICHEROY BRITISH SCHOOL.**  
**Preliminary Notice.**

It is proposed to hold a Country Fair, or other big “show,” during the cool season, to raise funds towards wiping off the debt on the School premises. After this debt has been liquidated, the School should be self-supporting. A general meeting of all friends will be called, in due course, to discuss the scheme.

T. G. Cross  
Acting Hon. Sec.

A Nictheroy British School funcionou por cerca de 40 anos na rua Miguel de Frias, n. 41, (T-2641), em Icaraí,<sup>732</sup> até meados de 1960. D. Rose-Marie Esche recorda-se bem da Escola que, segundo ela, estava instalada em “um vasto terreno, com um quintal lindo para as crianças usarem no recreio, entre as aulas, tendo quase no final do terreno uma casa construída para servir de escola.”<sup>733</sup>

A escola inglesa funcionava em horário integral e tinha a proposta de trabalhar, ao mesmo tempo, os currículos em inglês e português, respeitando inclusive as particularidades de ambos. Seu Alastair Leslie, que entrou nesta instituição com seis anos de idade, no ano de 1945, cursou, juntamente com outras crianças da colônia, um currículo misto que, na época, equivalia ao antigo ensino primário. De acordo com sua experiência de aluno, ele buscou relatar o funcionamento da escola, a começar pelo horário de atendimento que era de 8:00 às 16:30. No horário de 8:00 às 11:30, segundo recorda, era ensinado o currículo do colégio brasileiro. Terminada esta etapa havia um intervalo para o almoço no próprio local, das 11:30 às 13:00. Das 13:00 às 14:30 era estudado o currículo do colégio inglês que buscava ser fiel ao seu país de origem. Nesse sentido, era ensinada uma matemática “relacionada ao peso e à moeda inglesa”, a história e geografia daquele País, bem como, a língua inglesa. Após o horário de 15:30, era priorizada a parte esportiva, sendo trabalhada uma hora de esportes, exceto às segundas feiras. Dois dias por semana, essa atividade esportiva era mais ligada ao exercício físico e acontecia no próprio colégio. Nos outros dois dias, quarta e sexta, os alunos iam andando até o Rio Cricket, para participar de corridas e jogos esportivos.<sup>734</sup>

---

<sup>732</sup>ALMANAK LAEMMERT (Edição A00096 (2) Ano: 1940, p. 639-652, p. 646.

<sup>733</sup>Entrevista de Rose-Marie Esche, em 13 e 20 de setembro de 2011, à autora.

<sup>734</sup>Entrevista de Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17 de maio de 2012, à autora.

Sheila Causer, dez anos mais velha que seu sobrinho Alastair Leslie, estudou na British School, na década de 1930, e recorda que no horário do “currículo inglês” se rezava o “Pai Nosso”, na língua de seu país, e não se falava mais uma única palavra em português.<sup>735</sup>

Durante a entrevista, seu Alastair demonstrou possuir uma memória viva daqueles tempos. Recorda-se, inicialmente, de Dona Clarita, a “número 1” entre as docentes brasileiras, “professora esta que morou por muito tempo em frente à Faculdade de Economia.” Quanto aos mestres britânicos, menciona primeiramente sua própria mãe, Beatrice Elizabeth Causer (Leslie), que deu aula na Escola, provavelmente, no período de 1932 a 1950 e pouco. Explica que antes de Beatrice iniciar seu trabalho na Nictheroy British School foi à Inglaterra, onde estudou por um tempo para melhor se preparar. Esclarece, ainda, que além de sua mãe, que era filha de ingleses, havia dois outros professores naturais da Inglaterra, a professora Selma e um padre do qual não se recorda o nome.<sup>736</sup>

Procurando trazer à memória fatos daquele tempo, D. Sheila diz que havia vários alunos brasileiros na escola, “inclusive a neta do Presidente Getúlio Vargas, Celina Peixoto, que estudava lá, no período em que o Getúlio morreu.”<sup>737</sup>

---

<sup>735</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>736</sup> Alastair Robert Grant Stewart Leslie, em 17 de maio de 2012.

<sup>737</sup> Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012. De acordo com nossa pesquisa, Celina Vargas do Amaral, nascida no ano de 1944, tinha dez anos de idade quando o seu avô, o Presidente Getúlio Vargas suicidou-se, em agosto de 1954. Nesta época, Celina, que também era filha do governador do Estado do Rio, Amaral Peixoto (1951-1955), morava no Palácio do Ingá, em Niterói.

Por volta de 1944, a educação dos filhos de britânicos moradores de Niterói seria ampliada por um novo projeto educativo. Neste ano, o Rio Cricket instalou o Kindergarten em suas dependências, dando início à educação das crianças de 3 a 5 anos. As brincadeiras e atividades recreativas eram realizadas diariamente ao ar livre no gramado do clube. Já a aprendizagem dos rudimentos do alfabeto e da escrita em língua materna era trabalhada em outro ambiente da associação. A pequena pré-escola, que chegou a funcionar com cerca de 40 crianças, recebeu o nome “The Hut” e esteve, até 1948, aos cuidados de Phyllis Belcher. Em 1949, o projeto educativo passou às mãos de outra sócia do clube, Elsie Clemence, que já fora ex-chefe das bandeirantes. Após cursarem 2 ou 3 anos de pré-escola, os pequenos filhos de britânicos ingressavam diretamente na Nictheroy British School.<sup>738</sup>

Alguns anos após o fechamento da primeira Escola Alemã de Niterói, na rua da Conceição, uma representante da família Wehrs, moradora em Niterói, abriu uma segunda escola, no bairro de Icaraí, onde já era grande o número de moradores de origem germânica. A Escola de Edith Wehrs tinha pelo menos dois pontos em comum com a escola britânica, era bilíngue e valorizava grandemente as atividades esportivas.

O colégio de Edith Wehrs, fundado em 1925, funcionou inicialmente na rua Mariz e Barros, na casa de seus pais. No ano de 1940, todavia, esta instituição educativa se encontrava instalada na rua Moreira Cesar, 175, telefone - 3374.<sup>739</sup> Dentre os nossos entrevistados, de descendência alemã, cinco fizeram o primário, ou parte dele, nesta escola, na década de 1930.

---

<sup>738</sup>IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. Rio Cricket e Associação Atlética: mais de um século de paixão pelo esporte, p. 171, 172.

<sup>739</sup> Almanak Laemmert, Edição A00096 (2) Ano: 1940, p. 639-652, (p. 646).

Um deles foi o memorialista Carlos Wehrs que faz o seguinte depoimento a respeito deste tema:

Eu freqüentei a Escola da (tia) Edith de 1933 a 1937, todo o curso primário. A escola da Edith era em tempo parcial, só pela manhã. Eram cinco séries onde era dado todo o programa em alemão e português. Eram turmas pequenas, de 20 alunos, de modo que a gente tinha que aprender querendo ou não. E também não era severo, mas era bem fiscalizado. Quem não estudasse não passava. Então o jeito era estudar.<sup>740</sup>

D. Ruth, que freqüentou a escola por dois anos, recorda que as aulas de português eram ministradas pela mestra Carmem Pereira, a única professora brasileira do colégio. Os outros professores eram todos alemães, inclusive o de matemática e a de educação física. Segundo a nossa entrevistada, naquela época, a educação física não fazia parte do currículo dos colégios brasileiros. Entretanto, como o povo alemão já tinha a intuição de valorizar o esporte, essa disciplina era devidamente trabalhada na escola alemã.<sup>741</sup>

De acordo com a mesma depoente, a clientela da escola era composta de descendentes de alemães e japoneses. Inclusive, segundo se recorda, possuía uma colega de sala, pertencente à conhecida família de sobrenome Iamagata. Além dos alemães e japoneses, esclarece que havia escandinavos, noruegueses e dinamarqueses. Por fim, chega a lembrar-se de que existiam alguns brasileiros na Escola. Porém, ao concluir o seu depoimento, afirma categórica que a maioria dos alunos era de origem nórdica.<sup>742</sup>

---

<sup>740</sup> Entrevista de Carlos Wehrs, em 20.11.2013, à autora.

<sup>741</sup> Entrevista de Ruth Hoppe (Hulme), em 20.10.2013, à autora.

<sup>742</sup> *ibid.*

Igualmente, o Sr. Carlos Wehrs informou-nos sobre a origem étnica dos alunos e de que forma eles eram preparados para entrar na Escola Alemã do Rio de Janeiro:

Esta escola (de Niterói) era freqüentada por japonês, inglês, e olha que tinha a escola inglesa, mas tinham alguns poucos alunos ingleses freqüentando. E também os alemães que era um povo que vinha muita gente fugindo do nazismo, então eles traziam as crianças ainda pequenas e então minha tia tinha muitos alunos. [...] Ela preparava os alunos para a Escola Alemã do Rio de Janeiro, (Deutsche Schule), onde os alunos passavam diretamente, faziam um pequeno exame de admissão para ver se estavam aptos, mas 90% entravam direto na Escola do Rio de Janeiro. Porque lá sim é que o sistema era severo, visto que a Escola do Rio de Janeiro dava o diploma para que o aluno pudesse entrar diretamente na universidade da Alemanha. Então eles lá eram muito severos. Inclusive com o idioma inglês.<sup>743</sup>

D. Meridan, descendente da família Wehrs, pelo lado materno, fez, de igual modo, o primário na escola de sua tia Edith. Posteriormente, ingressou na Deutsche Schule, porém não chegou a concluir o curso secundário nessa escola. Por estarem vivendo os acontecimentos da Segunda Guerra, e pelo fato de seu pai, Gustav Egon Eulenstein, ser de nacionalidade norte-americana, criou-se uma dificuldade para ela e o irmão, junto a colegas de classe. “Pelo constrangimento devido as nossas nacionalidades, meu pai tirou-nos, eu e meu irmão, do colégio alemão e botou-nos no colégio anglo-americano.” Todavia, diz D. Meridan, “eu ainda cheguei a estudar dois anos no Colégio Alemão. De modo que eu falo e escrevo alemão correntemente porque o ensino lá era ótimo, a disciplina também era ótima. Era um colégio muito bom. Porém, devido aos problemas, eu terminei meus estudos no Bennet. ”<sup>744</sup>

---

<sup>743</sup> Entrevista de Carlos Wehrs, em 20.11.2013, à autora.

<sup>744</sup> Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein, à autora, em 18/10/2011.

Finalmente, a colônia inglesa preocupou-se em dar atendimento aos seus idosos. No ano de 1931 foi fundada a Niterói Rest Home (Casa de Descanso), com endereço no Largo do Marrom, em Santa Rosa, em um prédio doado pela embaixada da Grã-Bretanha, preparado exclusivamente para abrigar senhoras inglesas e americanas idosas de Niterói e do Rio de Janeiro.<sup>745</sup>

“Patrocinada por empresas inglesas e pela contribuição dos integrantes da numerosa colônia britânica (só em Niterói, os ingleses eram mais de 400!), a iniciativa visava minimizar um problema bastante freqüente e cruel: muitas mulheres de língua inglesa eram trazidas por famílias brasileiras para atuarem como parteiras ou governantas e, depois de dispensadas como medida de economia doméstica, ficavam desamparadas, sem dinheiro, longe de suas famílias e numa terra estrangeira.”<sup>746</sup>

De início “um dos requisitos para ser aceita no Rest Home era não possuir bens. Quem mantinha a casa era o Consulado e, inclusive, as senhoras também recebiam uma pequena mesada.” Quem nos fornece esta informação é D. Sheila Causer que acompanhava sua mãe, D. Jane Margareth Causer, no trabalho “de cuidar” das senhoras desta instituição.<sup>747</sup> Com o tempo, todavia, algumas regras sofreram adaptações. A Casa passou a receber aquelas senhoras da colônia que a procuravam, não necessariamente por motivos financeiros, mas, principalmente, pela necessidade de companhia. Este foi o caso da cunhada de D. Norma Fellows, D. Lilian Fellows, que se mudou para o Rest Home, quando tinha por volta de 70 anos, após ficar viúva. Como moradora do abrigo, D. Lilian, inclusive prestava uma colaboração mensal àquela instituição, visto que recebia uma pensão do INSS pelo tempo que trabalhara como professora de inglês. Porém, a possibilidade de contribuição variava com as posses de cada uma das moradoras: “Quem tinha dinheiro colaborava, quem tinha pouco colocava aquele pouco, e quem não tinha nada bastava ser inglesa pra morar lá”.<sup>748</sup>

<sup>745</sup> Jornal do Brasil – 1970 a 1979 – PRC\_SPR\_00009\_030015. Ed. 00313 (1), Rio de Janeiro, Domingo, 17 de fevereiro de 1974. Caderno RJ. p. 58.

<sup>746</sup> IORIO, op. cit., p. 156, 157.

<sup>747</sup> Entrevista de Sheila Priscilla Causer Ferreira, em 14 de junho de 2012, à autora.

<sup>748</sup> Entrevista de Norma Portugal Fellows, em 20/01/2015, à autora.

Quanto à estrutura e funcionamento, a Casa possuía 13 quartos individuais decorados com a mobília de cada residente.<sup>749</sup> Como parte do mobiliário havia um lindo piano de cauda que era tocado por um senhor de nome Eduardo.<sup>750</sup> No que se refere ao cuidado das senhoras, o Rest Home contava com uma equipe composta de cozinheira, copeira, arrumadeira, médico e enfermeira,<sup>751</sup> além de uma governanta que cuidava da organização da Casa.<sup>752</sup> Bem de acordo com a tradição britânica, para angariar fundos para o Rest Home, realizava-se, anualmente, uma festa no Rio Cricket, conhecida como “O Bazar”. Este Evento recebia ajuda das firmas britânicas, assim como do Exército da Salvação. Além disso, as senhoras da comunidade britânica se reuniam para confeccionar trabalhos a serem vendidos naquela ocasião. Os brindes das firmas, os trabalhos confeccionados e os objetos importados, doados pelas senhoras da colônia, faziam com que o Bazar fosse bastante concorrido, atraindo não só a comunidade britânica, como, igualmente, várias senhoras brasileiras.<sup>753</sup>

Por fim, não se pode esquecer de D. Phyllis Belcher, uma das primeiras moradoras de Icaraí, no século XX, hoje já falecida. Citada em nosso trabalho em algumas ocasiões, Mrs. Belcher teve um papel extremamente relevante para a comunidade britânica de Niterói, participando de distintos e significativos projetos a ela relacionados. Dentre os vários trabalhos que abraçou, consta a sua participação como presidente da Rest Home. Por sua dedicação àquela casa, inclusive, foi agraciada como Member of the British Empire (membro da divisão civil da ordem do Império Britânico), medalha recebida diretamente das mãos da Rainha Elizabeth, em Londres, no ano de 1984.<sup>754</sup>

---

<sup>749</sup> IORIO, op. cit., p. 156, 157.

<sup>750</sup> Entrevista de Norma Portugal Fellows, em 20/01/2015, à autora.

<sup>751</sup> IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. Rio Cricket e Associação Atlética, Op. cit, p. 156, 157.

<sup>752</sup> Entrevista de Norma Portugal Fellows, em 20/01/2015, à autora.

<sup>753</sup> *ibid.*

<sup>754</sup> IORIO, op. cit., p. 156, 157.



Rest Home Tea - Santa Rosa, Niterói  
Arquivo pessoal do Sr. Ronald Hudson



Rest Home Tea - Santa Rosa, Niterói  
Arquivo pessoal do Sr. Ronald Hudson

## 4. IDEOLOGIAS POLÍTICAS NOS ANOS 30 E 40

### 4.1. Britânicos, alemães e norte-americanos: a disputa pelo mercado brasileiro

A preponderância econômica dos britânicos no Brasil, como já foi estudada anteriormente, foi duradoura, prolongando-se de 1808 até a Primeira Guerra Mundial.<sup>755</sup> Os alemães, por sua vez, embora já colocassem seus bens industrializados de forma mais competitiva no mercado brasileiro, a partir da segunda metade do século XIX,<sup>756</sup> estes só vieram a alcançar resultados comerciais relevantes no início do século passado. Nos primeiros anos do século XX, a Alemanha chegou a ocupar o segundo lugar no comércio exterior brasileiro, oferecendo-lhe alternativas comerciais em relação a países como a Inglaterra, França e Estados Unidos. Em 1913, a Alemanha suplantou os EUA, considerado, então, o maior consumidor de café brasileiro e ameaçou ultrapassar a Inglaterra que ainda detinha a condição de maior fornecedora de manufaturados para o Brasil.<sup>757</sup>

Esta singular posição – o segundo maior parceiro comercial tanto nas exportações quanto nas importações do Brasil – a Alemanha conservou até aquele ano, pois, em 1914, a Primeira Guerra Mundial irrompeu e reduziu drasticamente o fluxo do comércio com toda a Europa.”<sup>758</sup>

Com a Europa envolvida no conflito de grandes proporções, os Estados Unidos da América abarcaram novas economias, assumindo o papel de grande potência em ascensão. No período de 1914 a 1918, o governo norte-americano tomou a dianteira do comércio com o Brasil, conquistando a supremacia como fornecedor de manufaturados, desbancando a Inglaterra.<sup>759</sup>

<sup>755</sup>FREYRE, Gilberto. *Inglêses no Brasil*, op. cit., p. 11, 12.

<sup>756</sup>FREYRE, Gilberto. *Nós e a Europa Germânica*, op. cit., p. 9-43.

<sup>757</sup>BANDEIRA, Luiz Alberto de Vianna Moniz, *A Alemanha na Política Exterior do Brasil*. In *Revista Brasileira de Política Internacional*, Ano XXXIV, N<sup>o</sup> 135-136, Rio de Janeiro: 1991, p. 10, 11.

<sup>758</sup> *ibid.*, p. 11.

<sup>759</sup> *ibid.*, p. 10, 11, 12.

Na busca de respaldar seus interesses no Brasil, a Grã-Bretanha procurou criar, ainda no período da Primeira Guerra, novas instituições, fundando, em 1916, em São Paulo, a British Chamber of Commerce and Industry in Brazil, com uma filial no Rio de Janeiro. “Não obstante, no período entre guerras, a posição do Reino Unido declinou em face do avanço norte-americano, demandando reposicionamentos.”<sup>760</sup>

De acordo com Bandeira, o fracasso em recuperar antigas posições foi resultado não só da conjuntura criada pela guerra, mas, igualmente, da “preferência que a Grã-Bretanha sempre dera aos seus domínios na África e na Ásia, para a aquisição de matérias-primas, a negligenciar o Brasil, como fonte de suprimentos, desde os meados do século XIX.”<sup>761</sup>

Diversamente, países como Estados Unidos e Alemanha, sem possessões coloniais, viam na América Latina e, principalmente, no Brasil, um importante fornecedor de matérias primas, assim como, um mercado promissor para a colocação de seus produtos. A Alemanha, a par de sua derrota militar na Primeira Grande Guerra, retomou rapidamente as relações comerciais com o Brasil, tornando-se, em 1921, o terceiro maior país importador de café e de outras matérias primas e, em 1926, o terceiro fornecedor de produtos manufaturados para o Brasil.<sup>762</sup>

Com a crise de 1929, que provocou um abalo na economia mundial, o Brasil viu seus produtos de exportação, em especial o café, sofrerem uma acentuada queda de preços. Com a venda do café despencando no mercado externo, a economia brasileira viveu uma grave crise cambial que reduziu em muito o seu poder de compra, especialmente dos produtos manufaturados cujos preços ascendiam no mercado.<sup>763</sup>

<sup>760</sup> SOUKEF, op. cit., p. 18.

<sup>761</sup> BANDEIRA, op. cit., p. 12, 13.

<sup>762</sup> *ibid.*

<sup>763</sup> *ibid.*, 13.

Procurando superar as dificuldades geradas pela Crise de 29 e pela Depressão que a sucedeu, o Governo Vargas inaugurou uma política diferenciada com as duas principais potências econômicas daquele período, os Estados Unidos e a Alemanha.

A melhor maneira de descrever a política externa do Brasil na década de 1930 é como uma oscilação entre uma grande potência e a outra em termos comerciais, políticos e militares. Esta política de equilíbrio pragmático entre a Alemanha e os Estados Unidos produziu uma série de benefícios comerciais e aumentou o poder de barganha do Brasil (...)<sup>764</sup>

Inicialmente, já no período do governo nazista de Hitler, o Brasil firmou com a Alemanha um acordo comercial, em 1934, baseado em um esquema de pagamento bilateral, mediante “marcos de compensação”.<sup>765</sup> Com os Estados Unidos, assinou o Tratado Comercial de 1935, fundamentado no livre comércio, em que era previsto manter ou baixar “as tarifas aduaneiras para produtos dos dois países”.<sup>766</sup> Embora alcançando um resultado bastante vantajoso com o acordo de 1935, os EUA temiam a proximidade comercial do Brasil com a Alemanha e criticavam o modelo de acordo adotado pelos dois países, em “marcos compensado”, um ano antes. Inclusive, o próprio Embaixador dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, Hugh Gibson, prevendo a possibilidade de renovação desse acordo no futuro, entre Brasil e Alemanha, observou que, caso isso viesse a acontecer, “[...] em um período relativamente curto, veremos a Alemanha ocupando o primeiro lugar, ao invés dos Estados Unidos, e a expulsão de vários empreendimentos norte-americanos do mercado brasileiro.”<sup>767</sup>

---

<sup>764</sup> MOURA, Gerson. Relações exteriores do Brasil: 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012, p. 5.

<sup>765</sup> BANDEIRA, op. cit., p.14.

<sup>766</sup> MOURA, op. cit., p. 53.

<sup>767</sup> BANDEIRA, op. cit., p.14.

Mesmo diante da forte oposição americana, o Brasil refez o acordo com a Alemanha, em 1936, e, através de um novo contrato comercial, exportou para aquele país grandes quantidades de algodão, café, laranjas, couro, tabaco e carne enlatada.<sup>768</sup>

Com efeito, a execução do acordo dos marcos compensados mudou a situação. A Alemanha efetivamente ultrapassou os Estados Unidos e conquistou o primeiro lugar como fornecedor do Brasil. Sua participação nas importações brasileiras, da ordem de 14% em 1934, saltou para 25%, em 1938, enquanto a dos Estados Unidos, apesar do Tratado de Comércio, apenas subiu de 23,67% para 24,02% e a da Grã-Bretanha despencava de 17,14% para 10,04%, abaixo da Argentina (11,08%).<sup>769</sup>

Os acordos entre Brasil e Alemanha possibilitaram que este último país suprisse grandemente sua carência de produtos agrícolas e matérias-primas, para atender às necessidades de sua indústria. O Brasil, por sua vez, importava maquinarias, produtos industrializados de consumo recente, como aparelhos de rádio, e tinha ainda grande interesse nos materiais bélicos alemães, visto que necessitava reequipar as forças armadas brasileiras.<sup>770</sup> De acordo com Bandeira, a Alemanha que vinha “importando crescentes quantidades de quase todos” os produtos brasileiros, tornou-se naquele período, o “melhor parceiro comercial do Brasil”.<sup>771</sup>

Além dos acordos econômicos, “várias condições (predispunham) o Brasil a se transformar no centro dos interesses alemães na América Latina.” Inicialmente, é possível destacar a vinda de um número elevado de imigrantes alemães para o Brasil.<sup>772</sup> Este número totalizou cerca de “100.000 alemães de primeira geração (Reichsdeutsche) e 800.000 alemães-brasileiros (Volksdeutsche)”.<sup>773</sup>

<sup>768</sup> MOURA, op. cit., p. 53.

<sup>769</sup> BANDEIRA, op. cit., p.14.

<sup>770</sup> AZEVEDO, Mônica Velloso. Relação Brasil-Alemanha (1937-1945): Evolução e Paradoxos. XIV Encontro Regional da ANPUH, Rio de Janeiro 19 a 23 de julho de 2010, UNIRIO. p. 4. Ver também MOURA, op. cit., p. 54.

<sup>771</sup> BANDEIRA, op. cit., p.15.

<sup>772</sup> SEITENFUS, A. Silva. O Brasil e o III Reich (1933-1939). Localização: Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas – Anuario de Historia de América Latina (JBLA), ISS N-e 1438-4752, n. 25, 1988. p. 273-289. p. 278. Ver também BANDEIRA, op. cit., p.14.

<sup>773</sup> BANDEIRA, op. cit., p. 14.

O incentivo à imigração europeia, especialmente na Época da República de Weimar (1919-1933),<sup>774</sup> permitiu que o Brasil chegasse a receber o segundo maior contingente de imigrantes alemães das Américas, perdendo apenas para os EUA.<sup>775</sup> Estes imigrantes vieram principalmente para as regiões sul e sudeste do país, atraídos pelo crescimento econômico ocorrido em São Paulo e no Rio de Janeiro, estados que demandavam mão-de-obra estrangeira para profissões essencialmente urbanas.<sup>776</sup>

Somados às colônias já tradicionais no sul do país e no sudeste, os novos grupos de imigrantes passaram a constituir um inegável mercado de consumo para os produtos alemães. Além disso, contavam entre seus membros com donos de tradicionais e prósperas empresas, as quais participavam ativamente da economia e do comércio externo brasileiro. Dentre os muitos ramos implantados por esses estrangeiros no País, um dos mais bem sucedidos era o da aviação, o qual permitia que os alemães conseguissem “um controle quase absoluto sobre os meios de transporte aéreo no Brasil.” Em 1927, eles fundaram a Condor e a Viação Aérea Riograndense (VARIG), como filiais da Lufthansa. Além disso, alemães-descendentes criaram também a VASP em 1934.<sup>777</sup>

---

<sup>774</sup> DIETRICH, Ana Maria, “Suásticas no Brasil”, artigo adaptado da Dissertação de Mestrado: Caça às Suásticas, O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da polícia política. Departamento de História – USP, junho de 2001. p.3.

<sup>775</sup> SANTANA, Nara Maria Carlos. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. (In) Dimensões, vol. 25, 2010. p. 238.

<sup>776</sup> DIETRICH, “Suásticas no Brasil”, op. cit., p.3.

<sup>777</sup> BANDEIRA, op. cit., p. 14 e15.

Esse mais e mais estreito relacionamento comercial, a adensar os interesses políticos, mostrou então aos governos do Rio de Janeiro e de Berlim a conveniência de elevar suas representações diplomáticas ao nível de embaixada, o que ocorreu em meados de 1936. O diplomata José Joaquim Moniz de Aragão, já a exercer em Berlim a função de Ministro Plenipotenciário, passou a ocupar o posto de Embaixador, enquanto Karl Ritter, chefe do Departamento de Economia do Auswärtiges Amt, foi designado para assumir a mesma posição no Rio de Janeiro. E, a partir daí, a Alemanha propôs que o Brasil aderisse, formalmente, ao Pacto Anti-Komintern, ou seja, ao Eixo Berlim-Roma-Tóquio, e lhe ofereceu toda a cooperação econômica, na execução de grandes projetos de desenvolvimento, visando a criar, a médio e a longo prazos, maiores condições de segurança e defesa, conforme as suas Forças Armadas reivindicavam.<sup>778</sup>

Existe um consenso, entre os historiadores brasileiros, de que a relação entre o Brasil e a Alemanha, após a subida de Hitler ao poder, ultrapassou os contornos comerciais, vindo a abarcar aspectos diplomáticos, políticos, militares e policiais. Getúlio Vargas, chefe maior do País, expressava uma inquestionável admiração pelas ideologias nazi-fascistas que se desenvolviam na Europa. No caso particular da Alemanha, nutria “uma franca simpatia pelo governo de Hitler, com o treinamento de policiais na Gestapo, entrega de prisioneiros políticos ao governo alemão e colaboracionismo na caça aos comunistas em ambos os países.”<sup>779</sup> Sobre os prisioneiros entregues, via colaboração germano-brasileira, é possível citar os nomes de Erna Krüger (Olga Benário), Elise Ewert, esposa do ex-deputado Arthur Ewert e, por fim, Ana Gertrude Lambrecht, secretária de uma firma alemã, cuja história será mencionada mais adiante.<sup>780</sup>

---

<sup>778</sup> BANDEIRA, op. cit., p. 15 e 16.

<sup>779</sup> DIETRICH, op. cit., p. 5.

<sup>780</sup> SEITENFUS, op. cit., p. 282.

Além disso, é possível “enumerar a presença efetiva de germanófilos e antissemitas no alto escalão do Estado Novo e na grande imprensa.”<sup>781</sup> Por fim, de acordo com Gerson Moura, também “era notória a admiração por parte de integrantes da cúpula militar – e boa parte da tropa – pela eficiência da máquina de guerra alemã.”<sup>782</sup> Dado este contexto, é possível compreender a liberdade com que se desenvolveu o Partido Nazista em terras brasileiras, até pelo menos o ano de 1938.

---

<sup>781</sup>CARNEIRO, Maria Luiza Tucci, “O Brasil diante dos nazistas. Sob o governo Vargas, ideário de Hitler influenciou políticas e seduziu parte da população brasileira”, 1.1.2012, p. 1.

<sup>782</sup>MOURA, op. cit., p. 39.

## **4.2. O período pós-Revolução de 30 e a liberdade de atuação do Partido Nazista no Brasil**

Após a Primeira Guerra Mundial, com o triunfo da Revolução Russa, vai ocorrer, ao longo da década de 20, na Europa, o surgimento de uma nova direita, bastante diversa da tradicional, a qual poderia ser definida como contrarrevolucionária. Essa direita seria representada principalmente pelo regime fascista que triunfou na Itália, em 1922, e pelo nazista que ascendeu na Alemanha, em 1933. O avanço das ideologias antiliberais e antidemocráticas ocorreu em quase todo o mundo europeu, inclusive na França. Considerando outros países de maior expressão na Europa, apenas o constitucionalismo britânico se manteve incólume, “apresentando a Inglaterra como uma grande mais isolada exceção.”<sup>783</sup>

No Brasil, a partir dos anos 20, emergiram doutrinas de diferentes orientações e matizes. Algumas dessas doutrinas, como a direita católica e o movimento tenentista foram gestadas a partir de influências internas. Outras, diferentemente, como o Partido Comunista Brasileiro, a Ação Integralista Brasileira e o Partido Nazista surgiram e se desenvolveram a partir de forte determinação externa.<sup>784</sup>

No contexto da crise de hegemonia que sucedeu à chamada Revolução de 30, dois partidos de ideologias contrárias vão crescer e buscar alcançar o poder: o Partido Comunista e o Partido Integralista (AIB).

---

<sup>783</sup> FAUSTO, Boris. O Estado Novo no Contexto Internacional. In: Repensando o Estado Novo, PANDOLFI Dulce (org), Rio de Janeiro: Ed. F.G.V, 1999. p. 17, 18.

<sup>784</sup> *ibid.*, p, 18.

O Partido Comunista do Brasil criado, em 1922, a partir de uma militância política saída quase toda dos meios anarquistas, tinha o objetivo principal de promover, no Brasil, uma revolução proletária que substituísse a sociedade capitalista vigente por outra do tipo socialista. Após a Revolução de 30, o PCB viveria poucos anos na legalidade. Ao integrar a Aliança Nacional Libertadora (ANL), criada em 1935 para conter o avanço internacional do nazi-fascismo e do integralismo brasileiro, este partido articulou, em novembro desse mesmo ano e sob a liderança de Luís Carlos Prestes, um levante armado (Intentona Comunista) com o intuito de assumir o poder. Todavia, esse levante acabou por ser sufocado e os comunistas, perseguidos, passaram a viver na clandestinidade.<sup>785</sup>

A Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada em outubro de 1932, sob Chefia Nacional de Plínio Salgado significou a possibilidade de inserção no espaço de luta política de frações da pequena burguesia e classe média urbana e rural antiliberal que produziram idéias de cunho fascista, nacionalista, anticomunista e antisemita comungadas com um catolicismo ultraconservador.<sup>786</sup> A organização do Integralismo brasileiro foi sendo construída de 1930 a 1937, alcançando todos os estados brasileiros e instalando sua sede nacional no Distrito Federal.<sup>787</sup>

O Partido Nacional Socialista Operário Alemão (NSDAP), mais conhecido como partido nazista, por sua vez, surgiu no final dos anos 20, quando imigrantes alemães e austríacos, recém-chegados, criaram os primeiros núcleos nazistas nas regiões sul e sudeste.

---

<sup>785</sup> Partido Comunista do Brasil (PCB) /A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. FGV / CPDOC. p. 1 e 2.

<sup>786</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos e SILVA, Sandro Figuerêdo. Integralismo, nacionalismo e conservadorismo. Trabalho apresentado no Seminário de pesquisa do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense (UFF). Março de 2011. p. 2.

<sup>787</sup> *ibid.*, p. 3, 6.

Os objetivos deste partido em território brasileiro foram vários. Em um primeiro momento, até 1933, quando o partido ainda era embrionário, o combate ao comunismo e favorecimento das eleições de Hitler são colocados como metas. Com o passar do tempo, outros fins foram se agregando: a propaganda das idéias nacionais-socialistas centradas principalmente nos discursos de Hitler, a formação de uma juventude hitlerista, a criação da Grande Comunidade Nacional (Volksgemeinschaft) de alemães residentes além da fronteira do Reich e, finalmente, o repatriamento dos alemães que aqui moravam através de incentivos de trocas de câmbios favoráveis.<sup>788</sup>

Apresentando pontos em comum, como aspectos divergentes em relação ao integralismo, o Partido Nazista se desenvolveu de forma independente ao longo dos anos 30. Este partido tinha uma peculiaridade em relação aos demais partidos existentes naquele período, independentemente da ideologia ser de direita ou de esquerda. É que os nacionais-socialistas não se propunham a fazer adeptos entre os brasileiros natos, tampouco assumir o controle político do Estado. De acordo com Dietrich, “não há menção de que esse partido pretendesse dar um golpe de Estado ou até mesmo (buscasse) influenciar de alguma maneira, a sociedade brasileira ou a sua política”.<sup>789</sup> Diversamente, este partido buscava encontrar apoio no sentimento latente de germanismo<sup>790</sup> existente no interior da comunidade alemã, residente em terras brasileiras.<sup>791</sup> Esta comunidade que já contabilizava 233.392 imigrantes alemães no Brasil, em 1939, passou a ser alvo importante dos articuladores do nazismo,<sup>792</sup> os quais atuavam em liberdade sem qualquer tipo de repressão por parte do Governo Vargas.

---

<sup>788</sup>DIETRICH, op. cit., p. 1.

<sup>789</sup> ibid., p. 2.

<sup>790</sup> O Pangermanismo organizado na Alemanha sob a forma de um nacionalismo étnico, desde o final do século XIX, perseguiria outros objetivos no século XX, destacando-se: a extensão dos direitos de cidadania aos emigrantes alemães, através do princípio de *jus sanguinis e a adoção de uma legislação que estendesse a nacionalidade alemã às comunidades germânicas no exterior*. A noção de germanidade (deutschum) corresponderia à preservação da língua, raça e cultura alemã aos alemães naturalizados em outros países. Essa visão transmitida ao longo do tempo pela imprensa, escolas, agremiações e famílias de origem teuto-brasileiras, seria convenientemente utilizada pela ideologia nazista, após Hitler assumir o poder. A esse respeito ver três publicações de SANTANA, Nara Maria Carlos de: Colonização alemã no Brasil: Uma história de identidade, assimilação e conflito. (In) Dimensões, vol. 25, 2010. p. 235-248 ; Extrema Direita e Questão Nacional: o nazismo no Brasil dos anos 30. IV Simpósio Nacional: Estado, Poder e Intelectuais. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís / Maranhão. 8 a 11 de outubro de 2007; e Imigrantes alemães e o Brasil Caboclo: Memória, Identidade e Política Nacional no Brasil. ANPUH –XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

<sup>791</sup> SANTANA (2010), op. cit., p. 243.

<sup>792</sup> DIETRICH, op. cit., p. 2.

Ao contrário, durante o período que antecedeu ao Estado Novo (1930-37), os alemães radicados no Brasil e que se identificavam com o ideário nacional-socialista em plena ascensão na Alemanha, encontraram um clima propício para propagandear suas idéias e ganhar adeptos entre a comunidade alemã instalada, principalmente, na região sul e sudeste do Brasil. Estas idéias, até então, não haviam sofrido repressão pelas autoridades brasileiras, que além de se identificarem com o projeto étnico-político defendido pelo III Reich a partir de 1933, também viam naquele grupo elementos ideais de identidade a serem imitados. Afinal, os alemães eram brancos, nacionalistas, anticomunistas, anti-semitas e civilizados. Ou seja, os alemães (nazistas partidários, ou simpatizantes) não incomodavam enquanto grupo étnico e político por serem avaliados como modelo de cidadania e de cultura.<sup>793</sup>

Em consequência disso, o Partido Nazista funcionou livremente durante 10 anos no Brasil, de 1928 a 1938, e teve representatividade em 17 estados brasileiros.<sup>794</sup> *Na Capital da República*, as atividades nazistas foram coordenadas pela Embaixada Alemã. Em outras capitais como Porto Alegre, Curitiba e São Paulo essa coordenação se fez principalmente através dos consulados.<sup>795</sup> De acordo com a pesquisa de Dietrich, São Paulo foi o estado onde houve a disseminação do nazismo em sua forma mais crua:

Ao mesmo tempo em que marchinhas alemãs da Juventude Hitlerista eram cantadas na Alemanha, também eram cantadas pelos alunos da Escola Alemã de Vila Mariana. O ódio aos judeus, o amor à guerra, o desejo da construção da Volksgemeinschaft (Comunidade Nacional), dentro da qual os alemães no exterior tinham lugar garantido, eram temas comuns na Alemanha Nazista como em São Paulo dos anos de 1930, apesar de que, estes ideais difundidos através da propaganda nazista somente eram dirigidos aos eleitos da desejada “raça pura”, os alemães natos.<sup>796</sup>

---

<sup>793</sup> *ibid.*, p. 5.

<sup>794</sup> *ibid.*, p. 1.

<sup>795</sup> SANTANA (2009), *op. cit.*, p 6.

<sup>796</sup> DIETRICH, *op. cit.*, p 3

A expansão do Partido Nazista na cidade do Rio de Janeiro se fez de forma relevante. Naquele período, o Rio de Janeiro, além de ser capital federal e centro irradiador da política nacional, sediava a Embaixada Alemã no Brasil.<sup>797</sup> *Por conseguinte, a sede nacional do Partido foi estabelecida na capital da República em 1928 sendo, posteriormente, em 1934, transferida para a cidade de São Paulo.*<sup>798</sup> A Capital Federal tinha o terceiro maior grupo do partido nazista do Brasil, só perdendo para São Paulo e Santa Catarina, e o segundo número de adeptos da região sudeste (447) só ficando atrás de São Paulo.<sup>799</sup>

A presença dos militantes nazistas no Brasil produziu divisões internas nas colônias entre adeptos e não adeptos. No Rio de Janeiro, o Partido Nazista encontrou inicialmente muita resistência da colônia local, enfrentando um longo processo de reconhecimento. Um exemplo disso é que, nos primeiros anos de sua existência, ao invés das festas e reuniões nazistas acontecerem no clube Germânia da cidade, elas eram realizadas no Clube Português.<sup>800</sup>

Vencidas as primeiras resistências, a influência do movimento na comunidade alemã carioca aumentou e os adeptos do partido cresceram a partir de 1933. Em 1934, o aniversário de Hitler foi duplamente comemorado em eventos distintos: no Salão do Clube Germânia e no Salão do Cassino Beira Mar, sendo que em ambos com casas lotadas. *Neste mesmo ano, a festa de 1<sup>o</sup> de maio na cidade teve um público de 4000 pessoas. Em 1935, a festa de 1<sup>o</sup> de maio foi realizada no Clube de Esporte Alemão e contou com um público entre 10 a 15 mil participantes.*<sup>801</sup>

---

<sup>797</sup>DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil*. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 251.

<sup>798</sup>DIETRICH, "Suásticas no Brasil", op. cit., p. 1

<sup>799</sup>DIETRICH, "Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil". op. cit., p. 245.

<sup>800</sup>ibid., p. 246

<sup>801</sup>DIETRICH, "Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil". op. cit, p. 248.

Na cidade do Rio de Janeiro, como em São Paulo, os nazistas deram livre trânsito às idéias antissemitas, constantemente divulgadas em periódicos nazistas como o *Der Nationalsozialist* (O Nazista) em circulação na capital federal:

*No 'A Divisão das raças', artigo publicado em maio de 1933, o jornal reproduziu o pensamento nazista vigente, afirmando que os judeus eram inferiores ao povo alemão, 'piores ainda' que outros grupos também rebaixados nesta hierarquia: 'negros e pessoas de sangue amarelo'. O jornal tomou a questão judaica como mais difícil e proclamou que os alemães no Rio de Janeiro deveriam 'evitar a mistura das raças', lamentando que esta já havia se iniciado.*<sup>802</sup>

---

<sup>802</sup>DIETRICH, "Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil". op. cit., p 249.

### 4.3. As atividades do NSDAP em Niterói

A pacata capital do antigo Estado do Rio de Janeiro viveu um clima político efervescente e, por que não dizer, conturbado durante a década de 1930. Após a fundação do núcleo da AIB em junho de 1933, no Liceu Nilo Peçanha, em Niterói, com a participação de Plínio Salgado, os avanços dos integralistas pela província fluminense se fizeram significativos. Desde Campos, a mais importante cidade do norte fluminense, até Niterói, a capital, “bandeiras integralistas” avançaram em caravanas tentando conquistar militantes.<sup>803</sup> Em pesquisa realizada no Jornal “O Fluminense” de 1935 e 1936, encontramos várias matérias sobre a militância da AIB em Niterói, destacando-se, inclusive, a presença do “Chefe” nesta Cidade. Através desse periódico, foi possível identificar a existência de 4 células integralistas em bairros como Santa Rosa, Fonseca, Centro e Ingá.<sup>804</sup>

Neste mesmo período, a campanha contra o comunismo no Brasil não dava trégua e se fazia através de ações repressivas da Polícia Política de Vargas. Na capital do Estado, cidade onde fora fundado o PCB, em 1922, os membros deste partido eram alvo de perseguições constantes por parte da polícia política que procedia às suas diligências em busca de militantes e de materiais do partido.<sup>805</sup>

<sup>803</sup>CARNEIRO e SILVA, op. cit., p. 6 e 7.

<sup>804</sup>O Fluminense, 05/02/1935, terça-feira/ O Fluminense, 13/03/1935, quarta-feira / O Fluminense, 16/03/1935, Sábado / O Fluminense, 20/03/1935, quarta-feira / O Fluminense, 28/03/1935, quinta-feira / O Fluminense, 23/07/1936, quinta-feira.

<sup>805</sup>O Fluminense, 28/03/1935, terça-feira.

A partir de 1933, os confrontos entre integralistas, de um lado, e comunistas e anarquistas, de outro, começaram a ocorrer, através de manifestações públicas, em várias partes do Brasil. Em Niterói, da mesma forma que em Campos dos Goytacases, Petrópolis e Rio de Janeiro, os embates entre esses grupos de ideologias contrárias tomavam ruas e praças locais. As brigas entre as correntes antagônicas desencadeavam, inclusive, combates que terminavam com frequência em ferimentos e até mesmo mortes.<sup>806</sup>

Em contraste com as manifestações mais contundentes dos partidos políticos que almejavam alcançar o poder, a atuação do Partido Nazista em Niterói se fez de forma mais “tranquila”, porém não menos ostensiva, chegando a ocupar locais como casas, clubes, hotéis, sem deixar de mencionar a presença na própria mídia jornalística da época.

Quando Hitler ascendeu ao poder na Alemanha, em 1933, o Partido Nazista do Brasil ainda não atraía atenções especiais da população em geral e mesmo do Poder Público, em particular. A imprensa da época, de forma recorrente, naturalizava sua presença ao lado de outros partidos políticos e agremiações sociais. Exemplo eloquente é a matéria de página inteira, reproduzida abaixo, veiculada no inverno de 1933, por conceituada revista carioca da época, a “Revista da Semana”, que divulgou uma série de fotos documentando várias comemorações das festividades juninas em Niterói.<sup>807</sup>

---

<sup>806</sup> CARNEIRO e SILVA, Sandro Figuerêdo, op. cit., p. 7.

<sup>807</sup> Revista da Semana – 1930 a 1939 PR\_SPR\_00666\_025909 (Ed. 00029 (1), 1933. p. 31.



As fotos de 1 a 3, apresentadas na página anterior, registram três momentos dos festejos no Club Central, as de 5 e 6 no Club Canto do Rio e as de números 7 e 8 no bairro de Santa Rosa. Em todas essas fotos, a característica dominante é a descontração e alegria, onde se sobressaem muitos personagens caracterizados, inclusive dos dois sexos e de diferentes gerações.<sup>808</sup>

A imagem de número 4 que se apresenta destacada abaixo merece uma análise especial.<sup>809</sup>



**Revista da Semana, Ed. 00029 (1), 1933. p. 31. (Imagem de número 4)**

Trata-se de um registro de evento ocorrido no Icaraí Balneario Hotel o qual foi patrocinado pelo “Partido Nacionalista Alemão do Rio de Janeiro”.<sup>810</sup>

<sup>808</sup> Revista da Semana, Ed. 00029 (1), 1933. op. cit., p. 31.

<sup>809</sup> *ibid.*

<sup>810</sup> Não é demais recordar que o Icaraí Balneario Hotel foi instalado no antigo palacete pertencente ao alemão Eugen Urban, na rua Miguel de Frias, onde hoje está localizado o prédio da Reitoria da UFF.

A foto histórica, que foi tirada nos jardins do referido hotel, revela um cenário, em que se encontram cerca de uma centena de pessoas. Como parte do grupo, é possível ver dezenas de crianças, além de vários adultos, posicionados para a foto. O conjunto da imagem contrasta significativamente com aquelas outras apresentadas anteriormente. A descontração e o clima festivo anteriores dão lugar a certo ar de solenidade enquanto a composição da imagem remete a idéia de ordem e hierarquia. Emoldurando o conjunto dos participantes, ao fundo, pendem de forma acintosa mais de vinte bandeiras nazistas de cerca de 2 metros de altura, enquanto que pouco mais acima, na sacada do prédio, podem ser vistas duas bandeiras alemãs, nas cores preta, branca e vermelha,<sup>811</sup> cores essas adotadas pela Alemanha durante a ditadura de Hitler.

Nos anos subsequentes, o Partido Nazista Brasileiro certamente se tornaria cada vez mais conhecido dos brasileiros, embora não chegasse a contabilizar um número muito significativo de filiados. Totalizando 2822 membros inscritos, este partido alcançou um percentual mínimo de 1,2% do total dos 233.392 alemães e descendentes que viviam no País. De acordo com Dietrich, embora o número de filiados fosse pouco expressivo, o partido gozava de “boa representatividade junto à comunidade alemã, uma vez que os nazistas se fizeram presentes em vários segmentos sociais, em clubes, restaurantes, escolas, bancos.” Por outro lado, o fato de o nazismo ter conseguido infiltrar-se nos mais importantes núcleos das comunidades germânicas no Brasil não é razão para se deduzir “que todos os alemães fossem pró-nazistas.”<sup>812</sup>

Pesquisando a listagem dos membros filiados ao “Partido Nazista” em território brasileiro, existente em arquivo do APERJ, encontramos o número de 42 membros residentes em Niterói, conforme quadro exposto na página que se segue.

<sup>811</sup> Revista da Semana, Ed. 00029 (1), 1933. op. cit., p. 31.

<sup>812</sup> DIETRICH, Ana Maria. Suásticas no Brasil, op. cit., p 2.

### Moradores de Niterói filiados ao “Partido Nazista”

Member ship n.	Name	Birthdate	Birthplace	Last recorded address	Occupation
1171184	Borrmann, Annie	1862	Glasgow	Nitheroy	-
1122659	Bredereck, Hans-Karl	1906	Potsdam	R. Boa Viagem, n. 54	Prof. de E. Física
3445105	Bremer, Paul	1895	Boizenburg	R. Boa Viagem, 131	Comerciante
3936495	Eimert, Paul	1881	Plauen	P. de Icarahy, n. 251	Cozinheiro
3591943	Eisler, Eduardo	1865	Lobeda	Nitheroy	Botânico
3445110	Heske, Ernst	1905	Berlin	R. Pereira da Silva, 198	Encadernador
3445113	Heske, Helmut	1908	Berlin	R. Pereira da Silva, 198	Balconista
1580772	Hillert, Heinrich	-	-	R. Moreira Cesar, 195	Padeiro
3591942	Hülzmeier, Werner	1909	Krefeld	Nitheroy, Yacht-Club	Farmacêutico
<b>3445106</b>	Schoeneberg, Fritz	1897	Neukölln	Sacco de S. Francisco	Const. de barco
1123983	Schunch, Hans	1898	Lubeck	R. Boa Viagem, 133	Balconista
3280576	Seikel, Paul	-	-	R. Pereira da Silva, 128	-
825320	Steffens, Max	1896	Hamburg	Vila Charitas	Empreiteiro
3591944	Albrecht, Erich	1904	Deuben	R. Newton Prado, 22	Mecânico
1112163	Bax, Alex	1882	Bochum	R. Vis. do Rio Branco	Comerciante
1112162	Bax, Guenther	1910	Chemnitz	R. Vis. do Rio Branco	Comerciante
3280581	Blatt, Frich	1907	Albrecht	R. Gen. Froes, 400	Escriturário
1753883	Brandt, Arno	1900	Berlin	R. Presidente Backer, 246	Comerciante
3811134	Ehlert, Heinz	1905	Wilmersdorf	R. Mariz e Barros, 42	Escriturário
<b>1743269</b>	Fischer Fritz	1883	Ragnit, O. P.	R. Mariz e Barros, 50	Comerciante
3592636	Hacker, Josef Wilh.	1899	Salzburg	R. Moreira Cesar, 26	Eletrotécnico
1592433	Hartmann, Heinz	1903	Charlottenburg	R. Tiradentes, 271	Comerciante
3445111	Hillefeld, Grete	1913	Nitheroy	R. Boa viagem, 55	Prof. de E. Física
3445108	Höft, Willy	1904	Hanburg	R. Moreira Cesar, 101	Comerciante
3811130	Hofemann, Emil	1904	Hagenau	Av. Sete de Setembro, 28	Médico
3280546	Kochler, H. H. Paul	1904	Hanburg	R. Tiradentes, 515Es	Escriturário
1755151	Kröger, Hermann H.	1901	Hanburg	R. Moreira Cesar, 204	Comerciante
1579799	Laub, Julius	1904	Schlath	R. Presidente Backer, 246	Func. de Banco
2209097	Lilienwald, Adolf	1897	Hanburg	R. Mariz e Barros, 259	Comerciante
<b>1754250</b>	Maurer, Eugen	1903	Wermelskirchen	Niterói	Tecelão
5518437	Möller, Helmut	1916	Karlsruhe	R. Boa Viagem, 55	Comerciante
3445122	Plambeck, Max	1904	Hanburg	R. Moreira Cesar, 26	Comerciante
1957820	Prest, Alfred	1909	Mesekenhagen	Nitheroy	Professor
3592640	Ruschmann, Karl	1883	Varel	Trav. Dom Bosco, 24	Bancário
3591647	Schrader, Carl	1907	Köln	Joaquim Távora, 91	Escriturário
3280563	Schuldt, Hans	1902	Hanburg	R. Nilo Peçanha	Comerciante
3592642	Schwarzer Benhard	1903	Neustadt O. S.	Est. da Cachoeira	Contador
3286333	Sippli, Max	1900	Muehlen	Alam. 24 de Outubro, 38	Comerciante
3445120	Strecker, Ulrich	1904	Waren	R. Paulo Alves, 25	Comerciante
<b>3445118</b>	Vay, Otto M.	1898	Bad Kissingen	R. Boa Viagem	Comerciante
3591431	Wenderholm, Hans	1909	Berlin	R. Moreira Cesar, 95	Bancário
1112151	Zwoch, Ernest Max	1992	Zoehda	R. Visc. de Uruguai, 465	Comerciante

Fonte: APERJ, Departamento Federal de Segurança Pública, Divisão de Polícia Política e Social, Setor Alemão, Pasta 06, Dossier: Partido Nazista (Nazi Party Membership Records Brasil, supplementary list n<sup>o</sup> 1)

Realizando uma pequena análise dos dados referentes aos 42 moradores de Niterói, inscritos no Partido Nazista, verificamos tratar-se de imigrantes provenientes de diferentes regiões da Alemanha, a exceção de um (ou uma), nascido (a) em Niterói. Outro dado que nos parece relevante é que grande parte do grupo relacionado era composto de uma população jovem. Ao dividirmos este contingente por faixas etárias, observamos que 26 apresentavam idade entre 20 e 39 anos; 12 se situavam entre 40 e 59 e, apenas 2 pertenciam à faixa mais alta de 60 e 79 anos. Quanto à profissão desempenhada, um número significativo, de 39%, era composto de comerciantes. Além destes, havia 3 professores, sendo 2 de Educação Física e 3 profissionais da área biomédica, nas seguintes especialidades: 1 médico; 1 farmacêutico e 1 botânico. Desempenhando funções relacionadas à burocracia, encontramos 4 escriturários; 3 funcionários de estabelecimentos bancários e 1 contador. Por fim, é possível contabilizar ainda profissionais diversos, como construtor de barcos (1); mecânico (1); eletrotécnico (1); empreiteiro (1); encadernador (1); balconistas (2); cozinheiro (1); padeiro (1) e tecelão (1). A quase totalidade desses imigrantes residia na zona sul de Niterói, especialmente em Icaraí (19), Boa Viagem (6), Fróes (2), Saco de São Francisco (2), Charitas (1) e Ingá (2). Uma minoria morava em bairros como Santa Rosa (1) e Centro (3).<sup>813</sup>

---

<sup>813</sup> APERJ, Departamento Federal de Segurança Pública, Divisão de Polícia Política e Social, Setor Alemão, Pasta 06, Dossier: Partido Nazista, (Nazi Party Membership Records Brasil, SUPPLEMENTARY LIST N<sup>o</sup> 1.

Durante a pesquisa no APERJ, levantamos informações sobre várias firmas e também alguns bancos cujos funcionários, em sua maioria mão-de-obra especializada, e, por vezes, desempenhando altas funções, eram investigados por suas posições políticas. Vários desses profissionais, residentes tanto no Rio como em Niterói, eram avaliados pelo DOPS como nazistas. Ao cruzarmos os nomes desses funcionários com a listagem do Partido Nazista de Niterói, só achamos o nome de Hans Wenderholm, profissional do Banco Germânico da América do Sul.<sup>814</sup>

Hans Christof Hermann Wenderholm, morador de Icaraí, era casado com a alemã Martha Luize Wenderholm. De acordo com o Dossiê do Banco Germânico da América do Sul onde trabalhava, quando Hans ainda morava na Alemanha já pertencia ao NSDAP. No Rio de Janeiro, além de ser filiado ao Partido chegou a ser membro, ou um dos dirigentes, da “Obra de Socorro de Inverno” (Wintershilfswerk) e da “Obra de Auxílio da Colônia Alemã do Rio de Janeiro.”

O Partido Nazista no Brasil era braço do Partido Nazista alemão e, por conseguinte, era subordinado, em uma primeira instância, à A. O. Auslander Organization der Nazi Partei (Organização do Partido Nazista no Exterior). Além do Partido, foram criados outros organismos, semi-independentes do NSDAP (o Partido Nacional-Socialista) e também sob as ordens da “Organização do Exterior.” Eram estes a DAF (Deutsch Arbeits-Front / Frente Alemã do Trabalho), a NSF (National Sozialistische Frauenschaft /Organização Nazista Feminina), a HJ (Hitler Jugend / Juventude Nazista) e a Leherschaft (Associação de Professores).<sup>815</sup>

---

<sup>814</sup>APERJ, Departamento Federal de Segurança Pública, Divisão de Polícia Política e Social, Setor Alemão, Pasta 07, Dossier “Banco Germânico da América do Sul”.

<sup>815</sup>SEITENFUS, op cit., p. 283.

A “Organização Nazista Feminina” e a “Juventude Hitlerista” foram algumas das ramificações do Partido Nazista destinadas a congregar alemães imigrados que não quisessem ser diretamente filiados ao Partido. Enquanto a primeira tinha como finalidade agrupar a totalidade das mulheres alemãs radicadas no exterior, a Juventude Nazista se propunha a reunir todos os jovens alemães ou descendentes de ambos os sexos que vivessem fora da Alemanha.<sup>816</sup>

Um dado relevante sobre a organização do Partido Nazista na Capital da República, diz respeito à participação da cidade de Niterói em determinados aspectos de sua estrutura. Assim, quando em 1932 foram criadas, na cidade do Rio de Janeiro, as associações partidárias “Juventude Hitlerista” e “Associação de Mulheres Nazistas”, as quais funcionavam como braços do partido, esses grupos se estruturaram em três frentes que incluíam Niterói ao lado de Ipanema e Centro. Da mesma forma, quando em 1933 foi feita uma nova divisão dos blocos em 3 grupos regionais, estes blocos ficaram divididos em Rio Oeste, Rio Leste e Niterói.<sup>817</sup>

A Associação “Juventude Hitlerista” foi instalada em Niterói ao que tudo indica na década de 30. No decorrer de nossa pesquisa, buscamos obter dados documentais sobre esta associação sem, todavia, alcançar sucesso. Conseguimos, no entanto, levantar informações sobre esta organização através de relatos de pessoas que viveram ou visitaram Niterói naquele período.

---

<sup>816</sup>APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemão, Pasta 11, Dossier “Juventude Hitlerista” HJ ou Hitler Jugend e Dossier Organização Nazista Feminina (National-Sozialistische Frauenschaft).

Nos países latinos, os Centros de Juventude foram utilizados para divulgar princípios de educação nacional-socialista de forma a que os jovens não perdessem os laços com sua origem alemã. A esse respeito *ver* SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Extrema Direita e Questão Nacional*, op. cit., p. 7 e 18.

<sup>817</sup>DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil*. op. cit., p. 247 e 248.

Uma dessas testemunhas foi o memorialista Vivaldo Coaracy, que viveu, quando criança, em Icaraí, no final do século XIX, e que voltou anos mais tarde à cidade de Niterói para visitá-la. De acordo com Coaracy, no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, uma casa na Praia de Icaraí foi “sede de uma sociedade alemã nos tempos de Hitler”.<sup>818</sup>

O memorialista Carlos Wehrs, que residiu em Niterói na década de 1930, deixou algumas poucas e valiosas informações sobre o assunto. Segundo ele nos relata, ao realizar uma pesquisa em uma loja de livros usados no Rio de Janeiro, certa vez, encontrou um livro com o carimbo da referida associação. Na parte interior do carimbo, de acordo com sua descrição, havia uma inscrição em alemão e, abaixo do carimbo, a seguinte referência em português: **NSDAP Seção Nitheroy**.<sup>819</sup> Sobre esta mesma associação, o autor ainda deixou registrado o seguinte comentário:

*Em Niterói, numa bela manhã os moradores de Icaraí viram desfraldada a bandeira preta, branca e vermelha com a cruz gamada, oscilando ao vento, içada no mastro na casa da esquina da praia com a rua Presidente Backer (1936). Não era um consulado ou um vice – consulado, como a princípio se pensava, mas um centro da tal “Juventude” a atrair prosélitos para sua causa.*<sup>820</sup>

Duas de nossas entrevistadas, que moravam em Niterói, à época, guardaram em sua memória lembranças desta instituição.

A primeira, filha de uma família inglesa, Sheila Causer, recorda-se de um “Clube Alemão na Praia de Icaraí”, onde se via “uma bandeira alemã grande” [...] “uma bandeira grande preta, branca e vermelha” (...).<sup>821</sup>

---

<sup>818</sup> COARACY, op. cit., p 40

<sup>819</sup> WEHRS, Carlos 125 anos de presença germânica em Niterói 1814-1939, op. cit., p. 219.

<sup>820</sup> *ibid.*

<sup>821</sup> Entrevista com Sheila Priscilla Causer Ferreira à autora em 14 de junho de 2012.

A segunda, descendente de alemães, demonstrou ter lembranças ainda bem vivas desta associação.<sup>822</sup> De acordo com seu depoimento:

*A “Deutsch House, casa alemã, era tipo um clube, (...) um local de convivência, (...) com um grande jardim (...) na Praia de Icaraí.” “Os alemães se reuniam lá, a gente ia socialmente aos sábados e domingos.” “Eu me lembro de muitas árvores (...), de uma casa grande, alta, de dois andares, aquelas casas antigas.”*

*A “colônia alemã, de modo geral, freqüentava o clube, (...) da mesma forma que meus pais e as demais famílias” (...), onde a “língua falada era o alemão.” (...) “Aos sábados e domingos era uma freqüência mais social.” “Eu sei que eles serviam chope, havia mesas e as pessoas se reuniam... Também tinha dança, os adultos dançavam. Havia ainda aquelas danças típicas alemãs e também dança social (...)”*

*Ali aconteciam atividades festivas, comemorações, como: “festas juninas, natal, papai Noel.” “Lembro que antes de Papai Noel dar o presente a gente tinha que falar algumas palavras em alemão. Ele perguntava em alemão se você tinha sido uma boa criança durante o ano e, logicamente, ninguém ia dizer que não, né? Ai se cantava em alemão o “Tannenbaum”, que significava o “Pinheirinho”. Antes de receber o presente todos tinham que cantar essa música em alemão.” (...) Tinha também a festividade da Páscoa, quando eram escondidos ovinhos e as crianças tinham que procurar (...) então, havia sempre estas datas comemorativas, tradicionais dos séculos passados.”*

*“Havia também atividades esportivas, o incentivo a jogos coletivos, então, eu me lembro da gente praticar alguns jogos, no chão, a gente jogava alguns discos, (em forma de) brincadeiras, depois a gente ganhava um prêmio.”<sup>823</sup>*

Fica claro, nestes registros, que o Clube Alemão da Praia de Icaraí funcionava como uma agremiação étnica, como tantas outras do gênero, objetivando congregar os integrantes da colônia, cultivando as tradições alemãs e reforçando os laços da coletividade.

No entanto, apesar de sua pouca idade, a depoente fornece um conjunto de informações que revelam as especificidades da Deutsch House como um Centro de Juventude Nazista, que, como já foi mencionando, funcionava como importante braço do Partido Nazista. A esse respeito, esclarece que:

<sup>822</sup>Entrevista com a senhora X cujo nome manteremos em sigilo a pedido da depoente.

<sup>823</sup>ibid.

*Por ser “tempo de Hitler”, “nós éramos também agrupados por idade para começar o tal de Hitlerjugend, a juventude de Hitler.” Naquele tempo, 1938 e 39, “era muito incentivado o esporte, porque o esporte é saúde.” “Era mais a parte de jogos e cantos, cantos folclóricos alemães, aquela reunião de união, porque (Hitler) estava com a idéia de fazer uma Alemanha forte e querendo que as pessoas ficassem muito bem de saúde através do esporte (...) então ele tinha estas idéias de construir uma juventude muito forte e bela, grande.” “A freqüência era semanal, às vezes tinham encontros à tarde, justamente por causa da Hitlerjugend (...) Enquanto isso, os pais se reuniam, tomavam seu chope, e, por sinal, bebiam muito naquele tempo...”<sup>824</sup>*

Em agosto de 1937, a mídia jornalística brasileira noticiou a deportação de Ana Gertrude Lambrecht que, assim como Erna Krüger (Olga Benário) e Elise Ewert (esposa do ex-deputado Arthur Ewert), fora entregue, via colaboração germano-brasileira, ao governo alemão, fato esse já mencionado no início desse capítulo.

No decorrer desse acontecimento, o jornal “Diario Carioca” enviou no dia 26 de agosto alguns jornalistas para obterem informações sobre o “Club Alemão” de Icarai, visto acreditarem que a expulsão de Ana Gertrude Lambrecht tinha sido resultado da “*escandalosa interferencia dos perigosos nazistas*” que haviam tramado a sua expulsão em reunião ocorrida no referido clube. De acordo com o jornal, “*agentes da Gestapo se reuniram cerca de 8 horas da noite de terça-feira ultima, na séde do Club Allemão de Icaray, para tratar do caso da expulsão da senhorinha.*” Esclarecia, finalmente, que “*um dos principais elementos da polícia secreta no nazismo de nome Wahle reside no sobrado do club germânico, em Nictheroy (...) onde a Gestapo mantém uma de suas secções.*”<sup>825</sup>

---

<sup>824</sup> Entrevista com a senhora X cujo nome manteremos em sigilo a pedido da depoente.

<sup>825</sup> Diario Carioca – 1930 a 1939 – PR\_SPR\_00009\_093092. Ed. 02825 (1), Anno X – Numero 2.825, Rio de Janeiro, quinta-feira, 26 de agosto de 1937. p. 16.

O jornal localizou o “Club Allemão” na “Praia de Icarahy, n. 251”, descrevendo-o como “um predio grande, imponente, quase fronteiro ao novo trampolim.” Acrescentava ainda que o edifício estava “colocado em centro de terreno, (...) guardado por uma forte e alta grade de ferro (...) com o portão da frente fechado por cadeado e corrente. À direita a grade é vedada por um anteparo de folha, havendo um portão blindado. Como se não bastasse toda essa precaução, o enorme terreno é guardado por dois cães de raça – um policial allemão e um galgo.”<sup>826</sup>

Em nossas investigações no APERJ, encontramos algumas informações que relacionam o nome de Ana Gertrud Lambretch ao de um morador de Niterói. Ao pesquisarmos uma série de firmas de procedência alemã sediadas na capital da República que sofreram investigação e/ou intervenção da Polícia Política, nos anos de 1940, encontramos a firma “CEKACÊ FARMACEUTICA LIMITADA”, antiga Carlos Kern & Cia., cujo sócio principal era Albrecht Adolf Eduard Walleustein, um alemão de 60 anos de idade, casado e residente na rua Miguel de Frias, 33, em Niterói.<sup>827</sup>

Com base nas diligências feitas pela polícia, Walleustein pertencia a várias agremiações germânicas, como era de praxe entre os alemães daquela época: “Associação dos Ex-combatentes”, “Frente Alemã do Trabalho”, “Club Germânico” e “Hospital Alemão”. Além disso, era tido como membro atuante do Partido Nazista de Niterói, onde “habitualmente costumava oferecer churrasco aos nazistas, mostrando-se, além disso, solícito ao fornecer dinheiro para as iniciativas nazistas.”<sup>828</sup>

---

<sup>826</sup> *ibid.*

<sup>827</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemão, Pasta 19, Dossier “Cekacê Farmaceutica Limitada”. Comunicação n<sup>o</sup> 540/S-2, Rio de Janeiro, 8.7.1943, 3p, p. 1.

<sup>828</sup> *Ibdi.*, p. 2.

Um fato que chama a atenção, no relatório sobre Walleustein, é a menção feita a Ana Gertrud Lamprecht. Esta jovem alemã, nascida em Munich, no ano de 1915, chegara ao Brasil em 1936, com a idade de apenas 21 anos. No ano seguinte à sua entrada no País, tornou-se secretária do senhor Walleustein, trabalhando para ele no período compreendido entre 17.05.37 a 6.08.37. Todavia, em 10 de agosto de 1937, quando provavelmente ainda desempenhava às suas funções junta à firma de Walleustein, Gertrud foi presa e deportada para a Alemanha, pela polícia política de Vargas, “por suspeita de atividades comunistas e por estar ilegalmente no país.”<sup>829</sup>

No mesmo laudo do APERJ que menciona os dados sobre Ana Gertrud Lamprecht, consta ainda a informação de que a sua mãe, Aluisia Lamprecht, a qual “ocupava lugar de destaque no Partido Nazista Alemão” fora, por “motivo de religião, presa e mandada para um campo de concentração” na Europa.<sup>830</sup>

Além do “Club Alemão”, o Partido Nazista se fez presente ainda no Iate Clube Brasileiro, na década de 1930, quando um grande número de alemães e seus descendentes formavam a maioria do quadro social.<sup>831</sup> De acordo com Soares, na parte externa deste clube, ficava pendurada, sem qualquer tipo de censura, uma bandeira da SS, da qual existe registro em foto.<sup>832</sup>

---

<sup>829</sup> *ibid.*, p. 3.

<sup>830</sup> *ibid.*

<sup>831</sup> *Diário de Notícias – 1940 a 1949 PR\_SPR\_00004\_093718. / 24.03.1942 / Ed. 05954 (1), p. 7.*

<sup>832</sup> SOARES, op. cit., p. 82.

Finalmente, embora vários jornais alemães fossem editados em cidades do Brasil, a exemplo de São Paulo e do Rio de Janeiro, só conseguimos identificar moradores de Niterói como assinantes de periódicos estrangeiros.

Jornais “Deutsche La Plata Zeitung” e “La Plata Post”  
Relação de Assinantes moradores em Niterói<sup>833</sup>

Nome	Endereço
Froschmueller, W	Praia de Icaraí, 69
Gebauer, Roberto	R. Miguelotte Viana, 14
Pfisterer, Willi	R. José Clemente, 19 (Bar Internacional)
Ruckgaber, Friedrich	R. Moreira Cesar, 438
Walter, Paulo	R. Fagundes Varela, 515
<b>Fonte:</b> PESQUISA APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemão, Pasta 3, Dossiê Jornal “Deutsche La Plata Zeitung”, agosto de 1942.	

Conforme revela o quadro acima, dois jornais considerados órgãos nazistas, o “Deutsche La Plata Zeitung” e o “La Plata Post”, editados em Buenos Aires, na Argentina, possuíam, entre seus assinantes brasileiros, cinco imigrantes de origem germânica que viviam em Niterói.<sup>834</sup> Todavia, nenhum dos citados residentes estava inscrito na listagem do Partido Nazista, anteriormente apresentada.

---

<sup>833</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemão, Pasta 3, Dossiê Jornal “Deutsche La Plata Zeitung”, agosto de 1942.

<sup>834</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemão, Pasta 3, Dossiê Jornal “Deutsche La Plata Zeitung”, agosto de 1942.

#### **4.4. O revés sofrido pelo Partido Nazista no Brasil: acontecimentos no Rio de Janeiro e Niterói**

De acordo com Moura, no período do Estado Novo, duas grandes questões dominaram as preocupações de Vargas. A primeira estava voltada para reequipar as forças armadas brasileiras, particularmente o exército, com o intuito de fortalecer as defesas do País. A segunda dizia respeito à necessidade de gerar investimentos destinados à obtenção de uma grande siderurgia que servisse de base ao desenvolvimento industrial do Brasil.<sup>835</sup> Tendo em vista a forte parceria econômica que se desenvolvia entre o Brasil e a Alemanha, este país se dispôs a cooperar com o Brasil, aceitando financiar a instalação do complexo siderúrgico, além de outros projetos importantes, como a construção de um moderno porto marítimo, um arsenal de Marinha e uma fábrica de armas leves.<sup>836</sup> Para tanto, contaria com o financiamento de algumas firmas alemãs de grande porte, como a Stahlunion, Siemens, Demag e Krupp, as quais, na década de 1930, já se encontravam instaladas no Brasil, explorando jazidas de ferro que exportavam em grande quantidade para a Alemanha. Um dos projetos que chegou a ser realizado com sucesso foi o arsenal da Marinha na ilha das Cobras. Outros, todavia, não conseguiram se concretizar, como foi o caso da implantação do complexo siderúrgico. Embora a instalação de uma siderurgia fosse viável em termos econômicos, devido à política econômica de marcos compensados, alguns impedimentos de ordem política concorreram para que ela não chegasse a se realizar.<sup>837</sup>

---

<sup>835</sup> MOURA, op. cit., p. 54-57

<sup>836</sup> BANDEIRA, op. cit., p. 15, 16

<sup>837</sup> *ibid.*, p. 16

A inabilidade do Embaixador Karl Ritter, ao provocar forte atrito diplomático com o Chanceler Oswaldo Aranha por causa **do fechamento do Partido Nazista no Brasil e de outras medidas repressivas contra os agentes do Terceiro Reich**, o agravamento das tensões internacionais, a desencadear a II Guerra Mundial, e, *last but not least*, as pressões dos Estados Unidos impediram que o Governo de Getúlio Vargas, profundamente dividido, tomasse uma decisão.<sup>838</sup> (O grifo é nosso)

A partir do Estado Novo ganhou força no País o ideário nacionalista, defensor de uma maior integração regional, que se opunha à existência de núcleos populacionais mal assimilados na sociedade brasileira. Neste contexto, era premente integrar, ainda que pela força, todas as colônias estrangeiras estabelecidas no País, especialmente aquelas de origem germânica fixadas em sua maior parte na região sul.<sup>839</sup> O projeto de construção de uma identidade brasileira, em que se destacavam a assimilação e a miscigenação como formas de se chegar à unidade e ao progresso acabaria por se opor ao projeto de nacionalização germânico divulgado em terras do Brasil. Este último, além de incentivar o cultivo de tradições, costumes e sentimentos patrióticos identificados com a pátria-alemã, fazia uso ostensivo do idioma alemão em diferentes instâncias de convivência no interior das colônias, como, igualmente, em suas publicações no País. As diferenças existentes entre esses dois postulados nacionalistas continuariam se acentuando até a eclosão da Segunda Guerra Mundial, quando o projeto nacionalista alemão passaria a ser visto como uma manifestação de antinacionalismo brasileiro.<sup>840</sup>

---

<sup>838</sup> *ibid.*

<sup>839</sup> SEITENFUS, A. Silva. O Brasil e o III Reich (1933-1939). Op. cit, 273-289, p. 285.

<sup>840</sup> SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito, op. cit, p. 235-248.

No bojo de um conjunto de medidas que tinha por objetivo limitar a ação dos agentes do Terceiro Reich no Brasil, vários decretos foram promulgados. No que diz respeito ao nosso trabalho, vale a pena destacar o Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, que impedia os estrangeiros de exercerem qualquer atividade política no País, incluindo a divulgação de ideias ou programas de caráter político, a criação de associações, a organização de manifestações públicas e, por fim, as publicações de natureza diversas.<sup>841</sup>

Como resultado desta Legislação, as atividades políticas e os partidos estrangeiros passaram a atuar na clandestinidade.<sup>842</sup> No caso específico das atividades nazistas, os alemães dissolveram o Partido Nazista, que continuou, todavia, a funcionar, na Capital Federal, sob a forma de sociedade cooperativa de beneficência, instalada no sobrado da Farmácia Alemã, na rua da Alfândega.<sup>843</sup> Da mesma forma, a divulgação sobre os eventos nazistas, antes feitas com total liberdade, desapareceu da imprensa nacional-socialista.<sup>844</sup>

Nos dias que se sucederam ao levante integralista de maio de 1938, a polícia fluminense procedeu a diligências na busca de envolvidos e materiais do partido. Levada por denúncias, realizou uma investigação na residência do súdito alemão Theodoro Salezmann, morador na rua Tiradentes, nº 20, em Niterói. Após ser conduzido à delegacia, este imigrante declarou que as bombas enterradas no quintal de sua casa haviam chegado por intermédio dos chefes integralistas Otho Sobral e Lara Villela, os quais também teriam sido presos.<sup>845</sup>

---

<sup>841</sup>Decreto-Lei nº 383, de 18 de Abril de 1938 – Publicação Original.

<sup>842</sup>DIETRICH, Ana Maria, “Suásticas no Brasil”. *op. cit.*, p. 3.

<sup>843</sup>PESQUISA APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemão, Pasta 15, Dossier Embaixada Alemã, p. 2.

<sup>844</sup>DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil. op., cit.*, p. 249.

<sup>845</sup> *Jornal O Fluminense* 17/05/1938.

Após o levante integralista, o Governo criou a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS/RJ) responsável pela investigação de assuntos ligados à entrada e permanência de estrangeiros no território do Estado por meio do Decreto estadual n. 580 de 11/10/1938.

Através de um depoimento, o memorialista Emmanuel de Macedo Soares esclareceu que Theodoro Salezmann era dirigente de uma célula nazista localizada no bairro do Ingá. De acordo com Soares, o Partido Nazista, em Niterói, como em outros lugares do Brasil, agia através de células, as quais eram dirigidas por profissionais ligados à Embaixada da Alemanha. Na capital fluminense funcionavam, além da célula do Ingá, duas outras localizadas em São Francisco e no Fonseca.<sup>846</sup>

Para entender a relação existente entre nazismo e integralismo, acima detectada, buscamos a perspectiva de René E. Gertz, estudioso sobre o assunto. De acordo com Gertz esta relação não pode ser explicada apenas com base em princípios doutrinários referente aos dois partidos, mas deve ser compreendida, principalmente, a partir da militância concreta dos dois grupos em diferentes contextos do País. Pois de acordo com este autor: “Havia nazistas combatendo o integralismo e vice-versa, assim como simpatizantes das duas correntes políticas atuando em conjunto.”<sup>847</sup>

Identificamos no APERJ, outro exemplo da parceria política entre nazismo e integralismo, desta vez na capital da República. Nesta capital funcionou a associação “Pró-Arte”, sociedade alemã de alta cultura, subvencionada pela Alemanha, que teve como uma de suas ramificações a sociedade “Cultura Artística”, uma organização pertencente ao Departamento cultural da AIB/RJ.<sup>848</sup>

---

<sup>846</sup> Depoimento de Emmanuel de Macedo Soares, concedido à autora, em 09/11/2012.

<sup>847</sup> GERTZ, René E. Quase dois irmãos: as semelhanças e diferenças entre os integralistas e nazistas brasileiros. Revista de História. 26/10/2010, p. 1 e 2 .

<sup>848</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemão, Pasta 9, S-1 – Boletim n. 243 (p. IX), 1. 10. 42. Santana também analisa a proximidade política existente entre nazistas e integralistas, a partir de diferentes fontes, e informa que “no Brasil, alguns dos interesses nazistas encontraram um aliado. Considerados a ‘Quinta coluna’ do país, os integralistas identificados com as idéias fascistas encontraram em grupos nazistas locais apoio financeiro e ideológico”. Esta autora informa ainda que a literatura integralista foi maciçamente traduzida para o alemão e que o governo nazista enviou dinheiro para a AIB, no Brasil. A esse respeito ver: SANTANA, Nara Maria Carlos de. Extrema Direita e Questão Nacional: o nazismo no Brasil dos anos 30. op. cit., p. 13 e14.

Nos anos de 1940 e 41, os EUA exerceram forte pressão sobre o Brasil no sentido de que este aderisse aos aliados. Em 1940, o Presidente Franklin Roosevelt autorizou a concessão de um crédito de US\$ 20 milhões, para que se criasse uma Siderurgia em Volta Redonda. Através deste investimento vultoso, os EUA ampliaram as possibilidades de cooperação política com o Brasil e acabaram definitivamente com as chances de um acordo entre Brasil e Alemanha, em torno da construção de um complexo siderúrgico a ser financiado pela Krupp. Em dezembro de 1941, com o ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, tornou-se cada vez mais difícil para o Brasil manter a política de neutralidade que vinha adotando desde o início do Conflito. Entre fevereiro e agosto de 1942, após os ataques e afundamentos de navios mercantes brasileiros, por parte de submarinos alemães e italianos, uma onda de clamor público e de manifestações de ruas obrigaram o Governo Vargas a abandonar de vez a atitude de neutralidade, formalizando uma declaração de guerra contra a Itália e a Alemanha.<sup>849</sup>

Em Niterói, os estudantes organizaram um comício com o objetivo de defender a entrada do Brasil na Guerra ao lado dos Aliados.<sup>850</sup> Amaral Peixoto, interventor do Estado do Rio, à época, esclarece que a realização desse comício implicava riscos, visto que os estudantes poderiam se exceder, em seu entusiasmo, no ataque a alguns políticos brasileiros simpatizantes do nazismo, como Góes Monteiro, Eurico Gaspar Dutra e Fillinto Müller. Embora consciente desse perigo, o antigo interventor concedeu permissão aos estudantes, contanto que ele próprio estivesse presente ao evento.<sup>851</sup>

<sup>849</sup> BANDEIRA, op. cit., p. 16, 17.

<sup>850</sup> CAMARGO, op. cit., p. 219.

<sup>851</sup> ibdi., p. 219, 220.

De acordo com Amaral Peixoto, após a realização dessa manifestação, os estudantes ganharam força e 15 dias depois fizeram uma passeata, na Avenida Rio Branco, movimento este que foi acompanhado de perto pelo interventor e sua esposa Alzira.<sup>852</sup>

Comemorando a data da Independência dos Estados Unidos, a União Nacional dos Estudantes promove uma grande manifestação contra o nazismo no Rio de Janeiro, incluindo uma passeata pela Avenida Rio Branco com carros alegóricos cedidos pelos clubes carnavalescos cariocas. De Niterói segue para participar uma delegação de universitários, liderada por Roberto Silveira, Palmir Silva e Galdino Luís Pinaud, tendo à frente o próprio interventor federal Amaral Peixoto e sua mulher, Alzira Vargas. A manifestação havia sido proibida pelo chefe de Polícia do Distrito Federal, Filinto Müller, na mesma data exonerado por Getúlio Vargas juntamente com o ministro do Exterior e da Justiça, Vasco Leitão da Cunha e Francisco Campos, e o diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, Lourival Fontes.<sup>853</sup>

No que diz respeito às duas colônias de imigrantes, sediadas no Rio de Janeiro e em Niterói, é possível afirmar que, desde 1939, os seus laços profissionais, sociais e de amizade foram bastante afetados, quando não interrompidos.

Na década de 1930, antes de ter início a Guerra, a proximidade existente entre os britânicos e alemães favoreceu a que **muitos alemães trabalhassem em firmas inglesas sediadas na Capital da República**. Logo após a deflagração do conflito, todavia, estes alemães se encontraram em uma situação difícil, na eminência de perder os seus empregos. Antecipando-se aos acontecimentos, buscaram apoio dos grandes bancos e firmas germânicas do Rio de Janeiro, no sentido de levantar fundos para fazer face à situação de desemprego que viria. Por esse motivo, criaram a “Obra de Auxílio da Colônia Alemã do Rio de Janeiro”, citada em dossiê do APERJ:<sup>854</sup> (o grifo é nosso)

<sup>852</sup> *ibid.*, 220

<sup>853</sup> SOARES, Emmanuel de Macedo. Cronologia de Niterói, vol. 29, p. 290.

<sup>854</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemão, Pasta 7, Dossier Banco Germânico da America do Sul.

c) A "OBRA DE AUXÍLIO DA COLÔNIA ALEMÃ DO RIO DE JANEIRO" foi fundada, numa reunião levada a efeito na sede do Banco Alemão Transatlântico, em 1939, quando diversos países declararam guerra à Alemanha, com a finalidade de angariar donativos para, mais tarde, auxiliar os alemães residentes nesta Capital que, em consequência do conflito, ficassem desempregados, pois muitos deles trabalhavam, naquela época, em firmas inglesas. Assim, os seus organizadores, pretendiam fazer face a situação precária em que, durante o transcurso do conflito, os súditos alemães, por certo, ficariam.

Fonte: Dossier Banco Germânico da America do Sul. Pasta 7. Setor Alemão. F.P.P. APERJ

Em Niterói, onde viviam centenas de alemães e britânicos, a repercussão do conflito na Europa foi imediato. As duas comunidades de imigrantes que, no período entre guerras haviam retomado os laços de boa convivência, encontraram-se mais uma vez em lados opostos. Enquanto um percentual ignorado de jovens alemães aderiu à "Juventude Hitlerista", os britânicos viam muitos de seus filhos, antigos companheiros dos teuto-brasileiros, alistarem-se como membros da Força Britânica e partirem para a Guerra.<sup>855</sup>

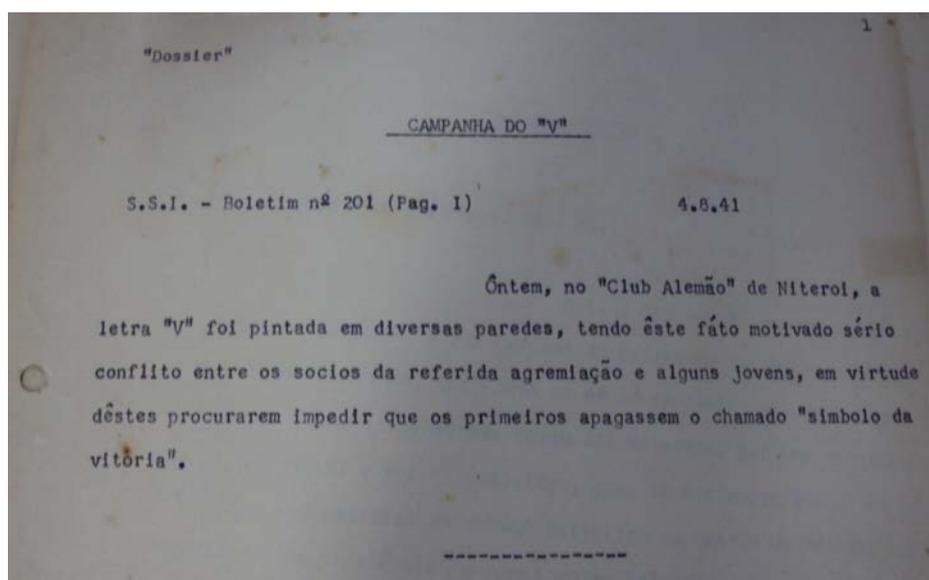
Referindo-se à relação entre as duas colônias de Niterói, naquele período, o memorialista Carlos Wehrs observa que: "Antes de 1939, nas casas de famílias inglesas não mais se convidavam alemães – e vice-versa – para as sempre havidas partidas de bridge, jogadas outrora na maior harmonia. Era o fim de uma época..."<sup>856</sup>

---

<sup>855</sup>Lista de "Members Serving with H. M. Forces", in "Rio Cricket and Athletic Association / Fixture Card", Anos: 1941 e 1945.

<sup>856</sup>WEHRS, Carlos 125 anos de presença germânica em Niterói 1814-1939. op. cit., p. 220.

O afastamento das duas comunidades inclusive chegou a ganhar contornos de conflito, quando o Club Alemão da Praia de Icaraí passou a ser alvo da campanha inglesa do “V” da Vitória. Nesta oportunidade, expressou-se um conflito entre os sócios do referido clube e alguns jovens ativistas que apoiavam os aliados, conforme está registrado no Boletim abaixo, datado de agosto de 1941.<sup>857</sup>



**Fonte: Dossier Campanha do “V”. Pasta 1. Série Ingleses. F.P.P. APERJ**

Em março de 1942, antes mesmo da entrada do Brasil na Guerra, a mídia jornalística já noticiava ações de repressão por parte das autoridades pertencentes à Ordem Política e Social do Estado do Rio em relação a imigrantes alemães moradores na capital do Estado. A matéria reproduzida abaixo, especificava não apenas o nome dos envolvidos como também o endereço onde residiam.<sup>858</sup>

<sup>857</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Ingleses, Pasta 1, Dossier Campanha do “V”, S.S.I. – Boletim n. 201, 4.8.41, p. 1.

<sup>858</sup> Diário de Notícias – 1940 a 1949, PR\_SPR\_00004\_093718. Ed. 05935 (1), dom. 1<sup>o</sup> de março de 1942, p. 9.



Fonte: Diário de Notícias. Ed. 05935 (1), dom. 1<sup>o</sup> de março de 1942, p. 9.

A partir de agosto de 1942, uma série de acontecimentos contra os alemães tomaria conta da Cidade. Estabelecimentos comerciais pertencentes a estes estrangeiros se tornaram alvo fácil da população, como podemos ver nos dois exemplos a seguir: o ‘Bar Danúbio Azul’, na Av. Mem de Sá, 34, de propriedade de um alemão de nome Victor foi fechado pelo povo, em agosto de 1942.<sup>859</sup> De igual forma, a ‘Casa da Manteiga’ pertencente a um casal teuto, situada na primeira quadra da rua Gavião Peixoto, foi apedrejada e teve suas portas fechadas.<sup>860</sup>

Neste contexto bélico, nem mesmo os operários germânicos foram poupados das ações de represálias. No Estaleiro e Oficinas do Lloyd Brasileiro, situados na Ilha de Mocanguê, na Baía de Guanabara, em agosto de 1942, os trabalhadores, em uma ação coletiva, comunicaram aos alemães que ali trabalhavam que eles deveriam se retirar e não voltar mais às suas funções.<sup>861</sup>

<sup>859</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta3, Dossier “Manifestações Populares contra o Eixo” (Jornal O Radical de 19.08.1942).

<sup>860</sup> Entrevista de Carlos Fellows e Norma Portugal Felows à autora em 20/01/2015.

<sup>861</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta3, Dossier “Manifestações Populares contra o Eixo” (Jornal O Radical de 20.08.1942).

Igualmente, as instituições locais fundadas pela comunidade germânica foram profundamente atingidas. A tradicional Escola Alemã de Edith Wehrs, aberta desde 1925, em Icaraí, foi fechada durante as festividades do dia 7 de setembro de 1942.<sup>862</sup>

Em março de 1942, o Diário de Notícias informava a chegada, ao Yacht Clube Brasileiro, de um interventor nomeado pelo governo fluminense. Neste mesmo artigo, o qual se intitulava, “*O Yacht Club Brasileiro, de Niterói, estava germanizado*”, o jornal esclarecia “*que tudo ali era germânico: os quadros das paredes, os letreiros, indicando os diversos compartimentos, os jornais e revistas. Em português, só o catálogo telefônico*”(…) Inclusive, “*a própria diretoria se constituía de alemães naturalizados e filhos de alemães. Não havendo entre os nomes que assinavam os estatutos em vigor, um só que escapasse ao sarro germânico. Então vejamos: Bickarej, Hartmann, Bosch, Eherling, Kmentt, Ihssen, Selkel, Ruckgaber, Vossel, Stummel e Horpken.*”<sup>863</sup> (*O grifo é nosso*)

Em 3 de agosto de 1943, o jornal carioca “A Noite” informava que fora “*destruída por um incêndio a sede do Yacht Club Brasileiro, com a perda de todo o mobiliário, quadros de valor e todo o arquivo da secretaria daquela associação esportiva*”, em um episódio que, ao que tudo indica, deve ter sido proposital.<sup>864</sup>

---

<sup>862</sup>Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein à autora em 18/10/2011.

<sup>863</sup> Jornal “Diário de Notícias” – 1940 a 1949 PR\_SPR\_00004\_093718. / 24.03.1942 / Ed. 05954 (1), p. 7.

<sup>864</sup> Jornal “A Noite” – 1940 a 1949 – PR\_SPR\_00155\_348970. Ed. 11306 (1), 3.08.1943, p. 3.

Se no período de 1938-1942 os alemães não chegavam a ser considerados como um perigo ideológico para o governo Vargas, após agosto de 1942, os nazistas e demais cidadãos, considerados “súditos do eixo”, passaram a ser vistos como inimigos militares e, em virtude disso, alvo de ações de vigilância e perseguições da repressão oficial.<sup>865</sup> A partir de então, ocorreria uma verdadeira “caça às suásticas”, compreendida como processos de controle, vigilância, investigação e prisão.<sup>866</sup>

Identificamos no APERJ o dossiê Ilha das Flores, de 25 de março de 1943, no qual consta um quadro demonstrativo do número de prisioneiros políticos, em sua quase totalidade, estrangeiros. “Estes prisioneiros ali se achavam recolhidos aguardando até que o Tribunal de Segurança Nacional se pronunciasse a respeito dos crimes que praticaram contra a soberania e segurança nacional”. Como se pode observar, na página subsequente, os alemães, em número de 43, perfaziam a grande maioria dos prisioneiros. Abaixo deles vinham os italianos em número de 14.<sup>867</sup>

---

<sup>865</sup> DIETRICH, Ana Maria, “Suásticas no Brasil”. *op. cit.*, p. 7

<sup>866</sup> *ibid.*, p.3.

<sup>867</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 17, Dossier Ilha das Flores, 25 de março de 1943.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES  
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO  
DIVISÃO DE ORÇAMENTO

84  
RELACÃO DEMONSTRATIVA DOS DETENTOS E SUAS NACIONALIDADES

NACIONALIDADE	PA VI LÃO	EN FER MA RIA	TOTAL
ALEMÃES	40	3	43
ITALIANOS	10	4	14
TCHECOS	1		1
NORTE AMERICANO	1		1
ESPAÑHOL	1		1
PORTUGUÊS	1		1
BRASILEIROS NATOS	3		3
SOMA	57	7	64

DESTACAMENTO - PRESIDIO DA ILHA DAS FLORES em 25-3-43

Dossiê Ilha das Flores, Pasta 17, S. Alemão, F. P. P., APERJ, 1943.

Com o intuito de amparar as famílias dos alemães, presos ou foragidos, foi criado o “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”. Em 14 de março de 1942, este comitê já se encontrava funcionando, na cidade do Rio de Janeiro, sob a presidência da senhora Erika Schloemam, inclusive angariando donativos para a causa, com a devida autorização da Cruz Vermelha Brasileira.<sup>868</sup>

Neste período, todavia, as atividades do Comitê começaram a ser investigadas. Um primeiro dado levantado se referia à estrutura de funcionamento desta associação. De acordo com a Polícia Civil do Distrito Federal, para contribuir com esta organização, **o Distrito Federal e Niterói teriam se dividido em vários setores**, sendo que para cada um deles foram designadas duas ou mais senhoras.<sup>869</sup>

<sup>868</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 3, Dossier “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”.

<sup>869</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 3, Dossier “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”, 09/04/1942.

Além disso, informava-se que esta organização estava estreitamente ligada ao Partido Nacional Socialista e suas suborganizações (Frente do Trabalho e Deutsches Hifswerk). De acordo com a avaliação da Polícia à atuação desta associação “é mais uma máscara das tantas que usam os partidos de Hitler, para ludibriar os menos prevenidos e os mal intencionados se aproveitam para fazerem alguma coisa pela Grande Alemanha.”<sup>870</sup> A partir deste levantamento, o referido Comitê foi proibido de funcionar, enquanto que sua presidente, Erika Schloemam, foi advertida pela Delegacia a cessar as suas atividades.<sup>871</sup> Finalmente, em finais de novembro, várias senhoras componentes do Comitê foram detidas. A encarregada do “subcomitê de Niterói”, senhora Stummel, já tinha, no mês de dezembro, de acordo com a Polícia, sua detenção providenciada.<sup>872</sup> (o grifo é nosso)

No decorrer da pesquisa, encontramos um outro caso que faz menção ao mesmo sobrenome Stummel, acima mencionado. Trata-se do dossiê “Joseph Stummel”,<sup>873</sup> colhido nos arquivos do APERJ. Este caso, ao que tudo indica, parece não ter sido concluído, por falta de maiores esclarecimentos, ou provas, e acabou ficando pendente no DOPS.

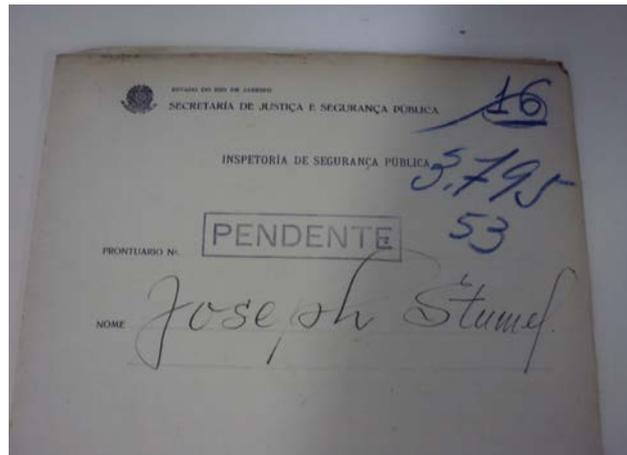
---

<sup>870</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 3, Dossier “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”, Informação n<sup>o</sup> 57 (19/10/42).

<sup>871</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 3, Dossier “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”, Informação n<sup>o</sup> 1926/S-2.

<sup>872</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 3, Dossier “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”, S-2 – Relatório n<sup>o</sup> 270, 23/11/1942.

<sup>873</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Dossiê “Joseph Stummel”.



Dossiê “Joseph Stummel”, Série Alemães, Fundo Polícia Política, APERJ

Joseph Stummel, alemão de 51 anos, comerciante, morava com sua esposa, Clara Josephine Stummel, alemã, 49 anos, dona de casa, no Edifício Itapuca, 171, AP. 9, na Praia das Flexas. Além do casal vivia ainda na mesma residência Ruth Gisbertha Stummel, brasileira, provável filha desse casamento. Joseph Stummel fora investigado inicialmente a respeito de uma viagem que fizera à Argentina em que de ilegal nada ficou constatado. Em documento datado de 15 de abril de 1943, da Delegacia de Ordem Política e Social, informava-se sobre o desempenho de uma missão de busca em seu apartamento no Edifício Itapuca.<sup>874</sup>

Durante a sindicância, conforme relato a seguir, foram apreendidos “vários documentos em idioma germânico e português”, além de um “cofre pequeno fechado”. Como “não encontrasse a respectiva chave para abri-lo” o referido objeto foi também apreendido. Ao final da busca, a Sra. Clara Stummel, que se encontrava na casa com algumas amigas de procedência alemã, foi notificada a comparecer, juntamente com seu esposo, no dia imediato, à Delegacia, às 14 horas. No dia seguinte, o casal Stummel compareceu à Divisão e, após minuciosa investigação, foi liberado.<sup>875</sup>

<sup>874</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Dossiê “Joseph Stummel”.

<sup>875</sup> *ibid.*

ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA  
DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL.

Ilmo. Snr. Comissario Geral da Delegacia de Ordem Politica e Social

(PARTE DE SERVIÇO) *J. ao proutuario  
Joel de Souza Stummel  
Em 16/4/43  
H. Kraus*

Dando desempenho a missão que me fora confiada, no tocante a realização de uma busca em o apartamento nº 9, do Edifício Itapuca, nesta cidade, cabe-me informar, o que se segue: " que ao entrar em companhia do investigador Hermenegildo da Silva, que fora escalado para acompanhar-me, no apartamento em apreço, encontrei as senhoras Elisabeth Vassel, alemã, portadora da carteira de identidade de registro nº 608589 e 17888, do D. Federal, residente a rua Presidente Pedreira nº 138, Kathchen Maria Elisabeth Fronmuller, alemã, portadora da carteira nº 615352 e 41030, do D. Federal, residente á rua Oton Simon nº169, Rio, Lucie Maria Catharine Molinari, alemã, portadora da carteira nº 3366269 e 105546, do D. Federal, residente á rua Julho de Castilhos nº 83-8ª and. apart. 21- mo, Ruth Gisbertha Stummel, brasileira, portadora da cart. de identidade de registro geral nº 90397, deste Estado, residente no proprio apartamento e Clara Josephine Stummel, alemã, locataria do apartamento e casada com Joseph Stummel." Procedida a respectiva busca, apreendi varios documentos em idioma germanico e português, e como, encontrasse um cofre pequeno fechado e não encontrasse a respectiva chave para abril-o, achei por bem, tambem apreendel-o. Terminan- a busca aludida, notifiquei a Snra. Stummel a comparecer juntamente com seu esposo a esta Delegacia, no dia imediato, ás 14 horas.

Niteroi, 15 de Abril de 1943

*[Assinatura]*  
INVESTIGADOR.

Dossiê "Joseph Stummel", Série Alemães, Fundo Polícia Política, APERJ (O grifo é nosso)

<sup>876</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Dossiê "Joseph Stummel".

O caso Joseph Stummel, por falta de documentação comprobatória, pode ser ilustrativo do fato de que o processo de repressão aos alemães nem sempre foi direcionado exclusivamente às pessoas diretamente envolvidas com o nazismo. De acordo com Dietrich:

Tornaram-se alvo desde dirigentes, membros, instituições envolvidas com o nazismo, até toda sorte de imigrantes alemães radicados no Brasil sem envolvimento direto com o nazismo, passando até mesmo por judeus alemães exilados do regime nazi-fascista. Este grande grupo configurou-se, para a polícia política, como “suspeitos de nazismo”, até prova em contrário.<sup>877</sup>

Dando continuidade à sua análise, Dietrich observa que ser suspeito de envolvimento com o nazismo, nem sempre estava ligado ao exercício de uma prática nazista comprovada. Por outro lado, esclarece a autora, “percebemos que o principal elemento incriminador para um alemão ser considerado nazista e passível de ser identificado e preso pela polícia era o antinacionalismo brasileiro. Isto poderia servir, ao mesmo tempo, para incriminar inocentes e inocentar culpados.”<sup>878</sup> Assim, um dirigente político do Partido Nazista, que não praticasse atos contra o nacionalismo brasileiro, poderia continuar livre. Já um alemão que fosse observado falando seu idioma em público, ou que houvesse viajado à Alemanha em um passado recente, poderia ser detido como nazista.<sup>879</sup>

Somadas as medidas políticas, o Governo Vargas adotou, ainda, ações econômicas contrárias aos empreendimentos alemães situados no Brasil. Estas sanções foram desdobramentos de medidas tomadas pelos Estados Unidos da América, em relação ao seu próprio país, e que foram aplicadas a outros países do continente latino-americano.

---

<sup>877</sup> DIETRICH, Ana Maria, *suásticas no Brasil*. op. cit., p. 3.

<sup>878</sup> *ibid.*, p. 4.

<sup>879</sup> *ibid.*

A este respeito vale a pena esclarecer que, durante a Primeira Guerra, a Grã-Bretanha praticara um tipo de sanção econômica contra a Alemanha através da Statutory List ou SL e da Black List. Em 1941, o Presidente americano Roosevelt reviveu este procedimento e solicitou a seus assessores “uma relação de indivíduos e empresas conectados a pessoas e nações do Eixo, a serem bloqueados em nome dos interesses da defesa nacional.” A partir daí, seria editada a “Proclaimed List of Blocked Nationals ou PL”, popularmente conhecida como “Lista Negra”.<sup>880</sup> Por meio desta medida, “pretendia-se debilitar a economia das potências inimigas, desorganizando as redes de distribuição de seus produtos e cortando o abastecimento de sua indústria.”<sup>881</sup>

Da mesma forma que os demais países da América Latina, o Brasil foi pressionado a aderir aos princípios da Black List, visando a eliminar os investimentos da Alemanha no País. Embora criticado em Washington pela “falta de vontade política” em colaborar,<sup>882</sup> Getúlio Vargas adotou os métodos americanos de “identificar, bloquear e eliminar empresas controladas por nacionais de países do Eixo que atuavam no continente ou por seus representantes.”<sup>883</sup>

Em 5 de outubro de 1943, “O Diário da Noite/RJ” dava lugar de destaque a um comentário do “New York Times” o qual parabenizava o Decreto do Presidente Vargas que determinava a liquidação das firmas alemãs no Brasil relacionadas aos interesses nazistas.<sup>884</sup>

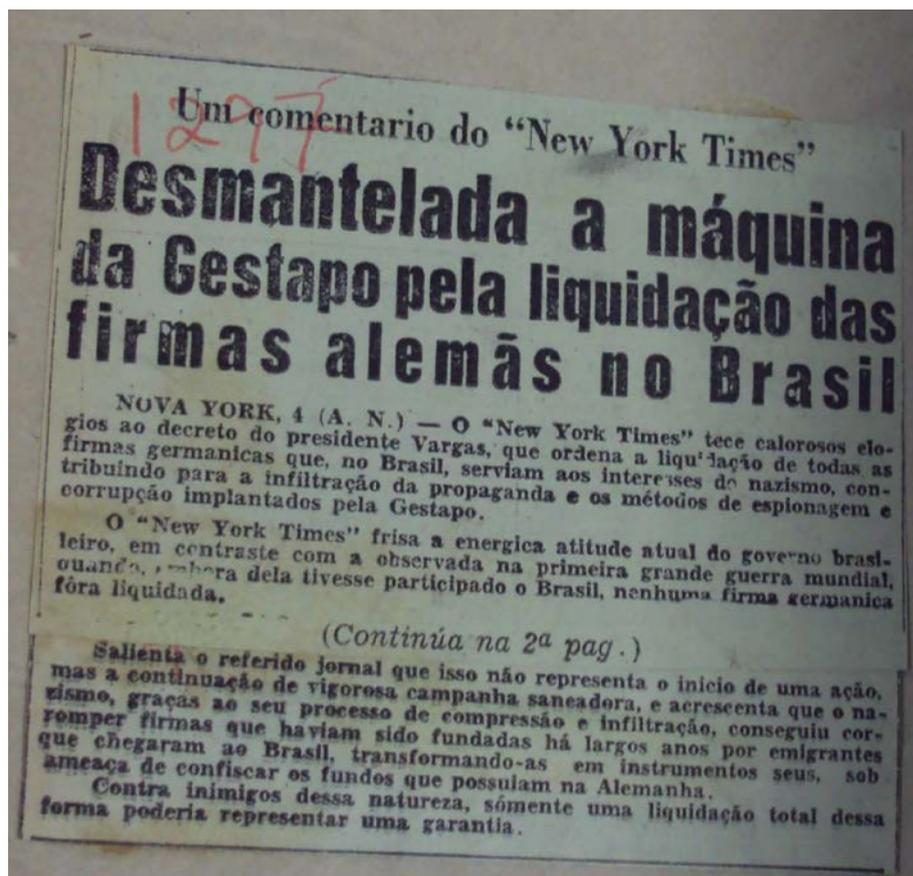
<sup>880</sup> QUINTANEIRO, Tania, Dilemas da cooperação: conflitos gerados pela política das “listas Negras” no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Revista Brasileira de Política Internacional. 49 (2): 78-98, 2005., p. 79.

<sup>881</sup> *ibid.*

<sup>882</sup> *ibid.*, p. 90.

<sup>883</sup> *ibid.*, p. 78.

<sup>884</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 16, Rio de Janeiro, O Diário da Noite, 5.10.1943.



O Diário da Noite, Rio de Janeiro, 5.10.1943. Pasta 16, Série Alemães, F.P.P., APERJ

De acordo com a pesquisa no APERJ, não foi pequeno o número de firmas investigadas pela Polícia Política na capital da República. Além destas, constam ainda vários documentos referentes aos bancos Germânico da América do Sul e Alemão Transatlântico.

A estrutura dos dossiês que comporta a investigação dessas firmas variava, naturalmente, em tamanho e complexidade, de acordo com a importância da instituição que se desejava enquadrar como, igualmente, do perigo que, se avaliava, ela poderia representar naquele dado contexto político. Porém, um dado comum a esses dossiês é a existência de algum tipo de relatório avaliativo sobre os dirigentes e funcionários atuantes na empresa.

No caso do Banco Germânico, por exemplo, o relatório de 35 páginas inclui dados relevantes, como endereço residencial, estado civil, ocupações anteriores, cargo ou função desempenhada, pertencimento a associações, viagens feitas ao exterior e, em particular, à Alemanha. Além disso, o Dossiê deste banco também apresenta um inquérito sobre as atividades e tendências políticas dos membros da administração e de seus funcionários, no total de 10 páginas. Neste, inclui-se, como instrumento de avaliação, uma escala que servia para medir a ideologia e o comportamento político dos profissionais relacionados, apresentando esta escala uma gradação de envolvimento em três níveis distintos: **SIMPATIZANTE / FERVOROSO SIMPATIZANTE / NAZISTA**. No que diz respeito ao funcionário avaliado como nazista, figura ao lado de seu nome um grande **X** em caneta vermelha.<sup>885</sup>

É válido informar que, na maior parte das firmas pesquisadas, encontramos profissionais residentes em Niterói. Dentre estas, destacamos duas delas por terem seus sócios majoritários residindo nesta Cidade.

A primeira delas, a “UFAR” (Electro Transformadora Limitada), registrada em 1938, pertencia a dois proprietários, Walter Zabel e Adolf Bieler, sendo que o primeiro residente em Niterói, na Av. Sete de Setembro, n. 73. Estes dois sócios possuíam ainda outra empresa, denominada “Inter-Continental” (Sociedade Exportadora e Importadora Ltda.), com mais dois sócios também moradores em Niterói: Paulo Joham Karl Emil, alemão, residente na rua Tiradentes, 11; e Karl Scheneider, alemão, domiciliado na rua Mariz e Barros, n. 259.<sup>886</sup>

---

<sup>885</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 7, “Dossier “Banco Germânico da América do Sul”, maio de 1943.

<sup>886</sup> APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 19, Boletim n. 124, 13.5.41 e Informação 199.

A segunda, a já citada firma “CEKACÊ FARMACEUTICA LIMITADA”, pertencente a Albrecht Adolf Eduard Walleustein, na qual trabalhou Ana Gertrud Lambretch até ser deportada em agosto de 1937, “achava-se na **lista negra americana**, em consequência de suas negociações diretas com a Alemanha, por intermédio da L.A.T.I.”<sup>887</sup> (O grifo é nosso)

A ação da Polícia Política de Vargas, naqueles poucos anos de intervenção, baseada nos princípios da Black list, alcançou um espectro significativo dos empreendimentos alemães no Brasil. Ao fazer um breve balanço do resultado atingido por estas medidas, Bandeira observa que o contrato com a Krupp foi cancelado, as linhas aéreas da Condor (subsidiária da Lufthansa) foram suprimidas, muitas firmas alemãs foram nacionalizadas, os bancos “Alemão Transatlântico” e “Germânico da América do Sul” foram liquidados e, por fim, foram confiscados valiosos edifícios no Rio de Janeiro.<sup>888</sup>

Referindo-se a outro lado da moeda que merece ser destacado, Quintaneiro menciona os desdobramentos políticos e econômicos resultantes do procedimento da Black List.

Com a justificativa do combate global ao totalitarismo, a intervenção em firmas ‘indesejáveis’ e a substituição de sócios e empregados (alemães) propiciou a abertura de um amplo espaço de oportunidades a ser repartido entre os aliados.<sup>889</sup>

No pós-guerra, esse processo intervencionista contribuiu para que os Estados Unidos atingisse seus interesses econômicos e consolidasse seu poder no Brasil e na América Latina.

---

<sup>887</sup>APERJ, Fundo Polícia Política, Série Alemães, Pasta 19, Rio de Janeiro, 8.7.1943, p. 2.

<sup>888</sup>BANDEIRA, Luiz Alberto de Vianna Moniz, A Alemanha na Política Exterior do Brasil. op. cit., p. 17.

<sup>889</sup>QUINTANEIRO, Tania. Dilemas da cooperação: conflitos gerados pela política das “Listas Negras” no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. op. cit., p. 78.

No que diz respeito ao capítulo da repressão aos alemães, no Brasil, essa perseguição foi datada e se restringiu ao período de 1942 a 1945.

Antes de 1942, os nazistas ‘agiam’ em território brasileiro livremente. Após 1945, encontramos documentos que demonstram que os nazistas presos durante o ‘estado de guerra’ foram libertados no pós-guerra e, continuaram sua vida normal em território brasileiro, sem qualquer tipo de repressão. [...] Exceção feita ao único caso encontrado de repressão aos nazistas no pós-guerra, o de Kurt Wendel, integrante do partido nazista que foi expulso do território nacional em 1948.<sup>890</sup>

Para a colônia alemã, situada na capital do antigo Estado do Rio de Janeiro, o período posterior a 1945 afigurou-se como um tempo de reconstrução. Através de entrevistas realizadas com membros da colônia alemã de Niterói, no ano de 2002, LANG conseguiu registrar alguns sentimentos dolorosos vividos por esses estrangeiros nos períodos da guerra e do pós-guerra.<sup>891</sup>

No período de 1942 a 1945, LANG observa que houve “uma grande cisão entre os alemães, seus descendentes e os demais habitantes. [...] Os imigrantes alemães e seus descendentes passaram a sofrer com o desprezo de toda a sociedade niteroiense.”<sup>892</sup>

Buscando superar a discriminação e isolamento vividos até fins da década de 40, foram realizadas algumas tentativas de reforçar sentimentos de pertencimento por parte de membros da colônia.<sup>893</sup>

---

<sup>890</sup> DIETRICH, “Suásticas no Brasil”, op. cit., p. 8 e 9.

<sup>891</sup> LANG, Agnes Cristina Wiedemann. A comunidade de luteranos alemães de Niterói: memória e identidade. Cadernos do CEOM – Ano 16 n<sup>o</sup> 15 – UNOCHAPECÓ – Junho/2002. 21 p.

<sup>892</sup>Ibid, p. 262.

<sup>893</sup>Ibid, p. 263.

Ao lado de vários descendentes que “fizeram questão de se tornarem oficialmente brasileiros, por ser este o país que consideravam como sua própria pátria”,<sup>894</sup> existiram aqueles que buscaram harmonizar “esta cidadania com sua ascendência, numa tentativa de não se tornarem totalmente aculturados, nem tampouco formarem quistos sociais indissolúveis.”<sup>895</sup>

Neste contexto, a religião para os imigrantes luteranos de Niterói funcionou como “o símbolo mais forte deste pertencimento [...]”<sup>896</sup>

Como os alemães ainda não possuíam uma igreja, após a guerra a comunidade luterana de Niterói abraçou a idéia de um projeto social-religioso. Esse projeto viria a se materializar através da compra, por parte da Igreja Luterana, de uma casa e um terreno, no Morro de Santa Teresa, em Icaraí, no início dos anos de 1950. No terreno foi construído um salão que deu lugar aos cultos religiosos e às atividades sociais. Já a casa tornou-se residência do pastor.<sup>897</sup> Nos primórdios da criação da igreja, uma figura marcante foi o pastor Richwin, de nacionalidade alemã, recordado por promover inúmeros eventos religiosos e culturais, inclusive inesquecíveis concertos de piano que atraíam muitos visitantes. Este pastor viveu no Morro de Santa Teresa por muitos anos só retornando à Alemanha após aposentar-se.<sup>898</sup>

---

<sup>894</sup>Ibid, p. 265.

<sup>895</sup> Ibid, p. 264.

<sup>896</sup> Ibid.

<sup>897</sup> Entrevista de Inge Kersanach à autora, em 11.12.2012.

<sup>898</sup> Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein, à autora, em 18/10/2011.

O Morro de Santa Teresa, localizado em Icaraí, entre as ruas Moreira Cesar e Gavião Peixoto, encontrava-se no início da década de 1920, ainda desabitado, constituindo-se de uma grande floresta com centenas de árvores frutíferas. Entre 1925 e 1929, foi adquirido por João Baptista da Costa Monteiro, que, em poucos anos, o repassou para o comerciante Antonio Paiva Xavier. A partir de 1929, o morro começou a ser urbanizado, tendo à frente das obras o engenheiro Barcellos. Nesta época foram vendidos 103 lotes em 5 almedas abertas no morro, as quais foram batizadas com os nomes de João Baptista, 24 de Outubro, Carolina, Alcides e Barcellos. **“Os alemães foram os primeiros compradores de lotes do terreno.”** Vide “Jornal de Icaraí”, de 12 a 19 de dezembro de 1986. **A seguir chegaram os britânicos. Inclusive, nessa região, “as casas amarelas com janelas marrons pertenciam aos alemães e as brancas com janelas verdes aos ingleses.”** Esta informação foi obtida através de conversa informal com Kenneth Buckley, descendente de britânicos e antigo morador da região.

Com o tempo, a comunidade alemã se espalhou pela sociedade de acolhimento e vários descendentes se casaram com brasileiros (as), continuando a residir em Niterói.<sup>899</sup> Destes, alguns freqüentam o centro luterano, que foi mantido juntamente com a casa do pastor até os dias atuais. Ali semanalmente acontecem cultos e outros eventos festivos.<sup>900</sup> D. Inge Kersanach, moradora do Morro de Santa Teresa por quase 50 anos (de 1940 a 1999), ao referir-se à igreja da qual ainda faz parte, observa que esta não deve ser definida como alemã, porém como luterana, e conclui, esclarecendo que na atualidade esse centro religioso também é freqüentado por brasileiros.<sup>901</sup>

---

<sup>899</sup> Entrevista de Rose-Marie Esche, em 13 e 20 de setembro de 2011, à autora.

<sup>900</sup> Entrevista de Meridan Wehrs Eulenstein, à autora, em 18/10/2011.

<sup>901</sup> Entrevista de Inge Kersanach à autora, em 11.12.2012.

## 5. HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS

No quinto capítulo do presente trabalho, reservamos um espaço para contar algumas histórias de famílias de imigrantes que viveram em Niterói na primeira metade do século XX. As biografias aqui produzidas pertencem às famílias Causer, Wehrs, Fellows, Hoppe e Hudson. As histórias desses imigrantes e descendentes, embora se configurem como trajetórias singulares, partilham entre si eixos comuns como o tempo, o espaço e a questão da migração. O processo migratório, no caso das famílias apresentadas, não se esgota na chegada ao Brasil, mas persiste ao longo tempo, em idas e vindas para outros estados, ou mesmo no retorno temporário aos seus países de origem. Outro aspecto comum a essas famílias é a busca de manter os vínculos com as raízes europeias. Isto pode ser observado na escolha de casamentos com imigrantes de seu país de origem, ou do mesmo continente.

Para traçar estas pequenas biografias familiares, privilegiamos o uso de fontes orais que, em alguns casos, foram acrescidas de pesquisa de material iconográfico e bibliográfico.

## 5.1. FAMÍLIA CAUSER

Para construirmos a história da família Causer, baseamo-nos em entrevistas realizadas com dois descendentes dessa família, Sheila Priscilla Causer Ferreira, nascida em 1930, e Alastair Robert Grant Stewart Leslie, nascido em 1940, ambos moradores de Niterói.

A história da família Causer, proveniente de Birmingham, na Inglaterra, confunde-se com a própria história da colônia britânica de Niterói. O primeiro membro desta família, Daniel Causer, chegou ao Rio de Janeiro, no final do século XIX, segundo sua filha Sheila Causer, para participar do projeto de construção do Mercado Municipal da Praça XV. Aqui fundou a firma Hopkins Causer & Hopkins (H. C. & H.) e dirigiu seus negócios por alguns anos. Uma curiosidade contada por seus descendentes é que, no tempo em que viveu no Brasil, Daniel Causer escolheu a localidade de Jurujuba para morar. Para realizar a viagem de Jurujuba ao Rio de Janeiro, na época um verdadeiro desafio, Daniel “vinha a cavalo (...) subia o Morro do Cavalão, (e uma vez do lado de Icaraí) deixava o cavalo no Canto do Rio”. “Lá tomava um bonde também a burro (...) e depois um barco.”

Após alguns anos de trabalho, Daniel Causer encerrou suas atividades no Brasil e retornou à sua terra natal, onde se manteve à frente dos interesses da H. C. & H. na Inglaterra.

Em 1907, chegou, ao Brasil, o filho de Daniel, Charles Causer, comerciante do ramo de importação, representando a mesma firma que o pai. A Hopkins Causer & Hopkins tinha sede ao mesmo tempo no Rio de Janeiro e em São João d’El-Rei. Nesta última cidade, além de atuar como negociante, Charles foi nomeado Vice-Cônsul da Grã-Bretanha, pelo decreto nº 2279, de 29 de outubro de 1908, e adquiriu uma grande fazenda na região.

Seguindo a tradição dos britânicos, no Brasil, Charles Causer se interessou por uma moça da colônia inglesa, de nome Jane Margareth Aspinall. A família de Jane era, igualmente, proveniente de Birmingham, na Inglaterra, e se encontrava no Rio de Janeiro há várias décadas. Charles e Jane se conheceram em 1909 e se casaram neste mesmo ano.

Após o casamento, foram morar inicialmente na Praia de Icaraí, nº 33. Alguns anos depois, em 1914, mudaram-se definitivamente para uma casa na Estrada da Fróes. Esta moradia foi construída em cima do túnel que liga São Francisco a Icaraí e recebeu o nome de “Vista Atlântica”. Após a compra do terreno, explodiram a pedreira, mandaram buscar o cimento na Inglaterra e, com base em um projeto arquitetônico elaborado em sua terra natal, por um irmão, Charles concluiu a moradia em um período de seis meses. Era uma casa de dois andares, subdividida em três salões e dez quartos.

A ampla moradia abrigou uma família extensa composta do casal e de mais seis filhos. A filha mais velha, nascida em 1913, recebeu o nome de Beatrice Elizabeth. Depois vieram os outros cinco filhos chamados de Daniel, Charles Erik, Maureen, Malcolm e Sheila Priscilla, esta última nascida em 1930.

De acordo com a Senhora Sheila, “todos nascemos em casa com o Dr. Vital que era da família Vital Brasil. Eu nasci no meio da Revolução de 30, num temporal que obrigou o Dr. Vital a dormir lá em casa.”

Charles Causer foi uma pessoa muito proeminente em sua comunidade. Primeiro fundou, juntamente com outros britânicos e alguns escandinavos, o Rio Yach Club (o Sailing Club), em 14 de abril de 1914. Os filhos de Charles, que eram muito afeitos aos esportes, segundo a Senhora Sheila, frequentaram muito o Sailing Club, exercitando amplamente o iatismo. Charles se tornou, igualmente, sócio

do Rio Cricket, em 1910, chegando a ser presidente do clube inglês de Icaraí nos anos de 1924 e 1925.

Além disso, teve uma grande participação nas obras mais significativas da colônia de Niterói, principalmente na construção da All Saints Church (Igreja de Todos os Santos), inaugurada em 1922, em Icaraí. A importância deste templo para a família Causer era grande, visto que tanto Jane Margareth, como seu marido Charles eram pessoas muito religiosas.

Como muitos outros jovens da comunidade britânica de Niterói, os três filhos de Charles e Jane Margareth lutaram, na Segunda Guerra Mundial, como voluntários, conforme narra a Senhora Sheila Causer, com muita emoção. O primeiro a partir foi Charles Erik que ingressou na Marinha. Depois, foi a vez de Malcolm que, por ter, na época, apenas 19 anos, precisou obter licença de sua mãe, Jane, que, na ocasião, já era viúva de Charles. Por fim, um ano e meio depois, quem partiu foi Daniel. Este último se alistou na Força Aérea e, quando estava participando de um treinamento, seu avião desapareceu na Palestina e não foi mais encontrado. O nome de Daniel consta do Memorial existente na Igreja Anglicana de Icaraí em homenagem aos jovens britânicos de Niterói, mortos durante a Segunda Guerra Mundial. Seu irmão Malcolm, que retornou vivo do conflito, foi considerado “herói de guerra” por duas vezes, recebendo, inclusive, a mais importante medalha de seu País.

Beatrice Elizabeth, a filha mais velha de Charles, casou-se de igual modo com um britânico. Quem conta esta história é o neto mais velho de Charles Causer, Alastair Robert Grant Stewart Leslie. Segundo ele, sua mãe Beatrice, professora da Nictheroy British School, casou-se com Thomas Bruce Leslie, escocês, nascido na cidade de Aberdeen, em 1908. Thomas chegou ao Rio, em 1928, para trabalhar no Bank of London & South America como Auditor. Em 1930, ele veio morar em Niterói, na

casa que o Bank of London & South America tinha para os solteiros, na praia de Icaraí, no final do Canto do Rio. Anos depois, desligou-se do Banco e foi trabalhar no Moinho Inglês, na Estrada da Gamboa.

Thomas e Beatrice se casaram em 1935. Desse casamento nasceram quatro filhos. O mais velho, o Sr. Alastair, nosso entrevistado, nasceu em 1940. Diversamente da geração anterior de seus familiares, ele nasceu no Hospital dos Estrangeiros, em Botafogo. Explica que, por essa época, em Niterói, só havia a Maternidade Alemã, da doutora Gertrude Boeddner, no Ingá, e o Pronto Socorro na Praça São João. Sem outras opções, ele e seus irmãos nasceram no Rio de Janeiro, no Hospital dos Estrangeiros.<sup>902</sup>

O primeiro endereço da família foi na rua Mariz e Barros. Em 1942, após a morte do avô Charles, a família foi morar na casa da Vista Atlântica, pertencente à primeira geração dos Causer em Niterói. Segundo o Sr. Alastair, seus familiares permaneceram nesta casa até 1953, quando então se mudaram.

Durante o tempo vivido na Estrada da Fróes, a maioria dos amigos era de ingleses, embora alguns fossem escandinavos. O Sr Alastair, ainda criança, atravessava o bairro de Icaraí até São Francisco pelo Morro do Cavalão. Na verdade, o morro era uma espécie de quintal de sua casa. Ali ele brincava com os garotos de sua idade, soltando pipa e jogando pião. Também ia à praia de São Francisco, lugar ainda quase deserto, colher pitangas e cajus. Por fim, era possível desfrutar do canal com água fresca que ia até as proximidades da Grota do Surucucu, onde se podia pescar camarão. Era um tempo em que se brincava ao ar livre e em perfeita segurança.

---

<sup>902</sup>A doutora Gertrud Boeddner, médica alemã, em Niterói, abriu uma “Casa Maternal”, no Ingá, na rua José Bonifácio, 204, onde realizava partos, pré-natal, além de praticar a clínica geral. Seus clientes eram em geral imigrantes alemães, porém também os ingleses faziam parte de sua clientela. Por esse motivo, fica uma indagação do porquê dos filhos de Thomas e Beatrice não terem nascido em sua clínica.

Neste contexto privilegiado, o Sr. Alastair praticava atividades de equitação e natação ao ar livre. Recorda-se que aprendeu a nadar com a tia Maureen, no local onde hoje é o Iate Clube Icaraí. Esclarece que o terreno onde foi construído este Clube, de frente para o mar, pertencia à sua avó, permanecendo por muitos anos como propriedade da família, até ser vendido, em 1970, para dar lugar à construção do referido Iate.

Finalmente, acrescenta que este era um tempo mais simples, porém cheio de comodidades. O armazém onde a avó do Sr. Alastair fazia as compras situava-se em São Francisco. Este estabelecimento entregava a mercadoria na casa dos fregueses sem acrescentar qualquer custo. Além disso, o leite chegava até as residências a cavalo e o peixeiro trazia o peixe fresco, três vezes por semana. O geleiro vinha todo sábado com gelo para abastecer os bares das casas dos ingleses que apreciavam muito os seus “drinks”. Apenas os jornais eram escassos, só sendo encontrados em Icaraí.

## 5.2. FAMÍLIA WEHRS

Para recuperar um pouco da história dos Wehrs que tem início, no século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, entrevistamos dois descendentes desta família: o memorialista Carlos Wehrs (1927) e Meridan Wehrs Eulenstein (1923) que moraram em Niterói na primeira metade do século XX. Além disso, fizemos uso de informações contidas no livro de C. Carlos J. Wehrs,<sup>903</sup> que fornece dados sobre a trajetória das duas primeiras gerações desta família nas Capitais do Império e da República.

Cristiano Carlos Frederico Wehrs, nascido em Hamburgo em 1840, chegou ao Rio de Janeiro em 1858, após uma viagem que durou 80 longos dias. Tendo se aperfeiçoado na técnica de construção de piano, adquiriu uma manufatura deste instrumento, a partir de 1864. Após fornecer pianos à Corte de D. Pedro II, sua fábrica recebeu o nome de “Fábrica Imperial”. Como é comum aos imigrantes fixados em terra estranha, Cristiano fortaleceu os laços sociais com muitos de seus conterrâneos, moradores da Cidade, contratando, inclusive, vários deles para trabalharem em sua Manufatura. Embora houvesse escassez de jovens alemães residindo na cidade, Cristiano, todavia, teve a sorte de conhecer uma moça proveniente de Hamburgo, sua terra natal, que vivia há algum tempo na capital do Império. Os dois se casaram, em 1864, na Igreja Anglicana, em uma cerimônia religiosa celebrada pelo pastor inglês Grahah.

Como fruto deste casamento, nasceu no Rio de Janeiro Cristiano Carlos João Wehrs, no ano de 1865, um dos filhos do casal. C. C. João Wehrs foi estudar em Hamburgo, quando tinha 8 anos de idade e de lá retornou dez anos depois, já rapaz.

---

<sup>903</sup> WEHRS, C. Carlos J., “O Rio Antigo – Pitoresco e Musical: Memórias e Diário”, op. cit..

Uma vez assentado no Rio de Janeiro, deu continuidade à profissão do pai, embora sua verdadeira vocação estivesse ligada às artes. Além de construtor e fabricante de pianos, foi dono de firma comercial, professor de alemão, desenhista, pintor de quadros e músico amador. Deixou ainda escrito um rico material sobre a história do Rio de Janeiro antigo, em que focaliza a vida da Cidade, seus aspectos culturais, além de alguns personagens de época, especialmente estrangeiros. C. C. João Wehrs se casou duas vezes e do segundo matrimônio teve quatro filhos: Carlos, Edith, Herta e Luíza.

Seus filhos mais velhos, Carlos e Edith, respectivamente, pai e tia do memorialista Carlos Wehrs, nasceram em Petrópolis, devido ao perigo da febre amarela. Quem nos conta esse fato é o próprio memorialista Carlos Wehrs, em entrevista recentemente concedida a nós no IHGB. Acrescenta ainda que seu avô, C. C. João Wehrs, vinha sempre que possível passear em Niterói e que, logo após passar o perigo da epidemia, resolveu trazer a família para morar na capital fluminense. Isso ocorreu por volta de 1900. Aqui em Niterói, C. C. João Wehrs residiu na rua Álvares de Azevedo, em Icaraí, onde nasceram suas duas filhas mais novas, Herta e Luíza. A respeito da vida de seu avô, na Capital fluminense, nosso entrevistado nos premiou com algumas observações:

“De manhã ele tinha de selar o cavalo e ir até São Domingos para pegar as barcas enquanto o cavalo ficava guardado em uma estrebaria. Quando ele retornava à tardinha pegava o cavalo e voltava para Icaraí. Ele ficou cinco ou seis em Niterói. Quando o bonde elétrico chegou, em 1906, ele já não morava em Niterói, já havia se mudado pro Rio, porque era muita mão de obra morar em Icaraí, naquela época.”

Todavia, C. C. João Wehrs voltaria a morar na capital fluminense mais de dez anos depois. No ano de 1919, ele se mudou, definitivamente, para esta Cidade, onde passou a residir na rua Mariz e Barros. Deste endereço só viria a sair novamente em 1942, pouco antes de sua morte. No período em que viveu em Niterói, sua filha, Edith Wehrs, que era professora, abriu uma escola, na rua Mariz e Barros, a qual funcionou por cerca de 20 anos, atendendo imigrantes de origem germânica e de outras nacionalidades.

O memorialista Carlos Wehrs, nascido na Rua Mariz e Barros, em 1927, faz alguns esclarecimentos sobre a sua família, naquele período:

“Eu, embora tenha nascido (em Niterói), não fiquei lá por muito tempo. (...) O primeiro ano de vida eu morei em Icaraí. Depois meu pai (Carlos) comprou uma casa em São Gonçalo. Em 1940, nós voltamos para Niterói para morar no Cubango, na rua Noronha Torrezão. Lá eu passei toda a minha adolescência e minha juventude e estudei sempre em Niterói. Quando morei na Noronha Torrezão esta rua ainda não era calçada. E o bonde era linha simples. Não tinha pista dupla. O bonde vinha e voltava no mesmo trilho. Era um pouquinho atrasado, mas morava-se bem. Eu gostava muito de morar em Niterói (...) Primeiro, o primário eu fiz na Escola Alemã, da tia Edith, irmã de meu pai (...) Em 1938, eu entrei no Ginásio Bittencourt Silva e ai eu conheci aquele sistema que era completamente diferente da escola alemã, mas aprendi também a sobreviver. O ginásio e o científico foram feitos no Bittencourt Silva. E depois me formei pela Faculdade Fluminense de Medicina em 1950. Porém, em 1949, a família voltou para o Rio e foi muito difícil eu pegar ambiente no Rio de Janeiro, mas acabei pegando.”<sup>904</sup>

---

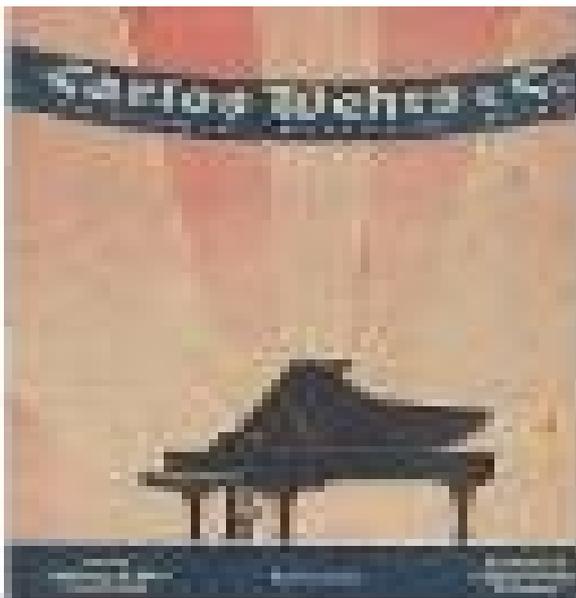
<sup>904</sup> Carlos Wehrs, nascido em Niterói, em 31 de março de 1927, além de exercer a profissão de médico obstetra, publicou vários livros, como memorialista, inclusive quatro deles sobre a cidade de Niterói.

A terceira filha de C. C. João Wehrs, Herta Wehrs, permaneceu morando em Niterói, onde casou e deixou descendentes. Quem conta um pouco dessa história é Meridan Wehrs Eulenstein Towersey, nascida nesta Cidade, em 1923. Sobre sua mãe, Herta, Meridan relata que, quando ainda morava na companhia dos pais, na Rua Mariz e Barros, gostava de fazer passeios pela praia de Icaraí. Em uma dessas andanças, acabou por conhecer um nova-iorquino, de nome Gustav Egon Eulenstein.

“Meu pai era americano e veio ao Brasil muito jovem, com 24 anos, acho que logo depois da primeira guerra, a trabalho. Ele veio porque a firma o mandou prá cá. Quando ele chegou recebeu a recomendação de morar numa pensão em Niterói, uma pensão em Icaraí. Num dos passeios dele na praia ele conheceu minha mãe. Tudo foi muito rápido, pois logo eles ficaram noivos e casaram. (...) Em Icaraí eles construíram uma casa muito simples na rua Joaquim Távora, perto do Canto do Rio. E lá moraram por anos, muitos anos, remodelando aquela casa sei lá quantas vezes.”

Morar em Icaraí, no início da década de 20, podia ter restrições. Em uma época em que a população do bairro ainda lutava por rede de esgoto e por outros avanços na área de infraestrutura, várias ruas careciam de melhorias. De acordo com Meridan, este era o caso da rua Joaquim Távora que, nas duas primeiras décadas, ainda possuía um mangue, no local onde mais tarde seria construído o edifício Moema. A presença desse lixo fazia com que a Joaquim Távora não cheirasse bem, motivando os ingleses, de acordo com nossa entrevistada, a apelidaram-na de “rua fedorenta”.

Em 1925, C. C. João Wehrs convidou o genro, Gustav Egon Eulenstein, para realizar uma sociedade. Nessa época, a Casa Carlos Wehrs comprou a Casa Carlos Gomes e passou a vender variados instrumentos musicais, partituras, acessórios para instrumentos, discos, fonógrafos e rádios, além de materiais para fotografias e cordas para raquetes de tênis.<sup>905</sup>



Meridan se recorda desta parceria ocorrida entre o pai e o avô. Esclarece que seu avô era mais artístico, muito musical, não sendo um homem de negócios. Seu pai Gustav, então, assumiu em grande parte os negócios do sogro e ficou atuando como uma espécie de gerente da Casa Carlos Wehrs, na rua da Carioca, nº 47, até o seu falecimento.

---

<sup>905</sup> [www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4627/4627\\_3](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4627/4627_3).

Reproduzindo em grande parte a história dos imigrantes, inclusive de seus pais, Meridan se casou com um europeu. Quem nos conta um pouco dessa história, por telefone, é o Sr. Frederic Robert Towersey, seu marido. Frederic nasceu em Londres, Inglaterra, em 23 de janeiro de 1920. No mês de fevereiro de 1947, chegou ao Rio de Janeiro, a trabalho, em um navio cuja tripulação encontrou um porto quase vazio, visto que o Rio estava em pleno carnaval. Em Niterói instalou-se em uma pensão em Icaraí onde viviam muitos estrangeiros e cuja dona era uma senhora norueguesa. No dia seguinte à sua chegada, foi a um baile, no Rio Cricket, em Icaraí, onde conheceu Meridan Wehrs. Tempos depois, Frederick e Meridan se casaram e ficaram morando em Niterói onde criaram seus filhos.

### 5.3. FAMÍLIA FELLOWS

Para reconstituir a história dos Fellows, entrevistamos cinco membros dessa família que ainda hoje residem em Niterói. Três dos entrevistados são irmãos, Dulce (1930), Carlos (1932) e Jorge (1933), além de netos do patriarca George Samuel, o primeiro Fellows chegado ao Brasil. Os outros dois participantes são Marcelo Fellows, filho de Carlos, e Norma Portugal Fellows (1936), esposa de Carlos e mãe de Marcelo.

A história da família Fellows tem início no nordeste, onde vários britânicos implantaram grandes negócios durante o século XIX. George Samuel Fellows, inglês nascido em Southampton, 1849, emigrou para Pernambuco, para trabalhar como engenheiro pela Great Western Company. Como era usual, entre os britânicos, procurou a filha de um imigrante para casar. A escolhida foi Geraldine Krause, nascida em 1860, filha de um médico dinamarquês residente na Paraíba. Do casamento de George e Geraldine nasceram dez filhos, nomeados por ordem de nascimento, a seguir: George Frederick (1879); Henry Saxon (1882); Edith Josephine (1883); Glads Henriqueta (1885); Franck (1886); Edgard (1891); Karl Ernest Saint John (1893); Percy (1895); Lilian Kate (189?); Sidney (1899).



Registro fotográfico da família Fellows: George Fellows, Geraldine Krause e os 10 filhos da família.



Registro fotográfico da família Fellows: George Fellows, Geraldine Krause e os filhos, inclusive os pequenos. Provavelmente esta foto foi tirada durante o casamento de Edith Josephine Fellows, a filha mais velha com o britânico Percy Daniel.

Alguns filhos de George Samuel migraram para o Estado do Rio, onde buscaram Niterói para morar. Um deles, Henry Saxon Fellows, que foi campeão de tênis no Rio Cricket, aqui se dedicou a explorar o cimento de Cantagalo, casando-se com uma moça chamada Helena, de descendência Suíça, cujos pais eram fazendeiros na região de Macuco. A família de Helena era também proprietária do Icaraí Praia Hotel, situado na praia das Flexas, em Niterói.

Outro filho, Percy Fellows, foi contratado em 1922, por um rico comerciante de Pernambuco, Jack Aires, de procedência inglesa, para vir trabalhar em uma firma no Rio de Janeiro. Percy, recém-casado, veio em companhia de sua esposa Maria Helena Foster. Aqui chegando, encontrou um terceiro irmão, Edgar Fellows, casado com May Foster que residia na rua Miguel de Frias, nas proximidades do Rio Cricket. As duas jovens, Maria Helena Foster e May Foster eram filhas de um inglês chamado Leonard Foster e de uma moça nordestina, natural do Rio Grande do Norte, denominada Emília da Gama.

Da mesma forma que Percy e Edgar, outros filhos de George e Geraldine se uniram a britânicos (as) residentes no nordeste. Igualmente, casaram-se com descendentes de famílias tradicionais nordestinas.

Percy e Maria Helena inicialmente moraram no centro de Niterói, na antiga região do campo sujo, e posteriormente se mudaram para a Rua Mariz e Barros em Icaraí. Nesta década, nasceram três filhos do casal em Niterói. Maria da Conceição (1922), Lelio (1925) e Percy Jr. (1929). Em 1929, a família retornou a Pernambuco onde nasceram seus três últimos filhos: Dulce (1930), Carlos (1932) e Jorge (1933). No período em que estiveram em Recife, na década de 30, moraram próximos ao rio Capibaribe e conviveram, na vizinhança, com famílias de brasileiros ilustres como Miguel Arraes e Ariano Suassuna.



Percy Fellows e Maria Helena Foster Fellows

No final da década de 30, retornaram ao Rio de Janeiro, onde ficaram por três anos no Grajaú. Em 1941, instalaram-se, por um tempo, na casa de Percy Daniel Jr., filho de Edith Josephine Causer (1883), com um britânico residente em Recife, de nome Percy Daniel. Percy Daniel Jr. era casado com Nellie Chalmers, filha de um escocês de nome James Chalmers com uma moça paraibana chamada Cândida, e residia há alguns anos com sua esposa e três filhos, na rua Lopes Trovão, nº 81, em Icaraí.<sup>906</sup>

Após decidirem por um novo endereço, Percy Fellows e Maria Helena passaram a morar na rua Tavares de Macedo, onde ficaram vivendo por vários anos. Nesta época, Percy vendia equipamentos para fábricas de fiação e tecelagens, de procedências inglesas, instaladas na Cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>906</sup> SURVIVING MY FATHER (A Memoir) – Denis Allan Daniel - Published in Brazil: 2013. Alex Forman, Personal Historian ISBN: 978-85-916190-0-9.

Os dez filhos do patriarca George Samuel Fellows e de sua esposa Geraldine Krause foram criados em um ambiente britânico e, naturalmente, falavam muito bem o idioma paterno. Alguns deles deram continuidade a esta tradição familiar, outros não. Percy Fellows fazia parte do segundo grupo. E embora praticasse sua língua materna com os amigos do Rio Cricket, do qual era sócio, não julgou ser importante reproduzir este hábito no contexto familiar. Desta forma, tanto sua esposa Maria Helena, mais conhecida como Nellie Foster, como seus seis filhos não costumavam falar inglês dentro de casa.

De acordo com seu Carlos Fellows, ele e seus irmãos só iam ao Rio Cricket quando havia festas maiores, pois embora o pai, Percy Fellows, fosse sócio, os filhos não o eram. Só mais tarde, após completarem dezoito anos, na década de 50, Carlos e Jorge ingressaram como sócios com o objetivo de praticar esportes. Naquela época, já havia o time dos ingleses, ou descendentes, e o time dos brasileiros. Carlos e Jorge entraram para o time dos ingleses, por causa do sobrenome. Entretanto, percebiam nos ingleses hábitos peculiares diferente dos seus, hábitos estes que, todavia, respeitavam.

Os irmãos Carlos e Jorge Fellows esclarecem que, até o final dos anos de 1950, o clube era essencialmente britânico. E mesmo na década de 70, algumas tradições britânicas ainda eram mantidas. Por exemplo, no início dos anos 70, os presidentes do Rio Cricket ainda eram ingleses natos e só falavam em inglês nas reuniões. Da mesma forma, até o início desta década, as atas do clube ainda eram redigidas em língua inglesa. Todavia, estas regras logo iriam mudar. No início dos setenta, Allan Taylor convidou Jorge e Carlos para ingressarem na diretoria do clube. Era o ano de 1973. Segundo seu Jorge, com a entrada deles dois para a diretoria, os outros membros, provavelmente em respeito a eles, começaram a falar em português nas

reuniões. Em 1975, após seu Jorge assumir o cargo de presidente do clube, as atas das reuniões passaram a ser escritas em português.

Tudo indica que Percy Fellows, ao contrário da maioria dos britânicos moradores de Niterói, na primeira metade do século XX, identificava-se mais com o país onde vivia do que com a terra de seus antepassados. E, embora frequentasse o clube inglês de Icaraí, preferia levar seus filhos ao clube de Regatas Icaraí, do qual todos eram sócios. Já a frequência ao Sailing Club era feita apenas ocasionalmente.

Quanto à educação escolar de seus filhos, Percy Fellows preferiu matriculá-los em escolas particulares brasileiras, como o Pio XI e o Salesiano, ao invés da escola inglesa de Icaraí, a Nictheroy British School. Por fim, embora a família pertencesse a uma tradição anglicana, os filhos foram batizados na igreja católica. Inclusive a primeira filha do casal, Maria da Conceição, recebeu um nome católico.

A família tinha amigos não britânicos na igreja, na vizinhança e no clube e, segundo seu Carlos Fellows, eles se sentiam essencialmente brasileiros. O contato com os ingleses era restrito e se fazia mais amiúde com alguns ingleses mais chegados e não com toda a comunidade britânica.

Segundo Marcelo Fellows, neto de Percy Fellows e filho de Carlos Fellows, a família de Percy Fellows “começou a se miscigenar um pouco antes, uma geração antes das demais.” E complementa, dizendo que: “a família (de Percy Fellows) se sentia mais brasileira do que inglesa. Nós éramos brasileiros com sangue inglês. Eles eram ingleses que moravam no Brasil.”

## 5.4. FAMÍLIA HOPPE

Dona Ruth Hoppe, 1929, através de duas entrevistas concedidas em sua casa em Itacoatiara, contou-nos um pouco da trajetória de sua família no Brasil. Seu pai, Bruno Hoppe, nasceu em Stettin, na Pomerânia, em 1900, território alemão que passaria ao domínio polonês após a Segunda Guerra Mundial. Em 1918, ao completar 18 anos, chegou a participar da Primeira Guerra, sendo feito prisioneiro pelos ingleses. Terminado o Conflito, entrou para o Banco Alemão Transatlântico, em Berlim, cidade onde passou a residir. Após a realização de algumas provas nessa instituição, foi indicado para vir ao Brasil, provavelmente no ano de 1921.

Na década de 1920, o pessoal do Banco Transatlântico, na capital da República, já fazia uma espécie de “happy hour”, após o trabalho, reunindo-se com os colegas em um bar na Avenida Rio Branco. Em um desses momentos de descontração, Bruno conheceu Wally, jovem teuto brasileira, de Blumenau, Santa Catarina, que viera ao Rio visitar sua irmã, de nome Gertrude, casada com um alemão pertencente ao mesmo estabelecimento bancário. Em 1925, Bruno e Wally se casaram e foram morar em Santa Teresa onde, na época, viviam muitas famílias de origem germânica.

Neste meio tempo, tio Holff, irmão mais novo de Wally, veio morar em Niterói em um grande sítio localizado em Pendotiba. A presença deste parente em Niterói parece ter animado o jovem casal, Bruno e Wally, que algum tempo depois se mudou para Icaraí, indo morar na Rua Pereira da Silva, nº 95. Eram os anos de 1930 e a colônia alemã já havia crescido muito na capital fluminense. D. Ruth, filha do casal, nascida em 1929, era, nessa época, ainda bem pequena.

Ao buscar recordar os fatos relativos à sua infância em Niterói, na década de 30, D. Ruth menciona a Escola Alemã da Rua Mariz e Barros, onde muitos estrangeiros, assim como nossa entrevistada, eram ensinados em duas línguas. Em seu

álbum de poesia, caderno muito usado para registrar pequenos escritos das colegas, guardou, por anos a fio, uma mensagem deixada por sua mestra e diretora da escola, Edith Wehrs.

Dos locais frequentados pela colônia alemã, na época, lembra-se pouco do Iate Clube Brasileiro, provavelmente, porque os pais não eram praticantes do esporte à vela. Quanto ao morro de Santa Teresa, recorda-se que era um reduto de alemães e de ingleses. Ao fazer menção à paróquia Luterana, existente no morro de Santa Teresa, não consegue trazer à memória recordações do tempo de infância. Procurando esclarecer esse lapso de memória, justifica a ausência da família nesses cultos pelo fato do pai ser católico e a mãe pertencer a uma família luterana não praticante. Para não interromper o fluxo de suas recordações, evito dizer a ela que a paróquia luterana do morro de Santa Teresa ainda não fora criada no período de sua infância. Na verdade, esta igreja só viria a surgir bem mais tarde, no início da década de 50.

Ao final da década de 30, a vida da família Hoppe passaria por uma brusca mudança. Às portas da Segunda Guerra Mundial, em agosto de 1939, seu pai Bruno decidiu voltar a Berlim, com toda a família, para visitar a mãe dele que ali residia. D. Ruth, na época, com 10 anos, conta que, assim que chegaram à Alemanha, arrebitou a guerra e a família ficou presa naquele país. Sem poder retornar ao Brasil, seu pai continuou a trabalhar no Banco Transatlântico de Berlim, porém, por pouco tempo, logo foi chamado a servir no exército alemão.

Por ser ainda tão jovem, D. Ruth lembra que de início tudo lhe pareceu ótimo. Afinal, tinham sua vida organizada e até uma casa própria. Quando acabou a guerra, todavia, a situação havia se modificado drasticamente. Embora

continuassem a ocupar a mesma casa, viviam agora em uma Berlim semidestruída, por conta dos inúmeros bombardeios que havia sofrido.

O primeiro ano depois da guerra foi bastante duro, pois não contavam com muitos recursos. Recorda que como Berlim havia sido dividida em quatro zonas, a região em que vivia sua família foi entregue aos ingleses. A educação escolar desta região, todavia, ficou sob responsabilidade dos russos e logo as escolas começaram a funcionar. Para nossa entrevistada, o mérito da reabertura das escolas foi dos russos que faziam muita questão de educar a população, principalmente os jovens. Ao interpretar o interesse desse povo nessa questão, minha entrevistada diz que provavelmente isso se devia à intenção que eles tinham em divulgar as idéias comunistas. “Eles chamavam aquilo de cultura, e diziam que a cultura tinha de continuar.” “A nossa escola lá era tipo a Aldeia, aqui, alternativa (...) A escola funcionava de 8 as 16 horas com opções, por exemplo, de jardinagem, etc. (...)”

D. Ruth insiste em afirmar que a participação russa em Berlim foi bastante elogiável. Conta que, inclusive, eram eles que “forneciam pra gente um almoço, que era geralmente uma sopa bem reforçada e um pedaço de pão. Isso, no início, no primeiro ano, foi muito útil porque as crianças continuavam alimentadas já que a comida era escassa. Mas com o tempo as coisas foram melhorando. Mais tarde, a sopa continuou a ser fornecida pelos civis, ou pelo governo. Foi quando eu conheci meu futuro marido, em 1947, quase dois anos depois da guerra. Neste período, já queríamos voltar para o Brasil e como Berlim era isolada do resto da Europa Ocidental, era uma ilha dentro da zona russa, então para gente conseguir a passagem para o Brasil tinha que ser através de Hamburgo, na Alemanha Ocidental, o que levou mais de dois anos para acontecer.”

“Então eu conheci meu futuro marido, aliás, eu o conheci, em 1946. Ele ficou encantado de saber que nós estávamos querendo voltar para o Brasil, ele tinha 19 anos e eu 16. (...) Meus pais gostaram muito dele, principalmente minha mãe (...)”

Parte da simpatia que D. Wally Hoppe, mãe de D. Ruth, sentia por aquele jovem soldado inglês, de nome Alfred Hulme, nascido em 1926, em Wilmslow, Cheshire, Inglaterra, devia-se à gentileza com que ele a distinguia. Alfred Hulme, durante a guerra, desempenhara a função de motorista, dirigindo os caminhões cheios de soldados. Acabado o conflito, ele assumiu a incumbência de comprar verduras para o seu pelotão do lado oriental de Berlim, ocupado pelos russos, onde a agricultura era bem mais desenvolvida. Ao fazer as compras para o exército, ele aproveitava para agradar a futura sogra, comprando para ela tomates e batatas, gêneros alimentícios muito difíceis de conseguir naqueles tempos. “Além disso, ele também trazia um buquê de flores. (...) Então minha mãe achava que ele era um menino ótimo. Era um gentleman. Aí então ela se encantou com isso.”

Em 1947, meu tio mandou a passagem para nós e, no final deste ano, voltamos para o Brasil. Embarcamos no navio do Lloyd Brasileiro e chegamos em fevereiro de 1948. Meu noivo chegou uns meses depois.

Neste momento D. Ruth se recorda que, em 1947, ela e Alfred já haviam ficado noivos em Berlim. Seguindo as tradições da época, o rapaz deveria comprar um anel para a noiva. Todavia, devido à escassez daqueles tempos, Alfred, apelidado de Fred, teve que encomendar este anel na Inglaterra. Para isso contou com a ajuda de sua irmã que comprou um anel de brilhante e o enviou pelo correio. Como na época Alfred estava servindo na Holanda, este anel primeiramente foi mandado para lá. Um tempo depois, quando o soldado obteve licença para retornar a Berlim, o casal ficou noivo. “Era uma época cheia de cerimônia. Minha mãe então disse que eu não podia ir

pra Inglaterra que eu só podia casar se ele fosse pro Brasil. E ai ele disse, então ta bom, então eu vou.” Pouco tempo depois, em 1948, Alfred saiu do exército, comprou a passagem, e veio para o Brasil.

“Ele veio em um navio argentino, também de imigrantes. Nesta viagem conheceu dois ou três pastores que falavam inglês. Eram ingleses que iam para a Argentina em missão religiosa. Além da companhia dos pastores, ouvia-se o tempo todo tango argentino que tocava sem parar. Ele não agüentava mais escutar tango. Também estranhou a comida do navio.”

No dia da chegada de Alfred, toda a família de Ruth foi esperá-lo no cais do Porto. “Minhas tias, eu tinha 4 tias, e o meu tio Holff, que vivia num sítio onde hoje é a Florália, disseram: não a gente vai buscar ele. Ele veio sem ter emprego, sem falar a língua, só com aquele entusiasmo da juventude, com o jeito aventureiro. Meu tio Holf, o irmão da minha mãe, era o manda-chuva, que organizava minhas tias, (...) embora fosse o mais jovem da turma, disse: - quando chegar o navio nós todos temos que estar lá no cais do porto.”

“O navio ia atracar de manhã cedo na Praça Mauá, saímos do sítio, naquele tempo não tinha a ponte tinha só a travessia de barça e nós fomos bem cedo todo mundo de roupa nova para ir até o cais do Porto para receber esse tal ilustre soldado inglês (rindo) que veio para casar comigo. Eu também ganhei um vestido novo e pra mim tudo era novidade porque como nós não tínhamos nem fazenda para fazer o vestido, então era um dos primeiros vestidos que o pessoal mandou fazer em costureira e então todo mundo ficou em pé esperando o navio atracar, durante horas.”

Após a chegada de Alfred, a família rumou para o sítio onde todos moravam em uma casa grande. O tio Holff tinha um laboratório e era fabricante de remédios. Para ajudar Alfred que chegara sem ocupação, o tio pensou em montar um

negócio de plantas, ligado à produção de rosas. Enquanto aprendia o idioma português, Alfred ia todos os dias de manhã, dirigindo um caminhão, com mais dois ou três rapazes, a um local para apanhar uma grande quantidade de barro, já que as rosas se desenvolvem muito bem em barro. E assim teve início a Florália. Uma nova oportunidade de trabalho surgiu, quando a família conheceu um americano que desejava abrir uma distribuidora da Coca-Cola em Niterói. Alfred começou a trabalhar nesta firma em 1948 e lá permaneceu até a distribuidora da Coca-Cola fechar por volta do ano 2000.

Após o casamento, em 1950, o casal foi morar no Fonseca, na travessa São Januário em uma casa com um jardimzinho e quintal. Por essa época, o bairro de São Francisco estava sendo loteado por um italiano chamado Lincon Nodare. O casal então comprou um terreno nesse bairro e depois construiu uma casa com a ajuda de alguns funcionários da Coca-Cola. Como D. Ruth falava bem o alemão e o inglês, além do português, não teve dificuldade em conseguir um emprego como secretária em conhecida firma chamada Remington. Quando a primeira filha do casal nasceu, todavia, Ruth parou de trabalhar.

Além da menina, Alfred e Ruth tiveram ainda um casal de gêmeos. Quando as crianças eram pequenas, D. Ruth, diariamente, levava-as para o Jardim de Infância do Rio Cricket, organizado por Miss Clemence. A condução de suas crianças e de outras coleguinhas da colônia inglesa era feita pela própria D. Ruth, de automóvel, que conta com orgulho ter sido uma das primeiras mulheres a dirigir em Niterói. Do Rio Cricket se lembra ainda das festas de Natal e de Ano Novo. Já os bazares aconteciam tanto no clube inglês como na Igreja Luterana, no Morro de Santa Teresa, e ela estava sempre disposta a contribuir com ambos. Além disso, frequentava o Rio Sailing com o marido. Recorda que, mesmo durante a semana, o pessoal ia tomar um drink neste

clube, ao final do dia. Seu marido Alfred, como bom inglês, ia diretamente do trabalho. Às sextas feiras, costumavam ir jantar no Sailing, onde era servido Stake acebolado com batatas fritas, bem ao gosto dos britânicos.

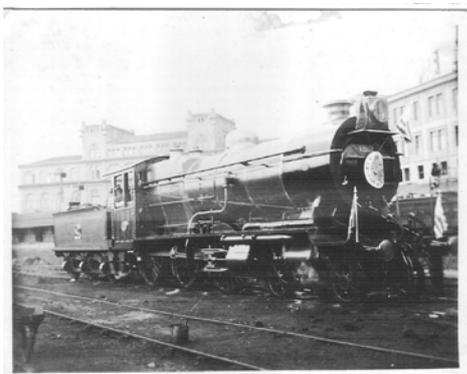
Sobre a sua relação com as duas colônias, inglesa e alemã, diz que se dava bem com ambas. Pelo que se recorda, depois da guerra, chegou a haver uma reaproximação dos dois grupos de imigrantes, principalmente motivada por alguns casamentos mistos, de pessoas pertencentes às duas comunidades. Era o caso, por exemplo, de Ruth e Alfred, como, também, de Bob e Meridan.

Por último, fala um pouco do trabalho que realizava com Meridan, no Rest Home. Dentre as tarefas realizadas por estas duas mulheres de origem alemã, casadas com ingleses, D. Ruth destaca, principalmente, a importância da conversa semanal que tinham com as idosas, um diálogo constante para levá-las a recordar o passado e o presente, um esforço contínuo na luta contra o esquecimento.

## 5.5. FAMÍLIA HUDSON

Os dados contidos nesta biografia familiar foram fornecidos pelo Sr Ronald Hudson (1945), a partir de algumas conversas informais. Estas conversas, a pedido de nosso entrevistado, não chegaram a ser gravadas. Posteriormente, recebemos do nosso depoente outras informações por escrito. Para enriquecer esse trabalho, o Sr. Ronald disponibilizou gentilmente o acervo fotográfico de sua família. Portanto, esta biografia é ilustrada com fotos de época da família Hudson e de Niterói, pertencentes ao acervo do nosso entrevistado.

Esta história inicia apresentando o Sr. Godfrey Hudson, pai de Ronald Hudson, nosso entrevistado. O Sr. Godfrey Hudson nasceu em 1900, em Suffolk, na Inglaterra. Foi educado na Kings School, em Cambridge e, posteriormente, no Epsom College, também na Inglaterra. Participou, na Primeira Guerra Mundial, no Royal Airforce e foi filiado ao London North Eastern Railway como engenheiro Júnior. Provavelmente, em 1922, emigrou para o Brasil como engenheiro da São Paulo Railway, onde ficou empregado por 25 anos. Em 1947, assumiu um novo posto na “Norton, Megaw & Co.”, companhia sediada na cidade do Rio de Janeiro, onde trabalhou até a sua aposentadoria, em 1960.



A “Norton, Megaw & Co.” era uma firma grande que vendia peças de locomotivas para várias empresas, inclusive para a Leopoldina Railway.

Em 1942, ainda em São Paulo, Godfrey Hudson se casou com Diana Frances de La Cour, nascida em 1913, em São Paulo, proveniente de duas famílias de imigrantes, uma canadense e outra dinamarquesa. Diana trabalhou muitos anos em Santos, como secretária particular de firmas estrangeiras até o seu casamento. Ainda em São Paulo, o casal teve dois filhos, Peter, em 1943, e Ronald, em 1945.

Após assumir o cargo na firma carioca, Godfrey Hudson trouxe a família para morar em Niterói. A escolha por esta Cidade, segundo o Sr. Ronald, deu-se, principalmente, porque a firma “Norton, Megaw & Co.” se localizava no centro do Rio de Janeiro. Como nessa época o serviço de barcas funcionava bem, morar em Niterói e trabalhar no Rio podia ser uma opção atraente. Além disso, já havia uma colônia inglesa bem instalada em Niterói.

Logo de início, a família veio viver em Icaraí. De 1947 a 1953, morou em uma casa alugada, em uma vila na Praia de Icaraí, na altura do trampolim, cujo proprietário era um senhor português. De 1953 em diante, a família foi residir no morro de Santa Teresa que, de acordo com o Sr. Ronald, era também conhecido como “morro dos ingleses”, em uma casa própria, na Alameda Barcelos, nº 2. Em 1958, esta casa ganhou um segundo andar, para abrigar a senhora Elaine de La Cour, mãe de Diana, que havia ficado viúva.



Casa na vila na Praia de Icaraí (1947)

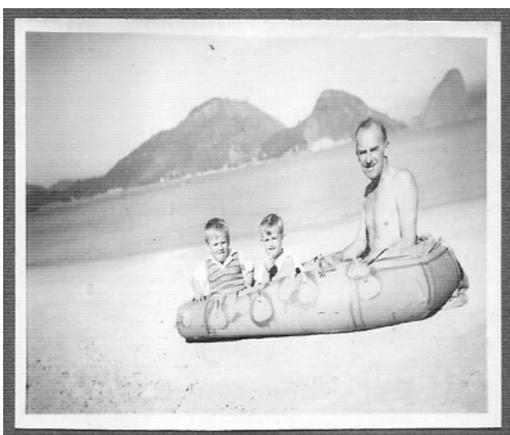


Casa na vila na Praia de Icaraí (1947)



Casa na Alameda Barcelos

No tempo em que residiram na Praia de Icaraí, a família e, principalmente, as crianças puderam aproveitar ao máximo o espaço de brincadeira proporcionado pela areia e o mar de Icaraí, tão apreciados pelos ingleses. Peter e Ronald ali se encontravam frequentemente na companhia dos pais e da avó.



Godfrey Hudson e seus filhos na Praia de Icaraí  
(Final dos anos 40)



Peter e Ronald Hudson, com um amigo, na  
Praia de Icaraí (ano de 1951)

Como os demais membros da colônia em Niterói, a família Hudson freqüentava os clubes criados pelos britânicos. O Rio Cricket era muito apreciado pelo Sr. Godfrey que ali praticava vários esportes, inclusive tennis, bowls, snooker e cricket. Diana, sua esposa, seguindo a tradição feminina, participava dos chás, dos bazares e do espaço reservado à biblioteca; enquanto sua mãe, dona Elaine, preferia uma boa partida

de bridge. As crianças, por sua vez, usufruíam do clube de diferentes formas, ora praticando esportes, ora participando das festas. Estas podiam acontecer em grande estilo, com belos trajés de gala, como a festa do “Ano Novo”, ou, ainda, de forma mais descontraída, nos bailes à fantasia, como a divertida “Francy Dress”.



Baile de gala no Rio Cricket - Godfrey Hudson – (Anos 50)



Festa “Fancy Dress” no Rio Cricket - Godfrey Hudson – (Ano de 1950)

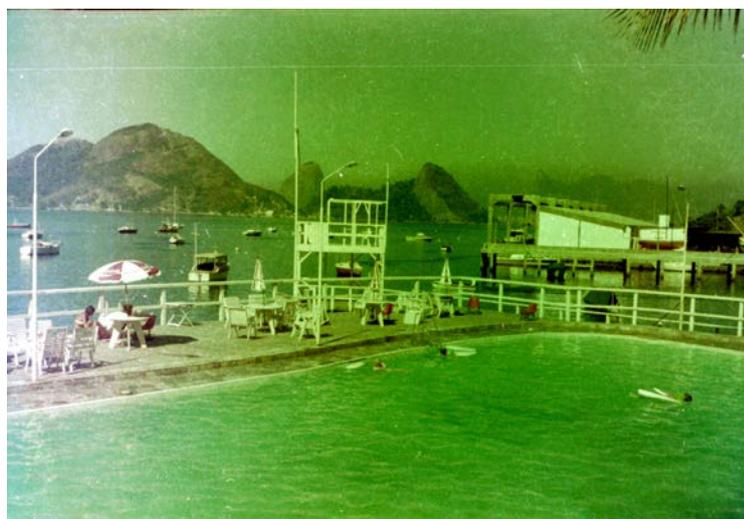


Festa “Fancy Dress” no Rio Cricket Godfrey, Peter e Ronald (Ano de 1950)

A família também frequentava o Rio Yacht Club (Sailing), porém em intensidade menor do que o Rio Cricket. Neste clube, o casal, além de participar das festas, gostava muito do espaço reservado à piscina. Além das atividades conjuntas, o Sr. Ronald também praticava o esporte à vela e a pescaria, sendo que esta última atividade era de igual modo muito apreciada pelo seu filho menor, Ronald.



Ronald pescando na Ponte do Sailing Club  
(Ano de 1953)



Piscina de água salgada do Sailing Club (Anos 60)

Logo no ano seguinte à chegada da família em Niterói, as crianças, Peter e Ronald, frequentaram o kindergarten, “The Hut”, no Rio Cricket, projeto de jardim da infância coordenado por Mrs. Clemence. Após finalizar esse nível, entraram para a Nictheroy British School, também em Icaraí. Mais tarde, como faziam muitas famílias de britânicos moradores no Brasil, ambos os meninos foram mandados a estudar na Inglaterra. Primeiro na Newells Preparatory School, em Sussex, e, posteriormente, na Whittlebury Public Scholl em Northampshire.

Finalmente, a família frequentava a All Saints Church (Igreja de Todos os Santos), na rua Tavares de Macedo, onde Diana se dedicava à tarefa de decoração da igreja. Além disso, ela contribuiu com o Comitê que atuava de forma incansável junto às senhoras britânicas moradoras do Rest Home em Santa Rosa.



All Saints Church – Icaraí – Niterói  
Batizado do James de la Cour

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar algumas apreciações finais sobre os britânicos e alemães que viveram em Niterói, no período compreendido entre 1850 e 1950, é inevitável que se proceda a uma comparação entre esses dois grupos de imigrantes.

Os britânicos, com uma história de dominação econômica no Brasil, desde o Tratado de Comércio e Navegação, em 1810, expandiram, ao longo do século XIX, os seus empreendimentos econômicos em algumas capitais do País, inclusive na cidade do Rio de Janeiro. E, embora não fossem numericamente representativos, como outros grupos de imigrantes, estiveram à frente das inovações técnicas que serviram de base à modernização das principais cidades brasileiras. Na primeira década do século XX, esses estrangeiros reuniram alguns importantes e diferenciados negócios em Niterói, capital do antigo Estado do Rio de Janeiro à época. Esses empreendimentos, algumas vezes de grande envergadura, outros de proporções menores, criaram cerca de 50% dos postos de trabalho relacionados à população operária da época.

Em alguns desses empreendimentos, como os existentes na ilha da Conceição, foi utilizada mão de obra imigrante, em sua maioria portuguesa, além de um número menor de espanhóis. Em um período pós-abolição, sem qualquer regulamentação da atividade profissional, esses europeus foram submetidos a difíceis condições de trabalho e a baixíssimas remunerações.

Já os trabalhadores britânicos, trazidos para atuar em postos especializados no Brasil, receberam um tratamento diferenciado que incluía, muitas vezes, confortáveis moradias, disponibilizadas pelas firmas e bancos contratantes. Em Niterói, várias foram as chácaras utilizadas como residências de rapazes ingleses solteiros, pertencentes aos empreendimentos britânicos, localizados nas duas capitais.

Essas grandes companhias britânicas tiveram, ainda, uma participação importante, em termos econômicos, na criação de instituições diversas que deram sustentação à vida cultural, educativa e religiosa da comunidade inglesa fixada em Niterói.

No que diz respeito aos alemães, a imigração para o Brasil, tanto no século XIX, como no XX, ocorreu por razões bastante diversas. No século XIX, quando ainda não haviam se convertido em Unidade Nacional, os alemães chegaram ao território brasileiro, sob condições econômicas e políticas as mais difíceis. No século XX, de igual forma, a vinda de milhares de alemães para o Brasil sobreveio em função de condições econômicas precárias por que passavam algumas regiões da Alemanha, agravadas ainda mais após o término da Primeira Guerra Mundial.

Diversamente dos britânicos, os alemães chegados a Niterói se constituíram como um grupo heterogêneo. Ao lado de uma elite urbana composta de homens de negócios, comerciantes, bancários e profissionais liberais, uma parcela desses estrangeiros era composta de artesãos, no século XIX, e de operários e prestadores de serviços não especializados, no século XX. Como parte desse último grupo, é importante citar, ainda, algumas mulheres de origem germânica que, para sobreviver, atuaram não só como domésticas, mas, igualmente, como operárias.

No que diz respeito especificamente ao ramo operário, masculino e feminino, os dados apresentados nessa tese sugerem que os trabalhadores alemães, da mesma forma que imigrantes de outras nacionalidades, tiveram que se submeter a difíceis condições de trabalho, nas fábricas de Niterói, além de habitarem em moradias precárias nos bairros de Barreto, Santana e Ponta D'Areia.

Em que pese essa condição diferenciada dos alemães habitantes de Niterói, uma grande parcela deles era bem posicionada economicamente e assemelhava-se, em vários aspectos ao grupo dos britânicos.

Povoando por cerca de um século os mesmos espaços da cidade, britânicos e alemães viveram, inicialmente, em São Domingos e Boa Viagem e, posteriormente, em Icaraí, Estrada da Fróes e São Francisco. Além da proximidade de seus endereços, estes estrangeiros ainda partilharam, ao longo do tempo, uma significativa identificação profissional, visto que atuaram, por décadas, em ramos de negócios bastante semelhantes na cidade do Rio de Janeiro. Por fim, é importante destacar as afinidades culturais que uniram esses dois grupos de estrangeiros, os quais valorizavam sobremaneira as belas paisagens, o contato com a natureza, a vida associativa e a prática de esportes.

Foram eles os precursores da frequência às praias, do hábito do banho de mar, quando essa prática recreativa ainda era inexistente entre os nacionais. De igual forma, eles tiveram grande responsabilidade na difusão de esportes como o futebol (os ingleses), o tênis e a natação, chegando inclusive a competirem em torneios cariocas, representando o Club de Regatas Icarahy. Finalmente, alguns britânicos chegaram a dirigir associações locais, como o Club de Regatas Icarahy, o Club Central e o menos conhecido “Atlantico Club” de Icarahy.

De acordo com a pesquisa realizada em periódicos dos anos de 1930 e 1940, os anglo-saxões tiveram ampla visibilidade na sociedade niteroiense, bem como em jornais e revistas, de época, aparecendo constantemente em suas colunas e notas. Na região litorânea onde viveram, com destaque para o bairro de Icaraí, estes estrangeiros frequentaram espaços públicos diversos, fazendo-se presentes nas praias, cinema, bares,

cassino, festas carnavalescas de rua, bem como em outros ambientes que se possa imaginar.

Todavia, a presença em espaços públicos não significou, necessariamente, uma abertura ao convívio social com a sociedade niteroiense. No caso dos alemães, existem indícios de uma maior interação social, inclusive de casamentos realizados com brasileiras. No que diz respeito aos britânicos, diversamente, fontes orais e escritas coincidem na afirmação de que estes estrangeiros se mantiveram independentes, ou seja, fechados em sua comunidade e reservados às suas instituições. Este comportamento perdurou até pelo menos o fim das décadas de 50, ou 60, quando então os (as) remanescentes da colônia inglesa expressaram uma abertura maior na interação com os nacionais.

Embora fatores de ordem profissional, sócio-cultural e esportiva agregassem os britânicos e alemães de Niterói, dois fatos políticos de grandes proporções, as duas guerras mundiais, colocaram as duas colônias em lados opostos. No decorrer da Primeira Guerra Mundial, pelo que foi pesquisado, o clima de oposição, entre as duas comunidades, repercutiu em suas associações, levando os ingleses a se recusarem a partilhar os mesmos clubes que os alemães. No decorrer da Segunda Guerra, esse rompimento, possivelmente, acentuou-se ainda mais. Pois enquanto um número ignorado de jovens alemães aderiu à ideologia proposta pela associação “Juventude Hitlerista”, desde os anos de 30, os britânicos testemunhavam a ida de alguns de seus filhos para a Guerra.

A questão do nazismo no Brasil e na capital do Estado do Rio de Janeiro mereceu um capítulo à parte. Dado o contexto de contradições políticas e ideológicas da Era Vargas, a ideologia nazista, levada a cabo por Hitler, alcançou e fez adeptos entre os alemães moradores da pacata cidade de Niterói.

De fato, conseguimos identificar um certo número de seguidores da ideologia nazista vivendo na capital do Estado do Rio, conforme demonstrado no capítulo quatro. Todavia, pouco foi possível aferir sobre o significado que essa ideologia teve para a comunidade alemã de Niterói que compreendia o expressivo número de 676 imigrantes (332 homens e 344 mulheres) no ano de 1940.<sup>907</sup> A própria dificuldade em falar sobre esse assunto com os descendentes de alemães, por nós entrevistados, demonstra o quanto esse tema ainda é considerado tabu. Frente à impossibilidade de aprofundar um assunto que pouco se dá a conhecer, fizemos um esforço no sentido de lidar com as lacunas da documentação pesquisada de forma a não cair na tentação de uniformizar os dados, evitando fazer generalizações apressadas, imprecisas, ou mesmo falsas.

---

<sup>907</sup>Censo Demográfico: Estado do Rio de Janeiro. Estrangeiros, segundo os municípios, com discriminação por sexo, das principais nacionalidades (1940)

## Bibliografia

ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo de. O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876) Dissertação de Mestrado pela Universidade Tiradentes. Aracaju, SE, 2012.

ALVES, Vítor de Araujo. A geografia do comércio atacadista na cidade do Rio de Janeiro (1850-1915). Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaço de Diálogos e Práticas. Porto Alegre, 25 a 31 de julho de 2010.

AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de. Niterói urbano: a construção do espaço da cidade. In: MARTINS, Ismênia de Lima; KNAUSS, Paulo (Org.) Cidade Múltipla: temas da cidade de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 1997.

AZEVEDO, Mônica Velloso. Relação Brasil-Alemanha (1937-1945): Evolução e Paradoxos. XIV Encontro Regional da ANPUH, Rio de Janeiro 19 a 23 de julho de 2010, UNIRIO. (P. 1-12).

BACKHEUSER, Everardo Adolpho. Minha Terra e Minha Vida (Niterói há um século), 2ª. Ed. – Niterói, RJ: Niterói Livros, 1994.

BANDEIRA, Luiz Alberto de Vianna Moniz, A Alemanha na Política Exterior do Brasil. In Revista Brasileira de Política Internacional, Ano XXXIV, Nº 135-136, Rio de Janeiro: 1991.

BAPTISTA, Paulo Francisco Donadio “Rumo à Praia: Théo-Filho, Beira-Mar e a vida balneária no Rio de Janeiro dos anos 1920 e 30. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann Tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Coleção Biblioteca Carioca, ano 1992.

BOSCHILIA, Roseli T. Condições de vida e trabalho: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960). Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná- UFPR, Curitiba, 1996.

BRANDÃO, André A. P., Executivo Estadual e Políticas Públicas no Antigo Estado do Rio de Janeiro (1950-1954): um Estudo do Segundo Governo Amaral Peixoto, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé (1) e MARTINS, Angela Maria Moreira (2) “O Rio de Janeiro no século XX: a expansão da cidade do centro para o sul”.. (1) Mestre e doutoranda em Ciências em Arquitetura pela UFRJ; (2) Professora e pesquisadora do PROARQ/FAU/UFRJ. [revistatempodeconquista.com.br](http://revistatempodeconquista.com.br). (10 p).

[brasilartesenciclopedias.com.br/nacional/Muller\\_august.htm](http://brasilartesenciclopedias.com.br/nacional/Muller_august.htm).

CALVANI, Carlos Eduardo B. Anglicanismo no Brasil. Revista USP, São Paulo, n.67, p.36-47, setembro/novembro 2005.

CAMARGO, Aspásia et alli. Artes da Política: Diálogo com Amaral Peixoto. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986. CPDOC/FGV-UFF. Coleção Brasil –século 20.

CAMPOS, Maristela Chicharo de. O Governo da Cidade: elites locais e urbanização em Niterói (1835-1890). Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2004.

CASTRO, Ruy. Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos e SILVA, Sandro Figuerêdo. Integralismo, nacionalismo e conservadorismo. Trabalho apresentado no Seminário de pesquisa do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense (UFF). Março de 2011.

CARVALHO, Bulhões. Um médico cuidando da estatística brasileira. Memória Institucional 11. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, Rio de Janeiro 2007.

CARVALHO, Lia de Aquino. “Habitações Populares” e ROCHA, Oswaldo Porto “A Era das demolições” [HTTP://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/bibliotecacarioca\\_pdf/era\\_demolições\\_hab\\_pop.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/bibliotecacarioca_pdf/era_demolições_hab_pop.pdf). Acessado em julho de 2012. Acessado em julho de 2012.

CASADEI, Thalita de Oliveira. A Imperial Cidade de Nictheroy. Niterói: Serviços Gráf. Impar, 1988.

Censo Demográfico: Estado do Rio de Janeiro. Estrangeiros, segundo os municípios, com discriminação por sexo, das principais nacionalidades (1940).

CÔRTE, Andréa Telo da. Judeus, portugueses e libaneses em Niterói. Estratégias e modos de inserção social, In CÔRTE, Andréa Telo da (Org.) História Fluminense: novos estudos Niterói: FUNARJ / Imprensa Oficial, 2012.

DANIEL, Denis Allan. SURVIVING MY FATHER (A Memoir) — Published in Brazil: 2013. Alex Forman, Personal Historian ISBN: 978-85-916190-0-9.

DIETRICH, Ana Maria. Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DIETRICH, Ana Maria, “Suásticas no Brasil”, artigo adaptado da Dissertação de Mestrado: Caça às Suásticas, O Partido Nazista em São Paulo sob a mira da polícia política. Departamento de História – USP, junho de 2001.

EDMUNDO, Luís. O Rio de Janeiro do meu tempo. 1938. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

FAUSTO, Boris. O Estado Novo no Contexto Internacional. In: Repensando o Estado Novo, PANDOLFI Dulce (org), Rio de Janeiro: Ed. F.G.V, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A velha província fluminense: crises e alternativas. In Anais do Colóquio Nilo Peçanha e o Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura. Agosto de 2009.

FILHO, Alcides Goularti. História Econômica da Construção Naval no Brasil: Formação de Aglomerado e Performace Inovativa. In Revista EconomiA, Brasília (DF), v. 12, n<sup>o</sup> 2, p. 309-336, maio/ago 2011.

FORTE, José Mattoso Maia. O Município de Niterói: corografia, história e estatística. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1941.

FRANÇA, Carolina Rebouça. e REZENDE, Vera F. “O desaparecimento do Mercado Municipal da Praça XV, fator na formação do espaço público da Cidade do Rio de Janeiro.”, ANPARQ, I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 29/11/2010.

FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

\_\_\_\_\_. Gilberto. Nós e a Europa Germânica: Em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX. (Coleção Johann Becker), Grifo Edições, Rio de Janeiro, 1971.

FREYRE, Gilberto. “Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. 2 v.

GEIGER, Pedro Pinchas. Urbanização e Industrialização na Orla Oriental da Baía de Guanabara. (P. 495-522) In Revista Brasileira de Geografia. Ano XVIII, Out.-Dez. de 1956. N<sup>o</sup> 4.

GERTZ, René E. Quase dois irmãos: as semelhanças e diferenças entre os integralistas e nazistas brasileiros. *Revista de História*. 26/10/2010. [HTTP://WWW.revistadehistoria.com.br/seção/capa/quase-dois-irmaos](http://WWW.revistadehistoria.com.br/seção/capa/quase-dois-irmaos). Acessado em 14/01/2013.

GOMES, Ângela de Castro. Histórias de Família: entre a Itália e o Brasil. Depoimentos. Niterói: Muiraquitã, 1999.

\_\_\_\_\_. Ângela de Castro. A pequena Itália de Niterói: uma cidade, muitas famílias. XXIII Encontro Anual da ANPOCS. UFF – Cpdoc – FGV, Niterói, 1999.

GUIMARÃES, Carlos Gabriel. A presença Inglesa nas finanças e no comércio no Brasil imperial. Os casos da sociedade bancária Mauá, MacGregor & Cia. (1854-1866) e da firma inglesa Samuel Phillips & Cia (1808-1840), Rio de Janeiro: FAPERJ.

HONORATO, Cesar e Beauclair, Geraldo de. Niterói Industrial: ramos da pré-indústria (1834-1860). In: MARTINS, Ismênia de Lima; KNAUSS, Paulo (Org.) Cidade Múltipla: temas da cidade de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 1997.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm).

Iate Clube Brasileiro (site): [HTTP://www.icb.org.br/](http://www.icb.org.br/) Acessado em 14/01/2013.

IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. Rio Cricket e Associação Atlética: mais de um século de paixão pelo esporte, Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2008.

LANG, Agnes Cristina Wiedemann. A comunidade de luteranos alemães de Niterói: memória e identidade. LANG, Agnes Cristina Wiedemann. A comunidade de luteranos alemães de Niterói: memória e identidade. Cadernos do CEOM – Ano 16 n<sup>o</sup> 15 – UNOCHAPECÓ – Junho/2002. 21 p.

LENZ, Sylvia Ewel. Alemães no Rio de Janeiro: diplomacia e negócios, profissões e ócios (1815-1866). Bauru, SP:EDUSC, 2008.

——— Sylvia Ewel. “A presença britânica na Corte Imperial”, artigo aprovado em novembro de 2008.

MARTINS, Ana Luíza. Aspectos econômicos da presença britânica no Brasil. In: Os Britânicos no Brasil. São Paulo: Cultura Inglesa, 2001.

MARTINS, Joubert de Assis. Nova Niterói: a orla sepultada da Utopia à Agonia. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da UFF., Niterói, 2006.

MENDONÇA, Adalton da Motta. Transformações sócio-econômicas no Eixo Niterói-Manilha em São Gonçalo/RJ. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. Revista USP, São Paulo, n.67, p.48-67, setembro/novembro 2005.

MENDONÇA, J. G. e RIBEIRO, R. T. M. Programa de Pós-graduação em Arquitetura. Fac. de Arquitetura e Urbanismo. UFRJ, Rio de Janeiro. XI Congresso Internacional de Rehabilitación Del Patrimônio Arquitectónico y Edificación. CASCAIS.

MENEZES, Lená Medeiros. Bastidores: um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro. Acervo (Revista do Arquivo Nacional), Rio de Janeiro, V. 10, n. 2, pp. 3-15, jul/dez 1997.

MOURA, Gerson. Relações exteriores do Brasil: 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012.

NEDER, Gizlene. “Idéias Jurídicas e Direitos Civis de Imigrantes no Segundo Reinado”. Associação Nacional de História – ANPUH, XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007.

Niterói Bairros. Prefeitura Municipal de Niterói. Consultoria Especial de Ciência e Tecnologia. Niterói, março de 1996. Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia de Niterói – 1991.

Niterói: Patrimônio Cultural. Departamento de Preservação e Reabilitação do Patrimônio Cultural. Departamento da Memória Cultural. Niterói, RJ: Niterói Livros, 2000.

Niterói-Rio de Janeiro, Fundação IBGE, Instituto Brasileiro de Estatística. Coleção de Monografias – N<sup>o</sup> 441, 30/06/1969.

NEWS 49\_2013, publicação do Grupo Wilson Sons, Abril de 2013/ Ano 9/ n<sup>o</sup> 49.

O'DONNELL, Julia Galli. Um Rio Atlântico: Culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientada pelo Prof. Dr. Gilberto Cardoso Alves Velho, Rio de Janeiro Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, Carolina Bartolotti. A presença do gosto inglês nos subúrbios do Rio de Janeiro no século XIX. ANPUH- XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – LONDRINA, 2005.

PAIXÃO, Dario Luiz Dias. 1930 – 1945: A verdadeira Belle Époque do turismo brasileiro: o luxo e os espetáculos dos hotéis-cassinos imperam na era getulista.” P. 1-28. Autor de La reimplantación de los casinos em Brasil e sus efectos em la actividad turística. Dissertação de

Mestrado. Las Palmas de GranCanaria: ULPGC (Espanha)Doutorando em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pela ULPGC, Espanha.

PAULA, Dilma Andrade. Fim de Linha: a extinção de ramais da Estrada de Ferro Leopoldina, 1955-1974. Tese de Doutorado. PPGH da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2000.

Partido Comunista do Brasil (PCB) / A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. FGV / CPDOC, p.1,2. <http://cpdoc.fgv.br/produção/dossiês/AEraVargas1/anos20/questaosocial/partidocomunista>. Acessado em 13/01/2013.

PEIXOTO, Maria Elizabete Santos. Pintores alemães no Brasil durante o século XIX, Edições Pinakothek, Rio de Janeiro, 1989.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938), Tese de Doutorado, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1998.

PERROTA, Isabella. Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico. Tese de curso apresentado ao CPDOC como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, março de 2011. (FGV/CPDOC).

QUINTANEIRO, Tania, Dilemas da cooperação: conflitos gerados pela política das “listas Negras” no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Revista Brasileira de Política Internacional. 49 (2): 78-98, 2005.

ROCHA, Antonio Penalves. The Rio News de A. J. Lamoureux: um jornal abolicionista carioca de um norte-americano. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 141-159, dez. 2007.

RIO, João. “A Fome Negra”. P. 69-72 (In) Rio, João. A Alma Encantadora das Ruas. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do livro.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. Extrema Direita e Questão Nacional: o nazismo no Brasil dos anos 30. IV Simpósio Nacional: Estado, Poder e Intelectuais. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís / Maranhão. 8 a 11 de outubro de 2007.

\_\_\_\_\_. Nara Maria Carlos, Imigrantes alemães e o Brasil Caboclo: Memória, Identidade e Política Nacional no Brasil. ANPUH –XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

\_\_\_\_\_. Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. (In) Dimensões, vol. 25, 2010.

SEITENFUS, A. Silva. O Brasil e o III Reich (1933-1939). Localização: Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas – Anuario de Historia de América Latina (JBLA), ISS N-e 1438-4752, n. 25, 1988, p. 273-289. p. 278. Ver também BANDEIRA, Luiz Alberto de Vianna Moniz, A Alemanha na Política Exterior do Brasil.

SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro. In: GOMES, Angela de Castro. História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. Revista USP, São Paulo, n. 53, março/maio 2002.

SOARES, Emanuel de Macedo e EIGENHEER, Emílio. Conversas sobre o Saco de São Francisco, Niterói (RJ): Centro Comunitário de São Francisco, 2002.

SOARES, Emmanuel de Macedo. Cronologia de Niterói, vol. 29.

SCHULZE, Frederik. À procura de um fantasma, P. 20-23. Professor da WESTFÄLISCHE WILHELMS-UNIVERSITÄT MÜNSTER e autor da Tese “Emigração e Discursos Coloniais Fracassados: a ‘Germanidade’ no sul do Brasil. (FREIE UNIVERSITÄT BERLIM, 2014). In Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 9/ N<sup>o</sup> 102 / Março 2014.

SOUKEF, Antonio. Ferrovias Britânicas no Brasil. In Revista Os Britânicos no Brasil, São Paulo: Cultura Inglesa, 2001.

SOUZA, Carlos Eduardo de Azevedo e, “Dimensões da vida musical no Rio de Janeiro: de José Maurício a Gottschalk e além, 1808-1889”, Tese de Doutorado em História apresentada ao PPGH da UFF, Vol. 1, Niterói, 2003.

SOUZA, Rafael Pereira de. Usos do passado: Direitos Cíveis de Estrangeiros no Brasil do Segundo Reinado. XII Encontro Regional de História. Anpuh, Rio de Janeiro. (trabalho orientado pela Professora: Gizlene Neder).

SUZIGAN, Wilson & SZMRECSÁNYI, Tamás Szmrecsányi. Institutos de Economia e de Geociências da UNICAMP. Os investimentos estrangeiros no início da industrialização no Brasil., In História Econômica da Primeira República, Sergio S. Silva e Tamás Szmrecsányi (organizadores), 2a Ed. revista – São Paulo: Hucitec/ Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica/ Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial, 2002.

TRESPACH, Rodrigo. Alemães para toda obra, p. 15-19. Colaborador do Instituto de História Regional da JOHANNES GUTENBERG – UNIVERSIDADE DE MAINZ (ALEMANHA). In Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 9/ N<sup>o</sup> 102 / Março 2014.

VIEIRA, Nívea Silva (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História – UFF). A ACRJ, o Porto e o Estado Imperial brasileiro. IPEA 47 anos. CODE 2011. Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos.

WEHRS, Carlos. Niterói cidade sorriso. A História de um Lugar: Rio de Janeiro, 1984.

\_\_\_\_\_ Carlos. Capítulos da Memória Niteroiense. Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_ Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói: 1814-1939. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 171 (447): 169-227, abr./jun; 2010.

\_\_\_\_\_ Carlos. Niterói, ontem e anteontem. Rio de Janeiro: 2012.

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Julio Pompeu de Castro. A Capital Fluminense (Album de Nictheroy) Obra publicada sob a imediata direção e exclusiva responsabilidade de Julio Pompeu de Castro Albuquerque, 1925.

CANSTATT, Oscar. Brasil: Terra e Gente, In Coleção o Brasil visto por estrangeiros – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

COARACY, Vivaldo. *Todos contam sua vida: memórias de infância e adolescência*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959.

EBEL, Ernst. O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824. Comp. Editora Nacional, 1972, 199 p. (Brasiliana, Vol. 351).

FLETCHER, James Cooley e KIDDER, Daniel Parish. O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo. V. 1, São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1941, (2 vol.) (Serie 5ª, Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 205 - A)

Impressões do Brasil no século XX”, editada em 1913 e impressa na Inglaterra por Lloyd’s Greater Britain Publishing Company, Ltd., Diretor Reginald Lloyd, Editores W. Fedwick (Londres) e L. T. Delaney (Rio de Janeiro). Exemplar mantido no Arquivo Histórico de Cubatão/SP. 1080 páginas.

KIDDER, Daniel Parish. Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo. (Coleção o Brasil visto por estrangeiros) - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Editora da Universidade de São Paulo, Livraria Itatiaia Ed. Ltda, São Paulo, 1975.

PARREIRAS, Antônio. História de um Pintor contada por ele mesmo: Brasil – França, 1981 – 1936, 3ª Ed. – Niterói, RJ: Niterói Livros, 1999

WEHRS, Cristiano C. João. O Rio antigo – pitoresco e musical. Rio de Janeiro: (s.n.), 1980.

## **FONTES**

### **A.1. ENTREVISTAS**

- Rose-Marie Esche (13 e 20 de setembro de 2011)
- Meridan Wehrs Eulenstein (18/10/2011)
- Dorothea Wehrs Dose (05/12/2011)
- Inge Kersanach (11/12/2012)
- Alastair Robert Grant Stewart Leslie (17 de maio de 2012)
- Sheila Priscilla Causer Ferreira (14 de junho de 2012)
- Ruth Hoppe (Hulme) (20 de outubro de 2013)
- Carlos Wehrs (20 de novembro de 2013, no IHGB)
- Carlos Fellows (20 de janeiro de 2015)
- Jorge Fellows (20 de janeiro de 2015)
- Dulce Fellows (20 de janeiro de 2015)
- Norma Portugal Fellows (20 de janeiro de 2015)
- Marcelo Fellows (20 de janeiro de 2015)

### **A.2. DEPOIMENTOS INFORMAIS**

- Ronald Hudson
- Elspeth Anderson
- Frederic Robert Towersey
- Sonia P. Altenburg
- Kenneth Buckley
- Emmanuel de Macedo Soares

### **A.3. ARQUIVOS PRIVADOS DE DEPOENTES**

- Arquivo Pessoal de Frederic Robert Towersey: manuscrito
- Arquivo Pessoal de Ronald Hudson: fotografias
- Arquivo Pessoal de Marcel Fellows: fotografias, árvore genealógica e documentos

### **A.4. BIBLIOTECA NACIONAL**

#### **A.4.1. Imprensa Local**

##### **- O Fluminense - SPR-Pr-38/BN**

Ano: 1897 jul.- dez.

Ano: 1900 jan.-jun.

Ano: 1904 jan.-jun.

Ano: 1906: jul.-dez.

Ano: 1907: jan.-jun.

Ano: 1914: jan.-jun.

Ano: 1914: jul.-dez.

Ano: 1915: jan.-jun.

Ano: 1916: jan.-jun.

Ano: 1917: jan.-jun.

Ano: 1920: jul.-dez.

Ano: 1935 jan. – jun.

Ano: 1936 jul. – dez.

Ano: 1938 jan. - jul.

**- The Rio News – 1879 a 1901 - PR\_SOR\_03454\_349070**

Edição 00020, Ano 1892	Edição 00009 (2), Ano 1900
Edição 00029, Ano 1892	Edição 00021 (2), Ano 1900
Edição 00012, Ano 1893	Edição 00013 (2), Ano 1900
Edição 00038, Ano 1897	Edição 00040, Ano 1900
Edição 00052, Ano 1897	Edição 00018-00019, Ano 1901
Edição 00024, Ano 1898	Edição 00025, Ano 1901
Edição 00009, Ano 1892	Edição 00022 (2), Ano 1901.
Edição 00005 (2), Ano 1900	Edição 00024 (1), Ano 1901.
Edição 00009 (2), Ano 1900.	Edição 00026 (1), Ano 1901.
	Edição000000039(1),Ano1907

**- The Brazilian Review – 1889 a 1913 – PR\_SPR\_02584\_16993**

Edição 00039 (1) September 24 th, 1907.  
Edição 00046 (1) November 14 th, 1911  
Edição 00006 (1) January 6 th, 1912  
Edição 00013 (1) April 1 st, 1925.

**- Wileman's Brazilian Review, 1915-1940 PR\_SPR\_183741**

Ed. 00046 (1), November, 1920.  
Ed. 00031 (1), August 3 rd, 1921.  
Ed. 00027 / July 6 th, 1921.  
Ed. 00029 (1), July 20 th, 1921.  
Ed. 00046 (2), November 17 th, 1920.  
Ed. 00035 (1), september 2 nd, 1902.  
Ed. 00021 (2) Ano 1921.

**- Beira-Mar – 1922 a 1955 – PR\_SPR\_02337\_067822**

Ed. 00497 (1), 11.1.1936.	Ed. 00214 (1), 13.04.1930.
Ed. 00485 (6), 26/10/1935.	Ed. 00180 (3), 18.08.1929.
Ed. 00200 (1), 05.01.1930.	Ed. 00185 (3), 29.09.1929.
Ed. 00466 (1), 29.06.1935.	Ed. 00206 (3), 16.2.1930.
Ed. 00583 (1), 08/01/1938.	Ed. 0047 (1), 29.2.1935.
Ed. 00103, 6.3.1927.	Ed. 00464, 8.6.1935.
Ed. 00577 (1), 16/10/1937.	Ed. 00206 (3) 16/02/30.
Ed. 00308 (1), 5/03/1932.	Ed. 00201 (3), p. 8, 12/01/1930.
Ed. 00457 (1), 20.04.1935.	Ed. 00207 (4), 23.02.1930.
Ed. 00177 (1), 28.07.1929.	Ed. 00308, p. 4, 5/03/1932.
Ed. 00191 (2), 10.11.1929..	Ed. 00419 (1), 1934.
Ed. 00175 (1), 14.07.1929.	

## **- OUTROS PERIÓDICOS E REVISTAS:**

**-A Noite** – 1930 a 1939 – PR\_SPR\_00155\_348970

- Ed. 08386 (1), 2ª feira, 1/04/1935.
- Ed. 09466 (10), Domingo, 19/06 de 1938.

**-A Noite** – 1940 a 1949 – PR\_SPR\_00155\_348970.

- Edição 10818, terça-feira, 24 de março de 1942.
- Ed. 11840 (1), Domingo, 28.01.1945.
- Ed. 11306 (1), 3.08.1943.

**-A Noite:** suplemento – 1930 a 1954\_PR\_SPR\_00732) 120588. Ed. 00181 (1).

**-Diario da Noite** – 1930 a 1939 – PR\_SPR\_00397\_221961.

- Edição B00567 (1), 1.12.1931.
- Edição 00863 (1), 20/02/1933.

**-Diario da Noite** - 1940 a 1949 PR\_SPR\_00397\_221961 Edição 03452 (1) , 27.12.1941.

**- Diario de Noticias** – 1940 a 1949, PR\_SPR\_00004\_093718.

- Ed. 05935 (1), domingo, 1<sup>o</sup> de março de 1942.
- Ed. 05954 (1), 24.03.1942.

**-Gazeta de Notícias** – 1920 a 1929 – PR\_SPR\_02764\_103730. Ed. 00286 (1), dez. de 1925.

**-Gazeta de Notícias**\_ 1930 a 1939 – PR\_SPR02764\_103730. Ed. 00153 (1), 01.07.1930.

**-O Imparcial** \_ 1912 a 1919 – PR\_SPR\_00008\_107670. Ed. 00506 (1), Quinta-feira, 21 de maio de 1914.

**-O Imparcial**\_1935 a 1939. PR\_SPR\_00008\_107670. Ed. 00218 (1), Domingo, 9.2.1936.

**-Correio da Manhã** \_ 1920 a 1929 PR\_SPR00130\_089842, Ed. 07723 (1) , p. 6, 5ª, 22 de abril de 1920.

**-Correio da Manhã** \_ 1930 a 1939. PR\_SPR\_00130\_089842. Ed. 12170 (1), Domingo, 29/07/1934.

**- O Globo** - Ed. 00040, 13 de setembro de 1874.

**- Jornal O Globo**, Domingo, 8. 6. 2014, Seção Niterói, Entrevista com Marcelo Portugal Fellows.

**-Jornal do Brasil** – 1900 a 1909 / Ed; 00224, p. 2/4; 12/08/1903, quarta-feira.

**-Jornal do Brasil** – 1970 a 1979 – PRC\_SPR\_00009\_030015. Ed. 00313 (1), Rio de Janeiro, Domingo, 17 de fevereiro de 1974. Caderno RJ.

**- A Capital** – 1890-1899. Ed. 00042, Ano 1892.

**-A Nação** - 1933 a 1937 – PR-SPR\_02807, Edição 01153 (1), Domingo, 11/10/1936.

**-Crítica** - 1928 a 1930 – PR\_SPR\_00025\_372382 Ed. 00024(2), 18.12.1928.

**-A Batalha** – 1929 a 1941 – PR\_SPR\_00176\_175102, Rio de Janeiro, Ed. 04075 (1), 3ª feira, 21.11.193.

**-A Manhã** – 1925 a 1953 – PR\_SPR\_00007\_116408. Ed. 00123 (1), Sexta-feira, 21/05/1926.

**-Correio Paulistano** – 1930 a 1939, PR\_SPR\_00140\_090972, 27 de outubro de 1935.

**-O Paiz** 1930 a 1934. PR\_SPR\_00006\_178691, 24.04.1934.

**-O Jornal** – 1930 a 1939 – PR\_SPR\_00136\_110523 Ed. 04087 (1), 4ª fera, 2/03/1932.

**Diario Carioca** – 1930 a 1939 – PR\_SPR\_00009\_093092. Ed. 02825 (1), Anno X – Numero 2.825, Rio de Janeiro, quinta-feira, 26 de agosto de 1937.

**-Revista da Semana** – 1930 a 1939. PR-SPR-00666\_025909/

- Ed. 00029 (1), 1933.
- Ed. 00029 (1), 1933.
- Ed. 00032 (1), 1939.

**-Revista Rio Cricket**, Ano 1 – Nº 1 – Abril – 1984 – Circulação Dirigida. .

## **A. 4.2. ALMANAK LAEMMERT**

- Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1844-1885)

PR\_SOR\_00165\_313394

(Edição 00007, Ano 1850)

(Edição 00020, Ano 1863)

(Edição 00009, Ano 1852)

(Edição 00001, Ano 1878)

- Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1891-1940)

PR\_SOR\_00165\_313394

(Edição A00048, Ano 1891)

(Edição A00057, Ano 1900)

(Edição B00048, Ano 1891)

(Edição A00060, Ano 1903)

(Edição C00048 (5), Ano 1891)

(Edição A00061, Ano 1904)

(Edição C00049, Ano 1892)

(Edição A00068, Ano 1912)

(Edição B00050, Ano 1893)

(Edição A00069, Ano 1913)

(Edição A00053, Ano 1896)

(Edição A00096 (2), Ano: 1940.)

(Edição A00054, Ano 1897)

(Ed. A00071, 1915, p. 1548.)

(Edição A00055, Ano 1898)

(Edição A00091 (15), 1935, p.946-961.)

(Edição A00056, Ano 1899)

## **A.5. ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ)**

### **A.5.1. Fundo Polícia Política, Série Alemão.**

- Pasta 3:
  - ✓ Dossiê Jornal “Deutsche La Plata Zeitung”, agosto de 1942.
  - ✓ Dossier “Manifestações Populares contra o Eixo” (Jornal O Radical de 19.08.1942).
  - ✓ Dossier “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”, 09/04/1942.
  - ✓ Dossier “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”, Informação nº 57 (19/10/42).
  - ✓ Dossier “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”, Informação nº 1926/S-2.
  - ✓ Dossier “Comité Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra”, S-2 – Relatório nº 270, 23/11/1942.

- Pasta 6. Dossier: Partido Nazista, (Nazi Party Membership Records Brasil, SUPPLEMENTARY LIST N<sup>o</sup> 1)
- Pasta 7. “Dossier “Banco Germânico da América do Sul”, maio de 1943.
- Pasta 9. S-1 – Boletim n. 243 (p. IX), 1. 10. 42.
- Pasta 11. Dossier “Juventude Hitlerista” HJ ou Hitler Jugend e Dossier Organização Nazista Feminina (National-Sozialistische Frauenschaft).
- Pasta 16. Rio de Janeiro, “O Diário da Noite”, 5.10.1943.
- Pasta 17. Dossier “Ilha das Flores”, 25 de março de 1943.
- Pasta 19. Dossier “Cekacê Farmaceutica Limitada”
- ✓ Comunicação n<sup>o</sup> 540/S-2, Rio de Janeiro, 8.7.1943, 3p, p. 2.
- ✓ Comunicação n<sup>o</sup> 540/S-2, Rio de Janeiro, 8.7.1943, 3p, p. 1 e 2.
- ✓ Boletim n. 124, 13.5.41 e Informação 199.
- Dossiê “Joseph Stummel”.

#### **A.5.2. Fundo Polícia Política, Série Ingleses**

- Pasta 1, Dossier Campanha do “V”, S.S.I. – Boletim n. 201, 4.8.41, p. 1.

#### **A.6. INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO (IHGB), RJ.**

Relação de alemães da 2<sup>a</sup> Delegacia Auxiliar de Polícia do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói – 3 de novembro de 1917.

#### **A.7. ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DE NITERÓI (ACMN)**

Acervo Paroquial onde constam os “Processos Oradores” referentes às solicitações de quebra de impedimentos de mista-religião: caixas 5 e 18.

#### **A.8. ARQUIVOS DO RIO CRICKET AND ATHLETIC ASSOCIATION**

- Cadernetas dos sócios anuais: ” Fixture Card”, referente ao ano de 1918.
- Livro de Atas de Reunião de Diretoria AGO /1907 a FEV/1918: Ata de 25 de outubro de 1917, 5<sup>a</sup> feira, p. 140.

#### **A.9. DIVERSOS**

- Anais da Biblioteca Nacional: 1876 a 2009 / Edição 00110, 30/05/1881, p. 110

Descrição da Província do Rio de Janeiro – Comarca de Nictheroy – Descrição do Município de Nictheroy: Dados fornecidos pelo “Engenheiro da Camara, Dyonyisio da Costa e Silva”, (Paço da Camara Municipal da Imperial Cidade de Nictheroy)

- Relatório apresentado pelo Presidente da Província do Rio de Janeiro, Conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1851, Rio de Janeiro. (Pag. 32-37) [Brasil.crl.edu/bsd/u824/](http://Brasil.crl.edu/bsd/u824/)